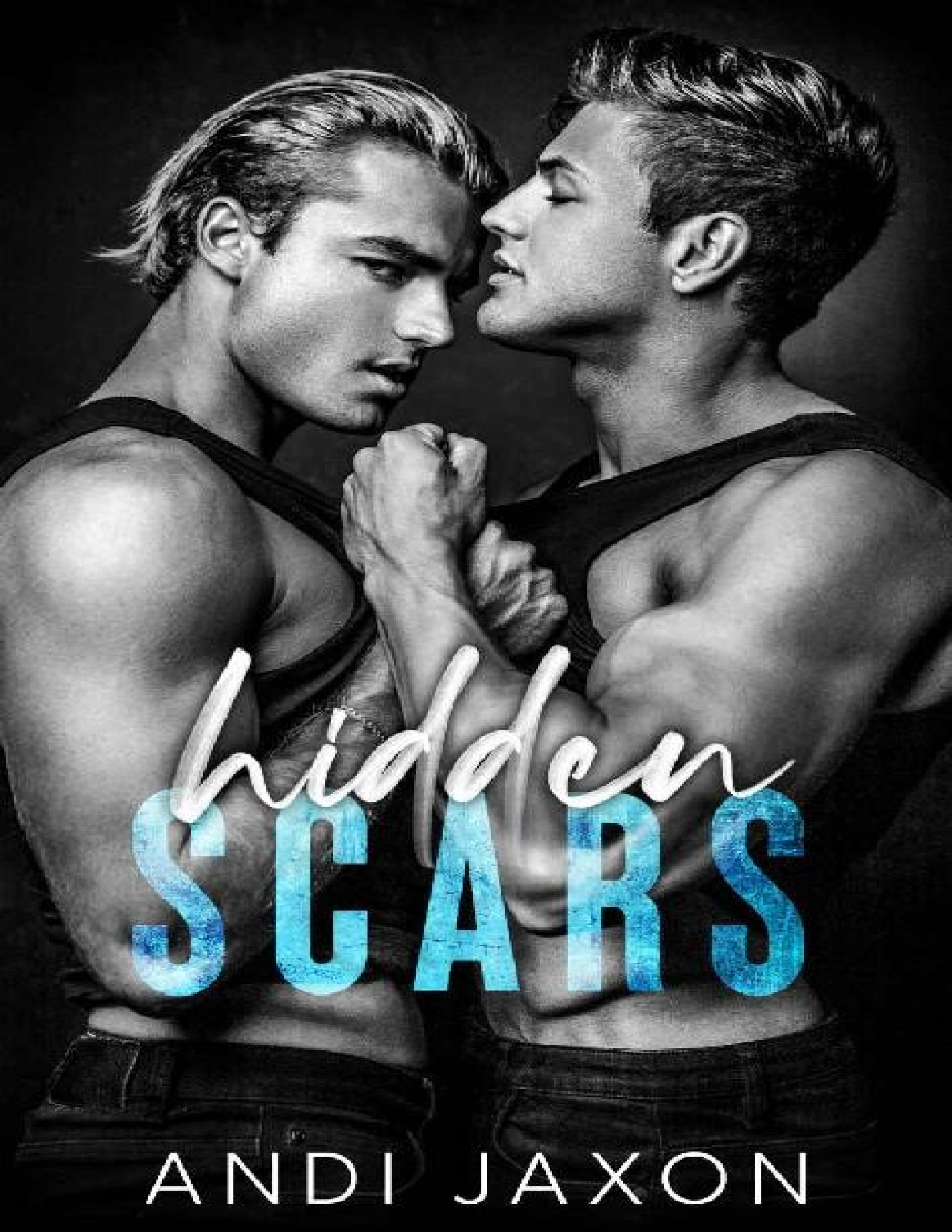

hidden
SCARS
ANDI JAXON



Essa tradução foi efetuada pelo grupo BASTET GODDESS; revisão amadora, sem fins lucrativos.

Todos os direitos dessa obra pertencem exclusivamente ao autor(a).

Reconhecimento devido aos autores, avaliem os livros em plataformas apropriadas e se puderem comprem a obra original.

Revisão feita de fãs para fãs, pode conter erros; algumas palavras foram modificadas para melhor compreensão, mas nada que altere o trabalho do autor(a).

Esse arquivo destina-se puramente ao uso pessoal. **PROIBIDO** vender ou compartilhar abertamente em redes sociais.

SINOPSE

Charles Preston Carmichael é o homem mais irritante que já conheci.
Eu quero socar o menino de ouro do hóquei da faculdade bem na boca.
Ele gosta de me contar tudo o que estou bagunçando. Publicamente.
E como ele é meu colega de quarto pelo próximo ano, não posso evitá-lo.

No entanto, há algo nele que me faz observá-lo.
Algo escuro.
Um segredo que quero descobrir.

Quando ele volta de um fim de semana fora, quebrado e assombrado, não consigo mais manter distância.
Ele precisa de alguém e eu serei amaldiçoado se não for eu.
Logo minha vida não gira mais em torno do hóquei, mas dos pesadelos com os quais ele está vivendo.
Desejo desesperadamente salvá-lo, mas não posso, ainda não. O timing tem que ser o certo.

Posso vê-lo se destruir enquanto tenta se apegar às coisas que importam ou serei o golpe final na destruição de sua vida?

A todos os irmãos em todos os lugares, que brigam, brigam e provocam uns aos outros, mas no final do dia, ainda se amam.

PRÓLOGO
PRESTON

O LENÇOL DE PLÁSTICO SOB mim enruga enquanto eu respiro, recusando-me a deixar meu corpo fazer mais do que ficar lá e aguentar. A forte inalação de ar e o aperto da minha mandíbula é a única indicação que ele tem de que está me incomodando.

O bisturi perfura a pele do meu abdômen enquanto me deito na mesa da sala de jantar e observo o intrincado padrão nos ladrilhos de cobre caiados do teto. Eu sei que há exatamente cinquenta e dois quadrados lá em cima. Eu deitei nesta porra de mesa mais vezes do que posso contar. Provavelmente mais vezes do que sentei aqui para comer, já que esta é a sala de jantar formal; normalmente não comemos aqui. Não, esta sala só é usada quando o pai está tentando impressionar alguém.

Sangue escorre do meu lado e no plástico. A queimadura quando ele corta minha pele naquele movimento controlado e suave faz meu corpo umedecer de suor e começar a tremer. Fecho meus olhos para me concentrar em minha respiração, diminuindo minha frequência cardíaca e convencendo meus músculos a relaxar.

— Por que estamos aqui, Charles? — A voz natural de meu pai interrompe minha respiração, como ele sabia que faria.

Por que você é um filho da puta sádico que se diverte cortando seu filho por algum erro percebido que de alguma forma traz vergonha ao nosso nome?

O movimento de corte para, embora o bisturi ainda esteja na minha pele, e papai olha para mim. Não preciso olhar para ele para saber. Eu hesitei muito,

então agora temos que arrastar isso. O que eu não daria por uma dose de fentanil ou morfina agora, mas como faço testes de drogas regularmente e não tenho motivo para eles, não posso tomá-los. O privilégio dos analgésicos foi tirado anos atrás, eu devia ter treze anos ou mais da última vez que ele me deu algum. Mas não estou preso à mesa, então já é alguma coisa, eu acho.

Quem sabia que ser filho de um cirurgião plástico de renome mundial era ser sua cobaia? Sorte de me foder. Por que ele não podia simplesmente me bater como um pai abusivo normal? Ah, isso mesmo, porque ele não pode correr o risco de machucar as mãos. Afinal, minhas correções são todas sobre ele.

— Charles! — Meu pai late meu nome e me forço a me concentrar novamente em sua pergunta. *O que eu fiz desta vez?* Nada. Estou sendo forçado a me mudar para a porra do Colorado em vez de frequentar a Universidade de Boston para jogar hóquei. Eu poderia ter dito a ele para se foder? Claro, mas então minha ingênua irmãzinha se torna a nova vítima. Ela é muito doce, isso iria destrui-la. Aquela garota inocente é o único ponto brilhante da minha vida. Ela deve ser protegida. Então aqui estou eu, em sua porra de mesa mais uma vez, adicionando cicatrizes que já cobrem meu corpo. Esta é a última vez que vou deitar nesta mesa nesta sala. Da próxima vez terei a distração de um novo teto para estudar e sons desconhecidos. Porém, nos últimos anos eu tenho visto mais do interior do condomínio de Danbury do que deste em Boston. Não me afastei muito da cidade quando joguei no Hat Tricks em Connecticut, então papai alugou um lugar para que eu fosse chamado de volta quando precisasse de correção.

— Como um lembrete do que acontecerá se eu sair da linha. — Minha voz é monótona, desprovida de qualquer emoção. Ele continua com seu corte,

parece ter cerca de sete centímetros de comprimento, entre minhas costelas e o osso do quadril. O bisturi se foi e meu corpo relaxa em alívio. Eu sei que não terminou, ele vai costurar, mas por um segundo o ar em meus pulmões vibra e meus olhos ameaçam rolar para trás quando eu fico tonto.

Eu não vou entrar em pânico. Eu não vou entrar em pânico. Eu não vou entrar em pânico.

Meu corpo tenta assumir o controle, para permitir que o instinto entre em ação e me proteja, mas não consigo deixá-lo ir. Eu não consigo sair da minha cabeça. Ainda não. Isso vem depois. Muito, muito depois.

A picada da agulha de sutura me faz sibilar, o seguinte deslizar do fio pela minha pele faz meu corpo ficar tenso novamente. Todos os meus músculos se contraem quando sinto as suturas sendo colocadas. É a pior parte. O puxão na minha pele e a sensação do fio passando pela minha carne reviram meu estômago.

A bile sobe pela minha garganta e a saliva se acumula na minha boca. Eu engasgo no próximo ponto, meu estômago apertando e arqueando minhas costas um pouco.

— Charles. Ao controle. — Meu pai não ergue os olhos, apenas dispara as palavras para mim. Ele sempre esperou perfeição de mim. Talvez por que eu sou sua imagem cuspida? Muitas vezes fico confuso com ele, apesar de ser um jogador de hóquei e obviamente muito maior que ele. Preciso de uma tatuagem no rosto para que as pessoas parem de me comparar a ele? Ele é vinte anos mais velho que eu, mas você nunca imaginaria. Ele parece estar muito mais perto da minha idade. Como um irmão.

Consigo passar o resto dos pontos sem vomitar e ele limpa o sangue, coloca um curativo no ferimento e posso rolar para fora da mesa. Minha camisa está

cuidadosamente dobrada no assento de uma cadeira. Sem puxar a cadeira, pego a camisa e a visto, me sentindo melhor com minhas cicatrizes cobertas. Devemos parecer perfeitos. Sempre. Esconda as verdades sujas por trás de sorrisos.

Papai limpa seus suprimentos enquanto eu trato de higienizar a folha de plástico, dobrá-la e guardá-la. Nosso ritual depois que a ação é feita. Aconteceu tantas vezes ao longo dos anos que não penso mais nisso, meu corpo apenas faz.

Uma vez que a sala de jantar está arrumada, meu pai me acompanha até a porta e me puxa para um abraço como sempre faz.

— Obrigado, — as palavras saem dos meus lábios sem pensar porque é isso que se espera de mim. É o que fui treinado para fazer.

— Se você se comportasse, eu não teria que te machucar, Charles. Eu só quero o que é melhor para você. Você será uma estrela da NHL se mantiver o foco. Eu faço isso para você. — Suas palavras soariam calorosas e até encorajadoras para um observador externo, mas para mim, elas são artificiais. Ele está tentando mostrar a todos que ele é um ótimo pai enquanto justifica o abuso. Ele está me fazendo o melhor, certo?

A pior parte? Não sei como fazer isso parar. Ao longo dos anos, alguns tentaram ajudar, mas foram intimidados ao silêncio ou desapareceram. Se foram. E acho que a primeira pessoa que tentou me ajudar foi minha mãe.

Não foi muito depois de Lily ir para o jardim de infância que nossa casa foi arrombada, deixando-nos órfãos de mãe. Voltei da escola para encontrar a polícia e um médico legista em nossa casa. Esta casa.

Agora estou deixando as poucas lembranças que tenho dela, deixando a primeira divisão da escola que escolhi para jogar hóquei na faculdade para

lutar para conseguir outra oferta de uma escola em Denver, porque é o que está mais próximo dele. Eu poderia escolher as escolas. Sou um dos melhores jogadores defensivos da história do hóquei júnior, que logo entrará para a história da faculdade, mas espera-se que eu mude meus planos num piscar de olhos.

Faça milagres acontecerem dançando com o diabo.

CAPÍTULO UM
JEREMY

O AR FRIO DENTRO DA PISTA DE gelo esfria minha pele suada durante o treino. O cheiro a sangue, suor e lágrimas que se derramaram nesta pista dão-lhe história e nunca ignoro.

Depois de passar a maior parte da minha vida jogando hóquei, os últimos dois anos na melhor liga dos Estados Unidos, adoro estar aqui em Denver, jogando pela Darby University. É uma escola de primeira linha da primeira divisão e tenho a honra de estar aqui. Acrescente que posso jogar com meus melhores amigos de Muskegon e este será um ano incrível.

Estamos praticando há semanas, voltando à forma para a temporada. Já que temos um novo treinador este ano, não sabemos realmente o que esperar dele, mas ele está chutando nossos traseiros. As aulas começam na segunda-feira e todos nós estamos entrando em nossas rotinas de exercícios e práticas.

A equipe está tirando nosso equipamento de treino no vestiário depois de um treino difícil quando o treinador chama nossa atenção.

— Tudo bem, rapazes, algumas coisas. — Sua voz rouca faz a sala ficar em silêncio. — Carpenter, parabéns, filho, você é o capitão este ano.

A sala irrompe em palmas e gritos. Eu coloco minhas mãos em volta da minha boca e torço por ele com um grande sorriso no rosto. O veterano está sorrindo enquanto se dirige ao treinador para pegar a camisa que está segurando com o C bordado nela. Ainda não o conheço bem, mas parece ser um cara legal.

— Obrigado, treinador —, diz ele antes de se virar para a sala. — Nós vamos ter uma temporada bombástica. Trabalhe duro e chute o traseiro.

A sala entra em erupção novamente e ele volta para seu lugar na frente de seu cubículo, batendo nas costas de cada companheiro de equipe que passa e bagunçando seus cabelos suados.

— Próximo, — o treinador grita e todos se calam. — Alguns de vocês ainda precisam fazer seus exames médicos. Faça isso. Por último, temos uma nova transferência chegando neste fim de semana. Temos muita sorte de ter Charles Preston Carmichael se juntando à nossa equipe. Seu pai fez uma generosa doação para nossa escola e nossa equipe. Você fará com que ele se sinta bem-vindo.

A sala fica em silêncio, com todos se olhando de soslaio.

Charles Preston Carmichael.

Minha cabeça fica em branco. Vazio.

Não tem jeito.

Ele deve ser a primeira escolha do draft defensivo este ano. No gelo ele é brutal, focado, raivoso e calculista. Eu o enfrentei antes e voltei quebrado e machucado. Com toda a honestidade, ele é assustador pra caralho. Não tenho certeza de como ele não foi acusado de agressão por algumas das merdas que faz no gelo. Por que diabos ele se transferiria para cá? Nosso time é bom, mas ele assinou com o Boston. O que diabos aconteceu?

Nossos homens D vão ficar putos.

— Mas por quê? — as palavras saem da minha boca antes que eu possa pensar melhor. No silêncio do espaço, minha pergunta ecoa alto o suficiente para o treinador ouvir. O ex-jogador da NHL zangado e intimidador encontra meu olhar. Merda. Ele vai me matar.

— Ele é seu novo colega de quarto, Albrooke.

Porra. Eu.

O treinador sai do quarto e nós terminamos de nos despir e entramos no chuveiro. Estamos todos suados e nojentos.

— Isso é péssimo para você, cara. — Brendon Oiler, meu melhor amigo desde que tínhamos dezoito anos e jogamos juntos na liga júnior, me dá um tapinha no ombro. Estou feliz que ele pôde vir aqui comigo depois que envelhecemos na última temporada. Como você só pode jogar na liga de juniores até os vinte anos, todos nós tivemos que bolar outro plano, então todos decidimos pela faculdade. Paul Johnson tocou em Muskegon conosco no Lumberjacks até o ano passado, quando fez vinte anos e falou muito sobre esta escola. Ele basicamente convenceu Brendon e eu a nos candidatarmos aqui. É estranho estar em aulas com calouros quando você tem 21 anos, mas é muito comum para jogadores de hóquei.

— Foda-se, — eu resmungo, tirando minha camada de base e pegando uma toalha, o som de sua risada me seguindo até o chuveiro.

Achei que tive sorte e não teria que dividir o quarto com ninguém nesta temporada. Maldição. Só posso imaginar como é divertido conviver com ele. Ele é provavelmente um grande idiota. Arrogante e cheio de si.

Estou me ensaboando, ignorando o fato de que há atletas quentes, nus, musculosos e molhados ao meu redor e me concentrando nas estatísticas do hóquei enquanto olho para a parede. Apesar do fato de que eu jogo hóquei desde os oito anos e tomo banho em vestiários desde os onze, estou muito ciente de quanto tempo meu olhar permanece em alguém aqui. Passo a maior parte do tempo de costas para o quarto, só para ninguém ficar nervoso se eu ficar duro. A maioria da equipe não sabe que sou gay. Não estou realmente

escondendo, mas também não estou anunciando. Eles vão descobrir. Por que eu tive que me apaixonar por um esporte que tem homens com as bundas mais sexy? É injusto.

Merda. E se Carmichael for um homofóbico gigante? Uma ansiedade fria sobe pela minha espinha com o pensamento.

— É sexta à noite... festa? — Brendon pergunta enquanto pega o chuveiro ao meu lado, balançando as sobrancelhas para mim. Ele completou 21 anos no mês passado e não precisa mais esconder a bebida.

— Ficar bêbado soa muito bem agora. — Eu olho para ele com um sorriso. Ao longo dos anos, nós fodemos um pouco. Brendon é bissexual e durante a temporada não sobra muito tempo para namorar, então a gente acaba fodendo quando precisa aliviar. Até onde eu sei, apenas Paul sabe, já que ele estava por perto quando começamos.

— Onde estamos indo?

— Rocky’s. — Brendon enfia a cabeça na água para enxaguar. Rocky's é o bar fora do campus que a equipe gosta. É conveniente, pois podemos caminhar de volta para os dormitórios em vez de nos preocuparmos com caronas.

Eu enxáguo e pego minha toalha, esfregando minha pele para me livrar da água.

— Eu tenho que pegar minhas coisas do meu quarto, me encontre lá em dez?

Ele se vira para erguer as sobrancelhas para mim com um sorriso conhecedor nos lábios e eu me afasto antes de começar a engordar. Nós dois sabemos o que isso significa.

Quinze minutos depois, Brendon está me empurrando para o meu minúsculo colchão de solteiro. Minha camisa está em algum lugar no chão, suas mãos na minha pele, me puxando para mais perto dele. Seus lábios deixam os meus enquanto ele puxa meu moletom e minha boxer. Eu rosno quando meu pau bate contra o meu estômago. Já faz tanto tempo, isso vai ser rápido.

— Oh merda. — As palavras são forçadas a sair da minha garganta enquanto meu pau desaparece na boca de Brendon. Ele se deita entre minhas coxas, sua mão envolvendo a base do meu pau e sua cabeça balançando sobre a ponta.

Eu cavo meus dedos no longo cabelo ruivo no topo de sua cabeça, encorajando-o a se mover mais rápido. Estamos transando intermitentemente há dois anos, ele sabe como fazer isso, mas está demorando e eu não estou com humor.

Sua cabeça sai do meu pau e ele sorri para mim.

— Quando seu colega de quarto deve chegar aqui?

— Eu não sei, e eu não me importo. Apresse-se. — Ele ri da minha impaciência, mas volta ao trabalho com mais vigor. Meus quadris saltam da cama por instinto e a eletricidade começa a zumbir em minhas veias. Droga, eu vou gozar.

Abro a boca para avisá-lo do meu orgasmo iminente quando a porta do meu quarto se abre.

Em questão de segundos, Brendon está fora da cama, meu pau está de volta em minhas calças, e nós dois estamos de pé. Não preciso olhar para ele para saber que seu rosto está vermelho vivo, até a ponta das orelhas. Minha respiração é irregular como a adrenalina e o medo aperta meus músculos para

o ataque que se aproxima. Eu sei que a culpa está escrita em mim, mas não consigo olhar para cima por mais do que alguns segundos.

O cara parado na minha porta está olhando para mim. Duro. Sem piscar. Eu posso sentir isso como um peso físico em meus ombros e Brendon não me olha. Na verdade, ele está olhando para qualquer lugar, menos para mim ou para o recém-chegado.

Merda.

— Te vejo mais tarde, cara. — Só assim, Brendon se foi, empurrando meu novo colega de quarto, pelo menos, é quem eu estou assumindo que é, e me deixando sozinho para lidar com as consequências. Ele viu alguma coisa? Ele sabe que Brendon estava chupando meu pau? Acho que sim, mas também não quero encontrar seu olhar.

— Encantador. — A única palavra dita naquele tom monótono, quase entediado, faz minha coluna se endireitar.

Não vou me sentir inferior por causa da minha sexualidade.

Levantando meu olhar do chão, eu faço contato visual com o rosto frio do meu novo colega de quarto. Sua coluna está reta como uma tábua, mandíbula definida como se estivesse rangendo os dentes, sem emoções ou pensamentos aparecendo através da máscara que ele usa. Excelente.

— Uh, ei, eu sou Jeremy Albrooke. — Eu levanto minha mão para apertar a dele, mas ele não tira os olhos dos meus. É desconfortável e estranho. — Está bem então. — Deixo minha mão cair e cruzo os braços sobre o peito.

Carmichael se parece tanto com o pai que chega a ser assustador. Ele é como um clone. O doutor Andrew Carmichael é basicamente uma celebridade. Todo mundo o conhece. Seu rosto está na lateral dos ônibus e na TV; ele

trabalha com celebridades e atletas profissionais. O homem é charmoso, sempre sorridente e parece um cara muito legal. Esse cara não.

— Então, uh, é sobre isso. — Eu dou de ombros, acenando com a mão ao redor da sala. Duas camas de solteiro e mesinhas de cabeceira, cômodas, escrivaninhas, armários minúsculos e um banheiro. Há um frigobar entre as mesinhas de cabeceira com um micro-ondas em cima.

Ele olha ao redor do quarto rapidamente e desliza sua bolsa para a cama desarrumada. O cara é uma fera no gelo quando está com todo o seu equipamento e chateado. Fui arremessado contra as tábuas por ele mais de uma vez nos últimos anos, curei minha cota de hematomas, mas este não parece ser o mesmo cara.

Ele não disse mais nada e tudo nele é rígido e tenso. Não entendo o que estou vendo aqui. Quem é esse cara?

CAPÍTULO DOIS
PRESTON

MINHA MANDÍBULA DÓI COM O QUÃO forte eu estou apertando meus dentes juntos. Está me dando dor de cabeça. Estou exausto pra caralho e a adrenalina está me dominando.

Depois de ser pego pelo motorista do meu pai, fui levado para sua nova cobertura para ter meus pontos removidos e outro novo corte adicionado ao meu corpo. Como ouso estar cansado de viajar depois de arrumar meu dormitório, certo?

Eu não tive a chance de bater, mas está chegando. Mais algumas horas colocando uma porra de cara falsa antes que eu possa desaparecer no chuveiro e desmoronar.

Meus ombros estão tensos quando levanto minha mala para a cama para desfazê-la. Eu me forço a não deixar escapar o silvo de dor quando meus novos pontos puxam com o movimento. O latejar na parte de trás da minha cabeça está tomando conta e eu mal consigo pensar sobre isso.

Eu não quero estar aqui, me mudando para esta porra de minúsculo dormitório que eu tenho que dividir. Como eu estava matriculado depois do prazo, era tarde demais para *persuadir* a escola a me dar meu próprio quarto. Papai não está feliz com isso, mas ele fez essa maldita escolha. Eu poderia ter ficado na porcaria de Boston, ficado perto da minha irmã, que está em um colégio interno porque Deus sabe que ele não vai criar seu próprio filho. Mas não. Estou aqui na porra do Colorado.

— Você está esperando por algo? — Eu bato no cara que acabei de interromper pegando um BJ. Tenho certeza de que é exatamente isso que ele quer fazer agora. Tenho certeza de que o outro cara também está no time. Isso deve criar algumas situações *divertidas* mais tarde. Eu me pergunto quanto tempo vai demorar para o namorado me dar o discurso de "não toque".

— Eu acho que não. — Jeremy se levanta um pouco mais ereto, seus ombros se endireitando, e um pouco de confiança passa por seu rosto. Ele é fofo quando tem coragem. Pena que não tenho tempo para distrações.

— Por que você não está fazendo exercícios ou malhando? A temporada começa em breve. — Eu caio de volta no meu jeito idiota com tanta facilidade. Mantenha-o à distância para que não caia no radar do pai. Eu treino o tempo todo, meu corpo está condicionado muito como quem joga nos profissionais, pois é isso que meu pai quer de mim.

Foi incrivelmente frustrante jogar pelos juniores em uma divisão Tier two para o NAHL[1] quando os times Tier one com USHL[2] têm me observado desde que eu tinha dezessete anos, mas não tive permissão para deixar a Nova Inglaterra. Não posso me afastar muito do querido e velho pai.

Ele quer exibir seu filho perfeito, casar sua filha perfeita com o lance mais alto e se tornar invencível. Mostre ao seu pai bêbado o quanto ele é melhor porque tem dinheiro e prestígio. Lily é uma jovem de dezessete anos muito inocente que ainda não sentiu a ira do Dr. Andrew Carmichael. Eu fiz tudo ao meu alcance para mantê-lo assim.

[1] A North American Hockey League é uma das ligas de hóquei júnior dos Estados Unidos.

[2] A United States Hockey League é a principal liga júnior de hóquei no gelo sancionada pela USA Hockey.

Eu só tenho que fazer isso até o aniversário dela no próximo verão. Então posso dizer ao meu pai para se foder e nunca mais olhar para trás. Eu não preciso dele.

Eu abro minha mala para me dar algo para fazer. Mesmo esse pequeno movimento puxa os malditos pontos. Meu corpo está crivado de cicatrizes, dos ombros aos joelhos, do bisturi de meu pai ao longo dos anos. Ele conseguiu evitar que a maioria deles cruzasse, culpando-os por procedimentos médicos sempre que era questionado. Ele é um cirurgião altamente respeitado, por que estaria mentindo?

Tirando pilhas de roupas da mala, coloco-as cuidadosamente nas gavetas no final da pequena cama em que vou dormir no meu primeiro ano.

— Temos um cronograma de treino definido pelo treinador, eu sigo para não me queimar ou arriscar lesões. — Seu tom é mais agudo do que era um minuto atrás. Olhe lá, um pouco mais de espinha dorsal. Meu pau quase percebe.

— Se você quer ser escolhido no draft[3], precisa intensificar seu jogo. Você teve um ano normal no ano passado, você tem que fazer melhor.

Minhas palavras cortaram o espaço entre nós de costas para ele. Eu não os planejo, eles saem da minha boca. Eles são quase palavra por palavra o que meu pai me disse esta manhã.

— Oh não. Eu quero treinador.

O silêncio cai e é pesado.

Já que minha mala está vazia, fecho-a de volta e deslizo para debaixo da minha cama, em seguida, viro-me para encará-lo.

[3] Draft da NHL é o processo pelo qual os times da Liga escolhem um jogador calouro, para fazer parte da franquia.

— Se você não quer jogar, por que está desperdiçando o tempo de todos e os recursos da escola? Alguém que queira jogar pode ter seu lugar no time e ser visto pelos olheiros. — Mais uma vez, as palavras de meu pai saem de meus lábios. Eu já disse isso antes para meus companheiros de equipe no passado.

Ele quase se encolhe, mas consegue encontrar meu olhar e mantê-lo. Por que eu quero quebrar essa força? Talvez eu seja o filho do meu pai, afinal.

Jeremy não tem resposta. É melhor assim.

Eu dou um passo em direção a ele, apertando-o contra sua cama.

— Deixe-me ser bem claro, não estou aqui para fazer amigos. Estou aqui para jogar hóquei com o melhor de minhas habilidades e não vou deixar sua falta de ética de trabalho me derrubar. Tenha uma boa noite de descanso, porque amanhã você terá um maldito despertar rude.

— Você percebe que eu estava jogando em um time Tier One[4], certo? Você não estava. Acho que isso fala o suficiente sobre minha ética de trabalho.

Ele responde de volta. *Hum. Eu amo a luta.*

— Eu não estava em uma equipe Tier One por opção. Recusei recrutadores por três anos seguidos. — Eu seguro seu olhar, observando enquanto a confusão cruza seu rosto.

— Por que diabos você iria recusar? Essa é a coisa mais idiota que eu já ouvi! — Seus braços estão bem abertos enquanto ele fala.

— Isso não é da sua conta, é?

Ele me encara por um minuto, confuso e incrédulo, antes de um telefone tocar e eu observar Jeremy olhar para seu telefone na mesa de cabeceira ao

[4] É uma Liga Juvenil de Hóquei Elite Tier-1.

lado de sua cama. Jesus, esta sala é pequena pra caralho. Tenho certeza que meu armário de infância era maior do que isso.

Dou um passo para trás e enfio as mãos nos bolsos. Algo sobre ele faz meus dedos coçarem para tocar, mas não posso.

Observando o cabelo loiro escuro desgrenhado em sua cabeça e a extensão perfeitamente sem cicatrizes de seu peito, minha pele formiga ao imaginá-lo contra mim, apesar do quanto minha cabeça se revolta com a ideia de ser tocado. Os músculos de seu abdômen flexionam quando ele puxa a camiseta sobre a cabeça e fico com água na boca. Ele é gostoso, não há outra maneira de dizer isso. Com sua vibração de vizinho, ele parece amigável, mas estou disposto a apostar que ele não é tão legal no gelo. Lembro-me vagamente de jogar contra ele e mal posso esperar para saber como ele joga para que eu possa separá-lo.

Albrooke enfia o telefone no bolso da calça de moletom e passa a mão pelo cabelo.

— Acho que isso significa que você não quer encontrar a equipe para tomar uma cerveja? — Seus olhos percorrem meu corpo, os músculos de sua mandíbula saltando enquanto ele fica tenso.

— Não.

Ele enfia os pés em uns chinelos azuis gastos, provavelmente Vans, e desaparece, fechando nossa porta atrás de si.

Finalmente, consigo respirar. Minhas mãos tremem, meu estômago revira e meus joelhos cedem, deixando-me cair na cama desarrumada. Apoio os cotovelos nos joelhos e seguro a cabeça com as mãos enquanto a respiração em meus pulmões oscila para dentro e para fora da caixa torácica. Em um

piscar de olhos, estou hiperventilando, meus olhos se fechando enquanto as atividades da manhã batem em mim.

O puxão dos pontos sendo removidos da minha carne, a queimadura do bisturi cortando a pele do meu peitoral esquerdo. Meu estômago revira e corro para o banheiro para esvaziar seu conteúdo no vaso sanitário. Meus joelhos batem no chão com força suficiente para machucar, mas mal percebo a dor. O suor escorre em minha testa enquanto o ácido estomacal queima minha garganta e nariz.

Eu não tive a chance de bater até agora, a adrenalina alta desta manhã finalmente desaparecendo, deixando-me fraco e cansado.

"Você já esqueceu suas maneiras? Cuidado com a porra da boca."

A lembrança da raiva mal contida de meu pai quando eu disse a ele que poderia tirar os pontos sozinho e me deixar em paz me dá um arrepio na espinha. Eu o odeio pra caralho. Nove meses e ele não pode mais tocar em Lily. Ela será adulta, terminará o ensino médio e finalmente poderá tocar a herança que nossa mãe deixou para ela. Ele não será capaz de tocá-la, o que significa que perderá seu domínio sobre mim.

Arrastando minha bunda do chão, não me preocupo em acender a luz antes de tirar a roupa e ligar a água quente. Eu não quero ver as malditas cicatrizes de qualquer maneira.

Eu não coloquei nenhuma coisa de chuveiro aqui, então eu tateio as paredes e encontro o que quer que Jeremy Albrooke tenha. Se ele perceber, eu não dou a mínima.

Tenho o cuidado de manter o curativo no peito seco, mas sei que terei que trocá-lo e enviar uma foto para o querido e velho pai mais tarde. Tenho que ter certeza de que não está infeccionando, que estou cuidando bem dele.

O calor da água não ajuda muito a relaxar meus músculos, mas fico debaixo dela até que esfrie de qualquer maneira. Está tranquilo aqui, no escuro, sozinho.

Sozinho é seguro.

Desligando a água, percebo que não tenho uma toalha ou uma muda de roupa. Maldição.

Apalpo a parede até encontrar a porta e a toalha pendurada em um gancho. Parece que estou usando a toalha do colega de quarto também. O resto da minha merda deve ser entregue amanhã, embora eu não tenha certeza de como vou explicar isso se ele perguntar. É muito estranho usar a toalha de alguém que você não conhece.

Rapidamente, me seco e pego minhas roupas no chão. Não quero vestir roupas sujas, mas também não posso deixar ninguém ver as cicatrizes. Eles farão perguntas e, se insistirem, desaparecerão. Eles sempre fazem.

Abrindo a porta do banheiro, olho ao redor do quarto e vejo que ainda está vazio. Eu tranco a porta e corro para minha cômoda para pegar roupas. Estar coberto é melhor.

Estou exausto pra caralho e tenho que levantar às quatro da manhã para correr. Que horas esse idiota vai chegar? Vou conseguir dormir ou os pesadelos vão me acordar em duas horas?

Eu verifico meu telefone e encontro uma mensagem do meu pai querendo uma fodida foto. Eu encontro o pacote de suprimentos de primeiros socorros que ele empurrou para mim esta manhã e vou para o banheiro, fechando e trancando a porta atrás de mim. Desta vez, acendo a luz e puxo o braço esquerdo para fora da camiseta para não ter que segurá-lo enquanto faço o curativo.

Com cuidado, removo a gaze que está grudada na minha pele e limpo o ferimento. Estou secando com um pedaço de gaze quando a porta do meu dormitório é aberta e alguém tenta a maçaneta do banheiro. Minha cabeça balança para o lado quando quem está do outro lado bate na porta.

— Depressa cara! Eu preciso mijar! — Parece Albrooke.

— Foda-se, — eu rosno, rapidamente tirando uma foto e cobrindo a ferida.

— A menos que você esteja cagando ou se masturbando, abra a porta!

Ele bate na porta novamente.

Deslizo meu braço pela manga e recolho meus suprimentos de volta no saco de papel pardo.

Abrindo a porta, eu fico no caminho para que ele não possa passar por mim.

— Qual é a porra do seu problema? — ele grita, as bochechas coradas de álcool.

— Você. Se estou aqui, não vou deixar você entrar. Não me importo se você está prestes a cagar nas calças. Encontre outro banheiro.

Minha mão vazia pousa no meio do peito de Jeremy e eu o empurro para fora do meu caminho.

Ele deve estar realmente precisando mijar, já que não tem retorno e apenas corre para o banheiro com a maldita porta ainda aberta. Eu levanto meu lábio com sua falta de privacidade e enfio a bolsa marrom na cômoda antes de me virar para a minha cama.

Merda.

Não tenho lençóis nem travesseiro. Excelente.

Vasculhando minha merda, encontro um moletom, dobro-o como um travesseiro, deito-me, as costas pressionadas contra a parede e fecho os olhos.

Devo malhar amanhã? Não. Vou fazer mesmo assim? Sim. Não tenho um motivo para os malditos pontos, então não posso dizer ao técnico que não sou elegível por motivos médicos.

CAPÍTULO TRÊS
JEREMY

EU O ODEIO.

É oficial.

O suor escorre pelo meu rosto, pelas minhas costas. Cada músculo do meu corpo está cansado e dolorido, mas parece que ele deu um passeio vagaroso. Eu juro que ele está sorrindo para mim.

— Scrimmage![5] — O treinador grita e o time geme.

Estamos fazendo exercícios há uma hora.

— Vamos rapazes! — O treinador apita e nós entramos em nossas equipes de scrimmage normais, terceira linha contra a segunda linha, então agora tenho que lutar com Carmichael para chegar ao gol.

Brendon, Paul e eu formamos a terceira linha de ataque. Paul estava na segunda linha quando chegamos aqui, mas depois do acampamento de verão, o treinador o transferiu para a terceira linha comigo e Brendon desde que nos demos bem. Carmichael, porém, está na segunda linha, porque é claro que está. Exibido.

Todos se preparam e eu enfrento meu companheiro de equipe pelo disco. Eu sou mais rápido, então lanço para Brendon, meu lateral direito, e partimos para o gelo. Com uma explosão de velocidade, desço no gelo e procuro encontrar o disco em posse de Johnson. Meu lateral esquerdo me vê e atira em minha direção. O disco mal fez contato com meu taco quando uma parede de tijolos bate na minha lateral, me jogando contra as tábuas, e o disco sai voando pelo gelo.

[5] Um evento envolvendo duas equipes participando de uma competição informal.

— Que porra! — Ligo Carmichael, mas me apresso para voltar ao jogo.

— Tenho que cuidar desse ponto cego, Albrooke, — ele grita nas minhas costas.

Estou furioso. A raiva aquece meu sangue mais do que o esforço físico. Um dos nossos homens D joga o disco para longe do gol e eu o agarro, virando-me rapidamente e correndo de volta para o gelo.

— Trabalho de pés desleixado, Albrooke, — Carmichael diz com um aceno de cabeça enquanto ele se concentra em mim, lendo meu próximo movimento assim que eu penso nisso. Atiro para a rede e ele a bloqueia, mandando-a de volta para a linha central com uma força insana.

— Minha avó morta é mais rápida que você.

O treinador está gritando instruções para nós do lado de fora, mas eu não ouço. A única coisa na minha cabeça é Preston fodido Carmichael. Estou cometendo erros estúpidos porque estou frustrado e cansado. Erros que ele não tem problema em apontar assim que eu os cometo.

Eu vou bater nele.

Não sou o único para quem ele está fazendo isso, todos na equipe estão recebendo o mesmo tratamento, mas parece que estou recebendo a força bruta disso. Ele nem está chateado. Não, é tudo muito casual. Acho que isso é pior.

O treinador apita e saímos do gelo. Estamos descendo a calha para o vestiário, exaustos e mancando, a maioria de nós exibindo novas contusões de ser batido por Carmichael.

— Seu novo colega de quarto é um idiota —, diz Brendon quando chegamos ao vestiário e abrimos as portas.

— Não me diga. Posso sufocá-lo durante o sono. O filho da puta acordou às quatro da manhã.

Ele estava desmaiado quando terminei de mijar e como ele não tinha merda nenhuma na cama, joguei um cobertor sobre ele, tentando ser um cara legal, mas depois de hoje, ele pode se foder. Espero que ele congele.

— Com a temporada começando em breve, os treinos serão mais intensos. Todos vocês precisam trabalhar em sua resistência. Aperfeiçoar pequenas coisas como footwork[6] e estar ciente de seu entorno. Práticas mais longas e mais treinos na academia. Carmichael é o único aqui que parece pronto para jogar.

Eu olho ao redor da sala, mas não vejo o senhor perfeito.

— Vá para o chuveiro, o aumento das horas na academia começa amanhã de manhã. Certifique-se de que você está dormindo a tempo. E mantenha suas malditas notas altas!

O treinador sai do vestiário e terminamos de nos despir de nossas roupas e roupas íntimas.

— Este ano vai me matar. — Brendon geme enquanto entra no chuveiro.

Eu rapidamente examino os chuveiros, mas Preston não está aqui. Que diabos?

Foda-se, eu não me importo. Estou morrendo de fome e exausto.

— Quem quer pizza? — Paul Johnson, meu ala esquerdo, pergunta.

— Parece bom para mim, — eu interrompo. — Mas eu não posso me atrasar, eu tenho que terminar minha lição de casa.

[6] É a capacidade de mover os pés independentemente um do outro; mantendo a velocidade e o controle.

— Sim, te encontro lá —, acrescenta Brendon. Alguns dos outros caras concordam em ir até a pizzaria enquanto terminamos de tomar banho e começamos a nos vestir.

— Ei, me encontre no meu quarto e desçamos juntos? — Eu pergunto a Brendon. Preciso sair e fomos interrompidos da última vez.

— Eu uh, tenho algo que tenho que fazer primeiro. Eu te vejo lá. — Ele me dá um tapa no ombro e sai antes que eu calce os sapatos. Porra.

Eu quero trocar de jeans de qualquer maneira, então volto para os dormitórios e fico surpreso quando Preston ainda não está lá. Onde diabos ele foi?

Pegando um par de jeans da cômoda, tiro meus sapatos e tiro meu moletom. Deitado na cama, empurro minha cueca boxer para baixo e envolvo a mão em volta do meu pau. Com apenas alguns movimentos da minha mão, fico duro. Meus músculos do estômago se contraem e, apesar de estar cansado e dolorido, a única coisa em que consigo me concentrar é o quanto quero gozar.

E Preston Carmichael.

Os olhos cinza escuro que me perfuram quando ele olha para mim. O cabelo preto cuidadosamente cortado e penteado e o corpo musculoso que conheço estão sob suas roupas.

Eu odeio que ele seja gostoso. Que eu quero senti-lo contra mim.

Meu pau vaza pré-sêmen com a imagem dele me segurando, perdendo um pouco do controle que ele mantém tão apertado enquanto me fode.

Meu pau lateja e minhas bolas apertam contra mim enquanto minha mão bombeia furiosamente.

A imagem na minha cabeça se transforma em suas mãos na minha pele. Ele é tão agressivo na cama quanto no gelo? Ele deixaria marcas na minha pele com os dentes?

Meu orgasmo corre através de mim, derramando-se em meu estômago e me deixando ofegante. Caramba. Eu deveria ter tirado minha camisa.

Deitei-me na cama, exausto e tentando recuperar o fôlego. Passos do lado de fora da porta me fazem puxar minha cueca de volta. Quando tiro minha camiseta manchada de esperma, a porta se abre. Incrível.

Eu congelo por um segundo, sem saber qual será a reação de Preston ao me encontrar limpando. É óbvio o que acabei de fazer e minhas bochechas esquentam de vergonha. Definitivamente cheira a porra aqui e tenho certeza de que minhas bochechas estão coradas.

Ele não sabe que você estava pensando nele, idiota. Relaxar.

Eu pego a camisa enrolada enquanto Preston está parado na porta, segurando-a aberta enquanto olha para mim. Ele acabou de tomar banho, com roupas limpas, o olhar em seu rosto em branco, como se ele não estivesse realmente lá.

— Uh, alguns dos caras estão saindo para comer pizza. Você pode participar se quiser. — Sento-me e coloco meu jeans, deslizo meus pés em meus sapatos e me levanto para pegar uma camisa limpa. Preston fecha a porta e me olha enquanto caminha para sua cama.

— Eu não como essa merda. Isso faz você engordar e ficar lento. — Ele me olha como se o que ele está dizendo estivesse escrito no meu corpo. — Claramente. — Ele apenas deixa cair as palavras como fatos, tão casualmente como se estivesse falando sobre o tempo.

— Uau. Está bem então. — Eu enfio minha cabeça através da camisa e saio do quarto. Batendo a porta atrás de mim com mais força do que eu precisava. Qual é a porra do problema daquele cara?

Ignoro os olhares das garotas que entram no elevador um andar abaixo do meu. Eles sussurram de um lado para o outro, uma delas olha para mim enquanto me inclino contra a parede. Elas são fofas, mas não estou interessado. Garotas não fazem isso por mim.

— Você é Jeremy Albrooke, certo? — A loira se vira para mim.

— Sim. — Eu inclino minha cabeça contra a parede, tentando dizer a ela que não quero falar sem ser rude.

— É verdade que Charles Preston Carmichael está jogando hóquei aqui este ano?

Não revire os olhos. Não revire os olhos. Não revire os olhos.

— Sim.

Ele também é um idiota que parece ter algum tipo de alegria doentia por implicar com os outros. Cara de stand-up de verdade.

A morena com seus desmaios e é tudo que posso fazer para não dizer a elas para não se incomodarem, duvido que ele dê a elas a hora do dia.

— Ele é tão gostoso —, diz a garota, com as mãos acenando em seu rosto.

O elevador cava e abre no andar de baixo e agradeço a fuga.

— Você sabe em que quarto ele está? — a loira pergunta, e por cima do meu ombro eu digo “não”, já que não estou dando a elas o número do meu dormitório. Absolutamente não.

Quando chego à pizzaria fora do campus, os caras já pediram e estão ocupando metade das barracas. Eu deslizo ao lado de Brendon e Paul e pego uma fatia de pepperoni, enfiando na minha cara.

— Jesus, quem mijou nas suas Cheerios[7]? — Paul olha para mim por cima de seu copo de refrigerante.

— O que? — Eu atiro para ele. Ok, respire fundo e relaxe.

Eu fecho meus olhos e forço meus ombros e mandíbula a relaxar. Eu não percebi o quão tenso eu estava.

— Quem te irritou? — Brendon pergunta desta vez.

— Você sabia que a pizza faz você engordar e ficar lento? Carmichael foi gentil o suficiente para apontar e me dizer que se eu comesse melhor, talvez eu jogasse melhor. Foda pomposa.

Mergulho um pedaço de crosta em algum rancho antes de enfiar na boca e mastigar. *Tome isso, cabeça de merda.*

— Porra, cara é seriamente um cara durão. Essa prática foi brutal. — Paul balança a cabeça e pega outra fatia de pizza.

— Tenho certeza de que meu baço está machucado por ter batido nas tábuas —, acrescenta Brendon, esfregando as costas.

Os caras ao nosso redor também reclamam dele, reclamando de inchaços e hematomas.

— Ele vai nos tornar melhores —, diz Carpenter, falando com todos. O capitão assumindo algum controle sobre a situação. — Ele poderia ter ido a qualquer lugar, mas veio para cá. Precisamos aprender tudo o que pudermos com ele e trabalhar duro para acompanhá-lo.— Ele olha ao redor do grupo. — Temos o melhor jogador D da história da liga júnior em nosso time, precisamos tirar vantagem disso e ser um time do qual ele pode se orgulhar. Pegue o que ele diz e aprenda. Ele obviamente não tem medo de ferir egos ou corpos. Se ele disser que você tem um trabalho de pés desleixado, concentre-

[7] Um cereal.

se no maldito trabalho de pés. Carpenter olha de mim para Paul. — Se ele disser que você é lento, comece a fazer mais exercícios de velocidade. — Ele respira fundo. — Nenhum de nós está acima da melhoria.

CAPÍTULO QUATRO
JEREMY

NA SEXTA -FEIRA, TODOS ESTÃO EXAUSTOS.

Músculos que eu não sabia que tinha estão cansados. Temos duas semanas para nos recompor antes de nosso jogo de exibição contra a Universidade de Nevada, Las Vegas, e com os treinos e exercícios extras que o treinador adicionou esta semana, o dever de casa tem sido uma merda para acompanhar. Claro, nosso primeiro jogo é fora de casa, então estaremos em um hotel. Esperançosamente, alguém ficará preso com o maldito senhor perfeito Carmichael.

Ele é tão estranho. Nunca o vi tomar banho ou trocar de roupa no vestiário, ele só aparece trocado e toma banho no dormitório. Eu não entendo. O homem é rápido em nos dizer o quanto somos péssimos, mas ninguém o questiona. É como o que ele diz ser lei.

Uma hora antes do treino, estou sentado no vestiário esperando por Brendon. Nós tentamos ligar algumas vezes, mas nossos colegas de quarto continuam interrompendo. Hoje, estamos tentando isso. Talvez sair logo antes do treino me ajude a manter a cabeça mais calma e Carmichael não vai me afetar tanto. Vale a pena tentar, certo?

A porta se abre e Brendon aparece.

Um sorriso levanta meus lábios e ele sorri para mim. Já estava na hora.

Quando ele chega até mim, eu me levanto e vamos para o chuveiro. Isso nos dá alguns segundos extras caso alguém chegue mais cedo.

Brendon me encurrala em um canto, beijando e chupando meu pescoço. Meu pau fica duro quando ele passa a mão na minha calça.

— Alguém está ansioso —, ele ri em minha pele.

— Sim eu estou. Apresse-se antes que sejamos pegos.

Meu estômago revira com a ideia de alguém entrando, o constrangimento e possível hostilidade de alguns caras da equipe. A maioria não sabe que Brendon é bi, os poucos que sabem guardam o segredo para ele.

Ele agarra minha bunda e me puxa contra ele, tomando meus lábios em um beijo duro e esfregando contra mim.

Preston é um beijador agressivo?

Maldição. Foco.

Eu deslizo minhas mãos sob a camisa de Brendon, arrastando meus dedos sobre sua pele e deslizando em suas calças.

Ele geme contra mim, puxando seus lábios dos meus.

— Você quer foder? — Brendon levanta um pacote de lubrificante.

— Sim —, estou respirando mais rápido e giro, empurrando minhas calças e cueca boxer para baixo, em seguida, colocando as palmas das mãos na parede ao lado da entrada do chuveiro.

Meu pau não está tão duro quanto normalmente fica com a ideia de transar, mas estou me esforçando muito para não pensar nisso.

O dedo liso de Brendon desliza contra meu buraco e empurra para dentro. Ele leva alguns minutos para me abrir, um dedo se tornando dois, empurrando para dentro e para fora.

— Está pronto? — Ele pergunta, sua boca perto do meu ouvido. Pedir permissão não é o que eu quero. Eu quero que ele me segure e pegue o que ele quer, mas ele é bom demais para isso.

A cabeça de seu pênis empurra contra mim e eu empurro com força suficiente para surpreendê-lo. Tomando tudo dele em um impulso.

— Foda-se, cara. — Ele agarra meus quadris e deixa cair a testa no meu ombro, empurrando lentamente no início.

— Apenas me foda, eu não preciso de calma, — eu resmungo, deixando cair meu antebraço na parede de azulejos e envolvendo a mão em volta do meu pau. A respiração irregular de Brendon sopra em meu pescoço enquanto eu me empurro com muita força. Porra.

Eu fecho meus olhos e Preston aparece na minha cabeça. Porra. *Pare com isso.* Eu nem sei se ele gosta de caras. Se ele for hétero, eu realmente *preciso* parar de pensar nele.

Além disso, ele é um idiota.

O rangido da abertura da porta do armário me faz parar, mas Brendon não parece notar. Passos suaves atravessam o chão de cimento enquanto meu coração bate forte no peito. Estamos prestes a ser pegos. Porra. Eu me inclino um pouco para ver quem entra.

Meu maldito colega de quarto aparece na esquina ao mesmo tempo em que Brendon resmunga. Preston para de se mover e dá um passo para trás, espiando pela esquina até me encontrar. Eu não sei se ele pode ver quem está comigo, mas ele levanta uma sobrancelha e me observa olhando para ele. Minhas bochechas coram e um medo frio inunda meu estômago. Empurrando para trás, eu fico de pé para que eu não possa vê-lo.

Por que meu pau está ficando mais duro?

Minha respiração está irregular e não tem nada a ver com Brendon bombeando na minha bunda.

Os passos são silenciosos e o movimento do canto do meu olho me faz focar em Preston encostado em um banco de armários. No espaço de quinze centímetros entre a parede e os armários, eu o vejo. Ele se concentra no espaço para que eu possa vê-lo da cabeça aos pés, mas apenas uma parte dele. Sua mão desliza para baixo em seu abdômen e em suas leggings de compressão de camada de base. Meu olhar se concentra fortemente no show que ele está fazendo.

Tirando o pau para fora da calça, ele se acaricia, já duro pra caralho. Minha língua se arrasta pelo meu lábio inferior com a gota de pré-sêmen brilhando em sua ponta.

Meu próprio pau lateja e a excitação zumbe em minhas veias enquanto o vejo se masturbar para mim sendo fodido. Jesus, o que está acontecendo?

Eu não estou questionando isso. Envolvendo minha mão em volta do meu pau mais uma vez, bombeio rápido. Meus olhos se fixaram em Preston como se ele tivesse me dito para não desviar o olhar. Ele está me segurando lá, exigindo minha atenção sem uma palavra. Seu pescoço cora, o rubor da luxúria subindo por sua mandíbula até suas bochechas. Ele morde o lábio inferior enquanto seus quadris empurram em sua mão.

Oh, porra, eu vou gozar. A eletricidade dispara através de mim, minhas bolas formigando e puxando para dentro de mim. O esperma espirra na parede na minha frente com um gemido do meu peito. Puta merda. Meus joelhos querem ceder. Acho que nunca gozei tão forte antes.

Preston goza, pingando no chão do vestiário e não dá a mínima para a bagunça. Brendon resmunga atrás de mim, enchendo a camisinha e quase desmaiando contra mim.

— Droga, isso foi bom.

O mal-estar mata a onda pós-orgasmo, mas dou a ele um “sim”, enquanto ele se limpa e eu puxo minhas calças para cima.

Ele deixa a área do chuveiro antes de mim, mas para em Preston parado ali com os braços sobre o peito.

— Oh, uh. E aí cara. — Brendon cruza os braços sobre o peito também. De calmo e relaxado a tenso e inseguro em um instante. A incerteza paira no ar ao nosso redor como um peso maldito. Não sabemos como Preston vai reagir a isso, mas tenho a sensação de que não é tão ruim, já que ele obviamente gostou. Embora Brendon não saiba disso.

Preston apenas levanta uma sobrancelha para nós, mas não diz nada. Cara é estranho.

— Vamos, vamos nos preparar para o treino, — eu empurro Brendon em direção ao seu armário. Com o canto do olho, observo o sorriso torcer o rosto de Preston, mas continuo me movendo. Não estou começando uma briga agora. Estou puxando minha camisa sobre minha cabeça quando meu telefone toca no meu bolso. Pesquisando, a foto da minha irmã mais velha, Stacy, está na tela.

— E ai, como vai? Como está minha garota favorita? — Sua zombaria da minha referência a sua filha me faz rir.

— Você perguntaria sobre Ella primeiro. Bunda. — A garotinha em questão balbucia ao fundo, tentando tanto falar. — Ela está começando a dentição, então é uma verdadeira alegria por aqui.

— Aw, pobre bebê. Ela precisa de seu tio favorito e um pouco de sorvete de chocolate.

Deslizo minha calça jeans e a cueca boxer e pego minha bermuda de compressão.

— Melhor não deixar Keith ouvir você dizer isso. Ele lutará com você pelo tio favorito.

Nosso irmão mais novo joga futebol e se acha um fodão, principalmente quando seu irmão gêmeo o apoia, já que ele também joga. Ambos são menores do que eu e, mesmo juntos, posso levá-los.

— Keith nem é o favorito de Jordan e eles são gêmeos. — Seguro o telefone contra o ombro enquanto me sento no banco, enfio os pés no tecido apertado do short de compressão e me levanto para puxá-lo para cima. — Estou me preparando para o treino, você precisa de alguma coisa ou posso te ligar mais tarde?

— Oh, merda, desculpe. Eu só queria saber se você viria para casa para o aniversário da mamãe?

Porra.

— Uh, deixe-me ver a programação, mas duvido. Acho que temos jogos fora de casa naquele fim de semana.

A culpa me consome. Este será o primeiro ano em que não a vejo no aniversário dela. É durante a temporada, mas quando eu morava em Muskegon, onde ficava o time pelo qual eu jogava, pude vê-la. O melhor que provavelmente poderei fazer este ano é um bate-papo por vídeo com ela.

— Ok, deixe-me saber. Se pudermos surpreendê-la, eu gostaria. Se você tiver um jogo perto daqui, vou surpreendê-la com ingressos para o jogo.

Os caras começam a entrar no vestiário, barulhentos e barulhentos.

— Ok, eu vou deixar você saber. Diga a Ella que seu tio favorito diz que a ama.

Ela ri e encerra a ligação.

— Sua irmã ainda está solteira? — Paul pergunta, um sorriso comedor de merda dividindo seu rosto quando eu olho para ele.

— Foda-se. Mesmo que fosse, ela não namoraria seu idiota.

Termino de vestir meu equipamento e saímos em fila para o gelo.

CAPÍTULO CINCO
PRESTON

COMO ESSES CARAS SÃO UM DOS melhores times? Passes desleixados, gols perdidos que deveriam ter sido fáceis. Os árbitros vão martelá-los com pênaltis.

Vai ser uma longa temporada se eles não se recomporem e começarem a ganhar força aqui.

Oiler dispara um passe para Albrooke, que corre pelo centro em direção à linha azul, mas erra. Eu o agarro e jogo o disco em direção ao lado oposto do gelo, o movimento me faz careta quando ele puxa a incisão. Albrooke rosna enquanto muda de direção e continua se movendo.

— Meu tio cego se move mais rápido que você, Albrooke. E ele não tem pés.

O goleiro atrás de mim resmunga alguma coisa, mas não estou prestando atenção em sua boca. Eu não dou a mínima para o que ele pensa. Essas malditas almofadas estão esfregando em meus novos pontos e isso está me irritando pra caralho. O suor escorrendo pela minha pele queima.

Oiler tropeça em seus próprios patins e cai de bunda, perdendo o passe que Johnson lhe envia.

— Deus do caralho, minha irmã patina melhor do que você e ela nunca usou um par.

— Qual é a porra do seu problema? — Albrooke me empurra, mas mal me movo.

— Talvez se você se concentrasse menos em transar e mais no jogo, — meus olhos se voltam para Oiler, imagens do rosto corado de Jeremy enquanto

ele estava transando passam pela minha cabeça por um segundo antes de voltar para meu colega de quarto irritado, — Você jogaria melhor. Defina suas prioridades.

— Foda-se! — Ele me empurra novamente, ficando na minha cara desta vez. A estranha coloração de seus olhos brilhantes nas luzes do rinque. Um olho é meio azul e meio marrom, enquanto o outro é azul com manchas marrons. É assustador. — Você não sabe merda nenhuma sobre mim!

— Eu sei que você não está comprometido com este jogo ou esta equipe. Nenhum de vocês é ou eu veria muito mais de vocês na porra do ginásio e aqui fora nos treinos de corrida no gelo. Vocês estão fazendo o mínimo. Tome alguma iniciativa. Tenha um pouco de orgulho de si mesmo. — Eu o empurro para fora do meu espaço. — Quer que eu pare de reclamar de você? Prove que estou errado. Atreva-se.

Toda essa merda de bebê chorão me deu nos últimos nervos. Para mim chega. Engula isso e faça melhor ou cale a porra da boca.

O treinador apita para encerrar o treino e todos se dirigem para o vestiário.

Eu sou o último a sair do gelo de propósito. Eu deslizo meu equipamento para o meu cubículo, mas deixo minha camada de base. Vou tomar banho mais tarde em nosso dormitório ou no vestiário da academia, onde posso ter privacidade.

Os caras se despem e vão para o chuveiro, metade deles com raiva por terem sido repreendidos, a outra metade abaixando a cabeça enquanto minhas palavras batem forte. Espero que eles levem a sério o que eu disse e comecem a provar que estou errado. Eu quero que façam.

— Bom demais para tomar banho com a equipe? — um dos caras na primeira linha diz ao passar por mim.

— Não terminei de trabalhar. — Eu jogo de volta. Ele para por um segundo, parecendo confuso. — Eu tenho três milhas para correr, então pesos livres.

Os olhos do pobre garoto se arregalam antes que ele balance a cabeça e siga para o chuveiro.

O treinador vem e me dá um tapa no ombro.

— Boa agitação.

— Obrigado, treinador.

Calço meu tênis, pego minha bolsa de ginástica e saio do vestiário, sem me importar que a camada de base caiba como uma segunda pele e não deixe nada para a imaginação. Estou em ótima forma e não estou nem um pouco constrangido com meu corpo. As cicatrizes são mantidas em segredo porque é mais fácil. É mais seguro para todos ao meu redor. E isso significa que as pessoas não me tocam. Eu odeio ser tocado.

Em uma das cabines do vestiário do ginásio, coloco um short de corrida e uma camiseta. É mais confortável do que as mangas compridas e leggings.

Coloco meus fones de ouvido, encontro uma esteira e inicio minha playlist. A batida alta do NF e do Citizen Soldier batendo em meus ouvidos combina com o ritmo do meu pulso. Não tem mais ninguém aqui, só eu e a batida dos meus pés na faixa. Os pensamentos que constantemente me atormentam correm desenfreados.

Ninguém pode saber por que trabalho tanto. Esconda as cicatrizes e a verdade.

"Você não seria nada sem mim. Estou fazendo você melhorar."

"Sua irmã não é forte o suficiente para suportar a correção, mas vou quebrá-la se for preciso para mantê-lo na linha."

Meu estômago revira violentamente e sou forçada a puxar a corda de parada de emergência da máquina. Curvado com as mãos nos joelhos, respiro em meio à náusea. Lily tem que ser protegida.

Pela primeira vez em um ano, saio do meu treino mais cedo. A culpa tenta me arrastar de volta.

Se você não continuar, você é um fracasso. O pai saberá e você será chamado de volta à casa para correção.

Corro para o banheiro e vomito a água que tenho bebido nas últimas horas durante o treino. Meus joelhos batendo nos ladrilhos frios ao redor do banheiro enviam dor nas minhas pernas, mas não consigo me concentrar nisso. A única coisa que importa é não vomitar no chão. Não devemos deixar evidências de nossas deficiências. O mundo deve acreditar que somos perfeitos em todos os momentos.

Sem colapsos emocionais, sem escândalos.

Meu estômago aperta dolorosamente quando o conteúdo é forçado para fora do meu corpo. Minha camiseta gruda nas minhas costas com o suor da minha corrida, a sensação muito apertada no meu corpo, como se eu estivesse sufocando. Enquanto eu me agarro ao banheiro pela minha querida vida, tenho que me perguntar como é ter alguém que se importa o suficiente para verificar você. Como é para alguém trazer um pano molhado ou um copo d'água ou apenas sentar com você quando você se sente uma merda? Ninguém me importou desde que minha mãe morreu. eu era uma criança. O abuso estava piorando, mas eu também escondi dela. Eu tinha que ser forte por Lily e pela mamãe.

Uma vez que meu estômago está vazio, eu me sento contra a porta da baia com meus joelhos dobrados e meus braços descansando sobre eles, minha

cabeça contra o metal frio. Eu limpo meu rosto e boca com a barra da minha camisa e odeio a fraqueza.

Fechando os olhos, permito-me ter este momento. Só desta vez. Respirar.

Quando me levanto, dou a descarga e vou até a pia para enxaguar a boca. Eu deveria terminar minha corrida e levantar alguns pesos antes do jantar. Eu preciso de um banho e não quero arriscar tomar um nos dormitórios, já que Jeremy, maldito Albrooke, não tem nenhum senso de privacidade. Por mais que eu não queira pensar nele gozando, acariciando seu pau enquanto eu o observava, isso passa pela minha cabeça de qualquer maneira.

Foda-se, esta noite não vou terminar o treino. Vou tomar banho e voltar para o quarto para desmaiar.

Eu cavo minha muda de roupa, material de banho e uma toalha da minha bolsa de ginástica e encontro um chuveiro com uma cortina. A maioria dos chuveiros são comunitários, mas nas laterais há alguns que lhe dão um pouco de privacidade.

Fecho a cortina e me certifico de que ela não se abre antes de tirar a roupa e ligar a água. Está frio pra caralho, mas eu realmente não tenho outra opção. Ninguém precisa ver os danos à minha pele. Não quero responder perguntas sobre isso ou ver a pena nos olhos das pessoas.

A água não esquenta o suficiente para o meu gosto, mas talvez esse seja o meu castigo por não terminar o treino. A água morna lava minha pele, provocando arrepios e deixando meus músculos ainda mais tensos. A ferida mais recente arde quando a água se mistura ao suor.

Eu odeio minha pele. As cicatrizes que marcam meu corpo. Prova das minhas cagadas e da mente distorcida do meu pai. Nunca há um momento em que eu possa simplesmente tirar minha camisa. Estou sempre ciente de como

minhas camisas se ajustam, preferindo dobrá-las na maior parte do tempo para manter meu corpo coberto.

Eu esfrego meu corpo limpo e seco mais agressivamente do que o necessário, mas estou irritado pra caralho. Por mim mesmo. Pela minha vida. Pelas circunstâncias da minha existência.

Enquanto saio da academia depois de me vestir, tiro meu telefone da bolsa e mando uma mensagem para minha irmã.

Preston: Ei pirralha, como vai a escola?

Lily: Chato. Eu odeio este lugar.

Preston: Eu sei, mas é seu último ano. Você realmente quer se transferir para uma nova escola no seu último ano?

Lily: Você se transferiu.

Não porque eu quis.

Eu não tenho um retorno para ela, então eu não respondo. Confie em mim, eu não queria me transferir este ano. Meu último time foi bom, trabalhou duro e venceu o Frozen Four na última temporada.

Lily: Procurei sua escola, o time de hóquei da Darby University parece muito bom, mas por que você saiu de Boston? Eles não lhe deram um contrato primeiro?

Cerro os dentes enquanto abro caminho entre as pessoas do lado de fora dos dormitórios.

— Ei, você é o novo jogador de hóquei, certo? — uma voz feminina chama atrás de mim um segundo antes de uma mão pousar no meu braço. Rapidamente, eu me viro e dou de ombros. Faz minha pele arrepiar para ser tocado.

— Sim, eu acho. — Eu bufo para ela, completamente desinteressado. A pequena garota de cabelo azul e delineador preto passa os olhos pelo meu corpo e morde o lábio. É quase o suficiente para me fazer sorrir. Desculpe, garota, não estou interessado.

— Eu gosto de jogadores de hóquei. — Seu tom é sedutor, mas não faz nada por mim.

— Eles gostam de você? — As palavras saem da minha boca antes que meu cérebro tenha a chance de filtrá-las. Os olhos sensuais de quarto ficam zangados e ofendidos. Não é bem o que eu quis dizer, mas funciona. Aposto que ela não vai me impedir de falar de novo.

— Que raio de pergunta é essa? — Ela coloca a mão no quadril, olhando para mim.

— Não tenho tempo para isso. Você gosta de jogadores de hóquei, atletas, o que for. Bom para você. — Eu me afasto dela e entro no prédio do dormitório, optando pelas escadas para o terceiro andar em vez do elevador, já que não terminei meu treino.

A porta do meu dormitório se abre, Jeremy sai com Paul e Brendon e eles congelam quando me veem.

Em jeans e moletons, eles parecem estar saindo para algum lugar.

— Esqueça os carboidratos hoje à noite. — Eu passo por eles e entro na sala, fechando a porta, mas não antes de um deles murmurar “idiota pomposo” baixinho.

Jogo minha bolsa de ginástica no chão e me deito. Eu vou lidar com minhas roupas sujas mais tarde. Agora, tudo que eu quero é dormir. Encolhendo-me de lado, pressiono minhas costas contra a parede e fecho meus olhos, imagens de Jeremy Albrooke gozando repetidamente em minha mente.

CAPÍTULO SEIS
JEREMY

JÁ FAZ UMA SEMANA DESDE que Preston me viu ser fodido no chuveiro. Desde que ele se masturbou me vendo gozar. Nenhum de nós disse uma palavra sobre isso. Pelo que posso dizer, ele mal passa algum tempo em nosso dormitório, acordando às 4 da manhã para se exercitar antes do treino. Em algum momento ele volta para tirar uma soneca, eu acho, então ele sai de novo para mais treinamento. Honestamente, ele passa mais tempo no estádio do que aqui. Eu nunca vi nada parecido. Ele é uma maldita máquina.

Mesmo que ele sopre as coelhinhas do disco[8], elas ainda gritam seu nome quando o veem. A única pessoa para quem o notei olhando por mais de um segundo sou eu, mas as únicas coisas que ele me diz são que sou lento, desleixado e fácil de ler no gelo. Eu não o entendo.

Eu finalmente disse a Brendon que Preston nos viu, mas não que ele assistiu e gostou do show, então não ficamos juntos desde então.

Albrooke: Ei, Carmichael deve ficar no rinque por mais uma hora. Quer sair antes da aula?

Os três pontos aparecem na conversa que tenho com Brendon.

Oiler: Cara, tem certeza de que ele não vai voltar tão cedo? Paul não vai se foder hoje, tentei tirá-lo daqui, mas ele não está entendendo.

Albrooke: Sim, ele nunca voltou tão cedo. Temos uma hora fácil.

Oiler: Feito. Estarei lá.

[8] É um termo usado para descrever uma fã de hóquei no gelo cujo interesse no esporte é motivado principalmente pela atração sexual pelos jogadores, em vez do prazer do jogo em si.

Minha pele está coçando para ser machucada, agarrada, forçada. Foder Brendon não será agressivo o suficiente, então vou ter que fazer isso sozinho. Deitado de lado na cama, deixo cair minha cabeça sobre a borda da cama e cruzo as pernas para mantê-las fora do caminho.

Uma batida na porta soa quando ela se abre, Brendon sorri com a posição.

— Blowies é isso —, ele ri, trancando a porta atrás de si e puxando suas roupas para liberar seu pau. Ele bombeia algumas vezes e olha para a porta. Não dou tempo para ele questionar nada, apenas agarro suas coxas e abro a boca. Isso o distrai o suficiente para se apoiar na cama.

Eu o chupo algumas vezes, levando-o o mais fundo possível antes de puxá-lo para trás.

— Merda, eu te machuquei? — Ele tenta dar um passo para trás, mas eu o seguro.

— Apoie-se em mim, não na cama. — Eu quero sentir a pressão de ser pressionado. Eu preciso disso. Meu pau mal está a meio mastro porque estou entediado. — Foda minha boca.

Ele é de tamanho médio, talvez um pouco mais grosso, então não vai me machucar. Eu tenho chupado pau há anos e meu jogo de garganta profunda está no ponto. Eu poderia lidar com ele em meu sono.

Suas estocadas são superficiais, uma mão no meio do meu peito, mas sem realmente colocar qualquer pressão sobre mim. Eu quero gritar, porra. Depois de dois anos assim, como ele não aprendeu que não sou frágil? Porra me machucou cara. Pegue o que quiser e não se segure.

Não vou sair assim e agora estou frustrado.

Estendo uma mão para brincar com suas bolas, puxando-as delicadamente, rolando-as na palma da minha mão. Ele geme e joga a cabeça para trás. A chave na fechadura da porta me deixa gelada, mas Brendon não parece notar.

Porra. Por que não estou me levantando?

Por que diabos eu quero ser pego *novamente* pelo meu colega de quarto? Que porra há de errado comigo?

— Pelo amor de Deus, dê um tempo. — A voz irritada de Preston estimula Brendon a entrar em ação, virando as costas para a porta e colocando seu pau rapidamente esvaziado enquanto o meu agora está prestando atenção.

Seriamente? O que diabos há de errado comigo?

Com um suspiro, eu me sento e me viro para que meus pés toquem o chão. Eu odeio como eu reajo a esse filho da puta implacável. Eu nunca posso dizer se ele está me criticando por causa da minha sexualidade ou apenas porque ele pensa que é melhor do que eu. Eu acho que isso realmente não importa, ele é um idiota de qualquer maneira.

— Qual é a porra do seu problema, cara? — Brendon vai de igual para igual com Preston e honestamente, ele está prestes a ser derrubado alguns pinos. Ele é um cara legal, mas Preston não se importa com nada além de vencer, então ele vai ferir o orgulho de Brendon. Eu me levanto no caso de Brendon perder a cabeça e atacar Preston. Ele é meu amigo, então não posso deixá-lo levar uma surra.

— Pare de foder em espaços comuns se não quiser uma audiência ou ser interrompido. — Preston olha para Brendon, usando cada centímetro daquele corpo de um metro e oitenta e uma impressionante largura de ombros para intimidar. Brendon não é baixo, mas ele é alguns centímetros mais baixo que

Preston e definitivamente não é tão largo. — Você deveria estar executando exercícios de velocidade, trabalhando na precisão do passe, em vez de transar.

Reviro os olhos com a resposta de Preston. Ele precisa da porra de uma vida.

Brendon olha para mim

— Você veio?

Preston sorri presunçosamente, murmurando,

— Se você não pode dizer, você não deveria estar fazendo isso, — enquanto eu balanço minha cabeça e deixo cair meus ombros. Isso não está mais funcionando. Dormir com Brendon não é mutuamente benéfico e não é há muito tempo.

Ambos estão olhando para mim, cavando buracos em meu corpo com o calor. Um por frustração sexual e outro do qual não tenho certeza, mas estou intrigado com ele da mesma forma.

— Tanto faz, cara. — Brendon passa por Preston e bate a porta atrás dele.

Eu empurro Preston, pegando-o de surpresa e forçando-o a dar um passo para trás. Seu corpo fica tenso como eu nunca vi antes, tão além da raiva que chega a ser assustador.

— Não me toque, porra! — Sua voz é tão baixa que quase não a ouço. Tem arrepios surgindo ao longo da minha pele. Minhas mãos imediatamente se levantam em sinal de rendição.

As mãos de Preston agarram minha camisa em punhos apertados, empurrando-me contra a minha cômoda, os botões das gavetas cavando em minhas costas.

— Que porra você está fazendo? — Eu exijo, um pouco mais excitado do que estou confortável em admitir; uma estranha mistura de medo e ligado pra caralho. *Por que meu pau está duro?*

— Cale a boca. — Ele rosna para mim. O sangue está pulsando em minhas veias, cada instinto que tenho em alerta e pronto para reagir, meu corpo apertado, mas querendo derreter nele.

Usando seu antebraço em meu peito, ele se inclina para mim com força suficiente para machucar enquanto sua outra mão enfia em minhas calças e agarra meu pau. Estou duro como aço e fico em silêncio por um segundo quando ele me acaricia.

— Que diabos está fazendo? — Eu mal consigo pronunciar as palavras sem gemer.

— Eu disse, cale a boca, — Preston morde. Caramba, meus joelhos estão fracos, estou tão fodidamente excitado. Eu não vou durar.

Alcançando-o, agarro o tecido solto de seu moletom. Seus golpes são duros, punitivos, quase dolorosos. Por apenas um segundo ele para, cospe na mão e volta direto para ela. Meus olhos reviram e deixo a cômoda e o braço de Preston me segurar. Vibrações eróticas de luxúria fazem cócegas em meu estômago. Eu nunca senti nada assim. Cada pensamento na minha cabeça está quieto e estou livre para sentir.

Preston ajusta seu domínio sobre mim, seu braço agora vertical no meu esterno e sua mão em volta da minha garganta. Meu orgasmo bate tão forte que sou pego de surpresa por ele. Um gemido alto e prolongado escapa da minha garganta e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Eu explodo entre nós, meu esperma escorrendo por sua mão e em nossas camisas.

Minhas mãos caem para os lados, flácidas e inúteis, enquanto minha cabeça cai em seu ombro enquanto meu cérebro tenta se reconectar com o mundo.

— Jesus... porra —, murmuro, levantando minha cabeça de seu ombro para olhar para ele. Ele tem cerca de sete centímetros a mais que eu e usa cada centímetro a seu favor.

— Não me toque. — Com essas palavras, ele me empurra e dá um passo para trás. — Coloque sua cabeça no jogo.

Minhas pernas não querem me segurar, então fico encostado na cômoda, os puxadores das gavetas cavando dolorosamente em minhas costas enquanto ele se afasta. Isso provavelmente vai machucar, mas isso é problema futuro de Jeremy. *O Jeremy atual está no auge do orgasmo de sua vida.*

CAPÍTULO SETE
PRESTON

VOCÊ É UM MALDITO IDIOTA.

Minhas mãos estão tremendo enquanto saio dos dormitórios e quase corro para a academia. Hoje era para ser um dia de recuperação, mas não posso ficar naquele quarto agora e não tenho mais aulas hoje. Eu deixei meu controle escapar e isso não pode acontecer. Eu tenho que estar no controle de mim mesmo ou tudo desmorona.

Meu coração está batendo tão alto em meus ouvidos que não consigo ouvir a conversa ao meu redor ou a música tocando no sistema de som da academia. Há pessoas por aí, malhando, mas não as vejo. Na verdade, não.

Corre. Encontre uma esteira e corra.

Corte. Controle-se, a dor vai ajudar. As esteiras estão praticamente sem uso, então pego uma no canto e estabeleço um ritmo acelerado. Minhas pernas estão cansadas de ontem, mas vou sobreviver.

Eu estava apenas no gelo fazendo exercícios, mas ainda me certifico de que meus músculos estejam aquecidos antes de ir a todo vapor.

Você é uma vergonha. Sua mãe tem sorte de não ter que testemunhar sua falta de controle. Ela teria vergonha de você.

Meu estômago aperta quando as palavras correm pela minha cabeça, pés batendo na esteira.

Você não pode salvar Lily, você não pode nem salvar a si mesmo.

Inútil.

Sem utilidade.

Eu me esforço mais, tentando arduamente fazer a voz na minha cabeça calar a boca.

Jeremy não vai confiar em você agora. Ele vai trocar de colega de quarto e todos na equipe saberão que show de merda você realmente é.

Mas ele gostou.

Jeremy *gostava* quando eu o tocava. O estranho azul-castanho de seus olhos está gravado em minha memória. Eu nunca vou esquecê-los. Ainda posso sentir seu pau na minha mão, pulsando através de seu orgasmo e seu esperma quente na minha pele. Levou tudo em mim para não lambê-lo.

Você é uma aberração por gostar disso. Ele não queria que você o tocasse, mas você o fez mesmo assim.

Monstro.

Ninguém nunca vai querer você. Ninguém vai te amar.

A imagem de Jeremy sendo fodido por Brendon passa pela minha cabeça. O ciúme da maneira fácil como eles se tocam mostra sua cara feia. Minha mandíbula aperta, minhas mãos apertam. Eu odeio como Brendon toca Jeremy.

Eu odeio ainda mais que eu queira ser o único a tocá-lo.

Maldição. Junte sua merda.

Meus músculos queimam e meus pulmões gritam por uma pausa, mas me concentro na dor, finalmente acalmando meus pensamentos. Como se um peso tivesse sido tirado de mim, por alguns minutos minha cabeça fica quieta.

A única coisa em meu cérebro é a batida de meus pés e como meu corpo se sente.

Todo mundo acha que eu treino como um homem possuído porque sou dedicado ao hóquei, mas é porque isso acalma meus pensamentos. Ela resolve

a frustração sexual de não ter vida. O único alívio que sinto é aqui, forçando meu corpo a fazer mais do que deseja.

Ou quando você tinha Jeremy empurrado contra a cômoda...

Foda-se, cérebro. Não tenho tempo para distrações.

Corro até meu corpo começar a quebrar, até meus joelhos ameaçarem ceder. Diminuindo o ritmo para uma corrida, mal consigo manter minha bunda na máquina. Meu corpo inteiro está além de exausto. Meus pés tropeçam tanto no cinto que tenho de me agarrar às grades laterais para não cair de cara.

Eu me viro para os chuveiros no piloto automático, mas não tenho nada comigo e não tenho certeza se conseguiria ficar de pé tempo suficiente para não me afogar lá.

Foda-se.

Eu me forço para fora do ginásio e em direção ao dormitório. O elevador quase me deixa cair de bunda, mas eu me seguro no corrimão contra a parede. Algumas pessoas me olham estranhamente, mas ninguém pergunta se estou bem. Para ser justo, se eu não estivesse, poucas pessoas poderiam me carregar.

Eu finalmente chego ao meu andar e tropeço pelo corredor até a minha porta.

Por favor, não esteja trancado. Por favor, não esteja trancado.

Eu não tenho literalmente nada comigo. Se aquela porta estiver trancada, vou dormir no corredor porque não vou conseguir ficar acordado por muito tempo.

Quando alcanço a maçaneta da porta, ela se abre e quase caio de alívio. Não importa que Jeremy esteja parado ali parecendo desajeitado e sem saber o que

fazer. Não importa que eu queira me enrolar com ele contra mim. Eu passo por ele, meu braço roçando seu peito nu e sibilo com o contato, me afastando dele.

Estou suado e fedorento, mas não me importo, nem tiro os sapatos antes de cair de cara na cama.

Rolar. Você não está seguro assim. Suas costas estão expostas.

Meu corpo inteiro relaxa por um segundo, mas não posso desmaiar assim. Minha cabeça não me deixa cair no estado de inconsciência que desejo tão desesperadamente enquanto estou em risco.

Rolando para o lado, empurro minhas costas contra a parede fria e, no espaço de uma respiração, o mundo ao meu redor se foi.

Quando meu despertador toca na manhã seguinte, nenhuma parte de mim fica feliz com isso.

Fooooooda.

Eu me forço a sentar e encontrar a coisa estúpida, mas não está na minha mesa de cabeceira. Onde diabos é isso?

Meu olhar flutua sobre a sala, mas eu não o vejo. Está escuro porque são quatro da manhã e nem o sol nasceu ainda, mas quando o alarme começa, a tela acende.

— Pelo amor de Deus, desligue! — Jeremy estala, enfiando a cabeça debaixo do travesseiro.

— Não consigo encontrar. — Minha voz está mais áspera do que eu esperava, mas minha boca está seca e estou com uma sede pra caralho.

— Caiu debaixo da cama, idiota. — Suas palavras são abafadas pela penugem de algodão.

Eu me curvo e vejo a tela brilhante como merda embaixo da cama, encostada na parede. Excelente.

Deslizando para o chão, deito-me no carpete de merda do escritório e me estico para pegar o telefone. Cada músculo do meu corpo se opõe, mas eu entendo e desligo.

— Obrigado, porra. — Jeremy enfia o travesseiro sob a cabeça e se acomoda como uma estrela do mar na cama minúscula.

— Você deveria se exercitar. — As palavras saem da minha boca sem nenhum pensamento meu. — Ser preguiçoso não vai nos levar ao Frozen Four.

Nem todo mundo é tão neurótico quanto você.

— Foda-se. A última coisa que quero fazer às quatro da manhã é ficar na academia, olhando para o seu rosto.

Ninguém quer passar tempo com você. Você é inútil. Depois de todo o tempo que papai passou tentando consertar você...

Pego minha bolsa de ginástica para enfiar roupas limpas nela e encontro meus sapatos enfiados sob a beirada da cama.

Eu coloquei meus sapatos lá?

Pensando na noite passada, está meio nebuloso, mas tenho certeza de que adormeci de sapatos. Quando me sento para calçar os sapatos, olho para Jeremy por um segundo.

Ele tirou meus sapatos depois que adormeci?

Não sei o que pensar sobre isso.

A caminhada até a pista de gelo é atormentada por isso. Por que ele se importaria?

CAPÍTULO OITO
JEREMY

ÀS CINCO DA MANHÃ, ESTOU chateado. Não consigo voltar a dormir, então me deito aqui e fico olhando para o maldito teto.

Como fiquei sobrecarregado com o pior colega de quarto? Eu preferiria ter Austin, que não toma banho regularmente e não cuida de si mesmo.

Você não odiou o jeito que ele te tocou.

Cala a boca, cérebro. Ninguém te perguntou.

A sensação de Preston me segurando contra a cômoda, com a mão no meu pau, me endurece e minha pele fica vermelha. Isso é o que eu queria de Brendon, mas nunca consegui. Eu me pergunto se ele é sempre assim ou se foi uma coisa única.

Ele tocou em você como se fosse seu dono e você adorou.

Meu pau se mexe, mas eu me recuso a ceder à tentação. *Não* posso cobiçar meu colega de quarto. Ele é um idiota pomposo e arrogante.

Sentando-me, deslizo minha mão pelo meu cabelo e esfrego meu rosto. Eu me levanto e me estico antes de pegar minha camisa descartada da noite passada e puxá-la sobre minha cabeça. Pego meu telefone e a chave do quarto e saio do quarto, muito irritado comigo mesmo para continuar aqui.

Ao sair, olho para o quarto e paro na cama de Preston. Eu nunca o vi parecer tão rude antes. Normalmente, ele é perfeitamente polido e organizado, mas quando voltou do que suponho ser a academia, ele estava duro. O olhar em seus olhos era como se ele estivesse fugindo de fantasmas. Ele desmaiou tão

rápido que foi preocupante e, se eu não tivesse o ouvido choramingando, teria verificado seu pulso para ter certeza de que estava vivo.

Os sonhos eram ruins, a maneira como seu grande corpo se encolhia era muito real. Ele tem algum amigo com quem possa conversar?

Fecho a porta atrás de mim e sigo para o quarto de Brendon e Paul. Eu sou um idiota por acordá-los só porque estou irritado com meu colega de quarto por me acordar? Sim. Eu me importo? Não.

Bato na porta com um sorriso no rosto, sabendo que Paul vai ficar puto quando me ver e meu cabelo não está pegando fogo.

Eu bato e bato e bato. Continuamente. Até que ouço alguém lá dentro.

— Tudo bem! Porra! — Ah, Brendon está acordado.

A porta está escancarada e um jogador de hóquei meio adormecido e zangado está parado ali, vestindo nada além de boxers.

— Manhã, luz do sol — Minha voz é falsamente alegre, mas isso foi mais divertido do que eu esperava.

— Foda-se, idiota, — Paul murmura de sua cama. Passando por Brendon, que está olhando para mim, eu salto para cima de Paul e bagunço seu cabelo.

— Vamos, peitos de açúcar, hora de levantar! — Ele luta contra mim, tentando me empurrar para longe dele, mas para quando meu comentário é compreendido.

— Como você sabe que meus peitos são doces? Você está me molestando enquanto estou dormindo de novo?

— Se eu fosse molestar alguém durante o sono, chupar a teta de um homem não seria minha primeira jogada. — Eu belisco seu mamilo.

— Ai, foda-se cara! — Ele me empurra com força desta vez e eu caio da cama rindo. — E eu não tenho moobs[9]. — Ele se senta, esfregando o mamilo dolorido. — Por que você está aqui nos irritando em vez de seu colega de quarto?

Eu suspiro e me inclino para trás em minhas mãos.

— Ele acordou às quatro e não conseguiu encontrar o maldito telefone para desligar o alarme.

Brendon se senta em sua cama, agora com calças PJ, esfregando os olhos para tirar o sono.

— Ele disse alguma coisa para você? — A pergunta de Brendon é silenciosa, mas eu a ouço muito bem.

— Nada além de que preciso malhar mais e estou com preguiça.

Meu rosto esquenta um pouco com a memória dele me dizendo para calar a boca enquanto ele estava me masturbando. Brendon não precisa saber que isso aconteceu. Ele não é meu namorado, então não devo nenhuma explicação a ele. Certo?

— Sério, qual é o problema daquele cara? — Paul se senta.

— Ele é intenso, com certeza, — eu digo. De repente, não querendo criticar o homem com quem divido o espaço. Ele estava vulnerável ontem à noite e não quero que eles saibam disso. — O pai dele é super conhecido. Talvez seja uma ética de trabalho com a qual ele foi criado?

Eu dou de ombros e verifico a hora no meu telefone.

— Vamos lá, hora de descer para praticar. — Dou um tapinha no joelho de Brendon e volto para o meu quarto para me vestir.

---

[9] Isso é o que acontece quando a gordura se acumula na área do peito de um homem e dá a ele a aparência de seios.

A rajada de frio quando entramos no rinque põe um sorriso no meu rosto, mas o som dos patins no gelo faz aquele sorriso cair. Maldito Carmichael. Por que ele tem que fazer o resto de nós parecer ruim?

— Exibido, — Paul resmunga atrás de mim enquanto nos dirigimos para o vestiário para nos trocar.

O vestiário está cheio de caras se trocando, bebendo bebidas pré-treino e enfiando barras de proteína em seus rostos.

— Tudo bem, rapazes, — o treinador começa. — Hoje estamos trabalhando no controle do disco e nos passes. Vistam-se

Rapidamente nos trocamos e vamos para o gelo para nos aquecer. Nós circulamos no gelo, cada rodada mais rápido que a anterior, certificando-se de que nossos músculos estejam soltos e prontos para o treino que estão prestes a fazer.

Estamos alinhados esperando por instruções enquanto os treinadores instalam os equipamentos de prática no gelo.

— Estava na hora. — A voz sarcástica de Carmichael em meu ouvido deixa meus dentes tensos.

— Surpreso por você conseguir se mover esta manhã, você tropeçou de volta para os dormitórios como se estivesse bêbado.

— Eu não bebo. Muitas calorias vazias. Mas posso ver que você gosta disso. Posso ouvir o sorriso em seu tom de voz e nunca quis dar um soco na cara de alguém tão rapidamente. — Talvez se você trabalhasse um pouco mais, não precisaria afogar suas mágoas no álcool.

— Você não sabe nada sobre mim. — Eu retruco.

— Se você gastasse menos tempo se preocupando com seu pau e mais tempo malhando, você seria um jogador fenomenal. Em vez disso, você é

medíocre, *na melhor das hipóteses.* — A piada me atinge tão forte quanto ele pretendia. Porra de pau.

— Parece que você passa um bom tempo pensando no meu pau. Ciumento ninguém quer chupar o seu?

— Ei! — Brendon sussurra grita para nós. — Cale a boca e preste atenção.

— Eu me pergunto quanto tempo vai demorar para você *implorar* para chupar meu pau. — Carmichael continua falando como se não tivesse ouvido Brendon. Eu sei que ele fez, ele simplesmente não se importa.

Não o empurre.

Não o empurre.

Não. Empurre. Ele.

Meus dentes doem de apertar minha mandíbula com tanta força. Vai ser um dia longo pra caralho.

Nós dividimos em ataque e defesa, em seguida, executamos exercícios até que estejamos bufando e suando. Os músculos estão definitivamente aquecidos e estamos nos sentindo bem.

— Quebra d'água! — O treinador grita e nós patinamos até o banco para pegar uma bebida. Abro a tira do queixo e cuspo o protetor bucal na mão enluvada. Apertando a garrafa de água deixada para nós, encho minha boca de água. Alguém bate nas minhas costas, fazendo-me engasgar enquanto tento engolir o líquido frio. Eu tropeço para frente no banco, caindo de cabeça no chão, meu protetor bucal voando. Meu capacete sai quando meu rosto encontra o chão.

— Foda-se —, eu estalo enquanto tento me levantar e enfrentar quem me bateu.

Estou presa entre o banco e a parede, minhas almofadas e luvas me impedindo de me levantar sozinho.

— Que porra foi essa? — Brendon grita quando alguns caras me levantam. Estou preso em uma posição tão estranha que não tenho como sair sozinho.

— Escorregou. — A voz impassível do meu colega de quarto desencadeia minha raiva.

— Não, você não fez isso! Eu vi você correr para ele!

Brendon está na cara de Preston, mas Preston não está perturbado ou preocupado. Ele está me observando como se pudesse ver através de mim. Esse olhar me faz querer explodir, saltar e lutar com ele, mas é isso que ele quer. Ele quer me forçar a cometer um erro estúpido e perder tempo no gelo. Eu tenho irmãos gêmeos. Se ele pensa que um pouco de provocação e manipulação vai me afetar, ele está errado. Eu tive anos de prática em lidar com pequenos idiotas.

— Albrooke, você está bem? — O treinador pergunta quando estou de pé novamente.

— Sim, estou bem.

Paul me entrega meu protetor bucal e eu o enfio de volta, estalo a tira do queixo e volto para o gelo. Não posso deixá-lo ver que está me incomodando.

O resto da prática é cansativo. Nosso novo treinador principal está chutando nossas bundas. Todos estão exaustos, exceto o maldito menino de ouro. O treinador finalmente encerra o treino quando Paul vomita no gelo.

Todos nós mancamos de volta para o vestiário, os músculos das pernas ameaçando ceder. Paul recebe uma garrafa de água e se senta em um banco perto da entrada. Dou um tapa na ombreira dele enquanto passo mancando

por ele. Meu corpo está além de exausto, meus músculos clamando por um banho quente e dormir.

Eu tiro minha camisa, penduro almofadas no meu cubículo para secar e coloco meus patins. Minha camada de base está encharcada de suor e se apega a mim como uma segunda pele.

Garrafas de água são distribuídas enquanto nos preparamos para o banho.

— Albrooke. — O treinador para ao meu lado. — Passe no meu escritório depois do banho.

— Claro, treinador. — Eu aceno para ele enquanto o medo cai em meu estômago como um peso de chumbo. Ansiedade e medo enviam gelo em minhas veias com a perspectiva de ficar no banco ou perder meu lugar na linha de partida.

— O que você fez? — Brendon pergunta quando passo por ele para colocar minha camada de base na lavanderia a caminho do chuveiro.

— Eu não sei, mas tenho a sensação de que tem a ver com Carmichael.

O vapor dos chuveiros é sufocante enquanto eu lavo o suor do treino. Preston disse algo ao treinador sobre mim? Inventar alguma mentira para me meter em problemas? Quebrei alguma regra que desconheço?

Assim que termino de tomar o banho mais rápido da minha vida, me seco, me visto e vou para o escritório do treinador, cada passo mais pesado que o anterior.

Eu levanto minha mão para bater meus dedos na porta quando ela é aberta, Preston Carmichael enchendo a porta por um segundo antes de levantar um lábio para mim e passar por mim. Eu o observo se afastando de mim, recém-banhado e vestido, seu cabelo preto caindo em seus olhos dando a ele uma vibração de bad boy que normalmente está escondida atrás de seu exterior

perfeito. O jeans que ele está usando segurando aquela bunda incrível que os jogadores de hóquei são conhecidos é um lembrete fodido de que ele é gostoso, além de ser um idiota pretensioso.

— Albrooke, entre e feche a porta. — A voz do treinador me faz afastar do meu irritante colega de quarto e engolir o nó na garganta.

A porta se fecha atrás de mim com um *clique* e eu espero pela gritaria, prendendo a respiração e protegendo minhas feições para não mostrar nada.

— Sente-se —, ele acena para as velhas cadeiras com braços de madeira e estofamento que podem ter sido novas nos anos 90. Minha bunda mal bateu no assento quando ele começou a falar.

— Você notou alguma coisa com Carmichael? Você é colega de quarto dele, correto?

Minha mente fica em branco por um segundo e pisco algumas vezes enquanto processo o que ele perguntou.

— Uh sim, ele é meu colega de quarto. — Minhas sobrancelhas se juntam em confusão. Alguma coisa fora? O cara é louco, parece ter algum tipo de superpoder que diz a ele quando estou tentando transar e me odeia por algum motivo desconhecido. Mas duvido que seja isso que o treinador queira saber.

— Você notou algo estranho? Mudanças rápidas de humor, tropeçando ou aparecendo fora dele?

Ele esclarece. Devo contar a ele sobre a noite passada? O que ele quer dizer? Somos testados para drogas regularmente.

Agora estou realmente confuso.

— Drogas? Sem chance. Ele raramente está em nosso quarto, mas está sempre em seu juízo perfeito. Ele nem sai para tomar uma cerveja com o time. Aquele cara vive em suas rotinas de hóquei. Acordar às quatro, para dormir o

mais tardar às nove. Eu balanço minha cabeça. — Não há como ele estar viciado ou algo assim.

O treinador franze os lábios e acena com a cabeça, obviamente pensando em algo.

— Estou preocupado com ele. Recebemos uma ligação sobre ele tropeçando e parecendo *indisposto.* Ele segura meu olhar por um momento. — Apenas me envie uma mensagem ou me ligue se vir algo estranho.

— Vejo você de manhã para o treino. — Ele me dispensa e eu me levanto, enfiando o cartão no bolso com um grande peso no peito.

CAPÍTULO NOVE
PRESTON

NOSSO JOGO DE EXIBIÇÃO É em algumas horas. Estou tomando banho e vestindo meu terno no banheiro do hotel, as cicatrizes mais recentes em meu corpo ainda estão vermelhas e raivosas. Eu mesmo tive que remover os pontos na semana passada, já que não vou chamar meu pai para fazer isso.

Já comi meu café da manhã do dia do jogo com ovos com cebola grelhada, pimentão e linguiça de frango com um smoothie verde e almoço com salada, frango grelhado e shake de proteína. Como a maioria dos jogadores de hóquei, sou um pouco supersticioso. Alguns são exagerados e repugnantes, mas comida é algo que posso controlar de qualquer maneira. É importante garantir que a comida que coloco em meu corpo o alimente da melhor maneira possível. Se faltar alguma coisa da minha comida hoje, não feita do jeito que eu preciso, vou jogar como merda, o que me coloca no radar do meu pai. Não em algum lugar que eu queira estar. Tantas pequenas coisas são feitas para garantir que o dia do jogo seja perfeito. Passei as duas camisas sociais que tenho, certifiquei-me de que as calças foram passadas na lavanderia e as jaquetas não estão amassadas. Ser organizado é importante, devemos parecer profissionais. Estar arrumado me faz sentir poderoso, como uma armadura.

As abotoaduras brilham na luz do banheiro contra minha camisa branca e jaqueta azul-marinho. Se devo acreditar no meu pai, estes eram do meu avô por parte de mãe. Sempre gostei da simplicidade do ouro com uma âncora no centro. Ele adorava velejar, passou esse amor para minha mãe, que passava todos os verões no iate.

Eles não são excessivamente decorativos ou chamativos, provavelmente uma bugiganga de uma cidade litorânea que eles visitaram, mas eles me chamam. Talvez porque me faz sentir mais perto da minha mãe. Tenho algumas lembranças de quando era um garotinho no convés de madeira de um grande barco, o cabelo loiro de minha mãe esvoaçando e um grande sorriso no rosto. Havia alegria em seus olhos quando ela compartilhou a experiência comigo. Meu pai não estava em lugar nenhum, provavelmente no trabalho, e ela estava livre para aproveitar o momento. Eu devia ter cinco ou seis anos, então não entendia que ela era tão vítima quanto eu me tornaria. Se bem me lembro, não foi muito depois dessa viagem que me drogou pela primeira vez e acordei com pontos no peito.

Perdido em minhas lembranças, esfrego a primeira cicatriz que recebi das mãos de meu pai. A pele fica enrugada e não tem sensibilidade total. Uma das muitas razões pelas quais não gosto de ser tocado. A sensação está desligada. Nunca parece certo.

Eu verifico meu reflexo no espelho, deixando cair meus ombros e abotoando minha jaqueta antes de abrir a porta, apenas para parar em meu caminho ao ver a visão na minha frente.

Por que eu tinha que dividir o quarto com ele? Mesmo aqui no jogo fora de casa, não consigo me afastar dele.

Jeremy está tentando colocar nos ombros um paletó que é pelo menos um tamanho pequeno demais para ele, parece ter sido feito nos anos 80 e é definitivamente poliéster.

— Você está fodendo comigo, certo? — As palavras são condescendentes e eu sei disso. Eu não me importo.

— O que? — Ele se vira para mim, a jaqueta agora em seu corpo, mas ele está prendendo a respiração.

— De quem você roubou o terno? Isso obviamente não é seu.

Eu me endireito e deslizo minhas mãos para dentro da calça de lã feita sob medida.

Ele arrasta os olhos sobre o meu terno, a irritação e o constrangimento claros em seu rosto. Ele fica rígido, rosto corado.

— Nem todo mundo pode comprar um terno feito sob medida, idiota.

Suas mãos correm por sua camisa amassada.

— Sua camisa nem foi passada a ferro. — Eu belisco a ponte do meu nariz, exalando uma respiração frustrada e apertando minha mandíbula. Indo em direção ao armário atrás da porta, pego outro terno e enfio em seu peito. Sempre trago dois, para o caso de acontecer alguma coisa e eu precisar trocar. Os olhos de Jeremy encontram os meus, confusão juntando suas sobrancelhas, enrugando a pele acima de seu nariz.

— Você pode usar um dos meus para não ser uma vergonha. — O olhar de Jeremy desce para a sacola com zíper no cabide e volta para mim. — Se apresse.

Ele dá um passo para trás, insultado pela oferta. Há mais espaço neste quarto de hotel do que em nosso dormitório, mas ele não pode escapar de mim.

— Com licença? Eu não estou vestindo sua merda. Este é bom. — Ele aponta para as roupas em seu corpo que não estão absolutamente bem.

— Essa fantasia deveria ser jogada em uma lixeira e incendiada. Só que tenho quase certeza de que é poliéster, que é notoriamente inflamável.

Eu não escondo o desgosto no meu rosto quando eu o olho novamente. Ele parece um garçom em um restaurante italiano barato. — Você é menor do que eu, mas vai caber melhor do que essa farsa.

— Não —, ele resmunga com os dentes cerrados.

Eu entro em seu espaço, jogando o terno em sua cama, em seguida, agarro as lapelas de sua jaqueta, puxando-o contra mim. É a minha vez de cerrar os dentes contra o contato, mas há camadas suficientes de roupas que posso tolerar. Aqueles olhos castanho-azuis incomparáveis brilhando para mim a menos de trinta centímetros de distância são inebriantes.

Ele cheira tão bem embora. Picante e limpo. Pela primeira vez que me lembro, quero enfiar meu rosto na curva de seu pescoço e inalar. Eu nunca quis fazer isso antes. Os homens que eu fodi no passado eram apenas isso. Uma foda rápida e pronto.

— Eu não me importo se você me odeia ou não, tenha algum respeito próprio e apareça no jogo parecendo que você pertence a ele.

Seus olhos movem-se entre os meus.

— Por que você se importa com a minha aparência?

— Você representa o time. Parecer uma merda nos faz parecer uma merda.

Meu olhar cai para sua boca por apenas um segundo quando ele passa a língua sobre o lábio inferior.

Eu não posso gostar dele. Não consigo me sentir atraído por ele. Eu definitivamente não posso transar com ele.

Movendo-me rapidamente, agarro os dois lados de sua camisa e a abro, fazendo com que os botões voem pelo nosso quarto.

— Qual é a porra do seu problema?! — ele brada. Dou um tapinha em sua bochecha e sigo para o elevador.

Alguns dos outros caras também estão esperando por ele, então eu desço com eles, ignorando qualquer tentativa de conversa. Não estou aqui para ser amigo deles.

Ficamos parados no saguão até que o treinador apareça e nos conduza para o ônibus que nos levará ao rinque para o jogo contra a Universidade de Nevada, em Las Vegas. Todos nós entramos no ônibus, a maioria deles sentados com amigos, conversando ou ouvindo algo em seus fones de ouvido. Eu caio na segunda categoria. Bach passa pela minha cabeça, acalmando qualquer nervosismo antes do jogo.

— Carmichael, — o treinador olha para mim, então eu puxo um fone de ouvido.

— Sim?

— Onde está Albrooke?

Alguns dos caras se viram para olhar para mim.

— Eu não sei, treinador, ele estava se vestindo quando saí do nosso quarto.

Perto o suficiente da verdade. Ele estava *vestido,* eu apenas o ajudei a tomar melhores decisões.

— Estou aqui, treinador. — O homem em questão aparece por cima do ombro do treinador.

— Bom, sente-se e vamos indo.

O treinador se senta na primeira fila do ônibus e eu espio ao redor dos assentos para ver Jeremy em meu terno cinza escuro com a camisa de botões azul claro. As calças são um pouco compridas, mas ajustam-se perfeitamente às suas coxas.

Coxas que eu quero desesperadamente sentir em volta de mim.

Ele não olha para mim enquanto encontra seu assento ao lado de Johnson e se senta. As calças acentuam sua bunda também. Preciso parar de pensar nele. Oiler olha para Albrooke, repara no que ele está vestindo e depois olha para mim. Eu faço contato visual com ele por um segundo, um lado da minha boca levanta quando eu fecho meus olhos e relaxo no assento para o passeio.

Quando chegamos ao estádio, todos descemos do ônibus e descemos o túnel até os vestiários. Pego minhas roupas de treino e vou para o banheiro para me trocar. Não demoro muito a mudar do fato para a t-shirt e os calções. Rolos de fita são passados pela sala e começamos a prender nossas baquetas para a noite. Quase todo mundo faz o seu próprio, cada jogador sendo muito particular sobre como é feito. Felizmente, como todos fazemos isso há anos, não demora muito.

Uma vez que todas as baquetas são armazenadas para o jogo, pegamos nossos patins para deixá-los para afiar enquanto nos aquecemos fora do gelo.

Todos nós sabemos o que estamos fazendo, a maioria está focada na tarefa, mas alguns estão rindo e brincando para diminuir a tensão.

O treinador chega e nos avisa que os patins estão prontos e é hora de acelerar.

Pego uma toalha para enxugar o rosto e bebo um pouco de água enquanto espero minha vez de pegar minhas coisas. Não demora muito para estarmos de volta ao vestiário, trocando de roupa. Pego minha camada de base e volto para o box para me trocar. Puxar roupas de compressão quando você está suado não é a coisa mais fácil, mas é rápido o suficiente.

Há um agudo “Foda-se!” e água corrente proveniente dos chuveiros. Provavelmente Brendon se eu tivesse que adivinhar. Tomar um banho frio provavelmente faz parte de seu ritual para o dia do jogo.

De volta ao meu cubículo, colocar meu equipamento não demora muito, já que não tenho a distração de ninguém falando comigo. Quando você ignora as pessoas por tempo suficiente, elas acabam entendendo a mensagem.

— Cara, você lavou isso depois da temporada passada? — A pergunta de Jeremy me faz levantar os olhos, mas ele está falando com Paul, que está vestindo as meias mais horríveis que já vi. Todos os dedos do pé estão saindo de uma meia, e eu uso o termo no sentido mais vago, enquanto o outro tem um buraco enorme no calcanhar.

— Uh ...— Paul pára para pensar sobre isso. — Sim eu fiz.

— Não sei como essas coisas não se desintegraram. — Brendon aparece, uma toalha em volta da cintura, tremendo.

— Dez minutos, rapazes! — um dos treinadores grita no vestiário.

Jeremy se senta e calça uma meia, depois o patim e amarra, depois repete do outro lado. Quando está de patins, ele bate na ponta de cada um, da direita para a esquerda.

Por que estou vendo ele calçar os malditos patins? Eu não me importo com seus rituais pré-jogo.

Foco.

Fecho meus olhos e respiro fundo, deixando a música em meus ouvidos abafar o ruído branco no vestiário. Ignorando todos ao meu redor, concentro-me em colocar meu equipamento e puxar meus patins, mudando de posição para ter certeza de que minhas almofadas estão ajustadas corretamente.

Saímos para o gelo para o aquecimento e a adrenalina do jogo acende um fogo em meu corpo. Eu amo esta parte. A paz antes do derramamento de sangue da batalha. Meus músculos esquentam e meu corpo relaxa enquanto me movo, os patins são uma extensão de mim. Estou no gelo desde os cinco

anos. É uma segunda natureza andar de patins, apesar de eu não gostar de hóquei por causa do meu pai. Sou bom nisso, é fácil, mas não gosto do jogo. Não do jeito que alguém tentando fazer sucesso na NHL deveria. Não tenho a paixão por isso que meu pai tentou me cortar. Ele arruinou qualquer prazer que eu tive com isso há muito tempo.

A parte fodida é que não sei o que quero fazer. Tudo que eu já fiz foi hóquei.

O treinador apita e nos alinhamos em uma linha azul. Ele nos faz passar por alguns exercícios para garantir que estamos prontos, passes, bloqueios, mudanças de direção e, em seguida, de volta ao vestiário para esperar o jogo começar.

Tomamos um gole de água e os caras se separam em seus grupos e alguns de nós ouvimos música enquanto esperamos. Fecho os olhos e me recosto no cubículo, Tchaikovsky tocando na minha cabeça.

Depois de alguns minutos sinto alguém me encarando. Novamente. Abrindo os olhos, encontro Oiler me observando como se estivesse tentando me entender. É a terceira vez hoje que o pego olhando para mim. Levanto uma sobrancelha para ele e seu olhar se volta para Albrooke. Albrooke disse ao namorado que estava usando minhas roupas? Ou que eu o masturbei?

Por que eu gosto que ele esteja com ciúmes? Por que eu gosto de Jeremy vestindo minhas coisas?

— Tudo bem, rapazes, — o treinador começa quando a maioria do time está vestindo camisetas, então eu pego meus AirPods e os guardo. — Esta equipe é boa, mas vocês também. Vocês trabalharam duro para chegarem aqui. Mantenham seu juízo sobre vocês, não os deixe entrar em sua cabeça, e vamos mostrar a eles o quanto Darby é uma ameaça.

O treinador nos chama para entrar no túnel e Brendon, Paul e Jeremy dão um tapa nos bastões antes de disparar para o gelo.

Desde o segundo em que pisamos no gelo, estamos na defensiva. UNLV joga duro e rápido e é tudo o que podemos fazer para mantê-los fora do vinco. Nosso goleiro está se exercitando e estou a dois segundos de jogar um desses filhos da puta na trave. Os árbitros não estão chamando merda contra eles e eles estão usando isso a seu favor. Fora dos lados e golpes ilegais à esquerda e à direita. Meu colega no gelo, Willis, está exausto e é apenas o segundo período.

Estamos atrás na tabela, dois a zero e nossa primeira linha está caindo aos pedaços de frustração.

Por algum milagre, o disco caiu no meu taco e eu o joguei o mais forte que pude no gelo, ele passou pelos defensores do UNLV e acendeu a lâmpada. Minha cabeça cai para trás no meu pescoço e solto um suspiro. Estamos na porra do conselho.

Minha equipe se recupera, batendo no meu peito e nas costas com “Foda-se!” e “Puta merda, mano!” e eu tento não me encolher com o toque.

A campainha soa e todos nós saímos do gelo para tomar uma bebida e descansar para o intervalo de quinze minutos e ressurgimento do gelo antes do início do terceiro período. Mais vinte minutos. Podemos voltar.

Depois de uma conversa estimulante do treinador, a equipe tem uma sensação de energia renovada. Os meninos na terceira linha marcam o próximo gol na primeira jogada, Albrooke, Oiler e Johnson trabalhando como uma máquina bem lubrificada para acender a luz da lâmpada. No restante do jogo, lutamos para fazer mais um gol, mas conseguimos no último minuto de

jogo desempatar e sair com a vitória. A parte mais impressionante foi segurar o UNLV em seus dois pontos.

Os caras estão sorrindo e parabenizando uns aos outros enquanto descem a calha para o vestiário. Eu tiro meu equipamento e sigo em direção a um banheiro para terminar de me trocar. Odeio não poder tomar banho, mas estou acostumado. Como sempre faço depois de um jogo, vou lavar minha cabeça na pia, basicamente limpar o resto de mim com toalhas de papel molhadas e me vestir. Vou tomar banho no quarto do hotel mais tarde e ter que enfrentar as perguntas embaraçosas do meu colega de quarto. Normalmente, posso penhorá-lo como um ritual pós-jogo, mas não tenho certeza se Jeremy aceitará essa resposta.

CAPÍTULO DEZ
PRESTON

QUANDO VOLTAMOS PARA O HOTEL, PEGO uma muda de roupa e vou direto para o banheiro. Ligo o chuveiro e tiro o maiô, fazendo o possível para não me olhar no espelho. Meu telefone toca e, embora eu esteja no banheiro de cueca, eu atendo.

— Ei, você está bem? — A preocupação com minha irmã deixou meu tom mais áspero do que o normal. Como a maioria dos adolescentes, ela prefere mensagens de texto ou chamadas de vídeo, então ela me ligando é estranho.

— Sim, estou bem. Eu assisti seu jogo, belo gol! — Sua voz animada faz um lado da minha boca se erguer em um meio sorriso.

— Obrigado. Se isso não tivesse funcionado, alguém seria jogado nas tábuas. — Eu me viro e inclino minha bunda contra o balcão para não ter que olhar para as cicatrizes.

Ela ri e posso ouvir um ruído de fundo que não consigo identificar.

— Onde você está?

Saber que ela está no lado oposto do país do nosso pai me deixa respirar um pouco mais fácil. Se ele vai atrás dela, tenho algumas horas para colocá-la em segurança. Há algumas pessoas que tenho em sua vida que sabem agarrá-la e correr se eu lhes der o sinal. Tem um motorista que ainda está por perto caso ela precise ir para algum lugar longe da escola, um guarda-costas para essas horas. Papai paga para mantê-los em regime de retenção, mas ele não sabe que eles me ligam quando ele liga para ela em casa.

— Quarto de Alison. Ela tem um show passando em seu laptop, — ela me diz facilmente. Minha irmãzinha é uma mentirosa de merda, mesmo que eu não consiga ver seu rosto, então não a questiono mais. — O que você está fazendo para comemorar sua vitória?

— Vou jantar com a equipe e depois vou para a cama.

— Eca! — Eu posso vê-la revirando os olhos para mim na minha cabeça, provavelmente deixando cair a cabeça para trás em seus ombros. — Você é tão chato! Você tem vinte e um! Vá ficar bêbado ou algo assim.

— Por que todo mundo me diz para ir ficar bêbado? — Eu bufo. Mesmo antes da faculdade, os caras com quem eu jogava tentavam me convencer a beber com eles. Nunca me interessei. A maioria dos caras mantinha uma cerveja ou uma dose depois de um jogo até o final da temporada, então eles levavam uma surra.

— Uh, talvez seja um sinal de que você precisa relaxar e viver um pouco? — A atitude transmitida por este telefone é palpável. — Você é meio que um workaholic pretensioso. Então, fique bêbado e transe. Aposto que vai te deixar muito mais legal.

— Que porra é essa, Lil? Minha *irmãzinha* não precisa pensar na minha vida sexual —. Eu latido. Uma coisa é os caras no vestiário me dizerem que estou sendo um idiota e ir transar, outra totalmente diferente é minha irmã dizer isso.

Ela suspira. — Tem aquele idiota pretensioso que eu conheço. Sério, relaxe e tome uma bebida.

— Faz sentido você me ligar ou vai apenas me xingar?

Eu me certifico de que minha voz não revele a diversão que ameaça me fazer sorrir. Eu gosto de suas brincadeiras, sua espinha dorsal. Fico feliz por

ela não ter medo de mim, por ainda estar despreocupada. Apesar de perder nossa mãe quando ela era muito jovem, a feiúra de nosso pai não a maculou. Eu carreguei tudo em meus ombros para protegê-la.

— Eu só liguei para dizer para você pegar leve com você pela primeira vez, mas eu tenho que ir agora. Alguns de nós estão tendo uma noite de cinema. Mais tarde! — Ela desliga antes que eu possa responder. Deslizo meu telefone de volta para o balcão, termino de me despir e entro no chuveiro.

O vapor está saindo da cabine quando abro a cortina e entro. A água quente queima minha pele, deixando-a rosa quando a deixo correr sobre mim. Fecho meus olhos novamente e me permito relaxar e pensar no jogo. Para Jeremy em minhas roupas, como minhas calças lhe caem bem.

Meu pau se anima, querendo um pedaço do meu maldito colega de quarto.

Com imagens dele sendo fodido nos chuveiros do time passando na minha cabeça como um filme, eu me acaricio. Seus olhos encontraram os meus, indefesos, mas com muito medo de dizer qualquer coisa, então ele pegou e não pôde deixar de gozar. Para mim.

Quando entrei, ele estava meio duro na melhor das hipóteses. Brendon não sabe como lidar com ele. É tão dolorosamente óbvio que ele quer ser maltratado, forçado, dominado. Chama uma parte de mim que raramente deixo escapar. Eu gosto de controle. Não me importo de infligir um pouco de dor se for desejado, forçar os limites me tira do sério. Pegando o que eu quero e sabendo que quando ele luta, ele quer que eu o force. Ele gozou tão rápido uma vez que me viu olhando para ele pela primeira vez, batendo uma punheta ao vê-lo saindo sendo observado. O menino estava desconfortável e isso me deixou quente também.

Minha respiração aumenta conforme as imagens mudam para ele olhando para mim enquanto eu o masturbo. Irritado, inseguro, excitado. Era sexy pra caralho vê-lo lutar para aceitá-lo, então ceder e deixar acontecer. Aquele momento de rendição é inebriante. Eu quero muito mais disso.

Estou dolorosamente duro, minhas bolas cheias e pesadas com a necessidade de gozar enquanto eu golpeio mais rápido e mais forte, perseguindo o orgasmo crescendo em meu corpo. O gemido que Jeremy fez quando ele veio para mim toca na minha cabeça como eu nunca ouvi antes e meu próprio orgasmo cai sobre mim, derramando esperma na parede e no chão do chuveiro. Meus músculos do estômago se contraem quando eu empurro meus quadris contra a minha mão.

Porra, eu precisava disso.

Deixo-me ficar na água mais alguns minutos antes de lavar o suor do jogo e desligar a água. No momento em que estou vestido com jeans e uma camiseta e saio do banheiro, meu colega de quarto não está em lugar nenhum. Uma pontada de decepção me atinge bem no peito, mas me recuso a pensar nisso. Ele provavelmente está no restaurante jantando. Pego minha carteira, telefone e chave do quarto e desço as escadas para comer também.

Acontece que há alguma convenção acontecendo neste fim de semana, então com a equipe toda aqui tentando comer, não há mesas abertas.

— Boa noite, só você esta noite? — A sedutora anfitriã loira toda de preto com um rabo de cavalo alto sorri para mim.

— Sim.

— Estamos ocupados esta noite, então há uma lista de espera. Posso obter um nome?

Eu aperto minha mandíbula e solto um suspiro.

— Preston.

Espero ser sentado ao lado do anfitrião, ficando de lado.

— Carmichael! — Eu me viro para a sala de jantar, procurando por quem chamou meu nome. Brendon está me levando para uma mesa com Paul e Jeremy. Meu pau estremece com a simples ideia de estar perto dele depois do que acabei de fazer lá em cima. Eu odeio que eu o queira tanto quanto eu.

Respiro fundo e solto o ar lentamente. Talvez eu devesse seguir o conselho da minha irmã e tentar relaxar, até me divertir um pouco.

Contra o meu melhor julgamento, eu me aproximo da mesa. Parece que eles não estão aqui há muito tempo, pois só bebem.

— Ei cara, sente-se. — Brendon aponta para a cadeira vazia com o copo de cerveja na mão.

Paul olha para Jeremy sentado ao lado da cadeira vazia e eu decido sentar com base apenas na expressão estranha que eles compartilham.

— Ainda não pedimos, você quer uma bebida? — Brendon procura a garçonete e quando faz contato visual com ela, levanta o copo.

— A cerveja está cheia de calorias vazias. — Eu digo a ele.

— Uau. Obrigado por se juntar à festa, Buzz Killer[10]. — Paul zomba, levando sua própria cerveja aos lábios.

— Talvez se você quiser aumentar seu desempenho no gelo, você deve beber um White Claw. — Meus olhos perfuram os dele até que ele fica desconfortável e desvia o olhar.

A garçonete aparece ao meu lado e sorri para mim.

— O que posso pegar para você beber?

— Água é bom.

[10] Alguém que estraga os sentimentos de excitação, prazer das pessoas.

Meu telefone vibra, então eu o tiro do bolso para ver se Lily precisa de alguma coisa.

Querido papai: Boa noite, fomos um pouco desleixados no primeiro período. Essa raiva no segundo vai ser um problema que vou corrigir se você não conseguir controlá-la. Já que você não veio aqui para remover as suturas, deve tê-las feito você mesmo. Parece que a correção está em ordem, Charles. Me mande uma foto para eu saber que você não estragou meu trabalho.

Minha mandíbula dói e meu abdômen se contrai quando o medo da *correção* me atinge. Ele não está aqui e não vem me buscar, mas a adrenalina não sabe disso. Durante a última grande correção, ele teve que me conectar a uma linha intravenosa para fluidos e um gotejamento de cafeína porque eu estava caindo no sono e ficando desidratado.

— Ok, posso pegar isso para você. Vocês estão prontos para fazer o pedido? A voz animada da garçonete quebra o domínio que minha memória tem sobre mim.

Todos eles pedem hambúrgueres de queijo com bacon e batatas fritas, enquanto eu peço salmão grelhado, arroz selvagem e brócolis cozido no vapor. Eu não seguro meu olhar de desgosto em sua ordem.

— Devagar lá, festeiro. — Brendon ri.

— Se você fosse inteligente, teria uma dieta rigorosa agora. Eles não esperam nada menos na NHL.

— Shots. Precisamos de shots e eles são baixos em calorias, então você vai ficar bem, — Jeremy diz, dirigindo-se ao bar para pedir as bebidas, balançando a cabeça enquanto sai da mesa.

Verdade seja dita, não tenho muita experiência com álcool. Meu pai não permitiu e eu não queria tanto arriscar que ele descobrisse. Eu nunca estive realmente livre dele, sua presença pairando sobre mim a cada passo. Eu fico algumas noites longe de seu alcance para jogos fora de casa, mas é isso. Cada jogo em casa ele está lá, certificando-se de que eu não estrague tudo e precise de *correção.* Ele até mora perto do campus caso precise intervir durante a semana.

Brendon e Paul discutem algo em seu lado da mesa que eu não presto atenção. Estou examinando a sala, procurando meu pai, apesar de saber que ele não está aqui. Não gosto de ficar no meio da sala de costas para a porta. Isso me deixa aberto para ele deslizar atrás de mim sem aviso prévio.

Meu telefone vibra no meu bolso, então eu o pego e verifico a tela. Querido papai.

— Com licença, — eu me levanto da mesa e aceito a ligação enquanto saio do restaurante. Minha coluna está reta como se fosse para a guerra. Estou travando *uma* batalha, mas é psicológica.

— Charles, você esteve fora da cidade por apenas um dia e já acha que pode me ignorar? — Meu pai usando meu primeiro nome me deixa tenso. Odeio ser chamado de Charles. Ele e seus amigos da alta sociedade são as únicas pessoas a usar esse nome.

— Estou jantando com a equipe, não posso exatamente tirar minhas roupas e enviar uma foto para você neste segundo. — Eu sei que estraguei tudo no instante em que as palavras saíram da minha boca. Respiro fundo para acalmar meu temperamento.

— Você vai tomar cuidado com o seu tom quando falar comigo, seu merdinha desrespeitoso. Eu possuo você. Posso tirar você dessa escola e desse time, tão rápido que sua cabeça vai girar.

A raiva fria enche meus ouvidos e meu coração começa a bater forte. Se eu estivesse na frente dele agora, na cobertura, aprenderia uma lição sobre respeitar os mais velhos.

Eu ando pelo saguão em busca de algo a ver com a energia que corre através de mim. Eu examino os rostos de todos que passam pela minha linha de visão, apenas no caso de o rosto que se parece com o meu aparecer. Não seria a primeira vez que ele apareceria em algum lugar que eu não esperava.

A saliva na minha boca seca, uma reação à falta de hidratação que ele me obriga a suportar regularmente durante a *correção.*

— Você não tem nada a dizer por si mesmo, Charles? Você precisa voltar para casa tão cedo? Eu esperava que, a essa altura, você controlasse melhor esse maldito temperamento, — ele retruca. — Ou talvez, Lillian gostaria de ir ver um de seus jogos em casa.

O medo corre pelo meu corpo, congelando o sangue em minhas veias. Um bloco de gelo enche meu estômago com a implicação dele colocando as mãos na minha irmã. Passei a maior parte da vida dela protegendo-a dele, não vou *falhar* agora.

— Não! — Eu quase grito a palavra antes de me forçar a pressionar minhas costas contra a parede, fechar os olhos e respirar fundo. A sensação de estar sendo observada me dá um arrepio na espinha. — Estou cansado e com fome. Eu não queria descontar em você. Peço desculpas. — As palavras que eu disse tantas vezes caem de meus lábios. Eu poderia recitá-los na porra do meu sono neste momento.

— Faça melhor. Pare de ser uma vergonha para esta família.

— Sim senhor. — Minha cabeça bate na parede enquanto murmuro as palavras. Ela está a salvo dele, isso é tudo que importa.

— Mande uma foto hoje à noite ou haverá um inferno para pagar amanhã.

O telefone fica mudo e o alívio faz meus joelhos dobrarem.

Um arrepio sobe pela minha espinha com a memória da música explodindo em meus ouvidos e a eletricidade disparando pelo meu corpo quando ele me acordava com um choque.

Meu coração bate forte em meus ouvidos e meu corpo coça para fugir, mas não estou em perigo agora. Estou bem.

Respirar.

Dentro. Aguarde. Fora. Liberar.

Repetidamente, repito o padrão de respiração até que o aperto em meu peito relaxe e meu corpo não esteja mais pronto para lutar por minha vida. Quando estou calmo, vou para o banheiro e dou sorte quando há uma cabine aberta sob uma luz. Rapidamente, tiro o braço da camisa, tiro uma foto da incisão mais recente e envio para meu pai. Estou com o braço enfiado na manga e estou saindo da sala antes que seja enviado.

Não aguento mais estar em público. A porra do meu pai arruinou outra noite para mim. Estou muito nervoso, mas sei que correr agora não vai ajudar. Tudo que eu preciso é dormir. Eu nem preciso mais de comida.

Talvez Lily esteja certa e eu deva tomar alguns drinques.

Voltando para o restaurante, vejo a garçonete servindo nossa mesa caminhando em minha direção e eu a interrompo levantando um dedo.

— Está tudo bem, senhor? — ela pergunta, agradavelmente. Por cima do ombro dela, posso ver a mesa e no meu lugar estão dois copos cheios. Perfeito.

— Você pode ter minha refeição embalada e enviada com o cara ao lado de quem eu estava sentado?

— É claro.

Eu aceno para ela e caminho até a mesa.

Agarrando os dois shots, atiro um de volta, engulo, em seguida, bato de volta o segundo.

— Foda-se, sim! — Brendon grita.

Eu tusso com a queimação forte, pegando minha água e tomando um longo gole, em seguida, batendo-a sobre a mesa. Um calor que eu não esperava se espalha pelo meu estômago até que todo o meu abdômen esteja solto com ele. Nunca senti nada parecido, mas é reconfortante, como um abraço, mas ninguém está me tocando.

— Vou voltar para o meu quarto. Noite. — Por apenas um segundo, meus olhos encontram os de Jeremy, surpresa e confusão guerreando em seu rosto. Sei que a máscara fechada que costumo usar se foi, expondo o quão cru e frustrado estou. Não tem como cobrir isso agora, tenho que me proteger.

Não paro para contemplar nada disso. Não devo a ele nem a ninguém uma explicação.

CAPÍTULO ONZE

JEREMY

— QUE PORRA FOI ESSA? — Paul pergunta, olhando para as costas do meu colega de quarto.

— Eu não tenho ideia, mas isso foi muito estranho —, murmuro, mastigando uma batata frita enquanto também assisto Preston sair. De quem diabos foi essa ligação? O que eles disseram a ele? Ele parecia dilacerado, quase vulnerável.

Nossa garçonete aparece com uma caixa para viagem e começa a colocar a comida de Preston nela.

— Uh, o que está acontecendo? — Brendon pergunta a ela, lançando seu olhar para mim como se eu tivesse uma maldita resposta.

— O homem que estava sentado aqui me pediu para embalar sua refeição e enviá-la com você. — Ela olha para mim. — Tudo bem? — Suas mãos param de se mover, pairando no ar.

— Ah com certeza. Isso é bom.

Ela termina e fecha a caixa de marisco.

— Isso está sendo cobrado em seus quartos?

Depois de dar a ela as informações do nosso quarto, pego o jantar de Preston e nos levantamos.

— Estou pegando outra bebida, — Paul anuncia.

— Vou me juntar a você, — Brendon dá um passo para trás em direção ao bar.

— Vou levar o jantar a sua alteza real.— Eu movimento por cima do meu ombro com o meu polegar.

— Mais tarde —, diz Paul por cima do ombro. Brendon faz uma pausa e me segue em direção ao elevador.

— Eu pensei que você estava pegando uma bebida? — Eu levanto uma sobrancelha para ele.

Ele se mexe desconfortavelmente, olhando ao nosso redor.

— Você quer brincar primeiro? Podemos ser rápidos.

Merda.

Desconforto flutua em meu estômago. Não quero ferir seus sentimentos, mas realmente não estou mais interessado. Para ser sincero comigo mesmo, não me interesso há algum tempo, mas ele foi conveniente. Isso é uma merda, mas é a verdade.

— Estou cansado, só vou para a cama. — Eu tento dar a ele um sorriso tranquilizador, mas tenho certeza que ele pode ver através de mim.

— Claro, ok. Outra hora. — Ele dá de ombros como se não importasse, mas posso dizer pela rigidez de seus ombros que dói. Maldição.

O elevador apita e eu entro com Brendon caminhando em direção ao bar. Agora, não posso me preocupar com os sentimentos feridos de Brendon. Não tenho ideia do que estou prestes a encontrar. Preston comeu alguma coisa desde o jogo? Se não, ele sabe que a bebida vai atingi-lo como um trem de carga?

Quando chego ao meu andar, estou preocupado.

Abrindo a porta com meu cartão-chave, não tenho certeza do que esperar, mas Preston deitado de braços abertos no canto da cama com os pés no chão, não é.

Ele levanta a cabeça e olha para mim por um segundo antes de abaixar a cabeça.

— Ei cara, você está bem? — Eu me aproximo dele, colocando a comida na cômoda e lentamente me aproximando da cama.

— Eu odeio quartos de hotel. As camas não estão encostadas na parede.

Ele suspira pesadamente, como se isso fosse um grande inconveniente.

Não foi isso que perguntei, mas tudo bem. Agora que ele mencionou isso, acho que nunca vi um quarto de hotel com camas empurradas para um canto.

— Quem ligou para você?

— Não importa. — Seus olhos estão fechados, mas um lado de sua boca perfeitamente beijável se ergue em um meio sorriso. — Ela está em um internato em Nova York. Ela está segura lá.

— Quem está a salvo de quê?

Ele começa a cantarolar uma melodia suave e calmante que nunca ouvi antes.

— Você bebeu mais depois que saiu? Você comeu alguma coisa? Ele está fodidamente perdido. Estou preocupado com uma ruptura mental aqui.

— Hmmm? — Ele ergue as sobrancelhas, mas não abre os olhos. Ele está bêbado? Como ele ficou tão bêbado com duas doses de Jack?

Eu rapidamente examino a sala procurando por outra bebida, mini garrafa, qualquer coisa, mas não vejo daqui.

— Quando você comeu pela última vez? — Eu passo entre seus joelhos e alcanço seus braços para puxá-lo para uma posição sentada. Ele sibila e se afasta de mim, empurrando minhas mãos.

— Não me toque.

Como alguém que pratica um esporte de contato total não gosta de ser tocado? As almofadas fazem tanta diferença? Ou é só eu que ele não quer tocá-lo?

— Você tem que sentar e comer, — digo a ele, pegando sua mão desta vez. Ele entrelaça seus dedos nos meus e segura minha mão. O movimento me faz congelar. O que diabos é isso?

Ele não quer ser tocado, mas quer segurar minha mão?

Eu fico lá em meu constrangimento e deixo que ele segure minha mão na dele enquanto meu coração bate desconfortavelmente no meu peito.

Menos de um minuto depois, ele está dormindo e roncando levemente.

Jesus. Que bagunça esse cara é.

Eu cuidadosamente coloco sua mão na cama e me ajoelho no chão para tirar seus sapatos. Por que continuo fazendo isso por ele? Ele nunca é legal com ninguém, por que continuo tentando cuidar dele?

Porque ele está quebrado, você só não sabe o quanto ainda.

Já que ele está esparramado em cima dos cobertores, eu puxo um da minha cama para jogar sobre ele. Ele não se move. Tenho a sensação de que era exatamente disso que ele precisava esta noite.

Eu me preparo para dormir e ligo nossos telefones para carregar. Sua tela se acende, mostrando uma prévia de uma mensagem de texto de *Querido papai*. Ele teria seu pai salvo em seu telefone dessa maneira ou ele é muito mais excêntrico do que eu pensava?

Querido papai: Você é um merda. Sua mãe choraria se visse seu...

A mensagem é interrompida, mas não preciso ver tudo para saber que não é agradável. Jesus. Não sei se espero que seja uma merda excêntrica ou não. Se esse é o pai de verdade, que tipo de pai fala assim com o filho? Não é de

admirar que ele se esforce tanto. Ele não é bom o suficiente para seu pai famoso.

Adormeço pensando na vida de Charles Preston Carmichael. Todo mundo pensa que ele é um garoto rico e mimado, mas talvez a grama não seja mais verde só porque sua família tem dinheiro.

Na manhã seguinte, sou acordado pelo toque de uma ligação do Facetime.

O que diabos está acontecendo? É muito cedo para isso.

Alcançando meu telefone, pego o filho da puta e atendo sem olhar.

— Que porra você quer?

— Hum. Quem é você e por que está com o telefone do meu irmão? — Não sei de quem é essa voz, mas não é da minha irmã. — OMG Pres realmente saiu e transou ontem à noite ou você é um namorado que ele está escondendo de mim? — Essa garota está falando maluco em qualquer hora que seja.

Esfrego a mão no rosto e esfrego os olhos antes de olhar para a tela do telefone.

— Sobre o que você está tagarelando?

— Onde está Preston? — Ela pronuncia cada palavra como se eu fosse um idiota. Uma garota de cabelos escuros com olhos cinza claro e um grande sorriso preenche o telefone. Definitivamente não é minha irmã, mas há semelhança suficiente para que não seja difícil descobrir que ela é irmã de Preston. — Bem, olá, cabeça sonolenta. Você não é adorável?

— Eu não sei, porra. Ele estava bêbado e desmaiado da última vez que o vi. A garota grita quando me sento e olho para a outra cama. Preston está de bruços no travesseiro com o cobertor da minha cama bem enrolado em volta dele.

— Ei, sua irmã está ligando. — Ele não se mexe.

— Não, tudo bem! Diga a ele para me ligar mais tarde. Estou tão feliz que ele tem um namorado para ajudá-lo a relaxar.

A videochamada termina, deixando-me confuso, mas cansado demais para me importar. Deito-me e volto a dormir.

Às oito da manhã, o despertador de nossa equipe começa com uma batida forte na porta do quarto do hotel.

— Sim —, eu grito na porta para fazer quem quer que seja, provavelmente Carpenter, pare de bater nela. Abrindo meus olhos, eu rolo minha cabeça em direção à outra cama e encontro Preston puxando a mesa de cabeceira para longe da parede.

— O que você está fazendo? — Eu me levanto em um cotovelo, de frente para ele.

— Não consigo encontrar meu telefone.

Um telefone toca atrás de mim e nós dois olhamos para ver de onde veio.

— Você tem meu telefone? — Preston sobe em cima de mim para levantar os travesseiros e puxar os cobertores, encontrando-o emaranhado no lençol, irritação clara em seus movimentos determinados e espasmódicos. — Que porra é essa? Por que você tem isso? — Ele se senta em suas canelas com ele na mão e olha para mim.

Por que está na minha cama?

— Oh! sua irmã fez uma videochamada para você esta manhã, mas você estava desmaiado. Acho que adormeci com ele na mão.

Eu dou de ombros e me sento, encostado na cabeceira da cama.

Agora ele está furioso, tremendo de raiva, meio louco.

— Você falou com minha irmã? — As palavras são tão baixas que quase não as ouço. Meu corpo se prepara para uma luta. A qualquer minuto Preston vai me atacar, eu posso sentir isso.

— Não percebi que era o seu telefone quando atendi. — Eu digo com cuidado. Eu realmente não quero lutar contra esse grande bastardo, mas vou se ele começar.

Mais rápido do que eu imaginei que ele poderia se mover na manhã depois de beber, ele jogou uma perna sobre a minha e escarranchou meu colo, inclinando seu antebraço contra minha garganta e baixando a cabeça até que nossos narizes estivessem quase se tocando.

Minhas mãos vêm para bloqueá-lo, mas eu sou muito lento.

Meu batimento cardíaco disparou, calor florescendo sobre minha pele enquanto antecipação, medo e luxúria lutam dentro de mim. Eu levanto minhas mãos para empurrar seu peito, tentando obter uma distância muito necessária, meus dedos segurando sua camiseta no caso de eu precisar de uma alavanca.

— Não me toque! — Preston rosna, arrancando minhas mãos dele.

— É você quem está *sentado* em cima de mim! Dê o fora de mim!

Raiva e confusão queimam meu sangue. Estou cansado de sua merda. Ele não pode simplesmente me agarrar e esperar que eu não me proteja. Não é assim que funciona.

Seu peito está arfando enquanto ele olha para mim. Eu não me deixo desviar o olhar, apesar de uma pequena parte de mim querer.

É interessante vê-lo controlar-se de volta, puxar a raiva para trás e deslizar aquela máscara indiferente de volta sobre o rosto. Suas mãos tremem e sua

coluna se endireita. O fato de que ele pode parecer completamente indiferente, mas superior, enquanto monta em mim é estranho pra caralho.

— O que você disse a ela? O que ela te disse? — Sua voz é calma, mas severa quando ele fala novamente. Ele está descansando as mãos espalmadas nas coxas, movendo-as um pouco para frente e para trás. Quase como um movimento subconsciente.

— Ela perguntou se você saiu e transou, me chamou de seu namorado e disse que estava feliz por você ter me ajudado a relaxar. — Um de seus olhos se contrai com minhas palavras, mas essa é a única reação que ele dá. — Ah, e ela quer que você ligue de volta.

Há uma batalha interna que ele está travando enquanto está sentado em minhas coxas, mal esfregando as palmas das mãos nas pernas. Ele não diz nada e mesmo que seus olhos estejam em mim, seu olhar está desfocado, como se ele não estivesse me vendo. Ele está tendo algum tipo de ataque de pânico? O que diabos está acontecendo agora?

— Hey, — eu digo suavemente, lentamente movendo minha mão para a dele. No segundo em que minha pele toca a dele, ele pisca. — Você está bem?

Suas sobrancelhas se juntam em confusão antes de ele sair de cima de mim e ir para o banheiro.

Que porra foi essa?

CAPÍTULO DOZE
PRESTON

A PORTA DO BANHEIRO SE FECHA atrás de mim com um clique. Deixo a luz apagada mesmo que esteja escuro pra caralho aqui. Minha cabeça está latejando e meu estômago está revirando. Depois do meu jantar consistindo em duas doses seguidas de nada mais, meu corpo não está feliz. Sem mencionar os dois shots adicionais que roubei de um companheiro de equipe zumbido indo para seu quarto com uma bandeja de bebidas.

Aparentemente, beber me relaxa o suficiente para ser amigável com outras pessoas. Não foi minha melhor decisão, mas dormi melhor ontem à noite do que em meses, então é isso.

Eu bato no meu telefone e me encolho com o brilho da tela. Depois de recusar, ligo para Lily.

— Ei, festeiro. Divirta-se? Está de ressaca? — Seu sorriso conhecedor me irrita, mas tento não demonstrar. — Seu namorado é fofo.

— Ele é meu colega de quarto. — Eu resmungo.

— Então por que ele estava atendendo seu telefone às quatro e meia da manhã? — Ela ri como se não acreditasse em mim.

— Eu não faço ideia. — Eu esfrego minha testa, a maldita coisa que não desiste do solo de bateria que está acontecendo. — Por que você me ligou tão cedo? Tudo certo?

Sento-me na beirada da banheira e fecho os olhos.

— Papai me disse que posso sair para ver um jogo nesta temporada! Mal posso esperar! — Seu grito animado machuca minha cabeça e afunda uma pedra no meu estômago.

Porra.

Maldição.

Não.

Meu cérebro lento começa a girar com tudo o que isso significa. A dor que virá em minha direção para protegê-la. Como vou esconder tudo dela? Não posso deixá-la viver com a culpa de saber o que tenho feito para mantê-la segura.

— Quando? — Minha voz falha um pouco na palavra.

— Ainda não sei, mas mal posso esperar para te ver! Faz *muito* tempo desde que eu vi você jogar!

Ela saltita em sua excitação, o movimento me dando enjoo. Eu odeio não poder fingir estar mais feliz e ela pode ver isso quando olha para mim.

Um sorriso levanta um pouco os cantos da minha boca, mas não consigo dar a ela um sorriso completo.

— Você sabe que eu vou voar com você a qualquer hora que você quiser vir, você não precisa esperar por ele. — Eu já disse a ela tantas vezes. Ela está ocupada fazendo um monte de merda na escola, mas se ela quiser vir aqui, eu farei acontecer.

— Eu sei, mas isso é um monte de merda extra para você lidar. É mais fácil se eu ficar com o papai. — Ela dá de ombros.

— Não! — Eu me forço a respirar fundo depois de dizer a palavra para ela. — Não, vou arranjar um quarto de hotel para você. Não fique com ele.

Toda a emoção de um segundo atrás se foi em um instante. Seu rosto fica neutro e ela fica quieta.

Maldição. Eu me forço a respirar fundo. Eu estraguei tudo? Vou perdê-la também? Falhei em protegê-la?

— Ok —, a emoção deixou seu rosto e é minha culpa. Porra.

Abro a boca para dizer algo quando Jeremy bate na porta do banheiro.

— Merda, eu tenho que ir, Lil. Falo com você mais tarde.

— Sim, mais tarde. — Ela desliga a ligação e eu me sinto uma merda. Ela é a única que devo proteger e estou fodendo tudo.

Levantando-me do chão, abro a porta para ver Jeremy parado no corredor com uma garrafa de água e alguns comprimidos.

— Ibuprofeno e hidrato —, ele me diz, entregando-os. — Você também precisa comer. — Ele enfia a mão no bolso e tira uma barra de granola de aveia, entregando-a para mim também. Sem esperar por uma resposta, ele se vira para o quarto e começa a tirar a calça do pijama e vasculhar a mochila.

Virar-se. Pare de vê-lo mudar. Você não pode se dar ao luxo de outra distração agora, você está quase terminando com seu pai.

Ele me pega olhando para sua bunda quando ele puxa seu jeans para cima. Jeremy congela com o cós da calça sob a bunda, levantando os músculos apenas o suficiente para ser atraente. Eu não posso me virar.

Lentamente, ele começa a se mover, deslizando o jeans para cima até que fique aberto em seus quadris. O bastardo se vira para mim, mostrando os planos rígidos de seu corpo e a faixa de sua cueca boxer baixa no zíper aberto.

Meu pau engrossa no jeans que não tirei ontem à noite.

Jeremy faz questão de olhar para minha virilha, levanta uma sobrancelha, então encontra meus olhos.

— Então... você transa com caras também, ou apenas olha para eles como se quisesse? — Sua pergunta me tira de qualquer transe estranho em que seu corpo me colocou. Eu não respondo a pergunta porque, ambos? Pego minha bolsa no armário e volto para o banheiro, onde não preciso olhar para o rosto dele e lembrar como ele se sentiu bem debaixo de mim.

Fechando a porta, eu a tranco desta vez, apenas no caso, e tiro minhas roupas. Onde diabos estão meus sapatos? Maldição!

Encontro roupas limpas para vestir e pego as sujas, enfiando-as na bolsa. Ao sair do banheiro, deixo minha mochila na porta de entrada do quarto e olho em volta. Deitados na minha cama estão meus sapatos e o terno que Jeremy usou ontem à noite.

Jeremy fecha a bolsa e me observa passar por ele. Posso sentir seu olhar em mim como uma carícia física. Eu amo e odeio. A ideia de Jeremy me tocando é quase inebriante. Parte de mim anseia por contato humano, mas, na realidade, não suporto que ninguém toque meu corpo. Braços e mãos estão bem, e às vezes uma escova nas pernas, mas meu torso está absolutamente fora dos limites.

Não sinto uma mão reconfortante desde que minha mãe morreu. Minha irmã teve mais sorte do que eu, especialmente naqueles primeiros dias. Eu cuidei dela, ajudei-a com os pesadelos e suas lágrimas, mas nunca deixei que ela me visse quebrar. Seu pequeno cérebro de cinco anos não tinha idade suficiente para me confortar.

Certifico-me de que minha bolsa de roupas está pronta, sentindo o cheiro da colônia masculina picante e amadeirada de Jeremy enquanto fecho a bolsa, colocando-a sobre minha mochila.

— Pronto? — Jeremy pergunta, chegando muito perto de mim. Meu corpo fica tenso com a proximidade. O cheiro de sua colônia me faz pensar em sexo e é óbvio que ele borrifou enquanto eu estava me trocando.

Eu cerro os dentes e pego minhas coisas, em seguida, abro a porta do nosso quarto. Ele me segue até o corredor, outros membros da equipe lotando o espaço. Eles se mantêm longe de mim, pelo que sou grato. Não sei se é a porra da minha cara ou o quê, mas não me importo, desde que ninguém bata em mim.

Assim que entramos no ônibus, todos se acomodam com seus amigos normais e coloco meus AirPods para ignorar o barulho ao meu redor. Eu sempre sento na fila de trás do ônibus, mas os outros mudam de posição algumas vezes. Desta vez, Jeremy e Brendon acabam na fila na minha frente.

Respiro fundo e fecho os olhos, recostando-me no assento e percebo que o latejar na minha cabeça diminuiu graças ao ibuprofeno e à água. Tento fechar os olhos e relaxar, mas há muita coisa acontecendo ao meu redor. Estou acostumado com todo esse barulho, é sempre assim quando viajamos em jogos fora de casa, mas algo está diferente agora. Algo está me dizendo que estou em perigo, preste atenção.

Todo mundo o odeia.

Você nunca será capaz de salvar Lily.

Você é um fracasso e todo mundo sabe disso.

Os caras se movem em torno de mim, alguns caras deslizando para os assentos do outro lado do corredor de mim. Eles acenam para mim, mas não tentam falar comigo. A essa altura, todo mundo sabe que não estou interessado em conversa fiada. Ou qualquer conversa.

Essas viagens de ônibus são uma tortura. Os assentos não são feitos para atletas e os ônibus estão sempre lotados conosco, os treinadores e o staff da equipe. Sem espaço para as pernas, sem espaço para os cotovelos, apenas embalados aqui como sardinhas. Eu odeio isso.

Paul sobe no ônibus e se concentra em Jeremy e Brendon. Depois de uma rápida olhada ao redor, vendo que o único espaço vazio está entre mim e a janela, ele faz uma careta no caminho de volta para cá.

— Ei, posso sentar aqui? — Ele parece tão feliz com isso quanto eu me sinto. Meu joelho começa a balançar, mas minha expressão não muda.

Não. Você não pode me tocar.

Pelo canto do olho, noto Jeremy de pé. Todo mundo se vira para assistir Brendon saindo do caminho para deixar Jeremy sair.

— Paul, sente-se no meu lugar. Eu preciso estudar de qualquer maneira.

Paul olha para Brendon, que parece chateado com o maxilar cerrado e os ombros rígidos. Ele desliza para o assento e Brendon olha para mim como se ele pudesse me intimidar. Hilário. Esse garoto acha que ele é assustador? Nem uma porra de chance.

Eu me levanto e me movo para dar espaço para Jeremy passar por mim. Quando a frente de seu corpo roça no meu, não acho mais nada engraçado. Cada músculo do meu corpo fica tenso e revoltado, arrepios surgindo em cada centímetro de pele. Meu pau se contrai quando o quadril de Jeremy empurra contra ele.

Eu cerro os dentes para ficar parado e não mostrar nenhuma reação.

Ele se senta, encostado na janela, e começa a mexer no celular. Um fone de ouvido está em seu ouvido e ele sorri para o telefone.

Deixando-me cair no assento, tento evitar que meu corpo pressione contra o dele. Sua colônia sensual pega no meu nariz, e eu tenho que me esforçar para não enterrar meu rosto em seu pescoço.

Qual seria a sensação de ser abraçado por alguém? Para inalá-los, suas mãos correndo pelo meu cabelo enquanto deitávamos na cama, pressionados juntos. Eu quero tanto que dói.

Mas o menor toque na minha pele revira meu estômago. Meu coração quer, mas minha mente não aguenta.

Eu quero, mas dói. Pele na minha pele revira meu estômago, mas meu coração quer ser consolado.

— Eu juro, Stacy, se você não me deixar falar com meu bebê, eu vou te empurrar escada abaixo na próxima vez que eu estiver em casa. — Jeremy olha para o telefone, mas a postura relaxada me diz que ele não está realmente chateado.

— Você pode tê-la carregado ou algo assim, mas ela é meu bebê. — Ele revira os olhos e começa a choramingar como uma criança. — Deixe-me falar com Ella!

Eu olho para a tela dele e vejo um rosto de bebê com bochechas rechonchudas preencher a tela com um grande sorriso. Ela tem cabelos loiros claros encaracolados e olhos grandes, mas não consigo ver a cor deles do meu ângulo.

— Essa é a minha garota! — Todo o rosto de Jeremy se ilumina. — Ei, amor, o que você vai fazer hoje? — Ele presta muita atenção a tudo o que ela está balbuciando para ele. A menina não pode ter dois anos. Bebês tão jovens podem falar?

Essa é a filha dele? Nunca ouvi ninguém mencionar que ele tem um filho. Não há fotos em nosso quarto de um.

Você nunca amará ninguém tanto quanto ele ama aquela garotinha. Você está fodidamente quebrado. Quem vai querer sua bunda quebrada? Lidar com suas besteiras não vale a pena.

Você não é digno de amor assim.

Fecho os olhos, cruzo os braços sobre o peito e respiro fundo, aumentando o volume dos AirPods para abafar a voz de Jeremy.

Eu só tenho que chegar a este verão, então eu posso dizer ao papai para se foder. Ele não pode me controlar quando Lily for adulta.

A coxa de Jeremy pressiona contra a minha, do quadril ao joelho. Eu me recuso a abrir os olhos e olhar para ele. Não sei se ele está fazendo isso de propósito para obter uma reação minha ou não, mas não estou mordendo a isca.

Continue dizendo a si mesmo que você odeia isso.

Que você não sente vontade de tocá-lo.

Forçando meus ombros a relaxar, eu afrouxo minha mandíbula e solto meus braços, correndo minhas palmas sobre as minhas coxas. É um dos poucos auto confortos que tenho.

Meu corpo coça para se mover, para correr. Eu tenho muita energia. Desde que desmaiei ontem à noite, não programei meu alarme para esta manhã para me exercitar antes de entrar no ônibus. Eu odeio perder essa corrida. Isso me acalma, limpa as besteiras do meu cérebro.

Um dedo toca meu mindinho. Meus olhos se abrem e minha cabeça se volta para Jeremy. Meu corpo está tenso mais uma vez, mas minhas mãos pararam de se mover. O que diabos ele está fazendo?

A chamada de vídeo em seu telefone terminou, agora ele está navegando pelas redes sociais. Apesar de não olhar para mim e parecer completamente alheio ao que está acontecendo na minha cabeça, ele engancha o dedo no meu.

Ele murmura algo que não ouço por causa da música em meus ouvidos, mas parece como “Peguei você.”

Meu olhar cai para nossas mãos, odiando o quanto eu gosto disso. Odiando o quanto eu quero pressionar nossas palmas juntas, entrelaçar nossos dedos, esfregar meu rosto nas costas de sua mão.

Por apenas um segundo, não há ninguém neste ônibus além de nós dois. Estou seguro.

Se eu olhar para ele, ele estará me observando ou fingindo que não está acontecendo?

Enrolo meu dedo no dele, testando a sensação. É estranho como meu coração bate na garganta com o pequeno toque. Eu olho de volta para o rosto de Jeremy para encontrá-lo me observando com o canto do olho. Sem julgamento, apenas conforto e talvez alguma hesitação. Mas por quê?

O feitiço é quebrado um segundo depois, quando uma boca barulhenta algumas fileiras à nossa frente ri, e posso ouvi-la sobre a música em meus ouvidos. Eu empurro minha mão para trás, mais uma vez cruzando meus braços sobre o peito e me movendo para que sua coxa não esteja mais contra mim.

Vai ser uma longa viagem de volta para a escola.

CAPÍTULO TREZE

JEREMY

DESDE O SEGUNDO EM QUE A porra do alarme tocou às quatro da manhã, Preston tem sido um idiota. Acender luzes, fechar gavetas e portas.

— Que diabo é a o seu problema? — Eu estalo, sentando-me na cama.

— Sua falta de compromisso com este time —, ele retruca, calçando os sapatos e amarrando-os.

— Seu pai literalmente pagou para você estar aqui, o que você sabe sobre dedicação? — Eu trabalho pra caramba para me dar ao luxo de estar aqui. Trabalhos de verão como treinador e trabalhos no campus durante a baixa temporada para pagar livros e coisas como meu celular, porque minha família não é feita de maldito dinheiro.

— Tenho acordado às quatro da manhã todos os dias desde os doze anos para treinar e treinar. Além da escola, após os treinos e jogos da escola, eu também tinha treinamento individual três dias por semana. Eu dediquei o dobro de horas que você desde que cheguei aqui. Ganhei meu lugar neste time, mas pelo menos alguns dos caras estão se destacando. Você, no entanto, ainda está reclamando como uma putinha porque *não quer.*

Ele sai furioso do nosso dormitório, batendo a porta atrás de si.

Balançando minhas pernas sobre a beirada da cama, eu me levanto e fumego. Eu odeio que ele esteja certo e eu deveria dedicar mais tempo. Conseguir mais tempo na academia não faria mal, mas foda-se ele. Ele não é melhor do que eu porque trabalha como um maníaco.

Quando abro a gaveta da cômoda para pegar alguns shorts de ginástica, minha porta se abre e Brendon entra.

Confuso, eu olho para ele, observando as roupas de ginástica e a garrafa de água em sua mão.

— Ei, o que você está fazendo acordado tão cedo? — Eu pergunto, puxando meu short. Brendon me observa, seus olhos hesitando na minha bunda.

— Paul e eu ouvimos a porta bater e vimos Carmichael correndo pelo corredor. Achei que devíamos ter certeza de que ele não tinha matado você.

Pego uma camisa e enfio os braços nela. Brendon dá um passo atrás de mim, espalhando a mão no meu estômago enquanto eu empurro a camisa sobre minha cabeça.

— Já faz um tempo —, ele murmura com os lábios contra o meu pescoço.

Desconforto vibra em meu estômago. Eu não posso mais fazer isso.

— Sim, realmente não tive tempo. — Eu dou de ombros, mas Brendon não entende a mensagem e pressiona seu pau contra a minha bunda.

— Temos tempo agora, — ele espalha beijos no meu pescoço.

— Paul está esperando por você, e eu deveria ir para a academia também.

Por favor, pare de insistir. Não quero estragar nossa amizade.

— Certo, claro. Ok. — Ele dá um passo para trás e eu pego meias e meus sapatos do pé da minha cama. — Nos vemos lá. — Ele acena com a cabeça e sai.

Solto um suspiro e termino de me arrumar. Em algum momento eu sei que tenho que dizer a ele que terminei nosso acordo, mas não vai ser uma conversa confortável. Eu gostaria que ele simplesmente deixasse para lá, mas assim como nas vezes que transamos, ele não está lendo a situação.

***

Quando o treino começa, estou cansado e pronto para dar um soco em Carmichael bem na porra do nariz perfeito.

— Jesus, porra, Cristo, Albrooke! O disco vai *na* rede! Não é de admirar que você seja a terceira linha!

Carmichael grita do outro lado do gelo enquanto eu erro outra tacada.

— Ei! — Oiler grita com ele, defendendo-me, mas sou só eu ou ele parece mais um namorado ciumento do que um companheiro de equipe? — Você também tem dias de folga, cabeça de pau.

— Quando foi o último? — Carmichael fica na cara dele. — Você já esqueceu que *eu coloquei* a gente no quadro no sábado? Vocês todos passaram metade da porra de um jogo sem nada! Pontuar não é meu trabalho!

O treinador apita e Oiler recua, murmurando algo baixinho que não entendo.

— Alinhem-se, rapazes. Acho que vamos passar o dia fazendo exercícios de passe! — Ele está chateado, seu latido ecoando nas arquibancadas vazias ao redor do rinque.

Ele dá instruções e nos separamos em duas linhas contra o goleiro. Os primeiros a subir somos eu e Johnson. Nós dois estragamos tudo de uma forma espetacular. Isso é uma merda séria de novato. Somos um show de merda.

— Você está brincando comigo? — Carmichael mais uma vez grita para todos ouvirem. — Quão difícil é passar para Johnson, Albrooke?! Junte suas coisas!

— Foda-se! — Eu grito com ele, vergonha de minhas deficiências gritadas na frente de todos, como se eu não estivesse ciente delas.

— Arrependido daquele cheeseburger com bacon agora? — ele joga de volta. Metade da equipe balança a cabeça, mas ninguém diz nada.

— Que porra é essa sua obsessão com o que eu como? — Eu patino em direção a ele, querendo bater nele com meu bastão, mas parando um pouco antes dele.

Carmichael se endireita em toda a sua altura para que ele possa olhar para mim.

— Todo *bom* atleta sabe que o que você alimenta seu corpo é importante. Toda aquela gordura e carboidratos que você come não fazem nada além de atrasá-lo.

A escavação atinge o alvo pretendido, minhas inseguranças.

— Eu entendo que você é a maldita criança de ouro de todo mundo, mas nem todo mundo quer ser você. Eu não quero jogar na NHL, então eu realmente não dou a mínima para o que *você* acha que eu deveria comer. Você é um companheiro de equipe de merda e quando você se for, isso é tudo que qualquer um neste time vai lembrar de você. — Eu o empurro enquanto ele sorri para mim, virando as costas para colocar alguma distância entre nós.

— Então por que você está aqui? Você está bem sendo medíocre? O que você quer fazer com toda essa experiência no hóquei, Albrooke? — ele chama atrás de mim.

— Com o que você se importa? — Eu retruco, girando para encará-lo. Humilhação queimando no meu estômago, me deixando com raiva.

Porque ele está certo. Quem vai me contratar para treinar seu filho se eu for péssimo?

— Porque você está desperdiçando a porra do tempo de todos. Por que você não desiste para que alguém que realmente queira jogar possa jogar?

Eu patino em direção a ele, empurrando-o contra as pranchas e acertando seu rosto desta vez. Seus olhos cinzentos queimam em mim com raiva e luxúria e algo mais. Prazer? Ele está começando a me irritar?

— Você vai me bater, Albrooke?

Suas palavras são calmas, provocativas. Quase como palavras que ele sussurraria no ouvido de um amante enquanto ele os fodia inconscientes.

Eu quero nocauteá-lo, estrangulá-lo, empurrá-lo até que ele se encaixe e me ataque.

Eu tenho sua camisa em meu punho e meus braços contra seu peito, segurando-o contra as tábuas. Por que ele não está me dizendo para sair de cima dele? Para parar de tocá-lo.

— Você está tentando me fazer bater em você? — Eu sussurro de volta naquele mesmo tom de quarto ameaçador.

Um de seus olhos cinza se contrai e eu sorrio em vitória.

— É isso, não é? Você gosta de áspero. Você sai para a luta. — Meu olhar cai para seus lábios enquanto eu lambo meu lábio inferior. — Se você quer foder, tudo que você precisa fazer é dizer alguma coisa.

Observo a máscara que ele usa para se esconder voltar ao lugar. O brilho naqueles olhos cinza assombrados escurece e o sorriso se torna uma linha reta. Ele nos vira até que sou eu quem está sendo empurrado contra as tábuas. É embaraçosamente fácil para ele fazer.

— Foda-se, Albrooke. Junte sua merda. Não vou permitir que você estrague minhas estatísticas.

Suas palavras são destinadas a machucar, mas ele está agarrando as cordas para recuperar o controle.

Alguns dos caras correm até nós e estão puxando os braços de Carmichael para nos separar. Nós dois estamos corados de frustração e esforço. Teimoso demais para recuar ou ceder.

Ele é empurrado para longe de mim e por apenas um segundo, acho que posso ler o desespero em seu rosto. Apenas por milissegundos, então acabou.

O treinador apita novamente.

— É isso! — ele grita, furioso porque estamos lutando em vez de seguir ordens. — Exercícios de condicionamento! Vamos lá!

Todos resmungam, mas nos dividimos em seis grupos e começamos a fazer os exercícios que o treinador nos diz para fazer em cada estação. A primeira passagem não é tão ruim, mas cada vez que passamos por ela fica mais difícil, e na quarta vez em todos os exercícios todos estão exaustos. Mesmo senhor *eu acordo todos os dias às quatro da manhã para malhar.*

CAPÍTULO QUATORZE
PRESTON

O TREINADOR NOS DÁ UM NOVO CUZÃO no vestiário. Gritando sobre a luta interna ser a morte de uma equipe. Todos nós sabemos que ele está certo, mas isso vai impedir que um bando de atletas movidos a testosterona pulem na garganta um do outro? Sem chance.

Eu tiro meu equipamento e guardo no vestiário, ficando apenas com minha camada de base de camisa preta Under Armour de manga comprida e leggings. É como uma segunda pele suada que mal posso esperar para tirar.

Assim que o treinador termina de nos estuprar, pego minha bolsa de ginástica e sigo para o corredor em direção ao ginásio da escola. Eu vou mudar lá.

Dei apenas alguns passos para longe do vestiário antes que alguém agarrasse meu braço. Girando, eu os agarro e os empurro contra a parede, minha bolsa de ginástica caindo no chão antes que eu perceba quem é.

Os olhos castanho-azulados de Jeremy me encaram na penumbra do corredor vazio.

— Você realmente gosta de algo bruto, não é? — Ele sorri para mim com um olhar conhecedor. Como se ele pudesse ver dentro da minha cabeça, descobrir meus segredos. Não sei por que isso é atraente.

— Que porra você está fazendo? — Eu rosno em seu rosto, quase perto o suficiente para beijá-lo. Os olhos de Jeremy caem para os meus lábios, e ele puxa o lábio inferior em sua boca, deixando seus dentes arrastarem ao longo da carne gorda enquanto o libera.

Eu o odeio e sua maldita boca beijável.

— Estou testando uma teoria, — Jeremy diz enquanto suas mãos pousam suavemente em meus quadris. Meus instintos entram em ação e eu agarro suas mãos, levantando-as para a parede, e me inclino para ele.

— Não. Porra. Me. Toque. — Minhas palavras são moídas com os dentes cerrados.

Antes que eu possa pensar em me mover, Jeremy levanta a boca para a minha e me beija. Meus dedos cavam em sua carne quando a sensação de seus lábios nos meus explode através de mim. Pela primeira vez na minha vida, minha cabeça está quieta. Com borboletas no estômago se agitando, sangue pulsando em minhas veias e meu pau percebendo o quão perto esse cara está de mim. Ele geme quando mudo o ângulo do beijo, forçando sua boca a abrir até que eu possa reivindicá-lo e ele.

Jeremy esfrega seu pau contra o meu, o material liso de nossas camadas de base tornando-o muito fácil de mover. Eu gemo em sua boca enquanto a excitação percorre minha pele.

Eu me perco em seu beijo, em sua proximidade, e deixo meu corpo colidir com o dele, meu peito no dele e minhas mãos soltando seus braços para se enredar nas longas mechas de seu cabelo loiro escuro. Jeremy envolve suas mãos em volta dos meus pulsos, suas unhas deixando marcas de meia-lua na minha pele.

Estou tão consumido pela sensação desse cara contra mim, pelo contato humano, que demoro um segundo para perceber que há vozes vindo em nossa direção.

Em um momento de pânico, afasto meus lábios dos de Jeremy, puxo meu punho para trás e dou um soco na cara dele.

— Que porra!? — ele grita, segurando seus olhos e virando seu corpo para longe de mim.

Porra.

Se meu pai souber disso, estou ferrado. Serei chamado para casa para correção. Maldição.

Meu medo me congela no local. Não consigo me mover ou pensar.

Jeremy olha para mim e tudo o que ele vê no meu rosto o faz entrar em ação. Ele agarra minha camisa e me empurra para trás alguns passos até que eu bato no tijolo áspero do corredor.

— Você é um idiota! Pare de montar na minha bunda!

Jeremy grita comigo, mas parece distante. Pés correndo ecoam no corredor, cada vez mais perto de nós. Eu o empurro para longe de mim, respirando com dificuldade e perdido em minha cabeça.

Papai vai me fazer pagar por isso.

Vou fazer mais de um corte, em um local dolorido. Não vou conseguir dormir por dias, sem comida, desidratação.

Inútil.

Sem utilidade.

Desgraça.

— Ei! — uma voz masculina grita.

Eu saio correndo antes que eles possam me tocar. Longe de Jeremy, longe do toque humano e do desejo de mais.

Pela primeira vez em anos, a vontade de chorar dá um nó na minha garganta, tornando difícil respirar. O ar em meus pulmões está se movendo muito rápido, meu peito arfando enquanto encontro uma saída e corro o mais

rápido que posso para o ar fresco. O concreto é áspero e implacável em meus pés descalços, mas não é nada menos do que eu mereço.

Não sei para onde vou, apenas corro. Longe de Jeremy, longe do rinque, longe de tudo que consumiu minha vida desde criança.

Talvez se eu correr longe o suficiente, rápido o suficiente, eu possa ultrapassar meus pensamentos.

Você. Acertou. Ele.

Não provocado.

Papai vai arrastá-lo de volta para isso.

Meus músculos se contraem só de pensar, me fazendo tropeçar e cair de quatro. Como a porra dos cachorros de Pavlov, fui condicionado a temer o que meu pai pode e fará comigo. O arranhão nas palmas das mãos e a dor nos joelhos me trazem de volta para onde estou. Para agora. Eu respiro por um segundo antes de me levantar e continuar.

O concreto se rasga aos meus pés a cada passo forte, pedras irregulares cavando na parte macia dos meus arcos, mas eu não paro. Mente sobre a matéria. Empurre através da dor. Não mostre nenhuma fraqueza.

Encontro o caminho que leva ao campus e forço meus pés a continuarem em movimento. São cerca de seis quilômetros no total e exatamente o que preciso agora. Colinas e seções planas, caminhos pavimentados cobertos de árvores e estradas de terra compactadas em outras partes. Não é uma corrida fácil de forma alguma, mas fará o que eu preciso.

CAPÍTULO QUINZE
JEREMY

— EI, O QUE DIABOS aconteceu? — O doutor Butler, um dos médicos da equipe, agarra meu ombro e me vira na direção da luz para que ele possa me ver melhor. Meu rosto dói como uma cadela. Já parece inchado. O doutor Butler pressiona a pele sensível com cuidado, verificando se há rupturas, e eu assobio, me afastando de seu alcance.

— Albrooke, o que aconteceu? Aquele era Carmichael, correto?

O Doutor Butler exige uma resposta. O homem tem idade para ser meu pai, mas olhando para ele, você não saberia.

— Não foi nada, apenas um mal-entendido é tudo. — Eu mudo meu olhar para o corredor vazio, desejando saber para onde ele foi. Preston entrou em pânico. Isso estava claro como o dia. Depois que ele me bateu, ele parecia uma criança que quebrou a lâmpada favorita de sua mãe e sabia que uma surra estava vindo em sua direção. Ele foi abusado quando criança? Ele tem medo de ser pego com um cara por causa de seus pais?

O Dr. Butler olha para mim como se estivesse considerando o que dizer para mim.

— Vamos colocar um pouco de gelo neste olho, não acho que esteja quebrado, mas você terá um belo olho roxo pela manhã.

Agarrando a bolsa de ginástica de Preston, evito o vestiário e o sigo até a sala médica.

— Sente-se. — Ele aponta para uma das cadeiras ao longo da parede e eu me sento.

— Você vai contar ao treinador? — Eu pergunto a ele enquanto pego a compressa fria e desvio meu olhar dele.

— Que você e Carmichael brigaram?

Concordo com a cabeça e gemo quando o frio atinge meu olho. Dói como uma cadela. Esse cara bate como um martelo.

— Não, não vou contar a ele, mas todo mundo vai ver o hematoma e pode estar inchado amanhã. — Ele aponta para o meu rosto. — É melhor você inventar uma história convincente se não quiser que ele saiba a verdade.

— E o que seria uma história convincente?

— Não bater em maçanetas. — Ele sorri para mim. — Talvez alguém tenha jogado uma garrafa de água em você e você não conseguiu pegá-la.

— Isso está trazendo outra pessoa para a história, isso vai ficar arriscado.

O frio se infiltra em minha pele, aliviando um pouco a dor.

— Não precisa ser alguém que você conhece, apenas torne-o crível. — O homem mais velho com sua camisa polo e calça cáqui olha para mim como se eu fosse um idiota.

— Ah, isso faz sentido. — Ele suspira e balança a cabeça para mim.

— Se Preston precisar de ajuda, me avise. Vocês todos têm meu número após o expediente. Use-o.— O homem mais velho mantém meu olhar, seriedade em seus olhos. O que ele sabe que eu não sei?

— Sim claro.

Sento-me por mais alguns minutos antes que o Dr. Butler me faça remover a bolsa de gelo para dar uma olhada.

— Vou te dar um pouco de ibuprofeno para dor e para ajudar com o inchaço, compressas de gelo ao longo do dia também vão ajudar.

Concordo com a cabeça e aceito os remédios que ele me dá, tomando um por insistência dele antes de sair furtivamente do rinque. Está ficando frio, então posso usar o capuz do moletom para esconder um pouco o rosto. Não estou envergonhado com isso, mas não quero perguntas antes de inventar uma história.

Por algum milagre, chego ao meu dormitório sem ninguém me impedir. O quarto está escuro quando entro e fecho a porta atrás de mim. Meu coração afunda quando percebo que Preston não está aqui. Eu esperava que ele viesse aqui e pudéssemos conversar sobre isso, mesmo sabendo que isso vai contra tudo em que ele acredita. Preston não fala sobre seus sentimentos. Ele menospreza e empurra até você estalar.

Aquele momento de puro pânico em seus olhos fez com que todos os meus instintos protetores exigissem que ele falasse comigo. Quero lutar por ele, mas não sei que demônios ele tem. Ninguém deveria ter tanto medo de um beijo. Preston é um idiota noventa por cento do tempo, mas quanto mais estou perto dele, mais vejo rachaduras naquela armadura. Ninguém merece ter medo assim.

Eu tiro a camada de base que ainda estou usando do treino e vou para o banheiro para tomar banho. O suor e a frustração do dia se apegam a mim junto com a luxúria que encheu minhas veias quando Preston foi pressionado contra mim.

Sacudindo a memória, coloco a água para ferver e entro, o calor batendo em meus músculos doloridos, forçando meu corpo a relaxar, mesmo que minha mente não se acalme.

Devo procurar Preston?

Não faço ideia de onde ele pode ter ido. Ou quanto tempo ele vai ficar fora. Ele está com o telefone caso precise de uma carona? Ele estava de sapatos? Estávamos nos trocando, mas ele ainda estava em sua merda de hóquei.

Esfrego meu corpo rapidamente e saio do chuveiro, secando o cabelo e enrolando a toalha na cintura.

Cavando em meu moletom para o meu telefone, eu puxo as mensagens do meu grupo de equipe e encontro o número de Carmichael.

Albrooke: Oi, tudo bem?

O símbolo na tela diz que a mensagem foi enviada e entregue, mas não foi aberta.

Eu me visto, coloco uma calça de moletom e caio na minha cama.

Estou chateado por ele ter me dado um soco? Sim.

Vou ter que fingir que não? Além disso, sim.

Talvez eu devesse dormir no quarto de Paul e Brendon por alguns dias.

Eu deveria procurá-lo.

Agarrando meus sapatos, um moletom e um boné, saio da sala e vou para a academia. Da última vez ele correu atrás de me tocar, foi aí que ele acabou. Quando abro a porta do dormitório, um dos meus colegas de equipe me vê e começa a acenar com o queixo para cima, mas para quando vê meu olho inchado. O homem volumoso em uma camiseta apertada em seu peito e jeans, longos cabelos castanhos puxados para trás em um pequeno rabo de cavalo, se vira para me dar toda a sua atenção. Bryce está no segundo ano este ano e na segunda linha.

— Cara, o que aconteceu com você?

Por um segundo, minha mente fica em branco. Eu o encaro, mas não o vejo. Então a história do Dr. Butler sai da minha boca.

— Os idiotas no corredor estavam jogando garrafas de água e eu peguei um no rosto. — Isso soou convincente?

— Droga, isso é péssimo. — Ele leva a história pelo valor de face. Às vezes, os atletas são burros e todos nós sabemos disso. — Estou indo para o refeitório, você quer se juntar a mim?

Acho que é hora do jantar, faz sentido que ele pense que eu vou lá também.

— Não, obrigado, ainda não vou jantar.

Ele dá de ombros e segue em direção ao elevador. Vou pelo caminho oposto e desço as escadas, só para não ficar presa no elevador.

A caminhada até a academia é rápida, mas não há ninguém lá dentro. O vestiário também está vazio, assim como a pista de gelo. Frustrado, volto para os dormitórios. Se ele não voltar em uma ou duas horas, vou ligar para o treinador e deixá-lo se preocupar com isso.

No meu quarto sem nada melhor para fazer, eu descubro um livro de texto e faço alguns deveres de casa. Ainda não terminei de ler a primeira pergunta quando meu telefone vibra com uma chamada recebida.

A tela mostra meu irmão Keith, mas provavelmente são ele e Jordan.

— E aí, cara? — Sorrio para meu irmão adolescente. Keith e Jordan são fraternos, mas são tão parecidos que as pessoas os confundem o tempo todo. — Por que você está com o telefone de Keith?

— Como você sempre pode saber? — Jordan reclama enquanto Keith ri ao fundo.

— Você sempre parece estar se metendo em alguma coisa, porque normalmente está.

Ele revira os olhos e balança a cabeça para mim.

— Qualquer que seja.

— Você ligou por algum motivo? Problemas com garotas? Problema de menino? Precisa que seu irmão mais velho bata em alguém por você?

Keith ri novamente e Jordan faz cara feia.

— Só porque você não consegue encontrar um namorado não significa que o resto de nós tenha problemas de relacionamento. — Jordan retruca.

— Não quero namorado, mas me dou bem, muito obrigado. — Preston e Brendon passam pela minha cabeça, mas não os menciono.

— E como você poderia ajudar com os problemas das garotas? Você nunca namorou uma. — Keith zomba.

— Só porque nunca namorei um não significa que nunca conversei com um ou não tenho amigos. Confie em mim, eu os entendo muito melhor do que seu cérebro viciado em hormônios.

— Devemos perguntar o que aconteceu com seu rosto? — Jordan pergunta e Keith aparece na tela para dar uma olhada.

— Droga, parece que dói. — Keith acrescenta.

Meu estômago aperta, mas afasto a memória de Preston me pressionando contra a parede.

— Não fez cócegas. — Eu dou de ombros para meus irmãos. — Lesão no hóquei, merda acontece.

Keith retorna ao seu videogame e Jordan começa a falar sobre um baile da escola que está chegando quando a porta do dormitório se abre para um Preston suado e com o rosto vermelho.

— Ei pessoal, eu tenho que ir. Te ligo mais tarde.

Eu o interrompo e encerro a ligação.

Preston fecha a porta e cai contra ela, quase ofegante.

Coloco minhas coisas de lado e me levanto. Ele me observa como um animal assustado.

— Você está bem? — Eu examino seu corpo e noto sua falta de sapatos. Seus pés estão sujos e parecem estar sangrando.

— Estou bem. — Ele empurra a porta e abre as gavetas da cômoda, pegando algumas roupas, depois desaparece no banheiro. O clique da fechadura me frustra mais do que provavelmente deveria. Minha mão se fecha em um punho, em seguida, relaxa repetidamente enquanto tento acalmar minha respiração. Estou puto pra caralho.

Ele tem a coragem de me beijar, me socar, depois pular, e agora não sou bom o suficiente para conversar? Qual é a porra do problema dele?

— Você não está bem! — Eu grito na porta.

— Foda-se! — Seu estalo parece um tapa na cara. Eu estava preocupado com esse idiota por nada. Ele não se importa com ninguém além de si mesmo. Estou com a porra do olho inchado porque ele não queria ser pego me beijando. Foda-se ele.

Pego a merda que vou precisar para os próximos dias e enfio em uma bolsa, em seguida, vou até o quarto de Paul e Brendon. Eu não estou lidando com a bunda dele.

Eu bato na porta e Paul abre, então para quando vê minha bolsa.

— Onde você está indo?

— Vou dormir aqui por alguns dias. Foda-se Carmichael e todas as suas besteiras.

Eu jogo minhas coisas no chão entre as camas de solteiro. Brendon se senta e tira os fones de ouvido da cabeça.

— O que está acontecendo? — Ele pergunta enquanto eu ando pelo quarto, passando a mão pelo meu cabelo.

— Carmichael é um idiota do caralho. Eu superei as besteiras dele.

— Ele o que aconteceu com o seu rosto? — Paul cruza os braços sobre o peito e se inclina contra a cômoda, me observando andar.

— Oh sim. Este. Esse filho da puta me empurra toda a prática, certo? Montando na minha bunda por merda estúpida, então ele me agarra no corredor e me beija pra caralho! Então. Então! Ele me dá um soco na cara e foge! — Eu me viro quando alcanço a parede e dou um passo para trás, ficando seriamente irritado. — Eu estava preocupado com ele. Você acredita que? Então, fui procurá-lo. Nada.

— Espera, ele te beijou? — perguntas de Brendon. Pelo canto do olho, vejo Paul dar a Brendon um olhar estranho e balançar a cabeça.

— Ele finalmente aparece de volta na sala e me diz para me foder quando pergunto se ele está bem! — A raiva bombeia através de mim, apertando meus ombros e cerrando meus punhos. — Você acredita que?

— O que você vai fazer? Você vai contar ao treinador?

Paul se move da cômoda para se sentar em sua cama.

— Não sei. Eu deveria. Foda-se ele. Mas não quero ser rotulado como um problema, sabe? — Paro de andar, com as mãos nos quadris, e jogo a cabeça para trás nos ombros para respirar.

— Você queria que ele te beijasse? — Brendon pergunta.

— Sério? Isso é tudo que você entendeu do que acabei de dizer?

Eu bufo, exasperado.

— Esse não é realmente o ponto desta história, cara. — Paul se inclina para o lado para poder olhar para Brendon, que está atrás de mim.

Apesar do quanto eu queria aquele beijo, não vou contar isso a Brendon. Por que isso tem que ser tão complicado?

Paul se levanta e me dá um tapinha no ombro.

— Você pode dormir aqui. É legal, cara.

Eu aceno e suspiro. Em que bagunça este ano está se transformando. O primeiro ano deveria ser louco e divertido, mas se transformou em uma merda aglomerada.

CAPÍTULO DEZESSEIS
JEREMY

JÁ SE PASSARAM TRÊS DIAS desde que Preston me deu um soco na cara. O treinador viu na manhã seguinte e levantou uma sobrancelha para mim, mas não fez nenhuma pergunta. O inchaço diminuiu, mas o hematoma está roxo escuro sob meu olho e até sangrou no canto interno do outro olho. Parece que levei uma surra.

Os treinos dos últimos dias foram brutais, Preston sendo ainda mais *agradável* do que o normal. Ele se desculpou por me bater? Claro que não. Não que eu esperasse isso. Ele realmente não emite as vibrações de alguém que pede desculpas.

O treino acabou e estamos nos trocando no vestiário quando o treinador chega.

— Ok, pessoal, — o treinador começa. — Temos um fim de semana agitado pela frente. Esta noite, teremos um jantar de equipe na casa do Dr. Andrew Carmichael. Ele doou muito para nossa equipe e nossa escola, então você estará no seu melhor comportamento e vestido para impressionar. Arranjamos vans para nos levar. Esteja fora do rinque às cinco.

O que. O. Porra.

A casa do pai de Preston?

A apreensão faz minha pele formigar. Estou desconfortável com isso. Posso sair dela? Ele será capaz de dizer que o otário de Preston me deu um soco depois de me beijar? Ele vai fingir ser um pai amoroso ou será um idiota?

Eu corro minha mão pelo meu cabelo com desconforto me deixando impaciente. Preston sabe disso? Eu examino a sala, mas não o vejo, mas isso não é surpreendente. Ele parece desaparecer muito.

Todos tomam banho rapidamente e se vestem antes de sair do vestiário. Uma varredura rápida da área me diz que Preston não está aqui.

Temos que usar um terno? Eu não tenho uma porra! Maldição.

Eu esfrego minha testa enquanto saio do rinque para ir para os dormitórios.

— E aí cara. — Brendon passa um braço sobre meus ombros e me acompanha. — Qual é a sua pressa? Ainda temos algumas horas.

— Você tem um terno para me emprestar? — Deixo escapar a pergunta enquanto Paul corre para nos alcançar.

— O que aconteceu com o seu? — Paul pergunta.

Eu suspiro.

— Eu rasguei. — Essa é provavelmente a versão mais fácil de contar.

Nenhum deles diz nada quando entramos no prédio do dormitório.

— Então? Alguém tem um para me emprestar?

Eu olho entre os dois. A cintura de Paul é menor do que a minha, então duvido que qualquer coisa que ele tenha funcione, mas é melhor do que nada.

— Podemos ver se temos algo que sirva. — Brendon dá de ombros quando as portas do elevador se abrem e entramos.

Eu me inclino contra a parede do fundo, frustrado e irritado. Não posso comprar um terno, mas também não posso continuar usando o de outra pessoa.

A viagem até o terceiro andar é curta e nós descemos, andando pelas poucas portas até o quarto deles. Enquanto Paul abre a porta, Preston sai pela nossa porta e imediatamente me encontra. Nossos olhares se encontram e ele

levanta a cabeça apenas uma fração, mas tenho a sensação de que ele quer que eu vá ao nosso quarto.

— Ei, já volto. Só um segundo. — Passo por Brendon, sentindo seu olhar nas minhas costas. Preston volta para o quarto e eu fecho a porta.

— O que?

A tensão ao redor de seus olhos está de volta, aquela rigidez em seus ombros, e ele está vibrando com uma energia estranha que não estou acostumado a sentir dele.

— Não fale com meu pai.

Isso não era o que eu estava esperando. Insultado, cruzo os braços sobre o peito e levanto o queixo.

— Por que não? Com medo de contar a ele tudo sobre como você me masturbou? Ou que você enfiou a língua na minha garganta antes de me dar um soco?

Suas narinas dilatam e sua boca forma uma linha fina. A necessidade de beijá-lo e socá-lo, lutam dentro de mim. Eu odeio o quão confuso ele me deixa. Por que eu quero ajudá-lo quando ele não passa de um idiota para mim? Ele nunca é legal ou amigável, tudo o que ele faz é apontar minhas falhas, geralmente em público.

Eu mantenho minha posição. Ele não quer que eu fale com o querido e velho pai? Ele vai me dar uma porra de motivo.

Preston me empurra contra a porta, seu peito quase tocando meus braços enquanto ele apoia as mãos na porta ao lado da minha cabeça. Meu corpo formiga com a consciência de que tanto amo quanto detesto. Eu quero suas mãos em mim tão fodidamente, para me usar, mas ele é um idiota. Quem quer

transar com o cara que torna sua vida miserável? Aparentemente, esse idiota. Há algo nele que me chama. Eu quero estar mais perto.

Ele tem cheiro de sabonete líquido e xampu, amadeirado e limpo, combinado com um cheiro de dar água na boca que faz meu pau doer.

— Você não tem ideia do que está enfrentando quando se trata de meu pai. Seu corpo está tão tenso que quase vibra.

Eu deixo cair meus braços e sorrio presunçosamente para ele, arrastando meus dentes sobre meu lábio inferior enquanto olho sua boca.

— Você parece um pouco tenso, precisa desabafar?

Com cuidado, agarro a barra de sua camisa, para não tocar em sua pele. Eu não levanto o tecido, apenas puxo e inclino meus quadris para frente até que nossos corpos se toquem. Ele está me observando como se não tivesse certeza do que fazer, como se eu o tivesse jogado fora. Se isso é necessário para fazê-lo parar de reclamar de mim, vou usá-lo no futuro.

— Jeremy. — Meu nome é um rosnado, e isso faz minha pele ficar arrepiada.

Com um sorriso no rosto, eu olho para ele.

— Não sei dizer se você me odeia porque quer me foder ou porque não pode?

Mais rápido do que eu posso piscar, sua mão está em volta da minha garganta, me pressionando contra a porta. Meu pau está em atenção e latejante.

— Se eu quisesse você, eu teria você. — Preston rosna suas palavras contra meus lábios antes de tomar minha boca em um beijo brutal e áspero. Ele segura minha mandíbula com alguns dedos enquanto ainda empurra minha garganta. Meu corpo cede contra ele, querendo que ele tome o que diabos ele quiser de mim.

Me faz.

Eu gemo em seu beijo quando ele se esfrega contra mim, usando sua mão livre para agarrar meu pulso e prendê-lo contra a porta. Uma das minhas pernas envolve sua bunda para mantê-lo contra mim.

Eu corro contra ele, precisando da fricção, perseguindo o alto do orgasmo.

Preston se afasta dos meus lábios, solta minha garganta, e quando meus olhos atordoados encontram os dele, ele dá um tapa na minha bochecha. O calor arde no meu rosto e minhas bolas se contraem, prontas para explodir.

Soltando sua camisa, eu alcanço meu pau e me acaricio rapidamente. Eu preciso tanto gozar que dói. Estou meio louco por isso. Já faz muito tempo.

— Puxe meu pau para fora. — A voz grave e cheia de luxúria de Preston me faz correr para tirá-lo de lá. Ainda estou me equilibrando em uma perna com um braço preso contra a porta. Sua mão em meu pulso se flexiona e tenho certeza de que terei uma marca de seus dedos em minha pele. Eu quero uma.

Minha mão envolve nossos dois paus, acariciando-nos juntos enquanto seus olhos perfuram os meus. Eu não posso desviar o olhar.

Estamos respirando com dificuldade, nosso ar se misturando entre nós até que eu possa prová-lo.

Ele pulsa contra mim e sabendo que ele está tão perto da borda me empurra. Tiros de porra saem de mim. Minha boca se abre e um gemido é puxado das profundezas da minha alma quando Preston bate a mão sobre meus lábios.

Sua testa cai na minha, e ele empurra em meu punho, borrifando mais esperma na minha mão e em nossas camisas. Nós caímos na porta e ele me solta. Meu braço cai da porta e minha perna desliza para fora dele.

Fecho os olhos e tento não cair de bunda enquanto me reconecto com o mundo ao meu redor. Eu sinto a mão de Preston na minha camisa, na minha barriga, então ele desliza o sêmen ainda quente em meus lábios. Abrindo meus olhos, eu o encontro olhando para minha boca até que eu deslizo minha língua por ela, o gosto amargo de nós dois forte em minha língua, mas não ruim. Honestamente, eu aceitaria de bom grado mais se ele quisesse.

Seus olhos encontram os meus por um segundo antes de ele pegar sua bolsa de roupas pendurada em sua cômoda e ir para o banheiro, trancando a porta atrás de si.

Eu coloco meu pau de volta em minhas calças e avisto outro saco de roupas na minha cama. Uma batida na porta me faz pular. Rasgo minha camiseta e me viro para abrir a porta.

— Cara, você vem ou o quê? — Brendon está parado ali, a irritação clara nas linhas de seu rosto.

Eu já fiz...

Meus olhos se voltam para a porta do banheiro por um segundo antes de responder.

— Sim, estou indo.

CAPÍTULO DEZESSETE
PRESTON

NÃO HÁ PARTE DESTE JANTAR que vá correr bem para mim. Cada respiração que eu tomar, cada palavra que eu disser, será usada contra mim mais tarde. Não sei o que meu pai está tentando alcançar com isso, mas em algum momento será doloroso para mim.

Eu fecho meus olhos e me inclino contra a pia.

Você não deveria ter tocado nele.

Um arrepio percorre meu corpo por alguns segundos. Ser tocado dói, mas eu quero isso pra caralho.

É melhor assim. Meu pai não pode usá-los contra mim se eu estiver sozinho.

Eu tiro minhas roupas, com cuidado para enrolar minha camisa para que o esperma não caia em mais nada, e abro o zíper da minha bolsa de roupas.

No piloto automático, coloco meu traje, os tecidos recém passados deslizando sobre minha pele tão familiares. Com o terno vem a máscara pública. É uma segunda natureza me desligar e me apresentar. Estive sob os olhos do público a maior parte da minha vida, mas piorou quando meu pai começou a fazer seu nome. Ele me usou como seu peão, uma ferramenta de marketing.

Vê que bom pai eu sou? Meu filho é um grande jogador de hóquei. Posso equilibrar ser um cirurgião e um pai solteiro.

Enquanto isso, minha irmã mais nova é enviada para internatos para que ele não tenha que lidar com ela enquanto garante que seu segredo sujo esteja escondido nas sombras.

Respirando fundo, certifico-me de que as abotoaduras de meu avô estão alinhadas, de que minha camisa está para dentro da calça e de que não tenho rugas.

Saindo do banheiro para pegar meias e meus sapatos sociais, fico confusa quando Jeremy não está aqui se vestindo. Onde diabos ele foi?

Caminhando para sua cama, eu pego a bolsa de roupas. O traje ainda está lá. Que porra ele está fazendo? Eu examino a sala rapidamente, procurando por qualquer sinal de onde ele teria ido. Sua camisa está amassada no chão ao pé da cama.

Brendon e Paul. Abrindo nossa porta com força suficiente para batê-la contra a parede, eu invadi o corredor, algumas pessoas saindo do meu caminho sem dizer uma palavra, até que eu estou na frente do quarto de Brendon e Paul e bato na porta.

Paul abre a porta com uma sobrancelha levantada.

— Você é a polícia agora?

— Onde está Jeremy? — Estou tremendo de fúria. Ele não está usando a porra das roupas de Brendon. Se eu tiver que estragar mais roupas rasgando-as de seu corpo, eu vou. Então me ajude, Cristo.

— O que está acontecendo? — Brendon dá um passo atrás de Paul com confusão franzindo as sobrancelhas.

— Onde. Está. Jeremy.

Eu cerro as palavras entre os dentes, pronto para estourar. Respirando fundo pelo nariz, tento acalmar minha vontade de machucar Brendon.

Não tenho direito a Jeremy. Logicamente, eu sei disso. Mas eu quero. Não faz sentido e essa porra de jantar com meu pai me deixou nervoso. Cada

músculo do meu corpo está tenso. Eu preciso de Jeremy onde eu possa vê-lo e não nas roupas de Brendon.

Paul e Brendon trocam um olhar antes de se virarem para mim.

— Ele está se preparando para jantar com seu pai. O que você quer?

Brendon cruza os braços sobre o peito como se tivesse ganhado alguma coisa. Ele não ganhou nada, o bastardo presunçoso.

Se o humor de merda de Jeremy é alguma indicação, ele não está mais transando, o que significa que ele não está transando com Brendon.

— Não é da porra da sua conta. Pegue-o. Agora. — Estou prestes a entrar nessa porra de quarto. Os olhos das pessoas circulando pelo corredor estão quentes em mim, mas eu não dou a mínima.

Paul olha em volta e percebe que as pessoas estão olhando. Tenho certeza de que há telefones desligados, o que significa que o treinador provavelmente saberá disso.

— Você está fazendo uma cena —, diz Paul calmamente. — Eu não sei o que está acontecendo aqui, mas este não é o lugar para um concurso de medição de pau.

A porta do banheiro se abre, a luz de dentro iluminando os dois.

— Preston? — A voz de Jeremy diminui ligeiramente a tensão em meus ombros. — O que está acontecendo?

Eu me forço a engolir e liberar um pouco da tensão em meu rosto, permitindo que minha máscara pública apareça.

— Eu preciso falar com você.

Brendon se vira e Jeremy olha para ele por um segundo. Brendon balança a cabeça, mas passa por seu amigo. A calça preta e o oxford cinza ficam tão bem

nele, mas são de Brendon. Eles têm que ser. Paul é mais magro que Jeremy. Não há como algo ajustado como um terno caberia.

— Ok. — Ele parece não confiar em mim, mas tudo bem, eu também não confio em mim.

Levanto minha mão em direção ao nosso quarto e percebo que ainda estou segurando a sacola de roupas. Jesus.

A vontade de arrancar as roupas dele e jogá-las em Brendon é mais forte do que eu gostaria, mas eu o sigo até o nosso quarto. Sua bunda parece fodidamente deliciosa naquelas malditas calças. Eu deveria fazê-lo gozar naquelas malditas calças antes de devolvê-las a Brendon.

Em nosso quarto com a porta fechada, empurro a sacola para Jeremy.

— Mudar. — A palavra é um comando.

Jeremy se endireita, cruzando os braços sobre o peito.

— Com licença?

Eu me aproximo dele, em seu espaço pessoal.

— Mudar.

— Por quê? O que estou vestindo está bom.

Eu respiro fundo, inalando sua colônia, que vai direto para a minha cabeça.

— Você vai para a casa do meu pai, você tem que ser o mais perfeito humanamente possível.

Agora ele está confuso. Isso não é justo com ele, eu sei, mas não posso impedir. Eu preciso que ele apenas vá em frente e não discuta.

Agarrando sua camisa com ambas as mãos, eu o puxo para mim até que estejamos cara a cara. Ele está na ponta dos pés para ficar igual a mim em altura. Por um segundo, seus braços se agitam enquanto ele tenta manter o

equilíbrio. Eu me preparo para recuar quando suas mãos tocam meu peito, mas elas não o fazem. Ele está me observando observá-lo.

Jeremy agarra meus pulsos. Esta é a segunda vez hoje que ele evita de propósito tocar meu corpo. O que isso significa?

— Troque a porra da sua roupa. — Meu corpo treme com os nervos tentando tanto me consumir. Seria tão fácil cair de cabeça no medo e na ansiedade dessa porra de jantar. Não sei o que esperar e isso é assustador. Eu aperto meus olhos fechados até que pequenas manchas de luz dancem atrás de minhas pálpebras. — Por favor.

— Diga-me o porquê. — A teimosia de apenas alguns minutos atrás se foi.

Meus olhos se abrem para encontrar Jeremy me observando, a irregularidade de suas íris é impossível de desviar o olhar. Tão fodidamente diferente de qualquer outra pessoa que eu já conheci.

— Por que isso importa tanto para você?

Descanso minha testa na dele, querendo tão desesperadamente encontrar conforto neste homem, embora saiba que não posso me dar ao luxo.

— Não sei.

Ficamos ali por mais um momento, nossas exalações se misturando entre nós. Jeremy dá um aperto suave no meu pulso antes de dizer baixinho:

— Ok.

Eu levanto minha cabeça, meus olhos se abrindo para espiar os dele. Eu ouvi o que acho que ouvi?

— O que? — A palavra soa áspera vindo da minha garganta apertada.

— Ok. Eu vou mudar.

Algo em meu peito se solta, um pouco da pressão diminuindo o suficiente para respirar. Jeremy relaxa, seus ombros caindo e suas mãos me deixando.

Eu amo e odeio. Lutar é fácil, é confortável. Seja o que for, é uma merda. A vontade de empurrá-lo e irritá-lo é forte, mas não o faço.

Em vez disso, eu o solto e dou um passo para trás.

— Bom —, eu tento deslizar a maldita máscara de volta, mas estou lutando. Como se estivesse rachado ou superado. Não parece certo, mas não sei como sobreviver sem isso.

Deixando cair o olhar, procuro a bolsa de roupas, mas não tenho ideia do que aconteceu com ela. Eu o encontro no chão ao lado da minha cômoda e o pego.

— Se estiver amassado, passo a ferro, mas você tem que se apressar ou vamos nos atrasar. — Eu entrego, segurando um lado do cabide, Jeremy agarrando o outro. Eu seguro até que ele olha para mim novamente. — Não posso me atrasar.

Ele acena com a cabeça e eu solto a bolsa. Virando-me para a minha cômoda, vasculho minha gaveta em busca de meias sociais e tiro meus sapatos sociais.

Sentado na minha cama, termino de me arrumar enquanto Jeremy tira a cueca boxer e veste o terno que é um pouco grande demais para ele. A costura é muito longa em uma polegada ou mais e a jaqueta é muito larga no ombro e longa no braço. Porra.

Meu pai definitivamente notará isso.

— Se os outros tirarem a jaqueta, tire a sua também. — Eu me levanto e ajusto minhas calças, para que fiquem retas. — Faça de tudo para não falar com meu pai.

— Por que você não quer que eu fale com seu pai? — Jeremy pergunta, mais curioso do que insultado desta vez. Pego sua mão e puxo as mangas da camisa creme. Procurando na bolsa, encontro a pequena caixa com abotoaduras.

— Eu não quero que ele fale com você, — eu digo enquanto os coloco. Estes são círculos de ouro branco liso, sem gravura ou decoração. Simples.

Meus olhos encontram os dele novamente quando termino com a segunda manga e solto sua mão.

No meu bolso, meu telefone vibra com o alarme de cinco minutos nos dizendo para descermos.

— Apresse-se, precisamos ir. — Eu borrifo minha colônia e verifico meu cabelo no espelho, certificando-me de que nenhum fio de cabelo está fora do lugar. Jeremy abre a porta e saímos para o corredor. Paul e Brendon também estão saindo do quarto. Excelente.

Brendon olha para Jeremy e fica furioso. Por alguma razão, isso me faz querer sorrir. Eu permito que um sorriso vire um lado dos meus lábios.

— Belo terno. — Eu ouço Brendon zombar atrás de mim enquanto ele acompanha Jeremy.

— Uh sim, obrigado. — Jeremy murmura. Eu não preciso vê-lo para saber que há um rubor subindo por seu pescoço agora. Talvez da próxima vez que eu ceder à tentação de tocá-lo, deixe marcas. Eu adoro ver meu trabalho útil deixado para trás.

A descida até o andar principal é rápida, o espaço preenchido com os comentários sarcásticos de Brendon sobre eu ser uma criança mimada.

Se apenas.

As vans estão alinhadas do lado de fora do rinque e o peso no meu peito se faz sentir novamente. Não sei o que há em Jeremy que me faz querer ficar

perto dele, mas eu quero. À medida que as vans enchem, começo a contar quantos assentos restam versus quantos de nós restam. Quem caberá em qual espaço, e dele estarei separado?

Paul e Brendon entram em uma van com apenas um banco sobrando, espaço para mais um. Eles olham para Jeremy, esperando que ele entre com eles, mas ele levanta a mão para acenar para eles.

— Tá legal, vou pegar o próximo. Vejo vocês lá.

A cabeça de Brendon parece prestes a explodir.

Desta vez, sorrio, dando uma piscadela para Brendon antes de seguir Jeremy até a última van. Ele sobe, deslizando para o assento do meio, já que alguém já está encostado na janela mais distante. Ele sabia que é onde eu gostaria de sentar?

Eu não gosto de ter pessoas atrás de mim.

Já há alguém sentado na fila, então eu ocupo o último assento perto da porta, encostado em Jeremy enquanto espremememos nossos corpos atléticos no assento feito para humanos muito menores. Eu acho que as crianças poderiam caber aqui confortavelmente.

A cada quilômetro mais perto do prédio onde meu pai mora, o peso em meu peito aumenta. Minhas mãos deslizam pelo topo das minhas coxas enquanto tento respirar através do desconhecido onde vou entrar. Logicamente, sei que sairei sem novas marcas. Ele não pode me afastar do time por tanto tempo.

— Se eu sumir por mais de cinco minutos, venha me procurar.

As palavras são silenciosas enquanto saem da minha boca. Só Jeremy poderia ter ouvido, o resto dos caras aqui estão rindo e brincando. Seu dedo engancha ao redor do meu e meus olhos se fecham com o contato, minha

respiração engatando no meu peito enquanto meu estômago dói dolorosamente.

Não tem como eu conseguir comer. Ele vai me fazer sentar ao lado dele ou apenas em sua linha de visão para que eu não possa escapar dele?

CAPÍTULO DEZOITO
JEREMY

ESTE LADO DE PRESTON é mais assustador do que ele no gelo. Sua perna está quicando, as mãos subindo e descendo pelas coxas, e acho que ele está contando a respiração. Em que tipo de pesadelo estamos entrando?

As vans param em frente a um arranha-céu no centro de Denver. Esta parte da cidade é toda de apartamentos de luxo, a maioria feita de vidro e pedra. É assustador ter certeza. Um homem que parece uma cópia carbono de Preston está parado na frente das portas duplas com um sorriso no rosto que eu não confio. Isso me deixa desconfortável. Como se houvesse algo sinistro por trás disso.

Somos levados para dentro de uma sala de conferências montada com mesas compridas de ponta a ponta, cobertas com toalhas de mesa azuis escuras. As cadeiras têm capas azuis combinando com um laço branco nas costas. Isso me lembra algo que você veria em um casamento.

— Todos encontrem seus lugares —, o Dr. Andrew Carmichael anuncia para a sala, e todos nós fazemos exatamente isso. Exceto Preston. Seu pai segura seu ombro para que ele não possa sair do seu lado. Existem crachás nas mesas que nos guiam até nossos lugares. Isto é tão estranho. Passo por Paul e acabo sentando na frente dele, Brendon à minha direita. Nós nos voltamos para a frente da sala quando o pai de Preston pigarreia.

— Estou tão feliz que todos vocês puderam se juntar a nós para jantar.

Um grande sorriso se estende em seu rosto enquanto ele olha em volta.

Preston tem um olhar quase vago e perdido em seus olhos, parado como uma estátua.

— Mais dois jogos para a pré-temporada e depois para a temporada regular. Tenho um bom pressentimento sobre esta equipe este ano! — Os caras batem palmas, comprando a porcaria que ele está vomitando. Eles não veem como Preston está tenso? Há algo obviamente que não está certo aqui.

Ele fala por mais alguns minutos e leva todo o meu autocontrole para não revirar os olhos. Alguns dos caras tiram as jaquetas e as penduram nas costas das cadeiras, então eu me apresso em fazer isso também. Não tenho certeza de *porque* Preston especificou exatamente isso, mas não vou discutir sobre isso.

Concentro minha atenção de volta em Preston e seu pai. Só agora, seu pai está olhando para mim. O que diabos eu fiz? Paul olha para mim com uma pergunta em seu rosto, mas eu apenas dou de ombros. Não sei muito sobre ele, mas pela mensagem que vi no celular de Preston, ele não é um cara legal.

Meus olhos se desviam para Preston novamente. É estranho vê-lo assim. Era assim que ele era quando chegou ao campus? Ele realmente mudou tanto no mês em que fomos colegas de quarto? Ele é como um estranho lá em cima. Eu não o conheço. Estou aprendendo a lê-lo, mas agora ele está tão fechado que não sei por onde começar.

O treinador se levanta e agradece ao Dr. Andrew Carmichael, sim, todos temos que chamá-lo assim, por nos receber, e dá a ele ingressos para o jogo de amanhã e o de sábado. O Dr. Andrew Carmichael os recebe com um sorriso e um aperto de mão.

Preston acaba tendo permissão para se sentar em frente a seu pai e no centro de uma longa mesa. Acho que ele não está piscando. Ele mal está respirando.

Os servidores saem de uma pequena porta atrás de mim e trazem comida para pessoas específicas. Ele obteve nossos planos de nutrição com o treinador? Isso é muito estranho. Ele está nos envenenando?

Um prato de salmão grelhado, brócolis cozido no vapor e arroz selvagem aparece na minha frente de um dos funcionários do bufê. Tem um cheiro incrível, com uma cobertura doce e saborosa no peixe e ervas no arroz, mas decididamente não estou com fome. Água gelada é despejada em taças de vidro e nos deixam para comer.

Quem escolhe peixe para o jantar de outra pessoa? E se eu não gostar de peixe?

Por que estou tão incomodado com isso?

A mão de Brendon desliza para minha coxa debaixo da mesa. Eu fico tenso com o toque, empurrando a mão dele da minha perna o mais indiferente possível.

— O que está acontecendo com você? — Brendon sibila para mim baixinho.

Eu balanço minha cabeça bruscamente. Este não é o lugar para essa conversa. Eu não quero comer isso. Parece uma armadilha. Pego o garfo e movo a comida pelo prato, mas não como nada.

— Algum problema, Sr. Albrooke? — Dr. Andrew Carmichael pergunta e minha cabeça vira para a esquerda para encontrar seu olhar. Gelo desce pela minha espinha, instalando-se como uma cobra no meu estômago. Ele está frio. Perigoso.

Meus olhos se movem para Preston por apenas um segundo, ele está me observando também. O que está passando pela cabeça dele? Eu gostaria de saber o que estava acontecendo, por que eu estava sendo escolhido.

— Uh, não, senhor. Apenas um pouco de estômago nervoso na noite anterior a um jogo.

Ele se concentra no meu olho roxo e a pele ao redor de seus olhos aperta um pouco.

Porra.

Preston empalidece, mas ninguém parece notar, todos se ocupando com a comida. O barulho da sala aumenta na minha cabeça, as conversas, os talheres nos pratos de porcelana. Pego meu copo e tomo um gole, só para ter algo para fazer. Todo mundo come e as conversas ao meu redor se movem para o jogo de amanhã e no que precisamos focar para vencer o Notre Dame.

Percebo que Preston se levanta e sai da sala, sua máscara finalmente quebrando um pouco. O músculo em sua mandíbula está saltando e seu punho está cerrado. Alguns minutos depois, seu pai se retira da mesa e também desaparece.

Brendon está quase lambendo seu prato limpo ao meu lado.

— Jesus, cara, relaxa. — Ele ri e se recosta. — Aquele salmão estava incrível.

Concordo com a cabeça, mas não comento, observando a porta para Preston ou seu pai.

— Por que você não está comendo? — Eu me viro para Brendon, e agora Paul está prestando atenção junto com os caras ao nosso redor.

Eu dou de ombros.

— Eu não estou com fome.

— Somos atletas, cara. Estamos sempre com fome — diz Paul, cruzando os braços sobre o peito. — Eu nunca vi você recusar comida. Especialmente comida de graça.

Merda. Não posso dizer a eles exatamente que acho que o pai de Preston é um psicopata.

Esfrego a mão no rosto e entrelaço os dedos no colo.

— Não sei o que te dizer, cara. — Eu odeio mentir para meus amigos, mas é mentira se eu realmente não sei o que está acontecendo? É estranho e não confio nisso.

Minha perna salta sob a mesa quanto mais eu espero que Preston reapareça.

O que ele me disse? Cinco minutos e vir procurá-lo? Como devo encontrá-lo?

— Com licença, — eu limpo minha boca com meu guardanapo e coloco ao lado do meu prato antes de me levantar, fingindo que preciso sair desta sala por um minuto, tomar um pouco de ar fresco, jogar água no meu rosto, algo assim.

Do lado de fora da sala em que nos escondemos para jantar, há um corredor com piso de granito brilhante, arte emoldurada nas paredes e mesas com vasos cheios de flores. É como um maldito hotel aqui. O corredor à minha direita leva ao saguão e à frente do prédio. Duvido que Preston tenha seguido esse caminho.

Parece que você pertence, como se você soubesse para onde está indo.

Enfio as mãos nos bolsos e ando pelo corredor, esperando exalar uma confiança que não sinto. Não sei para onde diabos estou indo, mas espero encontrar Preston logo.

Eu tento todas as portas. A maioria está bloqueada, o que é frustrante. Se ele estiver em um desses quartos, espero sinceramente não ter piorado as coisas para ele.

Finalmente, ouço vozes atrás de uma porta.

— Mantenha sua merda e eu vou transferir Lily para cá tão rápido que sua cabeça vai girar. — Mesmo que o pai de Preston não esteja falando comigo, suas palavras têm medo afundando em meu estômago como uma pedra.

— Se ela vier aqui, ela não vai ficar com você. Vou me certificar disso. Preston responde de volta.

Eu hesito com minha mão pairando sobre a maçaneta. Ele disse para vir buscá-lo, mas até agora não parece tão ruim, apenas um desentendimento.

— Você é fodidamente inútil. Você realmente acha que pode protegê-la de mim? Eu fiz você. Deu-lhe tudo o que você tem. Eu posso tirá-lo.

Que tipo de pai fala assim com o filho? Jesus. Vou ligar para meus pais esta noite e dizer que os amo.

— Você é uma vergonha para a memória de sua mãe. Você deveria ter vergonha de si mesmo. Se você fosse um filho melhor, não precisaria corrigi-lo com tanta frequência. Olhe para você.

O que. O. Porra.

Com fúria disparando em minhas veias como adrenalina, abro a porta e entro. Preston gira para longe de mim, me mostrando as costas enquanto seu pai vira aquele ódio feio e frio contra mim.

— Foi mal, só estou procurando o banheiro.

Acho que Preston está abotoando a camisa. Por que sua camisa estava aberta?

Como já vi Preston fazer mais de uma vez, vejo o segundo em que o rosto público de seu pai aparece. De repente, ele é o senhor charmoso, sorridente e fácil de lidar. Não acredito nem por um segundo. É tão falso quanto o terno de poliéster que Preston tanto odiava. Enquanto ele caminha em minha direção, mantenho minha coluna reta e minhas mãos nos bolsos. Eu não vou me

acovardar. Meu estômago aperta, os nervos fazendo minha pele querer rastejar quanto mais perto ele chega de mim.

Ele estende a mão para apertar a minha e, a contragosto, eu a pego. Por cima do ombro, Preston está enfiando a camisa para dentro e ajustando as roupas.

— E você é colega de quarto de Charles? — Ele olha para mim com expectativa, como se não estivesse apenas repreendendo Preston. É realmente desconcertante ver o rosto de Preston neste homem. Ele é um pouco mais velho, mais baixo e não tão musculoso, mas aquele rosto é o mesmo. Da cor dos olhos ao conjunto de seus lábios. É estranho.

— Está correto. — Quando ele vai soltar minha mão?

— E como vai isso? — Seu olhar é tão direto que aposto que enerva as pessoas. Me incomodaria se eu não estivesse confiante de que ele está tramando algo.

Preston se vira finalmente e seus olhos se fixam nos meus. Ele não está bem, mas duvido que a maioria dos outros caras perceba. Eles não notaram mais nada durante toda a maldita noite. Como cachorros famintos, eles só se preocupam com a comida.

— Está bem. Nem sempre é fácil para dois atletas dividirem um espaço, mas nós fazemos funcionar. — É o mais próximo da verdade que posso chegar aqui.

— Você compartilha uma ética de trabalho semelhante?

Você está brincando comigo? Não é de admirar que Preston seja tão fodidamente tenso.

— Uh não, não realmente, mas a NHL não é o meu sonho, então faz sentido que ele trabalhe mais.

O doutor Andrew Carmichael inclina a cabeça e franze os lábios.

— Então por que você está no time?

Eu chupo uma respiração profunda e solto lentamente. Já respondi a esta pergunta, creio eu, duas vezes, para Preston.

— Tenho uma bolsa de estudos, então jogo para pagar meus estudos.

— E você não acha que isso é um desperdício de um lugar na equipe e de recursos que poderiam ser usados para alguém mais talentoso?

Isso é quase palavra por palavra o que Preston disse.

— Quem disse que eu não queria estar lá? — Eu puxo minha mão da dele e deslizo de volta no meu bolso. Eu não aguento mais ele me tocando. Se isso era tudo que Preston tinha para o apoio dos pais, não é de se admirar que ele odeia ser tocado. Esse cara é viscoso. Como alguém pagaria a ele para fazer uma cirurgia está além de mim. Eu teria medo dele cortar minha garganta.

— Eu amo hóquei. Na verdade, pretendo treinar.

Preston caminha em nossa direção, coloca a mão no meio do meu peito e me empurra para trás, tudo sem diminuir o passo.

— Precisamos voltar ao time. O jantar está terminando e logo partiremos.

Eu não discuto com Preston, apenas o sigo de volta para a segurança da equipe.

— Seu pai é uma verdadeira peça de trabalho. — Eu murmuro baixinho.

— Cale-se.

Por mais que eu queira perguntar a ele que porra foi aquela, agora não é a hora. No entanto, discutiremos isso mais tarde. Fui com o que ele queria, agora mereço respostas.

Quando voltamos para a sala com nossos companheiros de equipe, Paul levanta o queixo em nossa direção e Brendon se vira para nos encarar. Juro por Deus, não tenho energia para lidar com a merda dele agora.

— Seu namorado acha que eu comi você no banheiro. — Por uma fração de segundo, há um pequeno sorriso no rosto de Preston.

— Oh, agora você tem piadas? — Ele está me dando chicotadas.

— Você vai dizer a ele que nos masturbou esta tarde?

Eu observo meu melhor amigo refogar em seu ciúme. Não é justo com ele que eu não tenha contado que o que estávamos fazendo acabou. Merda. Nossa amizade pode suportar isso?

— Não.

Preston finalmente olha para mim em vez de olhar para Brendon. Por que ele se importa com o que Brendon pensa?

— Por que não? — Seus olhos cinza escuro são curiosos em vez de confrontadores.

Não tenho uma resposta, então dou de ombros e caminho até o meu lugar.

— Tudo certo? — Paul pergunta enquanto Brendon continua a cozinhar.

— Sinceramente, não sei.

Os pratos do jantar são retirados pela equipe de bufê e todos nós ficamos em volta, esperando a hora de sair. O treinador está apertando a mão do pai de Preston enquanto Preston está, mais uma vez, parado como uma estátua. Ou talvez uma marionete. Aqueles podem falar e sorrir no comando. É como se seu pai estivesse puxando suas cordas. Eu odeio isso.

Embora eu não queira ficar sozinho com o pai de Preston, também não quero que Preston fique sozinho com ele, então fico para trás. Brendon, que

tenho certeza que agora está apenas tentando deixar Preston com ciúmes, também não vai embora.

Quando restam apenas alguns de nós, o Dr. Andrew Carmichael fala comigo. — Você sabe, seria do seu interesse se você ficasse fora dos negócios de outras pessoas.

O músculo na bochecha de Preston salta, mas não há nenhuma outra indicação de que ele esteja prestando atenção. Eu só quero sair daqui. Deixar esse maldito jantar estranho para trás e ir para a cama. Temos dois jogos neste fim de semana para os quais temos que nos preparar. O sono é crucial.

O treinador aparece de volta, me salvando de ter que responder.

— Vamos, rapazes. As vans estão carregando.

Ninguém mais faz o primeiro movimento para sair, então eu faço, esperando que isso quebre a tensão e Preston vá atrás. Brendon está grudado em mim como cola e isso está me deixando louco, mas talvez isso dê a Preston mais incentivo para sair também.

Eu passo pelo treinador que ainda está parado lá, felizmente. As carrinhas estão quase sempre cheias, uma tem lugar e outra tem dois.

— Vamos. — Brendon tenta me levar, mas eu não quero deixar Preston, não com ele assim.

Enquanto eu fico lá e tento descobrir o que fazer, Paul aparece e acena para ele.

— Legal, vá em frente.— Aceno para ele e subo na outra van. É o assento do meio, do qual Preston não vai gostar, mas não tenho certeza do que ele notará neste momento. Além disso, isso o afasta de seu pai.

Estou afivelando meu cinto de segurança quando ele sai com o treinador, entra sem dizer uma palavra e o treinador fecha a porta.

— Você está bem? — Eu pergunto baixinho.

— Eu não sou criança, não me trate como uma. — Sua cabeça mal vira enquanto ele me ataca, mas é o suficiente para seus olhos se fixarem nos meus. A máscara de calma está se partindo, a fúria e a frustração estão borbulhando na superfície e serei eu quem será pego em sua mira. Ninguém mais parece se importar, mas por algum motivo, eu me importo. Então eu continuo me colocando no caminho dele, continuo pressionando ele.

Eu não tinha certeza de qual versão dele eu encontraria depois desse conhecer e cumprimentar e, honestamente, estou feliz que ele voltou a ficar chateado. É muito mais fácil de lidar.

— Legal, que bom que esclarecemos isso. — Eu me viro para a janela e olho para os prédios que passam. Como vim parar aqui? Quando assumi o trabalho de cuidar do maior idiota do nosso time?

Ele não é um idiota sem motivo e você sabe disso.

No momento em que voltamos para os dormitórios, Brendon me mandou uma mensagem um punhado de vezes, que eu não respondi ou sequer abri. Ele é meu melhor amigo, mas precisa ler o maldito ambiente e relaxar. Sei que preciso falar com ele, dizer que não estou mais interessado em brincadeiras, mas tenho medo de que isso acabe com nossa amizade. Acho que esse é o risco que vou ter que correr.

Preston evita o elevador e sobe as escadas até o terceiro andar. Provavelmente é melhor assim. Sentindo-me culpado, espero com Paul e Brendon pelo elevador.

— Qual é o seu problema com ele? — Brendon exige, parecendo ciumento. Paul suspira, esperando a luta que todos sabemos que está por vir. Eu não quero brigar com Brendon.

Meus ombros caem e eu esfrego a parte de trás do meu pescoço.

— Honestamente, eu não sei. Ele é um idiota na maioria das vezes, mas acho que é um mecanismo de defesa.

Brendon enfia as mãos nos bolsos e se balança nos calcanhares.

— Ele me odeia.

— Para ser justo, — Paul fala. — Tenho certeza que ele odeia todo mundo.

Eu rio e um sorriso puxa meus lábios.

— Paul está certo. Ele não gosta de ninguém.

— Qual era o problema com o terno? Por que ele surtou?

O elevador se abre e alguns caras entram enquanto esperamos o próximo.

— Não sei. — Eu dou de ombros, não confortável em dizer a eles como isso foi estressante para Preston. Isso parece privado e eles não entendem essa parte dele. Eu gosto que é só meu. Ele é tão fechado sobre tudo que essas pequenas quebras na perfeição parecem que ganhei uma batalha. Eu quero a pressão de ser o único em quem ele confia? Na verdade não, mas aceito se for preciso para ele ficar bem.

Mesmo eu não entendo minha reação a ele. Por que eu me importo tanto? Eu não tenho nenhuma maldita ideia.

— Cara é louco. Metade do tempo ele está dizendo o quanto você é péssimo, na outra metade ele está agindo como se fosse seu dono ou algo assim. É estranho, cara.

Nada que eu já não saiba.

— Eu não acho que ele saiba como ter amigos. — Minha voz é baixa no espaço fechado.

Finalmente é a nossa vez de entrar no elevador. Nossa conversa morre no espaço pequeno e lotado e, mesmo quando saímos para o nosso andar, não falamos muito.

— Noite, vejo você pela manhã. — Paul me dá um tapinha nas costas e eu aceno para ele.

A luz está apagada no meu quarto quando volto. Silenciosamente, tiro a camisa de botão e a calça, coloco as abotoaduras de volta na caixa e penduro as roupas de volta na sacola. Eu não tenho a jaqueta.

Porra.

Preston vai me matar.

A ansiedade gira como a porra da minha companheira constante no meu estômago. Seu pai vai usar isso contra ele de alguma forma? Devo dizer a ele ou esperar e ver o que acontece? Talvez o pai dele não diga nada.

Puxando minhas calças de pijama, eu pulo quando Preston fala.

— Pare com isso.

Eu congelo com minhas calças puxadas até a metade.

Uh. O que?

— Com licença? — Eu me endireito, ainda segurando minhas calças em minhas coxas, e me viro para olhar para ele. Meu pau começa a endurecer com a ideia dele querendo me foder. Em como suas mãos se sentem na minha pele. O aperto áspero que ele sempre tem. Eu quero marcas. Mordidas, pontas dos dedos, qualquer coisa.

— Pare de pensar. — Sua voz tem aquele latido ameaçador que me deixa duro. É tudo o que posso fazer para ficar parado. Esse maldito tom tem pré-sêmen me grudando na minha cueca.

Deus. Droga.

Isso é um teste? Uma armadilha? Que porra ele quer de mim agora?

— Ir para a cama. Temos um jogo amanhã.

Seus lençóis farfalham quando ele se acomoda na cama.

— E se foder der sorte e nos fizer jogar melhor amanhã? — Eu realmente não espero uma resposta dele enquanto deslizo para a minha cama, apesar de querer estar na dele.

— Se foder antes de um jogo funcionasse, você não estaria dispensando Brendon.

Virando minha cabeça em direção à cama de Preston, eu mal posso ver a forma de seu corpo pressionado contra a parede, enrolado de lado. Ele dorme assim na maioria das noites.

Eu odeio o fato de que ele está certo.

— Eu não tenho a jaqueta. — No escuro, é mais fácil confessar, mesmo que cada músculo do meu corpo se contraia enquanto espero por sua resposta.

Juro que posso ouvir seus olhos se abrirem e seu batimento cardíaco disparar.

— O que você quer dizer? — Sua voz é tão calma, é assustador.

— Deixei o paletó pendurado no encosto da cadeira durante o jantar.

Mesmo para os meus próprios ouvidos, pareço uma criança, esperando não me meter em encrenca. Meu estômago revira e eu quero ficar inquieto ou andar pela sala.

A tensão na sala aumenta quanto mais ele não diz nada. Minha pele se arrepia quando a energia em meu corpo exige algum tipo de liberação. Ele não disse nada, mas também não acho que tenha adormecido.

— Eu sinto muito. — Eu deixo escapar as palavras e me sento, virando-me para deslizar meus pés no chão.

Minhas palavras pairam no ar sem resposta. Eu não posso aceitar isso. O que diabos eu devo fazer? Não posso voltar e pegar a jaqueta agora.

A tensão no ar é tão densa que chega a ser sufocante. Eu vou engasgar com isso.

— Preston. — Eu estalo, levantando-me e andando pelo curto espaço que temos aqui. Eu estalo meus dedos enquanto me movo, precisando de algo para fazer com minhas mãos.

— Eu juro, Jeremy, se você não se sentar, eu vou te sufocar. — O rosnado que emana de Preston envia um arrepio pela minha espinha e as palavras voam para fora da minha boca antes que meu cérebro tenha a chance de processá-las.

— Faça.

Como uma sombra, Preston se move silenciosamente até estar diretamente na minha frente, ocupando meu espaço, mas sem me tocar. Ainda não. Sua respiração sopra em meus lábios enquanto ele olha para mim.

Meu corpo para, concentrando toda a minha energia na ameaça. Uma vibração de medo e excitação faz cócegas em meu estômago.

— Eu vou quebrar você. — Ele lambe minha bochecha coberta de barba por fazer. — E gostar.

Um gemido fica preso na minha garganta e pré-sêmen umedece minha cueca boxer. Porra. Estou dolorosamente duro.

Seus dedos encontram meu mamilo e o beliscam com força suficiente para fazer meu corpo se curvar em torno dele, mas ele não relaxa. Eu deixo cair minha cabeça para trás em meus ombros, respirando através da dor.

A outra mão de Preston agarra meu queixo e vira meu rosto para longe dele. Ele enterra o rosto no meu pescoço e inala profundamente por um momento. Quero tocá-lo, mas não quero que isso acabe.

Meu pau dói por atenção, mas eu não me mexo. Tenho a sensação de que ele precisa de tanto controle quanto puder depois do show de merda que foi o jantar desta noite.

E honestamente, eu quero que ele me use. Ninguém nunca me deu o que eu realmente desejo, mas Preston é sombrio o suficiente para fazer isso. Há uma parte dele que quer causar dor, quer pegar, usar e machucar.

Os dentes de Preston afundam na carne do meu pescoço e eu gemo. Meus joelhos ficam fracos e eu alcanço seus braços para segurar. Eu preciso dele para me aterrar enquanto eu me perco nele.

Espero que haja uma marca amanhã.

— Brendon não toca em você de novo. — Suas palavras são duras em meu ouvido, uma declaração clara, não uma pergunta.

Ele finalmente solta meu mamilo e eu assobio, me afastando de sua mão enquanto o sangue corre para a pele maltratada.

— De joelhos, porra.

Não há hesitação, apenas o som dos meus joelhos batendo no chão. Ele passa uma mão pelo meu cabelo comprido, a outra dá um tapa na minha bochecha forte o suficiente para esquentar e arder.

Soltando-me, ele enfia a mão nas calças e puxa seu pau lindamente grosso para fora através da braguilha. Eu fico de joelhos um pouco para colocar a cabeça em minha boca, meu rosto virado para ele. A mão de Preston mais uma vez vai para o meu cabelo, mas desta vez ele aperta o punho em torno dos fios e o usa para ajudar a foder meu rosto.

Jesus. Porra. Cristo.

Eu adoro chupar o pau dele. Eu amo o jeito que ele usa minha boca, empurrando contra mim como se não estivesse preocupado em me machucar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto por ele cavalgar meu maldito reflexo de vômito, mas ele não se importa. Meu pau está duro o suficiente para cravar pregos. Preciso tocá-lo, mas não ouso. Antes que eu esteja pronto para terminar, ele se afasta de mim e me levanta sob os braços, quase me jogando na minha cama.

Eu caio de costas, olhando para o homem imponente que está respirando com dificuldade. Mesmo no escuro, posso ver que ele está meio louco. Eu não deveria provocá-lo quando ele está tão perto do limite, mas eu o quero assim. Ele arranca minhas calças e cueca, rastejando para a cama. Meus joelhos se abrem em convite e ele acomoda seus quadris contra os meus. Mordendo e chupando minha pele, o arranhão áspero de sua sombra de cinco horas me causa queimaduras de fricção enquanto suas unhas cavam em minha carne para deixar arranhões vermelhos brilhantes em meu torso.

Minhas costas arqueiam com as sensações que dominam meu cérebro. Preston segura minhas bolas e as puxa, provocando ao redor da borda do meu buraco, mas não o penetrando.

— Por favor —, eu choramingo, desesperado para senti-lo dentro de mim. Ele é enorme pra caralho e vai doer, mas eu não me importo. Quero isso. Preciso disso. Preciso *dele.*

Meus pés engancham na parte de trás de suas coxas, mantendo-o contra mim e usando a alavanca para moer nele.

Preston rosna baixo em seu peito e toma minha boca em um beijo faminto e doloroso. Eu seguro os lados de sua cabeça, segurando-o para mim e

devastando-o com a mesma intensidade. Sua língua se entrelaça com a minha enquanto ele brinca comigo, alguns puxões, um golpe, seu dedo em volta do meu buraco. Isso me mantém duro e no limite, mas não perto o suficiente para me tirar do sério.

— Lubrificante? — Ele pergunta contra meus lábios. — Preservativo?

— Gaveta superior.

Ele se senta e alcança a mesa de cabeceira.

— Não tem preservativos aqui. — Ele olha para mim com uma sobrancelha questionadora levantada.

— Seu painel de DST no check-in deu negativo, certo? — Todos nós os temos com nosso físico antes de podermos jogar.

— Nada de camisinha, — ele concorda e se cobre de lubrificante. Sem esperar ou avisar, ele alinha a cabeça rombuda de seu pênis contra meu buraco e empurra. Meu corpo aperta em torno dele, um silvo saindo de mim na queimadura, mas ele não para até que esteja totalmente dentro.

— Você está vazando, porra. — Preston sorri para mim, pegando meu pau choroso em sua mão e me acariciando enquanto ele estabelece um ritmo rápido e difícil. Com as coxas de cada lado dos meus quadris e uma mão no meu peito, me pressionando contra o colchão, ele estala seu corpo a cada estocada, levando-me o mais profundo e poderoso que pode. Dói, mas incendeia meu corpo da melhor maneira.

Eu poderia me afogar nas sensações que ele está me forçando e morrer feliz.

O alongamento ardente diminui, deixando apenas o prazer dançando em minhas veias.

Estou tremendo em seu aperto, minhas mãos puxando meu cabelo em busca de algo para me segurar.

— Oh, porra, — eu rosno, meu orgasmo me impedindo disparando através de mim como eletricidade.

Preston aperta meu pau para parar meu orgasmo e eu quase choro.

— Que porra é essa? — Eu atiro para ele com olhos arregalados e desesperados.

Tudo o que ele faz é sorrir para mim, sem diminuir o ritmo.

Assim que recuo, ele me acaricia novamente até que estou no limite.

— Por favor, por favor, — eu imploro, meu corpo tenso e pronto para explodir, mas ele me aperta novamente e desta vez um único soluço frustrado escapa de mim.

— Eu te odeio —, eu gemo quando ele diminui o ritmo, inclinando-se com força no meu peito, e dá um tapa na minha bochecha novamente. Minha pele quente arde com o contato agudo, mas eu gemo.

— Pernas para cima, — Preston ordena, bombeando meu pau mais uma vez no mesmo ritmo que ele está fodendo em mim. Eu puxo minhas pernas para trás, mudando o ângulo, e meus olhos reviram na minha cabeça enquanto ele acaricia minha próstata. Ele finalmente me deixa gozar em uma bagunça no meu estômago e no peito. Estou respirando muito rápido e meu coração está martelando. Arrepios surgem na minha pele enquanto ele continua atingindo aquele ponto de prazer.

Observo enquanto ele leva a mão à boca e lambe meu esperma de sua pele. Meu pau gasto se contorce e ele sorri para mim antes que um arrepio o percorra. Seu orgasmo me enche enquanto ele empurra mais algumas vezes. Quando ele para de se mover, ele está se apoiando pesadamente no meu peito, ofegando com os olhos fechados.

— Porra. — Ele geme, flexionando seu pênis amolecido e puxando para fora. Todo o meu corpo relaxa, exausto e cansado com o esporão esfriando na minha pele.

Ficamos sentados em silêncio por um momento, reaprendendo a respirar. Preston estende a mão para mim, passando o dedo pela bagunça que fiz no meu estômago, quase como se estivesse tentando esfregá-la.

— Você tem fetiche por esperma ou algo assim? — Eu pergunto com diversão.

— É reconfortante ver a prova de que me saí bem. — Suas feições mudam de alegre para introspectivo. Como agora que ele disse as palavras, ele gostaria de não ter dito. Ele dá uma sacudida em si mesmo e se levanta, enfiando o pênis agora mole dentro da calça. — Vou deixar você limpar.

Ele está rígido e tenso enquanto se move, deitado em sua cama com as costas contra a parede, enrolado em si mesmo.

Agarrando minhas calças, vou para o banheiro com meus músculos protestando e acendo a luz. Quando me vejo no espelho, paro, com os olhos arregalados.

— Puta merda! — Eu tenho marcas em todos os lugares. Um dos meus mamilos provavelmente está machucado, enormes arranhões no meu peito parecem que eu briguei com um gato selvagem, e há mais marcas de mordidas e chupões do que eu quero contar.

Eu fico lá e toco cada um, meus dedos traçando as linhas que suas unhas deixaram na minha pele, os sulcos de cada impressão de dente e a forma de cada chupão.

Isso é o que eu sempre desejei, mas nunca poderia pedir.

Ele vai quebrar meu coração.

Não consigo me apegar a ele. Não posso. Não é do interesse de ninguém. Tudo o que posso fazer é ajudá-lo com o melhor de minha capacidade e depois ir embora quando chegar a hora. Já comecei a pensar nele de forma diferente, mas não posso perder de vista que ele não quer nada mais de mim do que uma foda de vez em quando. Às vezes ele me deixa ajudar a acalmá-lo quando está sobrecarregado, mas já me disse que não está aqui para fazer amigos. Talvez sair e desabafar o torne menos idiota.

Eu fico limpo, limpo e quando termino de me dar uma conversa severa, volto para a cama. Como estou aqui há algum tempo, tenho o cuidado de apagar a luz e voltar para a cama em silêncio para não acordá-lo.

— O que você vai dizer a todos amanhã?

— Jesus! — Eu pulo, meu batimento cardíaco disparou com o som inesperado. — O que?

— Os caras vão ver você com marcas que obviamente vieram do sexo, o que você vai dizer a eles?

Oh. Essa é uma pergunta muito boa. A inquietação me faz parar, sentando na beira da cama.

— Que eu transei. — Eu dou de ombros. — Só Paul e Brendon sabem que sou gay, então além deles, ninguém vai suspeitar que foi você. Alguns caras podem perguntar se você viu a garota com quem eu estava.

— Você terminou com Brendon. — Sua voz diz para não discutir, mas foda-se.

— Brendon é meu melhor amigo. — Afasto meu cobertor e me deito.

— Se ele tocar em você, você vai se arrepender. — Oh, esse é um tom perigoso. Provavelmente deveria me preocupar que isso me excite.

— Por quê? Você não é meu namorado.

Por quê? Por que estou irritando-o? Eu quero que ele me reivindique. Eu quero que ele me deixe entrar, para ser seu amigo que ele também fode inconsciente. Por que estou lutando contra isso agora?

Autopreservação.

Preston joga fora seu cobertor e em dois passos está subindo em cima de mim. Ele agarra minhas mãos e as empurra contra o colchão ao lado da minha cabeça e monta em meus quadris.

— Essas marcas em seu corpo dizem o contrário. — A fúria irradia dele no calor de sua pele contra a minha, no tremor e na força de seus dedos.

Eu o olho bem nos olhos quando respondo.

— Essas marcas não significam nada.

Olhar para ele é como olhar para uma cobra pronta para atacar. Eu sei que ele vai, e eu sei que vai doer quando ele fizer isso, mas eu tenho que pressioná-lo. Tenho que saber o que ele fará, onde estão suas linhas na areia. Preciso saber onde estou.

Ele abaixa o rosto para o meu e fala com os dentes cerrados.

— Eu. Não. Compartilho.

Ele é um bastardo possessivo e se eu vou lidar com o ciúme dele por causa dos meus melhores amigos, eu tenho que saber o que é isso.

— Por que não posso tocar em você?

Como se eu tivesse batido nele, ele se afasta de mim. Suas mãos não seguram mais as minhas, seu rosto não está perto o suficiente para beijar. Ele fica sentado no meu colo, esfregando as mãos nas pernas.

— Não posso. — Ele abaixa a cabeça e dá uma pequena sacudida. — Se é tão importante assim, terminamos aqui.

Ele sai de cima de mim e se deita na cama. Eu o deixo ir, embora não esteja nem um pouco satisfeito com a conversa. É importante? Sim, para mim é. Não ser capaz de tocar na pessoa que sou é uma merda. Sem tocar em tudo? Abraços? De mãos dadas? Carinho?

— Vá dormir, Albrooke.

CAPÍTULO DEZENOVE
JEREMY

NOSSO PRIMEIRO TORNEIO PARA QUEBRAR O GELO contra o Notre Dame foi divertido. Eu tive algum tempo de gelo com Brendon e Paul e foi como nos velhos tempos. Vencemos por três a um e o treinador ficou feliz. Preston tem me evitado em nosso tempo livre, mas isso está mudando esta noite. Se isso significa que vou ficar acordado a noite toda esperando por ele, é o que farei.

Brendon também não está feliz comigo depois de testemunhar os hematomas e arranhões no meu peito, mas não tivemos um minuto de privacidade para falar sobre isso. Em parte porque o evitei ontem à noite. Carpenter, o capitão do nosso time, riu e me disse para relaxar com a porra dos "gatos selvagens" na noite anterior ao jogo.

Mas o jogo de hoje? Sem chance. Maine está chutando nossas bundas como se nunca tivéssemos jogado antes. É uma vergonha.

Carmichael foi enviado para a lixeira duas vezes e estamos no segundo período. Acho que todos os nossos homens D foram, na verdade. É um show de merda. Nossa primeira linha está surrada e cansada, nosso goleiro é a única coisa que nos salva. Ele deixou passar apenas dois gols, mas bloqueou quatorze tentativas. Entretanto, fizemos sete remates à baliza.

Meu joelho salta enquanto espero por uma mudança de linha, assistindo ao jogo e odiando não estar no gelo. Quase começa uma briga depois que um dos jogadores do Maine esbarra em nosso goleiro. Carmichael leva isso como um ataque pessoal e empurra o jogador, acertando seu rosto. Não consigo ouvir o

que ele diz, obviamente, mas quase posso garantir que foi criativo e um pouco assustador.

Willis, o outro homem da segunda linha D, separa os dois e o jogo continua. Para frente e para trás no gelo, o disco voa de jogador para jogador. O treinador grita por uma mudança de linha na hora, a primeira linha saindo quando minha linha sai do banco. Assim que meus patins atingem o gelo, estou correndo em direção ao disco, tentando roubá-lo do ponta-esquerda do Maine, mas não consigo alcançá-lo antes que ele atire na rede. Nosso goleiro o bloqueia e eu o pego no gelo, tentando fugir de volta para nossa zona de ataque.

Oiler chega à linha azul antes de mim e eu jogo o disco para ele. Johnson e Oiler passam para frente e para trás antes de Oiler tentar um gol. É bloqueado, acerta o skate de Johnson e ele chuta, Oiler agarra o disco e atira em direção ao goleiro, desta vez mal roça na luva do goleiro e a lâmpada acende.

Porra sim!

Nós torcemos e damos tapinhas nas costas um do outro. Finalmente, estamos no conselho. Podemos fazer um retorno novamente.

O treinador grita por outra mudança de linha, colocando-nos de volta no banco. Desço em um lugar vazio ao lado de Carmichael e pego uma garrafa de água.

Meu coração está batendo forte e eu tenho um sorriso no rosto enquanto nossa quarta linha se enfrenta.

Eu bato meu joelho no de Preston.

— O que você disse para aquele jogador?

— Se ele não ficasse longe do meu goleiro, eu faria chá com os dentes que ia arrancar da cara dele. — Seu tom é tão inexpressivo que me viro para olhar

para ele. Tudo o que posso fazer é piscar por um segundo enquanto meu cérebro processa o que ele acabou de dizer.

— Que porra é essa, cara? — Não sei se fico horrorizado com aquela imagem mental ou impressionado.

Ele encolhe os ombros e continua a assistir ao jogo.

— Eu nem bebo chá.

O jogo continua do jeito que está e não marcamos mais gols. É desanimador. Nossa primeira derrota como equipe é sempre difícil. Todos sabemos que faz parte do jogo, mas nunca entramos em um jogo pensando que vamos perder. Sempre pensamos que vamos vencer. Sempre.

Quando fica provado para nós que não somos os melhores, é um duro golpe. Não importa quantas vezes já o experimentamos.

Demora um pouco para tomar banho e trocar de roupa, lidar com as entrevistas pós-jogo e as conversas estimulantes dos treinadores.

No momento em que estamos saindo do rinque, estou mais uma vez vestindo as calças do terno de Preston e paro quando vejo Preston e seu pai conversando com nosso treinador principal. Brendon caminha bem atrás de mim na minha parada abrupta.

— Que porra é essa, mano? — Brendon diz, mas eu não respondo.

Não consigo tirar os olhos das costas de Preston. É aço reto, seus ombros tensos, e tenho certeza que a mão segurando sua bolsa de ginástica está branca nas juntas. Isso não é um bom sinal. Por que ele não me disse que seu pai viria esta noite? Ele estava aqui ontem à noite também? Quanto tempo Preston terá que lidar com ele estar aqui?

— Olá? Terra para Jeremy?

Paul acena com a mão na minha cara e eu me viro para olhar para ele.

— O que?

— Cervejas no Rocky's. Vamos! — Ele aponta para as portas para que eu o siga, mas estou enraizada no lugar. Eu tenho que saber se Preston está bem primeiro.

Mas estou usando as roupas dele de novo. Devo me intrometer ou ficar longe?

Antes que eu possa tomar uma decisão, o Dr. Carmichael sorri para o treinador, aperta sua mão e se afasta com Preston seguindo atrás dele. Onde diabos ele está indo?

Estou seguindo também, preciso saber aonde ele está indo. Ele não vai com o pai, vai?

Meu coração começa a acelerar com o pensamento. Ele estava com medo de ir jantar com o pai e havia trinta de nós para interferir.

Há um carro estacionado próximo ao meio-fio para o qual o Dr. Carmichael está indo, Preston em seus calcanhares, tenso e desligado.

— Preston —, eu digo alto o suficiente para que ele me ouça. Ele nem sequer lança um olhar em minha direção. Que porra?

Eu empurro minha bolsa para Brendon e começo a correr.

— Preston! — Estou quase igual a ele, mesmo que cerca de três metros nos separem. Ele olha para mim, um segundo de medo rompendo a máscara de gelo antes de se esconder novamente.

Um motorista abre a porta para eles, Preston e seu pai entram no carro e a porta é fechada. Não há nada que eu possa fazer a não ser observar enquanto ele olha para a frente pela janela da frente. O carro se afasta e ele se foi. Fico parado na calçada do lado de fora do rinque, observando o cara de quem gosto

muito, saindo com seu pai esboçado. E não há nada que eu possa fazer sobre isso.

Eu passo a mão pelo meu cabelo e puxo as mechas em frustração.

— O que está acontecendo? — Paul pergunta enquanto ele e Brendon me alcançam.

— Sério, qual é o seu negócio com Carmichael? Vocês são uma coisa?

Exige Brendon.

— Jesus, cara. Largue isso já, — Paul estala. — Se ele quisesse estar com você, ele estaria. Siga em frente.

Espere.

Merda.

Não consigo lidar com os sentimentos feridos de Brendon agora.

— Vamos nos trocar e conhecer a equipe do Rocky's, — Paul diz, tentando superar o que acabou de dizer.

Pego minha bolsa de volta com Brendon e voltamos para os dormitórios. Nenhum de nós quer passar mais tempo nesses trajes do que o necessário.

No meu dormitório, penduro as roupas emprestadas e visto um par de jeans e uma camiseta Darby University Ram's. Estou sentado na minha cama, puxando meu velho Vans, quando minha porta se abre e Brendon entra, fechando-a atrás de si.

Maldição.

Ele se encosta na porta com os braços cruzados.

— Eu sinto muito. — Aperto as mãos entre os joelhos, olhando para o chão em vez de olhar para o meu melhor amigo. Odeio ter estragado tudo.

— Nós tínhamos um acordo. — Suas palavras estão cheias de mágoa. — Se encontrássemos alguém, diríamos ao outro.

A culpa pesa sobre meus ombros. Ele tem razão. Esse foi o acordo que fizemos.

— Eu sei. — Minhas palavras são silenciosas na tensão do espaço entre nós. — Eu não sei o que está acontecendo comigo e Preston. Nós ficamos juntos anteontem à noite, mas essa é a primeira vez.

Mentiroso.

Quando ele não diz nada, eu me viro e olho para Brendon. Ele não se moveu da porta.

— Sinceramente, não sei o que vai acontecer a partir daqui. Ele é... — Eu me esforço para encontrar uma maneira de explicar seus problemas sem denunciá-lo. Eu realmente não sei quais são seus problemas, apenas as consequências deles. Como sem tocar.

Brendon zomba, balançando a cabeça.

— Ele deixou uma mensagem clara em seu corpo. Ele queria que eu visse.

Eu esfrego a parte de trás do meu pescoço.

— Eu acho que é assim que ele é. Eu não tive muito a ver com isso.

Ele bufa uma risada antes de ficar sério novamente.

— Mas você gostou.

— Não sei o que você quer que eu diga, — admito, agarrando minha nuca com as duas mãos.

— A verdade.

Eu suspiro e esfrego meu rosto em minhas mãos.

— Eu não sei o que está acontecendo entre Preston e eu. — Agarro minha nuca com as duas mãos e aperto. — Mas uma coisa que eu sei é que o que você e eu estávamos fazendo está acabado.

CAPÍTULO VINTE
PRESTON

EU ESTOU ENTORPECIDO.

Eu sei o que acontece a seguir, já que aconteceu mais vezes que eu possa me lembrar. Meu pensamento racional se foi, deixando-me no modo de sobrevivência. Eu só tenho que ir até o fim, porque sempre há um fim.

Jeremy me chamando, tentando me impedir de sair, quase me quebrou. Ele não deveria se importar comigo. Eu não dei a ele nenhuma razão para isso.

Mas eu preciso disso.

Pela primeira vez, alguém se preocupa mais do que apenas o que posso fazer no gelo. Eu não sei o que fazer com isso. Com Jeremy. Como posso deixá-lo entrar se nunca deixei *ninguém entrar?* Isso me assusta mais do que qualquer coisa que meu pai ameace. É egoísmo querer mesmo assim?

O motorista nos deixa em frente ao prédio e, sem dizer uma palavra, eu saio e sigo atrás de meu pai.

Eu só estive dentro da cobertura uma vez. Foi o suficiente.

O espaço é moderno, com linhas elegantes e superfícies brilhantes. Nada sobre isso é convidativo, mas grita dinheiro e isso é tudo com o que ele sempre se preocupou.

— Vá se trocar —, diz o pai por cima do ombro enquanto se serve de uma bebida da garrafa no armário de bebidas.

Não discuto nem brigo. Isso requer muito poder cerebral. No banheiro, encontro a caixa com meu short de compressão e o puxo para fora.

A sala é de pedra preta brilhante e vidro e enorme. É definitivamente maior do que o meu dormitório. Uma parede é uma janela com vista para Denver com as montanhas atrás dela. É lindo, mas não me faz sentir nada.

Shorts de compressão são tudo o que posso usar durante a correção. Ele sabe que odeio ser exposto, então faz isso para me deixar desconfortável e para provar que está em vantagem. Eu não acho que ele percebeu que eu dei a ele e há uma contagem regressiva para quando eu o retirar. Esse conhecimento me ajuda a lidar com isso? Não.

Eu tiro minhas roupas, tomo um banho e coloco a porra do short. Então eu fico na frente do espelho e espero que ele venha me buscar. A tensão em meu corpo aumenta a cada minuto que passa, sem saber quando algo vai acontecer. Ele nunca é previsível.

Às vezes fico aqui cinco minutos, outras vezes são horas. Ele vai começar com o bisturi ou o aguilhão de gado? Terei que escolher o que acontece primeiro? Talvez um banho de gelo seja o que ele tem reservado para mim primeiro.

O ar-condicionado liga, o ar frio pinica minha pele nua.

Nem eu me reconheço no espelho. Quem é esse cara?

Você é uma aberração. Jeremy nunca aceitará você.

O que há para ele gostar?

Você é um fracasso constante.

Sua mãe iria te odiar. É melhor que ela esteja morta e você não possa envergonhá-la agora.

Quando a porta finalmente se abre, não sei se fico com medo ou aliviada.

Eu olho para ele enquanto ele entra, segurando a jaqueta que Jeremy deixou no jantar e um pote de manteiga de amendoim com uma colher saindo dele.

Porra.

— Diga-me, Charles. Ele para na minha frente, levantando a jaqueta. — Por que aquele imbecil estava usando isso?

Mantenho meu olhar fixo no espelho à minha frente, tentando me desassociar e me perder em minha própria cabeça, mas não funciona. Seu tapa na minha bochecha faz meu corpo estremecer e o calor queima minha pele. Não faço barulho nem tento me proteger dele. Não adianta. Ele vai me fazer me arrepender de outra maneira se eu fizer isso.

Logicamente, sei que sou maior, mais rápido e mais forte que ele. Mas o garotinho dentro de mim tem pavor desse homem. O menino que mora em meu peito treme ao pensar em meu pai. Fechar-me, ficar entorpecido, é a única maneira que encontrei para protegê-lo da dor.

— Espero uma resposta, Charles. — Ele passa o dedo pela cicatriz mais recente em meu peito. Cada músculo que possuo se contrai, fazendo meu corpo tremer com o esforço de não empurrá-lo para longe de mim. Isso revira meu estômago. A pele está dormente, mas posso sentir a pressão no tecido abaixo dela, então alguns pontos formigam como se meus nervos tivessem sido atingidos por uma descarga elétrica.

Meus dentes doem por causa do aperto em minha mandíbula. Posso ver em meu reflexo, a falta de vida em meus olhos, a tensão em meus ombros. Por que alguém iria querer ficar perto de mim? Eu sou um idiota no melhor dos dias. Manter todos à distância para me proteger significa que minhas habilidades pessoais são uma droga.

Eu sou a personificação deste apartamento.

— Charles!

— Ele não tem um terno agora, então eu ofereci o meu. — É o mais próximo da verdade que posso chegar. Se meu pai descobrisse que tive um ataque de ciúmes porque Jeremy estava usando o de Brendon, ele encontraria uma maneira de usar isso para me chantagear ou encontrar uma maneira de ferir Jeremy para mantê-lo longe de mim. Provavelmente ambos.

— Desde quando você é altruísta?

— Se alguém na equipe parece ruim, todos nós parecemos ruins. — O lema foi batido em mim desde que eu era criança. O pai insistia na perfeição para todos nós. Depois que mamãe morreu, era meu trabalho manter Lily na linha ou pagar por isso mais tarde.

Eu geralmente pago por isso mais tarde. Não porque Lily era uma criança difícil, mas porque me recusei a assustá-la para que obedecesse. Ela era pouco mais que uma criança quando mamãe morreu.

— O que eu disse sobre cuidar de suas coisas? — O tom frio envia um arrepio na minha espinha.

— Se não consigo controlar minhas coisas, não mereço ter nada. — Não sei quantas vezes já disse essas palavras. Quantas vezes ele tirou tudo do meu quarto menos um cobertor no chão e as roupas que eu precisava para a escola?

Um golpe de revés joga minha cabeça para o lado novamente, a picada instantânea na minha pele fria forçando um silvo de mim.

Ele joga na minha roupa o paletó que deixei no balcão, pega a pasta de amendoim e enfia uma colher na minha boca. Eu engasgo, mas me contenho.

Eu odeio manteiga de amendoim. É a única coisa que ele me permite comer durante a correção.

Meu estômago se revira, mas tenho que engolir. Se eu vomitar, vou ter que comer mais. Provavelmente o frasco inteiro.

Minha boca se enche de saliva, os músculos do meu abdômen se contraem dolorosamente, tentando me livrar da pasta grossa em minha boca. Papai fica parado com uma sobrancelha erguida, me observando sem emoção.

No momento em que a manteiga de amendoim desce pela minha garganta, o suor começa a brotar na minha testa, mas acabou.

Papai pega minha pilha de roupas e se vira para a porta, virando-se no último segundo para falar comigo.

— Se você agisse corretamente e prestasse atenção, eu não teria que fazer isso.

— Sim senhor.

A porta se fecha e, mais uma vez, fico sozinha para olhar meu reflexo e me perguntar o que ele planejou. De jeito nenhum vou deixar este lugar sem um novo corte e não vou poder dormir. A única coisa que tenho a meu favor agora é que tenho que estar de volta no meu quarto amanhã à noite, então pelo menos sei quando isso vai acabar.

***

Há quanto tempo estou parado aqui? O sol se pôs e já faz muito tempo. O céu acima das montanhas é quase preto à distância.

Eu continuo caindo no sono apenas para acordar quando meu corpo começa a relaxar. Uma dessas vezes, sei que vou bater com a cara no balcão, provavelmente quebrar o nariz ou algo assim.

Imagens de Jeremy ontem à noite passam por meu cérebro exausto quando estou cansado demais para mantê-las fora. Mesmo no escuro, o rubor de sua

pele era claro. Seus gemidos quando deixei marcas em seu corpo me assombram agora que não tenho esperança de ouvi-los.

Por que ele me deixou tocá-lo?

Sua aceitação de tudo o que eu queria me acalmou, acalmou o medo e a ansiedade que são meus companheiros constantes. Ele parecia precisar de mim tanto quanto eu precisava dele. Por que ele se preocupa comigo? Ele não sabe que não valho o esforço?

Balanço a cabeça e respiro fundo, revirando os ombros para fazer meu coração disparar um pouco. A espera pode ser a pior parte disso. Saber que a dor está chegando, mas não *quando* é um tipo especial de tormento.

Passos soam no corredor e prendo a respiração. Ambos querendo que abra para que eu possa acabar com isso e esperando que não, então ele me deixa em paz.

— Prepare a mesa.

Aqui vamos nós.

Na prateleira de cima do armário do corredor há uma caixa preta com tampa e uma etiqueta que diz “CHARLES” escrito à mão. Puxando-o para baixo, vou até a sala de jantar e coloco-o na cadeira na cabeceira da mesa. Dentro estão a lona higienizada e os suprimentos médicos, incluindo seu kit de sutura e bisturi.

No piloto automático, coloco a folha de plástico e seus suprimentos selados em uma bolsa colocada no assento que suspeito que ele vai querer, aquele próximo ao meu ombro direito, então subo na mesa e me deito. O farfalhar de plástico com meus movimentos é um som que vou lembrar pelo resto da minha vida.

Minhas mãos abrem e fecham em punhos ao meu lado enquanto espero meu pai entrar.

Esta sala não tem peças para contar. As janelas do chão ao teto à minha esquerda mostram a vida agitada da cidade abaixo e um lustre está pendurado no centro da mesa. O teto é cinza e plano. Nada para focar.

A torneira abre na cozinha, provavelmente meu pai lava as mãos antes de calçar as luvas e entrar aqui.

Arrepios surgem na minha pele quando o ar-condicionado liga novamente, soprando diretamente em mim.

O pai entra com luvas cirúrgicas azuis, uma bata cirúrgica azul e um protetor facial de plástico transparente. Essa roupa assombra meus malditos sonhos. Se eu tiver que fazer uma cirurgia em um hospital, eles terão que me sedar muito antes de eu chegar à mesa para evitar que eu surte.

O lençol de plástico sob mim enruga quando respiro e ele move as coisas, preparando minha pele com um algodão embebido em álcool. Eu me recuso a me deixar fazer qualquer coisa mais do que apenas deitar aqui e pegar. Olhando para o teto enquanto ele começa, inspiro profundamente quando a lâmina perfura minha pele e o músculo contraído abaixo.

Queima, arde, enquanto ele arrasta a lâmina insanamente afiada pela carne do meu peito. Sangue escorre quente contra minha pele fria e se acumula na lona. O suor umedece meu rosto, costas e meio do meu peito enquanto meus batimentos cardíacos disparam, a adrenalina fazendo minhas mãos tremerem. Fecho meus olhos para me concentrar em minha respiração, diminuindo minha frequência cardíaca e convencendo meus músculos a relaxar.

Atrás dos meus olhos está Jeremy caindo de joelhos e engolindo meu pau em um instante. Suas bochechas encovadas enquanto ele engasgava, seus olhos inigualáveis fixos nos meus enquanto ele me deixava usar sua boca.

— Por que estamos aqui, Charles? — A voz prática de meu pai interrompe meu devaneio, a única habilidade de enfrentamento que me resta, do jeito que ele sempre faz.

CAPÍTULO VINTE E UM
JEREMY

MINHA CABEÇA ESTÁ DOENDO QUANDO ACORDO na manhã seguinte. Posso ter ficado bêbado ontem à noite com o time, afogando nossas mágoas por perder o jogo que não importa na classificação, e o sentimento de impotência quando se trata de Preston. Honestamente, me sinto melhor do que provavelmente deveria.

Realmente, qualquer motivo para os jogadores de hóquei beberem, eles aceitarão. Bem, a maioria deles.

Abrindo os olhos, olho para a cama de Preston e vejo que ele não está nela. Isso não é completamente anormal, mas olhando em volta, não vejo nenhuma prova de que ele tenha estado aqui. Eu me forço a me levantar e procurar por seu terno no armário, já que é a última coisa que o vi vestindo.

O cabide está vazio.

Merda.

Desconforto começa a se estabelecer no meu estômago, frio e ansioso enquanto pego meu telefone e encontro o número dele.

Clico em um bate-papo que não sabia que tínhamos e encontro mensagens de texto que aparentemente enviei a ele ontem à noite e que ficaram sem resposta.

Albrooke: Ei, você goza hoje à noite?

Albrooke: Viu o que eu fiz lá?

Albrooke: Onde você está?

Albrooke: Alô? Olá? Bom dia? Guten tag?

Jesus. Pesquisei no Google como dizer olá em outros idiomas?

Esfrego o rosto com a mão e entro no bate-papo em grupo da nossa equipe.

Albrooke: Alguém viu ou ouviu falar de Carmichael?

Há um monte de "não", mas isso não me surpreende. Acho que sou o único que fala com ele. Talvez um ou dois dos nossos outros homens D.

Merda.

Volto ao meu bate-papo com Preston e tento mais uma vez.

Albrooke: Ei, tudo bem? Você vai voltar para o dormitório hoje à noite?

Eu jogo meu telefone na cama e pego um pouco de ibuprofeno para a dor de cabeça, perseguindo-o com uma garrafa cheia de água, em seguida, deslizo meus pés em meus sapatos para que eu possa tomar café da manhã.

No caminho para o refeitório, verifico o ginásio e a pista de gelo por precaução, mas não vejo nenhum sinal de meu colega de quarto desaparecido. Eu não sei o que fazer.

Não sei por que Preston tem tanto medo do pai, mas deve ser por um bom motivo. Você não tem esse tipo de medo por nada. o que estou perdendo?

Passo o resto da tarde tentando mergulhar fundo na vida de Carmichael via Google e não consigo muito. Sua mãe morreu durante um assalto a uma casa que deu errado quando ele tinha dez anos, ele tem uma irmã cinco anos mais nova que ele e em um internato na Nova Inglaterra, e seu pai é basicamente o cirurgião plástico mais conhecido do mundo. Todo mundo espera que ele seja uma escolha de primeira rodada na próxima temporada porque ele é assustador no gelo. Do lado de fora, ele tem uma vida quase perfeita.

Mas cada uma dessas fotos que vi dele, ele está se escondendo atrás daquela máscara perfeita. O verdadeiro ele não está lá. Seus olhos estão vazios e seu sorriso carece de calor, se é que ele está sorrindo.

Quando chega a hora do jantar e eu ainda não tive notícias dele, desmorono e mando uma mensagem para o treinador.

Albrooke: Ei treinador, não vejo Carmichael há quase 24 horas e ele não está respondendo às mensagens. Você já ouviu falar dele?

Treinador: Ele está com o pai, deve estar em casa hoje à noite. Se ele não estiver em casa quando as luzes se apagarem, avise-me, mas tenho certeza de que ele está bem.

Como digo ao treinador que estou preocupado com Preston *porque* ele está com o pai?

— Porra! — Eu caio na minha cama, meu telefone caindo no meu peito, e olho para o teto. Eu odeio me sentir impotente.

Meu telefone toca com uma chamada de vídeo recebida e corro para verificar, suspirando quando vejo que é Stacy.

— Ei idiota, o que há? — ela diz quando eu atendo.

— Você me ligou, o que você quer?

Está quieto enquanto ela olha para mim.

— O que?

— Não, *você* o quê. O que você tem? — ela exige. Droga, agora ela acha que há algo acontecendo e não vai desistir até que eu diga a ela. Ela é pior do que a nossa mãe.

— Estou preocupado com meu colega de quarto. Ele não voltou para casa ontem à noite e não consigo falar com ele.

Eu dou de ombros e me sento, passando a mão pelo meu cabelo.

— Eu pensei que você odiava seu colega de quarto? — Ella balbucia ao fundo e eu sorrio um pouco com o som. Eu amo aquela criança e sinto muita falta dela. Ela era minha companheira de soneca quando eu ainda morava em casa.

— Eu fiz, mas eu não sei, ele não é tão ruim. Apenas intenso.

Eu dou de ombros novamente, tentando não pensar no jeito que ele marcou minha pele na outra noite, o jeito que ele me fodeu sem piedade. Como foi o melhor sexo da minha vida.

— Enfim, como está minha garota?

Stacy pega Ella e vira o telefone para que ela possa ver a tela. Seu rosto se ilumina e ela começa a balbuciar a mil por hora como se estivesse me contando uma história intensa. Finjo estar intrigado com isso, ouvindo cada palavra e preenchendo todas as lacunas com “de jeito nenhum” ou “então o que aconteceu?”

Stacy brilha enquanto observa sua filha animadamente me contando algo. Eu adoro ver isso. Eu sei que Stacy tem dificuldade em ser mãe solteira, e é por isso que aproveitei o pequeno rugrat todas as chances que pude. Nossos irmãos gêmeos cuidam dela quando podem, e nossos pais também ajudam, mas não é o mesmo que ter um parceiro com quem dividir o fardo. O pai de Ella saiu da cidade no dia em que descobriu que Stacy estava grávida. Ela ficou arrasada, mas honestamente, ela está melhor. Se ele foi capaz de largá-la tão rápido, não valia a pena mantê-lo por perto.

Antes que eu perceba, estamos no telefone há uma hora e é hora de Ella ir para a cama.

— Boa noite, baby. Eu te amo. Tenha um bom sono. — Eu digo a ela e mando um beijo para ela através da tela.

— Noite noite. Lo u, — ela imita e me manda um beijo de volta. Lágrimas ameaçam me sufocar quando a tela fica preta. Sinto falta da minha família e odeio estar perdendo tanto da vida de Ella. Ela está mudando tão rápido. Quando eu voltar para casa para visitá-la, ela será uma criança totalmente diferente.

Verificando a hora no meu telefone, estou mais agitado porque Preston não voltou e temos duas horas até que as luzes se apaguem. Eu deveria ir jantar, mas estou muito estressado para comer. Tenho uma energia ansiosa que poderia usar na academia, mas meu instinto diz para ficar perto do dormitório, que devo estar aqui quando ele voltar.

Eu bato meu telefone contra a palma da minha mão, sentando na beira da cama, desligando quando a porta se abre. Girando e pulando de pé, meus joelhos quase cederam em alívio quando é Preston entrando pela porta. Mas meu alívio dura pouco.

De short preto de ginástica e camiseta azul sem sapatos, ele parece fodido. Olheiras profundas e escuras sob seus olhos, seus ombros estão flácidos e seus olhos estão vermelhos.

Corro até ele, mas não sei como ajudá-lo, pois ele odeia ser tocado.

— Ei, o que aconteceu com você?

Ele está apoiado pesadamente contra a porta, sua bolsa de ginástica agarrada frouxamente em sua mão, como se estivesse muito cansado ou fraco para caminhar até sua cama. Coloco minha mão em seu cotovelo para oferecer algum apoio, sua pele está fria, mas úmida ao toque.

— Foda-se, — ele estala, virando aqueles olhos cinzentos tempestuosos para mim e puxando o braço da minha mão.

Seriamente? Eu estive preocupado o dia todo e tudo o que ele tem a dizer é “foda-se?”

Provavelmente é estresse por ver o pai dele. Não leve para o lado pessoal.

— É hora do jantar, você já comeu? — Seu estômago ronca alto no silêncio do nosso quarto. Acho que isso responde.

— Vá se deitar e eu vou pegar algo para você no refeitório.

Preston olha para mim como se quisesse dizer algo, mas não diz, apenas se levanta da porta e vai para a cama. Ele deixa cair a sacola no chão e se enrosca de lado com as costas contra a parede, sem nem mesmo tirar os sapatos primeiro.

Eu suspiro e os tiro, jogando um cobertor sobre ele, e me forço a não deixar cair um beijo em seu cabelo.

Levar o jantar para viagem é rápido, especialmente tão tarde, já que a correria das pessoas se dissipou, então posso segui-lo de volta para o meu quarto. Eu dei algumas opções para ele, todas saudáveis, então não tenho que ouvi-lo reclamar sobre isso.

Quando volto para o quarto, ele está desmaiado. Eu coloco a comida em sua mesa no caso de ele querer mais tarde e me acomodo na minha cama com meu laptop. Eu deveria estar fazendo o dever de casa, mas não conseguia me concentrar nele. Tê-lo de volta, onde posso vê-lo, me acalma. Ele não está bem, isso está bem claro, mas sei que ele está seguro aqui.

Eu leio cerca de três páginas quando Preston começa a choramingar e se sacudir agressivamente sob o cobertor. Deixando o laptop para baixo, eu me levanto e sento na beira da cama, sem saber como ajudá-lo.

— Pare —, ele murmura, sua cabeça estalando para enfrentar a direção oposta. — Não.

Há algo muito infantil no tom de sua voz e isso parte meu coração. É uma memória em que ele está preso? Que tipo de trauma ele viveu que teve que manter escondido? Não havia ninguém para ajudá-lo?

— Eu sinto muito. — Sua voz é mais alta desta vez, mas não menos inocente. — Por favor.

Pego sua mão e faço círculos nas costas, dizendo baixinho

— Shhhh —, na tentativa de confortá-lo.

Ele estremece novamente, seus braços subindo para proteger seu rosto, mas em seu sono ele erra.

— Preston, — eu esfrego seu braço já que é o único espaço seguro que sei que posso tocar além de seu cabelo.

— Ahhhh! — ele grita, sentando-se ereto, os olhos selvagens arregalados vasculhando a sala, e suas mãos agarram meu braço com tanta força que sei que haverá hematomas pela manhã.

— Ei, você está bem, — digo baixinho, usando minha mão livre para correr meus dedos por seu cabelo e segurar sua nuca. — Você está seguro.

Ele está respirando com tanta dificuldade que tenho medo que ele vá hiperventilar, mas ele pisca algumas vezes como se estivesse percebendo onde está.

— Jeremy? — Sua voz é áspera.

— Sim? — Eu dou um aperto suave em seu pescoço que espero que ele considere reconfortante.

— Baixa. — Ele se deita e me puxa com ele, virando-me até que minhas costas estejam contra sua frente e seus braços estejam em volta de mim. Deito minha cabeça em seu travesseiro e relaxo em seu abraço. Uma de suas mãos encontra a minha e entrelaça nossos dedos enquanto ele enterra o rosto no

meu pescoço. Ele inala profundamente e relaxa, murmurando “seguro” antes de cair no sono.

Na manhã seguinte, sou acordado por um empurrão e quase caindo da cama.

Felizmente, meus reflexos são decentes e me pego com uma mão na mesa de cabeceira e um pé no chão, mas meu coração está batendo forte no peito e estou respirando com dificuldade.

— Que porra é essa? — Levo alguns segundos para lembrar que estou na cama de Preston. Com meu estômago no colchão agora, eu viro minha cabeça para olhar para o rosto irritado do meu colega de quarto.

— Dá o fora de mim —, ele rosna com uma voz rouca de sono.

— Que diabo é a o seu problema? — Eu retruco, frustrado comigo mesmo por continuar me colocando nessa mesma porra de situação onde Preston acaba sendo ingrato.

— Você no meu espaço pessoal é problema meu. — Ele me empurra novamente e desta vez eu caio no chão e olho para ele.

— Se este é o agradecimento que recebo, acabei de ajudá-lo.— Forçando-me a me mover, eu me levanto e vou para o banheiro, fechando a porta atrás de mim.

Que porra?

Por quê?

Por que isso me incomoda? Ele me odeia de qualquer maneira, então por que continuo tentando quando acabo com meus malditos sentimentos feridos depois. Eu gasto tempo me preocupando com ele apenas para ser empurrado para longe e gritado. Acabei com a merda dele.

CAPÍTULO VINTE E DOIS
PRESTON

O ALARME DAS QUATRO DA MANHÃ TOCA no meu telefone, me tirando de um sono profundo. Minha bochecha pressionada contra a pele quente das costas de Jeremy, sua bunda contra o meu pau e meu braço em volta de sua cintura. Por mais que eu queira ficar enrolado nele, eu me forço a afastá-lo.

O conforto que recebi dele naquela primeira noite foi demais. Isso machuca. Eu não sei como aceitar isso, aceitá-lo. Por apenas um minuto, antes que a realidade se estabelecesse, eu me agarrei a ele, cercado pelo calor e pelo cheiro de sua pele. Meus dedos coçaram para explorá-lo nos momentos lentos do amanhecer, mas meu grito de alarme arrancou a fantasia de mim e eu o empurrei para longe. Eu o quero muito para me deixar tê-lo. Ele é uma distração e uma fraqueza. Eu também não posso pagar.

Não há nada que eu queira mais do que estar enrolado nele, quente e em paz, meu peito contra suas costas ou meu rosto em seu pescoço. À noite, quando o medo me domina, posso segurar o que ele oferece com as duas mãos, mas minhas paredes se erguem com o sol.

Faz semanas disso. Vou para a cama sozinho e acordo com Jeremy pressionado contra mim. Semanas. Metade do tempo eu acordo duro como pedra e esfregando sua bunda, pronto para gozar. Às vezes ele está empurrando de volta para mim, gemendo. Todas as manhãs é difícil afastá-lo e agir como se isso não me incomodasse. Como se ele não significasse nada para mim. Porque ele faz.

Todas as manhãs eu gostaria que sua pele tivesse minhas marcas. Eu gostaria de poder fodê-lo fora do meu sistema, mas, como um parasita, ele está enterrado sob a minha pele.

Com mais uma respiração profunda de sua lavagem corporal, eu me sento e o empurro. Eu sei que ele está pelo menos meio acordado, nós fazemos isso todas as manhãs.

Ele não diz uma palavra, apenas se levanta e sai da minha cama.

Como se eu não fosse acordar em pânico esta noite depois de irmos para a cama, lutando contra os pesadelos que me assombram. Como se ele não fosse acordar e subir na minha cama sem ressentimento ou julgamento e me deixar usá-lo para me ancorar no aqui e agora, meu peito pressionado em suas costas e nossos dedos entrelaçados.

Mas não posso fazer isso à luz do dia. Uma vez que estou acordado, seu toque é demais. Isso me deixa fraco por precisar dele.

Seu calor, seu cheiro, seu toque mantém os pesadelos afastados. Neste ponto, a porra da minha cama cheira mais a ele do que a mim.

Eu me levanto, pego minhas roupas de ginástica e me troco.

Meu treino está feito, as aulas estão resolvidas e estou indo para a prática. Mais uma vez, de volta ao vestiário para se trocar.

Jeremy não olha para cima quando eu entro, ele não me reconhece de forma alguma se esbarra comigo durante o dia. Como um fantasma, eu não existo. Eu apenas continuo meu dia sem ele como se não estivesse à beira de um colapso mental. Ele me odeia e tudo bem. Preferível mesmo. Ele é muito bom para me manter à distância durante a noite.

No gelo, fazemos um aquecimento rápido e depois nos dividimos em equipes de dois contra um. O outro homem da segunda linha D, Willis e

Johnson estão bloqueando Jeremy, que está tentando colocar o disco na rede. Albrooke está com o disco e está correndo pelo meio para passar por Johnson. Ele gira na tentativa de contorná-lo quando Johnson empurra Jeremy e pega o disco, atirando para o outro lado do gelo.

Isso me faz ver vermelho. Ninguém toca em Jeremy além de mim.

Eu mastigo meu protetor bucal, esperando minha vez no gelo. O treinador faz com que as equipes mudem para colocar todos nós uns contra os outros em algum momento. Finalmente, tenho minha chance com Johnson tentando passar por mim e Carpenter.

Johnson tenta subir pela lateral do rinque contra as tábuas. Eu corro atrás dele, acertando-o nas tábuas com mais força do que o necessário, e passo o disco para Carpenter, que chega à rede.

Johnson me empurra para longe dele, irritado e com o rosto vermelho.

— Dá o fora de mim.

— Toque-o novamente e você terá mais do que orgulho ferido —, eu fervo com os dentes cerrados.

— Você está falando sério? Estamos fazendo exercícios! O objetivo é parar o cara com o disco! — ele responde, olhando para o resto da equipe esperando por sua vez. — Por que você não o deixa em paz, hein? Ele obviamente não está interessado no que você está vendendo.

Eu patino até ele, peito a peito, minhas mãos segurando sua camisa.

— Fique fora do meu negócio.

O apito do treinador soa e patinamos de volta para os outros. Eu fico de lado porque ninguém quer falar comigo. O que é bom. Também não quero lidar com eles. Eu só quero dar o fora daqui.

Após o treino, Brendon e Jeremy se trocam e saem para encontrar Paul no bar. Nós temos um jogo amanhã, então eu sei que eles não vão ficar bêbados ou fazer qualquer coisa completamente estúpido. Não significa que eu não quero marcar Brendon quando ele se virar e olhar para mim enquanto eles se afastam do rinque enquanto eu saio para a academia.

Isto é minha vida. Ele gira em torno do hóquei, da academia e das aulas. Eu como a mesma coisa todos os dias, vou para a cama na mesma hora, empurro Jeremy para fora da minha cama na mesma hora todas as manhãs. E eu odeio isso.

Uma vez que estou exausto na academia, volto para o nosso quarto e encontro uma entrega na minha cama com meu colega de quarto longe de ser encontrado. Como meu pai pegou meu terno, tive que comprar outro, mas tudo bem, é mais fácil do que tentar recuperá-lo dele.

Estava do lado de fora da porta e Jeremy o trouxe para que não se mexesse? Ele e Brendon ficaram juntos antes de partirem? Não vi nenhuma evidência disso, mas também não estou vasculhando a merda dele.

Meu telefone toca com uma chamada de vídeo e eu atendo sem olhar para a tela. É minha irmã.

— Ei, pirralha. E aí? — Eu ligo meu telefone e vou desempacotando o terno que comprei. Mandei de Boston, então custou uma pequena fortuna, mas gosto do cara que fez meus últimos.

— O que diabos você comprou? — Ela olha para a minha tela como se aproximar dela fosse tornar a minha mais clara.

— Um terno. Você ligou por um motivo ou apenas para criticar meus hábitos de consumo?

Eu desligo, mas deixo fora para que eu possa prepará-lo para o jogo amanhã.

— Apenas entediado. Como está seu namorado? Onde ele está? Ele é super fofo. — Ela sorri como o gato Cheshire. Daquele jeito chato que só as irmãzinhas conseguem.

— Ele não é meu namorado. Pela última vez, ele é meu colega de quarto e pegou meu telefone por engano quando tocou.

Eu bufo para ela, arrumando minhas coisas da escola para que eu possa terminar meu dever de casa.

— Certo, claro. Acredito que. — Ela acena com a cabeça, mas definitivamente está brincando comigo.

— Você está ligando apenas para me incomodar ou você realmente quer alguma coisa?

— Só ligando para te irritar. Meu trabalho está completo.

Ela parece tão orgulhosa de si mesma que é difícil não sorrir para ela. Ela merece um irmão que possa estar mais presente para ela, que seja capaz de ter um relacionamento real com ela.

Você está quebrado. Sem utilidade.

— Ótimo, tchau. — Ela desliga e eu me recosto na cama com meu livro.

Uma hora depois, Jeremy entra e se joga na cama, de cara, sem me dizer uma palavra. Verificando a hora no meu computador, salvo meu trabalho e fecho o laptop antes de me preparar para dormir. Temos um jogo amanhã e sei que estarei lutando contra os monstros da minha cabeça em algumas horas. Novamente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS
JEREMY

É UM JOGO BRUTAL até agora, estamos jogando contra um time muito bom e eles estão chutando nossos traseiros. Estamos empatados em dois a dois no terceiro período, faltando dez minutos. Preston está, mais uma vez, na lixeira. O disco cai e eu pulo para pegá-lo, jogando-o para Paul. Ele passa para mim e eu mando para Brendon tentar a rede. É bloqueado pelo goleiro, fazendo com que todos corram para o disco. A outra equipe consegue pegá-lo e corre em direção ao nosso objetivo, perseguindo-os de volta ao nosso território. Seu ala esquerdo bate em nosso homem D direito, o disco é derrubado e eu o perco na confusão enquanto quatro jogadores lutam por ele.

O bastão de alguém enganchou minha perna, puxando meus patins debaixo de mim. Minha cabeça bate no ombro do ala esquerdo, arremessando meu capacete. Seu cotovelo sobe e me acerta no rosto com força suficiente para me atordoar. Quando bato no gelo, minha cabeça quica e tenho que sacudi-la para limpá-la. Apitos soam ao nosso redor, os treinadores estão gritando, alguém cai em cima de mim, de alguma forma conseguindo me acertar no mesmo lugar, e o gelo é inundado por membros da equipe de ambos os lados. Uma briga começa e alguém cai sobre mim, deixando-me sem fôlego.

Consigo sair de baixo da pilha de jogadores de hóquei lutando e olho em volta para o caos. Os árbitros estão tentando separar as lutas, Preston está montado no peito de um cara de camisa vermelha, socando-o no rosto com as próprias mãos.

— Que porra é essa? — Sangue está escorrendo pelo meu rosto, tornando difícil de ver, mas eu começo para ele. Sou parado por alguém agarrando meu braço. Girando com o punho levantado, solto-o quando vejo Paul.

— Vamos, você está feito. Tenho que ir ao médico. — Ele me puxa como se eu fosse discutir. Ele está certo, eu vou.

— É a porra de um corte, estou bem! — Eu saio de seu alcance e percebo um movimento à minha direita. Alguns jogadores estão tentando tirar Preston do jogador no gelo, mas ele também está lutando contra eles. Porra.

— Preston! — Eu grito, sacudindo Paul para soltá-lo e patinando em sua direção o mais rápido que posso. — Deixe ele ir! — Eu empurro o grande bastardo o mais forte que posso para chamar sua atenção. — Saia de cima dele! Você vai ser suspenso, seu filho da puta idiota!

Ele olha para mim com fúria em seu rosto, aqueles olhos cinzentos um poço sem fundo de dor e tormento. Por um segundo, estou congelado. Por que ele está me olhando assim? É um soco no estômago.

— Vamos. — Eu agarro seu braço para colocá-lo de pé, limpando o sangue para tirá-lo do meu olho.

O árbitro grita atrás de mim:

— Você está fora daqui! Pênalti por má conduta no jogo! Um jogo de suspensão!

Maldição.

O gelo está limpo de jogadores, alguém está raspando o sangue do gelo e derramando água nas marcas de arranhões para recongelar. O treinador fica furioso quando chegamos ao vestiário. Eu tenho uma toalha empurrada para mim para o meu rosto. Eu limpo o sangue e me sento no banco, com a intenção de continuar jogando. Preston é levado pelo túnel para o vestiário para se

trocar, já que foi expulso do jogo. Um dos paramédicos com uma maleta médica fica na minha frente com luvas, pega a toalha de mim e olha para o corte.

— Temos que limpar isso. Você provavelmente vai precisar de pontos, — ele me diz. — Você também precisará ser verificado quanto a uma concussão.

— Oh vamos lá!

O EMT limpa a ferida e mexe um pouco antes de enfaixá-la.

— Você precisa de pontos —, diz ele, e eu rosno de frustração.

— Apenas borboleteie e siga em frente. Estou bem!

Ele balança a cabeça para mim.

O treinador olha para mim, suas sobrancelhas puxadas para baixo em seus olhos.

— Albrooke, vá. Se você não tiver uma concussão e o médico liberá-lo, você pode voltar.

— Vamos levá-lo, — o cara diz ao treinador, que acena com a cabeça e volta sua atenção para o gelo onde eles estão recomeçando o jogo.

— Porra! — Eu grito, levantando-me e jogando meu bastão em frustração. — Isso é besteira. Eu não tenho a porra de uma concussão!

A raiva faz minhas mãos tremerem e meu sangue esquentar. Agora *eu* quero socar alguém.

Um dos treinadores assistentes sai conosco para seguir atrás da ambulância, então eu pego uma carona de volta ao rinque.

Desço o túnel com os paramédicos, resmungando durante todo o caminho até a ambulância.

Quando passo pelo vestiário, tento dar uma olhada em Preston, mas não o vejo. Outro dos treinadores assistentes está lá de pé com os braços cruzados, parecendo chateado.

— Quanto tempo isso vai levar? — Exijo enquanto subo na ambulância. Eu vou voltar lá. Isso é besteira. É um maldito corte.

— Não sei, espero que não muito.

***

Perdi o resto do jogo e levei três pontos na testa, mas posso jogar amanhã, desde que faça outra tomografia computadorizada antes do jogo. No momento em que tomo banho, me troquei e volto para o meu quarto, estou cansado, com raiva e confuso.

Que porra estava acontecendo com Preston esta noite? Ele perdeu a porra lá fora. Eu sei em primeira mão como ele é um jogador difícil, mas isso foi uma loucura.

Meu telefone está cheio de mensagens de texto e ligações perdidas de todos os membros da minha família. Eu poderia muito bem tirar essa ligação do caminho.

Pego o número da minha mãe e ligo para ela por vídeo, pois sei que ela não aceitará nada menos.

— Jeremy Rodger Albrooke! — ela grita meu nome, o medo claro nas linhas de seu rosto.

— Ei mãe. Estou bem. Promessa. Apenas alguns pontos.

Ajusto a câmera para que ela possa ver os pontos através do curativo transparente acima da minha sobrancelha.

— Eu nunca deveria ter deixado você se mudar para aquela escola. Você deveria ter ficado em casa e estudado aqui! — Ela mal respira antes de continuar. — É tarde demais para voltar?

Eu não posso evitar o sorriso puxando meus lábios. Ela é a melhor mãe e, se fosse por ela, nenhum de seus filhos jamais teria deixado o ninho.

— Estou bem, eu prometo. Fui examinado quanto a uma concussão e a tomografia computadorizada estava limpa. Desde que tenha outro amanhã e também esteja limpo, posso jogar. Estou bem.

Eu faço o meu caminho para o prédio do dormitório e pego o elevador.

— Também não estou me transferindo. Esta é uma escola incrível, a equipe é ótima e tenho alguns amigos aqui.

Meu pai aparece no vídeo.

— Ei, amigo, você está bem então?

— Sim, estou bem, pai, só um galo na cabeça. Eu fiquei pior brincando com Jordan e Keith.

— Tudo bem. Calma, hein?

— Farei, pai. Amo vocês.

— Também te amo, cara. — Ele devolve o telefone para mamãe.

Eu alcanço minha porta e fico aliviada ao encontrá-la destrancada, mas quando eu a abro para encontrar o Dr. Carmichael parado no meio do nosso quarto, eu congelo.

— Ué, mãe. Te ligo mais tarde, te amo. — Termino a ligação antes que ela possa responder.

Que porra ele está fazendo aqui? Uma rápida varredura do pequeno espaço me diz que Preston não está aqui.

— Como você chegou aqui? — Agradável. Tenho certeza de que mamãe não daria um tapa na sua nuca por isso.

Entro e fecho a porta. Se vou atacar esse cara, não preciso de audiência.

O homem impecavelmente vestido olha para mim como se eu fosse um chiclete grudado na sola de seu sapato caro. Ele nunca fez nada para mim, mas eu não confio nele. Tudo nele me deixa inquieto, me arrepia o cabelo da nuca.

— Onde está Charles? — Ele ignora minha pergunta como se tivesse todo o direito de estar no meu espaço pessoal.

— Não sei. Eu estive no pronto-socorro.

Eu aponto para minha cabeça como se não fosse completamente óbvio. Ele não estava no jogo? Ele não viu a luta começar? Não é por isso que ele está aqui?

Seu comportamento muda quando ele percebe o curativo transparente em meu rosto cobrindo meus pontos.

Ele caminha em minha direção, agarra meu rosto e o vira para a luz para ver melhor.

— Que porra é essa? Saia de cima de mim!

Eu o empurro, mas ele é mais forte do que eu esperava. Seus dedos cavam em meu rosto enquanto ele segura firme.

— Eles não fizeram nenhum favor a você com isso —, diz ele, mais para si mesmo do que para mim. Ele levanta a mão e passa o dedo sobre a ferida e eu assobio, me afastando dele. — Pare de se mexer, — ele repreende, como se eu fosse uma criança petulante que não parasse quieta.

A porta se abre atrás de mim, me fazendo pular e puxar minha cabeça para ver quem é. Preston está enraizado no chão, seus olhos fixos no aperto de seu pai em meu rosto.

— Que diabos está fazendo? — Instantaneamente, ele irradia uma mistura de medo e raiva. Eu sei que ele está com medo de seu pai, mas esta noite, ele provou que é superprotetor comigo. Para ser honesto, estou com um pouco de medo do que vai acontecer a seguir.

— Inspecionando a ferida do seu amigo. — Dr. Carmichael dispensa Preston e força meu rosto de volta para a luz. — Se eu tivesse meu kit, poderia consertar isso. É uma pena deixar uma cicatriz em um rosto tão bonito.

O que. A. Porra.

Seu dedo mais uma vez traça sobre a ferida e eu juro que ele fica duro. Ele está perto o suficiente de mim para que eu possa senti-lo. Estou tão chocado com isso, não sei o que fazer. Eu quero nocauteá-lo.

Preston abre caminho entre nós, forçando seu pai a soltar meu queixo ou me machucar. A expressão quando ele olha para o filho promete retribuição.

— Fique longe dele. — Preston está firmemente pressionado contra o meu peito. Eu sei que ele não gosta de ser tocado, mas ele se colocou aqui. Dou um passo para trás, completamente estranho com o que está acontecendo aqui.

— Charles, desde quando você me dá ordens? — A tensão na sala é forte o suficiente para cortar com uma faca e não há nada que eu possa fazer a respeito. Há tanta coisa acontecendo aqui que eu não entendo. Como posso ajudar se não sei o que está acontecendo? O que há na vida de Preston que seu pai precisa controlar? O que ele está segurando sobre Preston?

— Ele não faz parte disso. Deixe-o em paz, — Preston reitera.

O que isso significa?

O Dr. Carmichael dá um tapa no rosto de Preston, deixando uma marca de mão vermelha brilhante em sua bochecha. As narinas de Preston se dilatam,

seu peito se expande com a força de sua respiração, mas ele não retalia. Que porra?

CAPÍTULO VINTE E QUATRO
PRESTON

EU ESTOU TÃO FODIDO.

Eu sabia que esse dia estava chegando, mas esperava ter mais tempo. Mais tempo para se recuperar da última correção. Este será pior. Ele tem dias desta vez, não apenas horas. Ao sair do vestiário, o treinador me disse que havia falado com meu pai e que eu estava dispensado do jogo de amanhã.

— *Espero que sua irmã esteja bem.*

As palavras me assombram. O que ele fez com Lily? Que mentira ele contou ao meu treinador para me dispensar de um jogo? Eu não ia jogar mesmo, ganhei um jogo de suspensão por atacar aquele jogador, mas valeu a pena. Ele propositalmente enganchou Jeremy com sua bengala, fez ele tropeçar e agora ele tem pontos. Foda-se aquele cara. Jeremy é meu. Eu sou o único que consegue deixar marcas nele.

— Vá entrar no carro, Charles. Discutiremos isso em casa. — A voz do meu pai corta a memória de ver Jeremy bater no gelo.

Ele sai pela porta, seus passos desaparecendo no corredor. Ele sabe que não precisa esperar, vou seguir como o cachorrinho chutado que ele me treinou para ser. A confusão e o cuidado de Jeremy quase me quebram. Eu odeio isso, ter que ceder ao meu pai, que quando eu voltar, Jeremy terá que suportar a força bruta disso. É por isso que nunca tenho colegas de quarto. Não posso colocar minhas coisas aos pés de outra pessoa.

Estou à beira de hiperventilar quando olho para ele. Ele parece tão abalado quanto eu.

— Volto domingo à noite. — As palavras soam distantes apesar de saírem da minha própria boca.

— Domingo? — Ele se aproxima, pegando minha mão, mas eu saio do caminho. Não posso deixá-lo me tocar. Eu quero desesperadamente deixá-lo me abraçar, me envolver em torno dele e me perder nele, mas não posso. Agora não.

— Temos um jogo amanhã! Você não pode perder. Ele se aproxima o suficiente de mim para que, se eu respirasse fundo, nossos peitos se tocassem. — O que quer que esteja acontecendo aqui vale a pena ser expulso do time?

Eu fecho meus olhos por um segundo e respiro, não deixando a apreensão do que eu sei que vem a seguir tomar conta.

— Foi esclarecido com o treinador.

Confusão tem linhas se formando entre suas sobrancelhas enquanto seus olhos procuram os meus. Encaro seus olhos castanho-azulados, memorizando-os antes de sair.

— Mas...

Eu o interrompi agarrando seu rosto e pressionando um beijo forte em seus lábios. Ele abre imediatamente e eu passo minha língua em sua boca. Só por um segundo. Só para lembrar como ele sente. É fodido e egoísta, mas preciso dessa memória para passar os próximos dois dias.

O aroma picante, amadeirado, quase esfumaçado de seu desodorante enche minha cabeça. Eu sei que vou ouvir sussurros disso por dias, minha mente pregando peças em mim enquanto estou sem sono e com dor.

— Charles. — Meu nome é gritado no corredor e eu o deixo ir instantaneamente.

Ele agarra meu pulso e eu o deixo desta vez. Eu quero seu toque marcado em minha pele.

— Não vá. Você não precisa sair com ele.

Seus olhos imploram para que eu fique com ele.

Eu quero chorar com o quão sério ele é. Ele quer dizer as palavras; ele acha que é simples assim.

— Volto no domingo.

— Não, fique. — Jeremy segura meu pulso com mais força, exigindo que eu desafie meu pai.

Quase quebro quando digo a ele:

— Não posso —. Minhas palavras são pequenas e silenciosas no espaço entre nós.

Eu me afasto dele para ir embora. Ele me segura até o último segundo, finalmente deixando meu braço cair ao meu lado enquanto me afasto. Limpando a garganta, escondo minhas emoções de meu pai e o sigo pelo corredor até o elevador. Ele não diz uma palavra enquanto esperamos, apenas olha para frente, então eu faço o mesmo.

O ding anuncia a chegada e as portas de metal se abrem. Entramos e nos viramos para o corredor. Jeremy está parado no corredor do lado de fora do nosso dormitório, os punhos cerrados ao lado do corpo. Nunca tive vontade de correr para alguém, para saber que eles iriam me confortar em um momento de fraqueza, mas sinto a necessidade agora e me odeio por isso.

— Ele é uma distração, arruinando o trabalho duro que você fez. Livrar-se dele. — O tom prático de meu pai me dá nos nervos.

— Não.

— Você não está exatamente em posição de fazer essa ligação, está?

Eu tomo uma respiração lenta, forçando-me a ficar calmo.

— Ele é meu companheiro de quarto e de equipe. Não consigo me afastar dele.

Eu tento voltar atrás, mas é inútil. Ele vai fazer o que quiser e eu vou ter que lidar com isso. Não ficarei surpreso se ele ligar para o treinador e forçar a mão para me arranjar um novo colega de quarto.

— Você está se permitindo ser distraído por ele. Você vai deixar um pedaço de bunda arruinar sua vida? Arruinar seus sonhos?

Meus sonhos? Eu não tenho sonhos. Não mais. Eu só espero sobreviver.

— O que você disse ao treinador para me dispensar do jogo de amanhã?

Não estou discutindo sobre Jeremy com ele. É inútil e só vai me trazer mais problemas.

— Que sua irmã está terrivelmente doente e não temos certeza se ela vai sobreviver, — ele diz como se estivesse comentando sobre o tempo.

Minha cabeça se encaixa para o lado, olhando para ele. Como diabos eu deveria manter isso? Por que ele inventaria essa história? É fácil fazer login em qualquer plataforma de mídia social e encontrá-la. Já que meu pai não fala muito sobre ela, ela fica fora dos olhos do público, então é uma merda manter sua merda pessoal.

— E eu estarei de volta magicamente no domingo? — Que porra ele está pensando?

— Ela terá virado uma esquina e estará melhorando. — Ele dá de ombros como se isso não fosse explodir na minha cara na segunda-feira, quando meus companheiros de equipe estão fazendo perguntas para as quais não tenho respostas.

— O que você disse a ele que estava errado com ela? Do que ela milagrosamente vai se curar? — Eu cerro meus dentes com tanta força que eles doem. O elevador para no térreo e descemos. Seu motorista está parado no meio-fio esperando por nós, segurando a porta aberta assim que saímos do prédio. Meu estômago revira quando afundo no assento de couro, olhando pela janela da frente como se estivesse apenas fazendo uma viagem e não prestes a ser torturada pelos próximos dois dias.

Pego meu telefone e ligo para Lily para ter certeza de que ela não está realmente no hospital.

— Olá, homem das cavernas, — ela responde. Ótimo, ela viu o jogo.

— Ei, Lily. — Alívio inunda meu sistema sabendo que ela está segura.

— O que diabos acionou seu interruptor de assassinato? Acho que nunca te vi depois de alguém assim.

Não tenho tempo para isso agora e realmente não quero explicar para minha irmã algo que não consigo aceitar.

— Você pode me fazer um favor e postar em suas redes sociais como se um amigo estivesse postando para você, dizendo que você está super doente e hospitalizado? Então fique fora por um tempo, saia e não poste nada por alguns dias.

— Ué, por quê? O que diabos está acontecendo? — Eu ouço o som de garotas rindo ao fundo.

— Algo aconteceu e eu preciso perder o jogo amanhã. Como não estou jogando de qualquer maneira, disse ao treinador que você está basicamente morrendo.

Não exatamente a verdade, mas perto o suficiente. Se ela pensa que está me ajudando, é mais provável que o faça. Se eu apenas exigir que ela faça isso, ela não o fará.

— Ah com certeza. Do que estou morrendo?

Olho para meu pai que finge que não está prestando atenção.

— Pneumonia? — Eu esfrego minha testa. — Sinceramente não sei. Invente algo e me diga o que você escolheu. Não pode ser nada maluco.

— Você é o irmão mais estranho. Duvido que essa seja a merda que irmãos normais fazem. — Ela zomba.

— Você realmente acha que irmãos não mentem um para o outro? Essa é uma das vantagens de ter irmãos. É absolutamente normal. — Estamos quase no prédio de papai e sei que ele pegará meu telefone assim que eu entrar. — Obrigado, Lílian. Eu tenho que ir. Fale depois.

— Tchau, perdedor!

Ela desliga e eu coloco meu telefone de volta no bolso.

Estou fazendo isso para protegê-la. Para dar a ela uma vida tão normal quanto eu puder.

— Você fala com ela regularmente? — O pai questiona, como se estivesse surpreso.

— Pelo menos duas vezes por semana durante a temporada, com menos frequência durante o verão.

Duvido que ele ligue para ela pelo menos uma vez por mês. Sua secretária provavelmente envia um e-mail muito impessoal.

Papai estende a mão quando nos aproximamos de seu prédio e eu entrego meu telefone a ele. Eu o vejo desligá-lo e colocá-lo no bolso, minha linha de

vida se foi. Eu sabia que estava chegando, mas é muito mais esmagador desta vez.

O motorista estaciona perto do prédio e sai para abrir a porta para nós. Nós saímos e entramos na cobertura sem que ninguém perceba que estamos lá. Acho que vale a pena morar onde vivem os ultra ricos.

O apartamento frio e estéril está esperando por nós, mas desta vez está ainda mais frio do que antes. É provavelmente sessenta e cinco graus aqui. Vai ser um fim de semana prolongado.

— Vá se trocar. — E assim, começou.

De pé no banheiro apenas com shorts de compressão, mais uma vez olhando para mim mesma, arrepios cobrem minha pele. Está um frio danado aqui. O AC tem soprado mais do que desligado. Não faço ideia de quanto tempo estou parado aqui, mas já estou cansado. Meu corpo balança, em busca de conforto, de calor, para tentar ficar acordado. Faz algum tempo; Eu posso dizer isso pelo quão escuro o céu está lá fora. Meu corpo está pronto para entrar em colapso após a adrenalina do jogo.

Passos no corredor deixam meu corpo tenso.

A porta se abre e meu pai traz uma sacola de guloseimas com ele. Excelente.

— Coloque isso. — Ele me entrega um par de fones de ouvido sem fio e eu hesito por apenas um segundo para pegá-los. Sei que isso significa que estarei sujeito a ruídos dolorosamente altos em intervalos aleatórios para garantir que não adormeça.

— No tubo. — Ele acena na direção da grande banheira branca na frente da enorme janela.

A porcelana está fria contra a minha pele quando me sento e penetra no tecido fino do meu short. Como sou muito alta, meus joelhos estão dobrados e a borda da banheira fica encostada nas minhas costelas.

Papai tampa a banheira e abre a torneira da água fria antes de pegar minhas roupas e sair com elas, voltando com um longo aguilhão laranja. Foda-me. A água é como agulhas contra minha carne. Não vai demorar muito até que minha pele fique azul.

O grosso aguilhão de gado tem uma alça de bateria, uma longa haste laranja em forma de U na outra extremidade com duas pontas de metal saindo. A porra da coisa dói pra caralho, mas não deixa marcas. Se ele me pegar agora, não haverá nem uma marca vermelha até domingo à noite.

Ele vem em minha direção, girando como se não tivesse preocupações no mundo.

Relaxar.

Ficar tenso torna tudo pior.

Respirar.

Fecho os olhos e me concentro na respiração para não antecipar o golpe.

Seus passos no ladrilho são silenciosos, mas posso acompanhá-lo enquanto ele desliga a água com apenas o suficiente na banheira para cobrir meus pés, em seguida, se move para ficar atrás de mim.

Não fique tenso.

Relaxar.

Sem uma palavra, as pontas de metal atingiram meu ombro, enviando um estalo de eletricidade através dos músculos. Meu corpo se afasta e eu assobio com a dor imediata. O choque é uma merda. Só dura enquanto as pontas

estiverem me tocando, mas é afiada. Se ele acertar o ponto certo, isso me tira o fôlego.

Ele me acerta mais duas vezes perto do mesmo lugar. O suor brota na minha pele, apesar da temperatura no quarto, e os nós dos meus dedos estão brancos enquanto agarro as bordas da banheira.

Movendo-se para o meu lado, ele me pega de cada lado do último corte que ele adicionou ao meu corpo.

— Porra! — Meu músculo peitoral se contrai por um segundo e eu ofego de dor. Eu odeio levar um choque. Eu preferia que ele me batesse.

Em meus ouvidos, os decibéis penetrantes da estática se acendem e eu me encolho. Papai apenas sorri para mim e sai, fechando a porta atrás dele.

O triste fato é que ele não precisa me trancar aqui. Sou maior, mais forte e mais rápido do que ele, mas nunca luto com ele. Eu nunca tento escapar.

Meu corpo cai contra a banheira, minha cabeça batendo forte o suficiente para ecoar na sala, mas não consigo ouvir. Cansado de jogar essa porra de jogo, uma lágrima escorre pelo meu rosto enquanto meu corpo treme. Estou com frio, dolorida, exausta e só quero ir para a cama enrolada em Jeremy.

O que ele está fazendo agora?

O som nos fones de ouvido desliga tão repentinamente quanto começou, deixando minha cabeça zumbindo. Meu corpo relaxa quando finalmente consigo respirar. Os músculos do meu ombro e peito doem como se eu tivesse sido atingido por um bastão, mas posso ignorá-lo por enquanto.

Enquanto eu respiro lenta e profundamente, há um sussurro de Jeremy fora de alcance. Eu sei que não é possível, minha cabeça está fodendo comigo, mas dói do mesmo jeito que ele parece tão perto e eu não posso tocá-lo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO
JEREMY

NA PRIMEIRA NOITE EM QUE PRESTON se foi, não consigo dormir. Meu corpo está cansado, mas minha mente não para de girar. Onde ele está? Ele está bem? O que seu pai está fazendo com ele? Os pesadelos serão piores quando ele voltar? Quão pior eles podem ficar? Passo a noite agitada e andando de um lado para o outro a maior parte do tempo, passando a mão no cabelo e verificando obsessivamente o telefone.

O técnico assistente Scott mais uma vez me leva para fazer minha tomografia antes do jogo. Não digo a ele que minha cabeça está latejando ou que não dormi. Escondo-me atrás da minha dedicação à equipa e um sorriso como todos os atletas são ensinados.

Quando estou vestida e indo para o rinque para o pré-jogo, minha cabeça está gritando, talvez tenha dormido uma hora e estou enjoada.

No vestiário, trocamos de roupa para aquecimento fora do gelo. Normalmente, eu estaria conversando com Paul e Brendon e fazendo piadas para manter o tom leve antes do jogo.

Hoje não.

— Albrooke! — O treinador me chama e eu me viro para olhar para ele, fazendo o possível para não apertar os olhos sob as luzes brilhantes.

— Sim, treinador?

— Ainda estamos esperando os resultados da tomografia, vá devagar e com calma até que os tenhamos. Está se sentindo bem?

— Estou bem, treinador.

Ele me observa por um minuto e depois se afasta. Quando me viro, suspiro e estico o pescoço na tentativa de aliviar a tensão na minha cabeça.

— Você está bem? — Paul finalmente pergunta depois de várias tentativas de me fazer falar.

— Nada. — Eu estalo, sentando para calçar meus tênis de ginástica.

— Isso não responde à pergunta que fiz. — Ele cruza os braços sobre o peito e bloqueia a porta quando tento sair. — Temos um jogo em breve e sua cabeça não está nisso.

O latejar atrás dos meus olhos é tão intenso que mal consigo pensar.

— Preciso me aquecer, me mexer.

Paul olha para mim com os lábios franzidos, como se estivesse tentando ler minha mente.

— Johnson! Albrooke! Parem de ficar parados, vamos lá! — Um dos treinadores assistentes grita para nós. Eu levanto uma sobrancelha para ele, esperando que ele se mova.

— Você está com dor de cabeça? Onde está Carmichael? Vocês brigaram ou algo assim?

— Foda-se, cara. — Passo por ele e vou para a área do ginásio. Subo em uma bicicleta e começo com um passeio fácil para deixar meus músculos soltos e aquecidos.

À medida que minha frequência cardíaca aumenta, também aumenta a pressão na minha cabeça. Jesus, porra, Cristo. Sento-me e pressiono as palmas das mãos contra os olhos.

— Albrooke. — O treinador põe a mão no meu ombro. — O que está acontecendo? Sua cabeça dói?

— Foda-se —, eu gemo, cobrindo meu rosto. Juro que minha cabeça vai explodir. Eu balanço para frente e para trás no assento da bicicleta.

— Preciso de um paramédico aqui! — O treinador grita com alguém. Realmente não importa quem, só piora o latejar. É tudo o que posso fazer para não chorar, dói pra caralho. Não há nada além da dor, a pressão, na minha cabeça. *Apenas faça isso parar, porra.*

— Vamos, saia da bicicleta, — o treinador instrui, levantando um braço para me ajudar a ficar de pé. Balanço minha perna e tropeço para fora do ginásio e para o corredor, onde deslizo pela parede para sentar no chão frio. O frio é bom, então deitei de costas, passando o braço sobre o rosto.

— Você dormiu noite passada? Quando começou a dor?

O treinador está tentando obter informações, mas mal consigo me concentrar no que ele está dizendo.

Mais passos ecoam pelo corredor, correndo em minha direção.

— Ei o que está acontecendo? — uma nova voz pergunta, ajoelhada ao meu lado.

A pressão na minha cabeça está fazendo meu estômago revirar.

— Talvez eu vomite — é o único aviso que recebem antes que meu estômago se revolte contra o que comi hoje, o que não foi muito.

O ácido do estômago queima minha garganta e meu nariz, meu abdômen se contrai dolorosamente, aumentando a pressão na minha cabeça até que eu quero gritar

— Eu quero que verifiquem ele novamente por uma concussão. Ele bateu a cabeça ontem à noite. — Esse é o treinador, eu acho. — Ele acabou de fazer uma tomografia computadorizada, estamos esperando os resultados.

Eu consigo rolar sobre minhas mãos e joelhos, pendurando minha cabeça em meus ombros enquanto eu vomito.

— Ele foi liberado ontem à noite? — a nova voz pergunta.

— ER o liberou para jogar contanto que ele tivesse outro CT limpo hoje.

Aquele é o treinador assistente Scott, ele foi comigo ontem à noite. — Disse que não parecia ter uma concussão, apenas o corte na testa e um ovo de ganso na nuca.

Uma mão esfrega minhas costas algumas vezes.

— Quando começou a dor de cabeça?

— Não sei. — Eu resmungo, caindo de joelhos e enterrando minha cabeça em meu braço novamente. O corredor agora cheira a vômito, minha boca tem gosto disso e eu só quero que as luzes se apaguem.

— Ele disse que estava bem há uma hora —, Scott diz a eles.

Uma maca é puxada ao meu lado e sou ajudado a subir nela. Quando passo pelo ginásio, alguns caras dão tapinhas na minha perna, mas não tenho certeza de quem é. Não quero abrir os olhos para verificar. Provavelmente Paul, Brendon e Carpenter.

Eu sou colocado na ambulância e levado para o pronto-socorro. Eles me dão Tylenol para ajudar com a dor e Zofran para colocar debaixo da língua para não vomitar. O paramédico atrás de mim liga para o pronto-socorro para avisar que estamos chegando e manter as luzes apagadas para ajudar com minha dor. O cara sentado atrás comigo recebe uma linha intravenosa e pendura solução salina. O líquido frio entrando no meu braço me faz tremer.

Acho que o cara me pergunta se eu quero um cobertor, mas não respondo. Não consigo pensar além do latejar na minha cabeça.

Desde que desci da bicicleta e meu batimento cardíaco baixou, a pressão não está tão ruim, mas ainda preciso de muita concentração para não gritar.

O hospital não está muito cheio quando chego lá, então sou atendido rapidamente, testado para uma concussão, levado para outra tomografia computadorizada e liberado com Tylenol e Zofran. Disseram-me para não jogar por no mínimo duas semanas, momento em que serei reavaliado. Muito descanso, nada de academia ou treino até segunda-feira, depois comece devagar.

No momento em que o treinador Scott me deixa nos dormitórios, estou exausto. Abrindo minha porta, olho para a cama de Preston e odeio que ele não esteja lá. Mesmo que não estivesse com o pai, estaria no jogo agora.

Precisando de conforto, rastejo para sua cama, seguro seu travesseiro contra meu peito e puxo seu cobertor sobre mim.

Seu cheiro quente, limpo e masculino me embala para dormir.

***

Eu acordo com um sobressalto, sem entender o que me acordou. Meus instintos estão me dizendo para ficar alerta, mas não há nada. Olho ao redor do quarto e levo um segundo para perceber porque estou na cama de Preston sem ele. Sentando-me, verifico meu telefone, estremecendo com o brilho, e vejo que é meia-noite e quatorze. Mais ou menos na hora em que Preston normalmente me acorda gritando.

Com um suspiro, eu me deito e ajeito o travesseiro sob minha cabeça. Eu odeio que ele não esteja aqui, que eu não saiba o que está acontecendo. Por que ele continua com o pai quando obviamente não quer? Por que ele me beijou antes de sair depois de me evitar no último mês?

Por que eu quero segurá-lo de qualquer maneira?

Fico confortável e fecho os olhos. O sono me leva rapidamente de novo, mas enche minha cabeça com Preston.

Quando acordo de novo, é de manhã e o sol está forte no meu quarto. Isso faz minha cabeça doer. Verifico a hora no meu telefone e, como já passa das oito, levanto-me. Minha cabeça não está feliz, mas preciso comer alguma coisa antes de tomar os remédios. Eu cuido dos negócios no banheiro, coloco um sweats e um moletom com capuz, depois visto as meias e os sapatos. Não quero usar óculos de sol como um idiota, então pego um boné para proteger meus olhos. Já que é quase Ação de Graças, está frio. Felizmente, cresci em Michigan e estou acostumado.

Quando abro a porta para sair, Brendon e Paul estão parados ali, Brendon com o punho erguido para bater.

— Ah, oi. Vocês já comeram? — Eu pergunto a eles.

— Estávamos nos preparando para descer. Como você está se sentindo?

Brendon dá um passo para trás, me dando espaço para entrar no corredor e fechar a porta.

— Cansado. Estou com dor de cabeça, mas preciso comer antes de tomar qualquer coisa. Eu dou de ombros. — Como foi o jogo?

— Ganhamos ontem à noite na prorrogação, — Paul me informa e os dois começam a me contar os destaques do jogo. Quem marcou, quem fez jogadas incríveis, quem foi burro.

Diante das opções de café da manhã, decido por uma opção mais saudável: ovos, torradas, bacon, uma maçã e um pouco de aveia.

— Por que Carmichael não estava no jogo? — Paul me pergunta quando ele se senta com sua própria tigela enorme de aveia coberta com açúcar mascavo.

Eu dou de ombros, enfiando mais ovos na minha boca.

— Não tenho certeza, ele me disse que foi liberado pelo treinador. Isso é tudo que eu sei.

— Tem que ser algo sério para isso voar—, diz Brendon enquanto se senta ao meu lado.

— O treinador nunca mencionou nada? — Eu verifico, pegando os analgésicos e abrindo minha garrafa de água.

— Não. Ele disse que você teve uma concussão e Carmichael não viria, então é melhor nos recompormos.

Paul dá de ombros. Eu rio para ele. Definitivamente soa como algo que o treinador diria.

Alguns dos outros caras chegam e param em nossa mesa para me checar, me dando tapinhas nas costas e se solidarizando comigo.

— Maratona de Game of Thrones? — Brendon pergunta enquanto guardamos nossos pratos.

— O médico me disse para não assistir TV ou isso pioraria minha cabeça, mas vocês podem. Provavelmente vou dormir a maior parte do dia de qualquer maneira.

Eu dou de ombros enquanto caminhamos de volta para os dormitórios, o vento cortando meu moletom. Está muito frio aqui fora. Eu deveria ter pegado uma jaqueta para vestir por cima disso.

O latejar na minha cabeça diminui para uma dor surda, então vou para o quarto de Paul e Brendon para sair.

— Quer jogar cartas? — Paul puxa um baralho vermelho de sua mesa.

— Acho que a única coisa que me lembro de como jogar é Go Fish. — Eu dou a ele um olhar presunçoso e Brendon ri.

— Porra da mãe do Go Fish, eu acho. — Ele bufa e nos sentamos em sua cama de frente um para o outro. É um jogo infantil, mas ser atletas significa que somos competitivos. Não importa o que seja, se houver um vencedor, cada um de nós quer ser. Não há amigos ou aliados na competição.

— Ok, mas vamos tornar isso interessante. — Paul embaralha as cartas enquanto Brendon e eu olhamos para ele, esperando que ele explique.

— Primeiro, estamos colocando pares ou quadras? — Ele olha para frente e para trás entre nós.

— Quatro de um tipo—, Brendon e eu dizemos ao mesmo tempo.

Paul distribui as cartas e eu começo pedindo dez a Brendon, vá pescar. Damos voltas e mais voltas até que Brendon finalmente consegue um conjunto de quatro para colocar.

— Então, eu obviamente gosto de garotas, mas tenho certeza de que vou acabar me casando com um cara. — Brendon dá de ombros e Paul o estuda por um minuto.

— Eu posso ver isso. — Eu concordo. — Eu nunca namorei uma garota, mas se ter uma namorada é como lidar com minha irmã, eu passo.

Os dois riem e Paul é o próximo, pedindo-me as malditas notas de dez que venho juntando.

— Você é um babaca! — Eu dou a ele as cartas, resmungando sobre o retorno ser uma vadia. Ele me dá um sorriso comedor de merda enquanto coloca seu conjunto de dez. Aquele idiota.

— E você? Você tem alguma garota específica em mente? — Pergunto-lhe.

Os olhos de Paul encontram os meus, mas é mais como um cervo nos faróis do que qualquer outra coisa. O que diabos é isso? Ele já nos falou sobre garotas antes.

Após um momento de silêncio constrangedor, Paul se levanta e vasculha sua mesa até encontrar uma garrafa de rum que abre e toma um gole. Ele olha para nós e toma outro gole.

Eu inclino minha cabeça para ele.

— Ou há algo que você quer nos dizer ou há algo que você quer perguntar a um de nós. O que é isso?

Paul se senta novamente e pega suas cartas.

— Acho que sou bissexual, talvez pansexual. — Ele olha para suas cartas.

Brendon sorri para ele, segurando seu ombro.

— Tudo bem, bem-vindo ao We Like Dicks Club!

Eu bufo para ele e empurro Brendon.

— Você é um idiota.

— O que? Você não pode ser pan e odiar paus.

Brendon tem a audácia de olhar para mim como se eu fosse a burro.

— Isso não significa que ele quer sair e começar a chupar pau, seu idiota.

Balanço a cabeça para Brendon e me viro para Paul. — Estou feliz que você se sentiu à vontade para nos contar. Por favor, não o mate depois que eu sair. Eu aceno para Brendon.

Continuamos a jogar e Brendon suspira pesadamente quando estabelece outro conjunto de quatro.

— Não sei o que quero fazer depois da faculdade.

— Qual é o seu diploma mesmo? — Eu pergunto.

— Negócio chato. Não sabia o que colocar e entrei em pânico. — Ele dá de ombros.

— Por que você não faz algo com esportes? Treinador, jornalista, fisioterapeuta? Há muitos trabalhos que você pode fazer para mantê-lo no

hóquei ou apenas nos esportes em geral, — eu ofereço. — Fale com o treinador, ele pode ter algumas ideias para você.

Eles estão me dando porrada nesse jogo de cartas infantil e eu deveria estar muito mais chateado com isso, mas estou tão cansado. Mas mesmo ir para a cama não vai ajudar. Eu durmo melhor com Preston em volta de mim e ele não está aqui.

— Eu uh... eu durmo na cama de Preston na maioria das noites. — As palavras saem da minha boca antes que meu cérebro tenha a chance de filtrá-las.

Ele vai me matar por isso.

— Sim, nós já assumimos que vocês estavam fodendo e fingindo se odiar para manter isso em segredo. — Paul dá de ombros. — A maneira como ele observa você revela isso.

— O que? Ele não me observa. — Agora estou confuso. — E já fizemos sexo uma vez.

Brendon cai na gargalhada.

— Cara. Ele te observa como um falcão. Você não percebeu que ele fodeu com o cara que te derrubou durante o jogo? Ele é louco de protetor com você. A cada jogo, ele retalia contra qualquer um que te toque.

Eu estreito meus olhos para Brendon. *Isso não pode ser verdade.*

— Você é louco. Ele *não* faz isso. — Eu balanço minha cabeça para ele.

— Eu deixei os treinos com hematomas daquele grande filho da puta porque eu empurrei você para as pranchas, — Paul zomba.

— O que? Você está falando sério? — Eu olho para frente e para trás entre os dois. — Como eu não vi isso? Por que vocês não disseram nada antes?

Ambos olham para mim como se eu tivesse crescido uma segunda cabeça.

— Provavelmente porque você o estava evitando como se ele fosse um leproso? — Brendon pega sua garrafa de água e toma um gole.

Eu tenho tentado tanto ignorá-lo que perdi merda? Ele está tentando me mostrar que se importa e eu não vi?

Isso está fazendo minha cabeça doer mais.

Uma excitação hesitante vibra em meu estômago quando não deveria. O cara é difícil, tem problemas de raiva e é tão fofinho quanto um cacto, mas eu o quero de qualquer maneira. Quero ser seu espaço seguro, ver uma parte dele que ninguém mais vê.

— Caaaaara, — Brendon lamenta, — Pare de sorrir assim. Acho que vou vomitar.

Eu o empurro para que ele caia sobre Paul, que cora levemente. *Ah, é isso que está acontecendo aqui.* Eu cubro meu sorriso com a mão e olho para o meu colo para que ele não me veja olhando.

Limpando a garganta, olho para as minhas cartas.

— Ok, de quem é a vez?

— É legal você achar que ainda tem chance de ganhar. — Brendon se senta e olha para suas cartas. — Cinco, homem P?

Paul balança a cabeça, ainda com as bochechas rosadas, mas Brendon não parece notar.

O jogo continua e no final estou exausto. Brendon chutou nossos traseiros e de alguma forma, tenho certeza de que ele nos enganou. Como alguém poderia trapacear no Go Fish? Não importa, estou me atendo à minha história.

— Tudo bem, pessoal, vou dormir um pouco. Estou cansado. — Eu me levanto e me espreguiço, dou um tapinha no ombro de Paul e vou para o meu dormitório.

São cerca de duas horas e se a última vez é alguma coisa, Preston não estará em casa por mais algumas horas.

Estar de volta no meu quarto tem a escuridão da situação pesando sobre meus ombros novamente. É como ser puxado para baixo sob a superfície da água. De vez em quando, você consegue romper e respirar apenas para ser puxado de volta para baixo.

Deitei-me em sua cama novamente, querendo me sentir perto dele, sentir seu cheiro em minha pele. O que seu pai está fazendo com ele? Por que ele continua com ele? Ele tem vinte e um anos, um adulto.

Deitado de lado com seu travesseiro sob minha cabeça, respiro fundo e adormeço.

CAPÍTULO VINTE E SEIS
PRESTON

O BARULHO EM MEUS ouvidos me faz estremecer. *Porra.*

Agora meu coração está acelerado e estou respirando como se tivesse acabado de correr. Minha pele está coberta de arrepios e meus dentes estão batendo. Estou tão cansado de sentir frio. E faminto. E cansado.

Há uma intravenosa em meu braço, pingando cafeína direto em minhas veias para garantir que não consiga dormir. Agora tenho dois novos cortes com pontos na barriga. Mais uma vez, estou de pé na frente do espelho, olhando para o meu rosto com os olhos turvos.

A porta do banheiro se abre e, se eu não estivesse tão cansada, provavelmente me encolheria.

Há quanto tempo estou aqui? Ainda é sábado?

— Hora de tomar um banho.

Estou exausta demais para esconder minha reação e choramingar.

— Controle-se. Ninguém quer um homem fraco. — Papai vem até mim, desconecta o soro e o remove do meu braço. Ele coloca um curativo e o envolve para manter a pressão até que pare de sangrar.

— Despir. Hora de tomar banho. Vamos lá. — Eu forço meu corpo a se mover. Meus joelhos querem ceder, mas por pura força de vontade eu fico de pé. Tirar o short de compressão é uma batalha que leva mais tempo do que ele quer, mas só posso me mover tão rápido neste momento. Espalho as duas mãos no azulejo preto frio sob o chuveiro e meu pai abre a torneira da água fria. Atinge minha pele como mil agulhas, roubando o ar de meus pulmões.

Não consigo parar o tremor ou a vibração dos meus músculos tentando desesperadamente me aquecer.

Meus pés ficam dormentes, ficando azuis e roxos.

— Lave-se, vamos. Quanto mais você ficar aí, mais isso vai durar. — Com as mãos trêmulas e os dentes batendo, pego a bomba de sabão. Graças a Deus não tenho que pegar, provavelmente deixaria cair.

Depois de ensaboar meu corpo, volto para a água para enxaguá-lo. Eu grito quando o frio mais uma vez arde em minha pele, odiando que esta seja a porra da minha vida. Que isso é o que eu tenho que fazer para manter minha irmã segura.

Apenas mais alguns meses.

Finalmente fico limpo o suficiente para deixar meu pai feliz e posso me secar e me vestir. Minhas roupas foram limpas e passadas, porque Deus me livre de sair desgrenhado.

— Se você se comportasse, eu não teria que fazer isso, Charles.

As palavras que sempre digo após a correção saem de meus lábios por reflexo.

— Obrigado pai.

Eu faço o meu melhor para esconder minha exaustão, o tremor de minhas mãos, e pisco para clarear minha visão enquanto desço o elevador até o saguão. O motorista do meu pai está esperando por mim, a porta aberta e pronta para eu entrar.

Ainda não. Não relaxe ainda. Apenas Respire.

Não me lembro do caminho de volta para os dormitórios, de volta para Jeremy, mas estou perdendo o controle rapidamente. No elevador para o dormitório, eu me inclino pesadamente contra a parede, precisando da barra

para me segurar para não cair no chão. Tropeço pelo corredor até a minha porta e rezo para que esteja destrancada. Se estiver trancado, estou ferrado.

Minha respiração está muito rápida, o colapso que sempre segue essas correções tomando conta do meu cérebro e desligando qualquer lógica. Girando a maçaneta, ela está trancada e eu quase choro.

Levantando minha mão, eu bato na porta.

— Jeremy!

Eu bati na porta de novo e de novo.

— Jeremy!

A porta se abre e eu cambaleio para dentro do quarto, batendo meu ombro na minha cômoda.

— Uau, — Jeremy ergue as mãos como se fosse me segurar se eu caísse. — O que há de errado? Você está bêbado? Você pegou alguma coisa?

— Não —, eu consigo entre as respirações que estão vindo muito rápido. Eles estão assumindo e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Estou tão cansado de lutar.

Uma lágrima escorre pela minha bochecha.

— O que aconteceu? O que seu pai fez?

Jeremy envolve uma mão em volta do meu pescoço, a outra segura meu pulso.

Não consigo falar, não consigo admitir em voz alta a humilhação dos meus fracassos. Tudo o que posso fazer é balançar a cabeça e levantar minha camisa. Mostre a ele o quanto eu sou fodido. Como estou quebrado. Sem utilidade.

Confusão enruga a pele entre suas sobrancelhas enquanto ele baixa o olhar para olhar para o meu estômago exposto.

— O que é isto? — Seus olhos encontram os meus na penumbra. — São cortes?

Lágrimas caem livremente pelo meu rosto agora com o meu maior segredo exposto. Nunca mostrei a ninguém as marcas do meu fracasso. Meus olhos se fecharam, incapaz de olhar para ele mais. Incapaz de ver o desgosto que sei está surgindo em seu rosto. Ele passou a significar muito pra caralho para mim. De alguma forma, nas semanas que passamos nesta maldita sala de caixa de sapatos, aprendi a confiar nele e nem percebi isso. No entanto, eu não fiz nada além de machucá-lo.

Eu caio de joelhos no tapete fino e de merda. A dor irradia pelos meus joelhos, mas é um rugido surdo em comparação com a dor no meu coração.

— Jesus, Preston! — Ele cai na minha frente, segurando meu rosto em suas mãos. Suas palmas são quentes pra caralho. — Por que você está tão frio?

— Eu não... — Balanço minha cabeça, incapaz de falar enquanto minha garganta se contrai.

Estou cansado demais para segurar mais, então não o faço. Deixei meu corpo desmoronar, hiperventilando, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, trêmulo e fraco. As paredes que mantenho cercando meu coração foram demolidas, deixando-me vulnerável e indefeso.

Estendendo a mão para ele, eu o puxo contra mim, enterrando meu rosto na curva de seu pescoço, permitindo-me ser confortado por ele. Meus braços envolvem sua cintura até que ele está sentado em minhas coxas e seus braços estão em volta dos meus ombros. Uma vez que ele está acomodado, minhas mãos cavam em suas costas enquanto encontro seus ombros para agarrar, precisando de algo para me apoiar. Precisando dele para me deixar de castigo.

Pela primeira vez, eu me permito quebrar na frente de alguém. Eu me permito ser consolado por outra pessoa. Pela primeira vez desde que minha mãe morreu, tenho alguém que se importa o suficiente para ver que preciso disso.

Sentado lá no chão, eu tremo, lágrimas escorrendo dos meus olhos enquanto eu soluço, e minhas mãos o seguram com tanta força que não há como ele não ter hematomas.

— Você está bem, estou com você, — ele repete, me segurando tão forte quanto eu o seguro. Nós balançamos no chão e não sei se ele está nos movendo ou se estou, mas isso não importa.

— Oh merda, — alguém diz atrás de mim. Uma parte de mim reconhece a voz, mas não consigo me concentrar nela o suficiente para dar um nome a ela. Estou muito longe, muito quebrado. Jeremy fica tenso contra mim, uma mão levantando da parte de trás da minha cabeça. Não suporto a desconexão, mas não tenho palavras para dizer isso, então afundo meus dentes na lateral de seu pescoço. Ele suga uma respiração e estremece contra mim.

Se eu não estivesse tão fodidamente cansado, tão fodidamente derrotado, meu pau gostaria de sua reação, mas não há energia suficiente em meu corpo para fazer qualquer coisa sobre isso. A mão de Jeremy segura a parte de trás da minha cabeça novamente e eu relaxo minha mandíbula, não mais cravando meus dentes, mas também não os arranco de sua pele.

Eu estou tão cansado.

Meus olhos se fecham e meu corpo começa a relaxar quando a percepção de que ele me tem corta o pânico. Não sei quem está atrás de mim, mas sei que Jeremy não vai deixar que me toquem.

A porta se fecha silenciosamente e eu me inclino para frente, colocando as costas de Jeremy no tapete e sentando em cima dele. Esfrego meu rosto em seu pescoço, me acalmando com ele. Com seu cheiro, seu calor, seu conforto. E adormeço.

***

Por que não posso me mover? Eu tenho que me mover. Corre. Esconder.

Tudo o que posso ouvir são seus passos e minha respiração irregular.

Meus braços estão pesados, sobrecarregados por algo que não consigo ver. Fui drogado?

Meu pai nunca me drogou, muito ciente dos testes de drogas que a equipe faz.

Ele está vindo. Tenho que correr.

Correr.

Esconder.

Ele vai encontrar você. Machucar você. Novamente.

O terror me agarra pela garganta conforme ele se aproxima.

Estou congelado no lugar pelo meu medo. Eu sei que ele vai me machucar de novo, mas não posso impedir. Ele é maior que eu, mais forte que eu.

Ele está tentando fazer você melhorar.

A porta do quarto se abre com um estrondo contra a parede e eu grito. Alto e longo, gelando o sangue.

"Garotos fortes não gritam como garotinhas assustadas, levantem-se." Ele está zangado.

Eu estraguei. Deixei minha raiva me consumir e deixei Jeremy desprotegido para se machucar durante o jogo. *Mas ele é meu.*

Meus dedos doem, mas não consigo vê-los.

Papai vem em minha direção com um aguilhão de gado e me dá um tapa nas costas. Eu grito de novo, chorando de dor.

"Eu não vou permitir que você manche o nome desta família, seu merdinha inútil." Cuspe atinge minha bochecha enquanto ele fala, seus dedos agarrando meus braços com tanta força que tenho certeza de ter hematomas. Por que ele me machuca? Ninguém mais na equipe tem pais que os machucam. Por que eu sou um garoto tão mau?

— *Preston.*

Jeremy? Por que ele está aqui?

— *Preston, acorde.*

O que?

Há mãos em mim, mas não estão me machucando. Não entendo.

Com um solavanco, eu abro meus olhos e me levanto do chão, esperando me encontrar no meu quarto de infância, meu pai de pé sobre mim com a porra de um aguilhão de gado, mas não estou. Estou no meu dormitório e ele não está aqui.

— Ei, olhe para mim.

Meus olhos examinam o espaço, observando se as sombras se movem, se meu pai salta sobre mim.

— Preston, — Jeremy diz meu nome novamente, estendendo a mão para segurar meu rosto, mas eu agarro seu braço antes que ele faça contato e o encaro.

— Você está bem agora.

Eu me forço a engolir após a constrição na minha garganta.

— Por que estamos no chão?

Ele me observa por um segundo antes de me responder.

— Bem, você se deitou em cima de mim e desmaiou. Se você não se importa, eu preciso fazer xixi, na verdade.

Sento-me, dando-lhe espaço para se levantar e ir ao banheiro. Ele se levanta e desaparece rapidamente, fechando a porta atrás de si. Sentando-me contra a cama, esfrego a mão no rosto.

O que diabos eu fiz? Eu vasculho meu cérebro para o que aconteceu depois que saí da cobertura, mas está tudo embaçado. *Eu mostrei a ele as cicatrizes?* Maldição. Ele não pode saber sobre eles. O que ele pensa de mim agora, sabendo que sou inútil?

CAPÍTULO VINTE E SETE
JEREMY

ELE SE ENCOLHE QUANDO ABRO a porta. Não tenho certeza se ele percebeu que fez isso e não sei se isso é melhor ou pior.

Ele precisa de espaço? Ele não é muito direto sobre si mesmo e não quero pressioná-lo, mas tenho muitas perguntas.

Começando com o que diabos?

Seu pai o corta ou ele mesmo faz isso e seu pai costura quando ele vai muito fundo? Tem dois cortes na barriga com quatro ou cinco pontos em cada um. Foi difícil ver no escuro ontem à noite, mas ele definitivamente tem pontos. Sua pele está coberta de cicatrizes. Isso não é normal.

Encostado no batente da porta, sibilo quando uma das minhas novas contusões é empurrada. Durante seu pesadelo, Preston agarrou meus braços e agora tenho impressões digitais em meus bíceps.

Preston está sentado com as costas contra a cama, seu terno amarrotado por ter dormido nele. A expressão em seu rosto não revela nada, ele colocou sua parede de volta para me manter fora. Acho que não o culpo, mas dói do mesmo jeito.

— Você quer falar sobre isso? — *Pode* ser tantas coisas. O jogo do qual ele foi expulso, indo com o pai, as cicatrizes que ele me mostrou ontem à noite.

— Não. — Sua voz é rouca de sono e desânimo ao mesmo tempo.

— Perdemos o treino esta manhã, — eu começo. Talvez ele só queira falar sobre algo normal. — Paul avisou ao treinador que você não estava se sentindo bem, mas você terá que ir ver um dos médicos da equipe.

Puxando meu telefone do bolso, verifico a hora.

— Eu preciso descer e fazer um check-out de qualquer maneira você possa vir comigo, se quiser.

A cabeça de Preston se levanta, o olhar fixo em mim.

— O que eles estão verificando em você? Observando seus pontos?

Ele se levanta do chão e caminha pelos poucos metros entre nós, agarra meu queixo e vira minha cabeça para dar uma olhada melhor em minha testa.

— Tive uma concussão. Posso começar os treinos hoje, mas tenho que ser observado por um treinador.

Ele puxa meu rosto para encará-lo, preocupação e frustração em sua expressão.

— Concussão? Você está bem?

Eu dou de ombros, borboletas vibram em meu estômago por causa de sua preocupação.

— Estou bem.

Seu polegar roça minha sobrancelha mais perto do corte.

— É minha culpa. — Suas palavras são tão baixas que não acho que ele queria que eu as ouvisse.

— Não é. Merdas acontecem o tempo todo. Você sabe disso.

Ele balança a cabeça em desacordo, mas não fala, apenas segura meu rosto. Seu olhar oscila entre a ferida e meus lábios, como se ele quisesse me beijar, mas tem medo de que eu não o deixe.

Alcançando sua nuca, puxo sua boca para a minha. Eu não me importo que seja de manhã e nossas respirações possam descascar a tinta. Eu quero essa conexão com ele. Para mostrar a ele que não penso menos nele por causa de seu pai, que isso não muda nada, que quero mais dele.

Ele me beija gentilmente, como se tivesse medo de que eu quebrasse. Ou talvez ele esteja com medo de quebrar. É um lado diferente dele, que me desconcerta muito mais do que a agressividade. Esta manhã, nós dois precisamos saber que estamos bem. Que eu o peguei e ele me pegou.

Os dedos de Preston cavam em mim, me possuindo, apesar da pressão suave de seus lábios. Como se estivesse lutando contra algo dentro de si. Ele está lutando para se deixar precisar de mim? Aceitar o conforto que ofereço livremente?

Ele suga meu lábio inferior, roçando minha pele com os dentes, com a ameaça de dor.

Minhas mãos pendem ao lado do corpo, abrindo e fechando. Não sei o que fazer com eles. Ele vai me deixar tocá-lo ou vai me afastar? Decidindo arriscar, coloco minhas mãos nas dele e lentamente trabalho meu caminho até seus ombros, com cuidado para ler a maneira como seu corpo fica tenso e paro quando ele o faz. Ele não para de me beijar, lento e cuidadoso, explorador e preguiçoso.

Quando minhas mãos chegam a seus ombros, eu começo a descer para suas mãos e ele relaxa, me puxando contra ele. Sua ereção está contra a minha, mas não nos esfregamos um contra o outro.

Preston descansa sua testa contra a minha, liberando meus lábios. Seus olhos estão fechados e ele está ligeiramente ofegante.

— Não sei tocar sem foder. — Sua confissão parte meu coração. Ninguém apenas o segurou porque ele precisava? Ofereceu um abraço?

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço e o trago para mim.

— Está tudo bem, eu faço.

Ele envolve seus braços em volta de mim, espalhando as mãos nas minhas costas enquanto me segura firmemente contra ele.

Eu sorrio quando ele enterra o rosto no meu pescoço e inala profundamente, um pouco da tensão em seus ombros relaxando. Eu quero ser seu espaço seguro. Todo mundo merece ter isso. Eu tive meus pais e tenho Paul e Brendon, mas quem ele tem?

Uma batida na porta o faz pular para longe de mim. Ele abaixa a cabeça, esfrega a testa e respira fundo para se acalmar. Eu não acho que ele está envergonhado por ser pego comigo, mas é um efeito do que quer que tenha acontecido neste fim de semana.

— Você está bem, Preston. Você está seguro aqui.

Seu pomo de Adão balança enquanto ele engole. Ele olha rapidamente para mim antes de se virar para cavar em sua cômoda, então se fecha no banheiro.

Com um suspiro, abro a porta para encontrar Paul e Brendon.

— Ei pessoal. — Eu me sinto estranha por não sair do caminho para deixá-los entrar, mas não tenho certeza se Preston quer que mais alguém o veja agora. Já é ruim que Brendon o tenha visto no meio do colapso ontem à noite e Paul o tenha visto desmaiar esta manhã.

— O treinador quer que Preston faça o check-in e eu disse a ele que você estava muito cansado esta manhã, então eu o convenci a voltar a dormir. Acho que ele não acreditou em mim.

Paul se encosta na parede ao lado da porta.

— Obrigado, eu agradeço.

A porta do banheiro se abre e eu me viro para assistir Preston, máscara de volta em seu rosto, e o músculo em sua mandíbula saltando quando ele vê quem está na porta.

— Ainda me odeia então? — Brendon diz mais para mim do que Preston, mas ele ouve a pergunta.

Preston coloca suas meias e sapatos, em seguida, dá um passo atrás de mim, envolvendo o braço em volta da minha cintura, serpenteia sob a minha camisa e abre a mão no meu abdômen. Meus olhos quase saltaram da minha cabeça com o toque inesperado, especialmente na frente dos outros.

Paul ri desconfortavelmente, lançando seu olhar entre Preston e Brendon. Os dedos de Preston se arrastam lentamente ao longo da borda da minha calça ao longo da pele sensível entre os ossos do meu quadril. Meu pau salta para a atenção, tornando-se muito conhecido entre nós quatro nessas malditas calças de moletom.

Brendon estreita os olhos, travados em um olhar mortal com Preston por um minuto tenso, antes de um grande sorriso abrir seu rosto.

— Não se preocupe, garotão, estamos bem. Ele é todo seu. — Brendon dá um tapinha no bíceps de Preston. — Eu não sou o tipo dele de qualquer maneira. Eu sou bonito demais.

Meu rosto esquenta enquanto eu olho para ele. Isso não precisava ser dito em voz alta. Jesus. Fecho os olhos e aperto os lábios enquanto tento não imaginar o que Paul está pensando agora.

Preston bufa atrás de mim.

— Lembre-se de manter suas mãos para si mesmo ou você será o próximo no protocolo de concussão.

— É possível você *não* ser um idiota pretensioso por uns dez segundos?

Brendon joga de volta.

— Ok, isso é medição de pau suficiente. — Paul se levanta e empurra Brendon pelo corredor. — Também não precisava saber o quanto Jeremy

gosta disso. — Ele olha para Brendon como se estivesse se lembrando de algo. — Como eu nunca vi hematomas em você? Você nunca usa camisa em nosso quarto.

Brendon sorri, olhando por cima do ombro para mim e depois para Preston, que ainda está pressionado contra mim.

— Raramente chego ao fundo, meu cara.

Paul para de andar no meio do passo, gira para olhar para mim, depois de volta para Brendon, depois de volta para mim.

— Espere. Sério?

Porra Cristo. Não acho que seja possível meu rosto ficar mais quente. Por que estou envergonhado? Eu sou um homem gay. Sexo é fodidamente incrível. Eu não tenho o poder do cérebro para isso hoje. Minha cabeça já dói.

— Sim, por mais que eu esteja amando essa conversa, eu tenho merda para fazer. — Eu empurro Preston de volta para o nosso quarto para que eu possa me trocar e ir para o rinque.

— Não há do que se envergonhar. — Preston me observa tirar minha camisa e calça de moletom, seu olhar provocando arrepios como se ele realmente tivesse me tocado. — Eu não entendo o que as pessoas envergonhadas fazem.

— Eu não estou realmente envergonhado. Eu gosto do que eu gosto, seja o que for, mas não quero que isso seja discutido no corredor onde qualquer um possa ouvir.

Eu enfio meus pés através do meu short de treino e pego uma camisa sem mangas.

— Não vai acontecer de novo. Eu estava fazendo questão.

Eu me viro para ele então, frustrado por estar envergonhado e excitado, por ele estar oscilando entre ser sincero comigo e se esconder atrás dessa porra de máscara.

— Sim, seu ponto foi "não toque no que é meu", mas você nem sequer falou *comigo* sobre isso. — Eu me apunhalo no peito com meu dedo. Balançando a cabeça, eu levanto minhas mãos na minha frente para impedi-lo de falar. — Quer saber, não quero ter essa conversa agora. Eu tenho que ir encontrar o treinador.

— Não. — Preston grita a palavra e me empurra contra a minha cômoda quando me viro para encontrar as meias. — Você é meu e eu não compartilho. — Suas mãos agarram meus quadris. — Ninguém toca em você além de mim.

— Você vai passar muito tempo na área com esse tipo de mentalidade. O hóquei não é conhecido por ser um esporte sem intervenção. Estou apenas brincando.

Ele arrasta uma respiração agravada.

— Eu sei.

Ele beija minha nuca e se afasta para que eu possa terminar de me arrumar. Preparo para mim e para Preston um rápido shake de proteína e vamos para o rinque. Ele desaparece no escritório do treinador e eu vou para o médico.

O Dr. Butler acena para mim.

— Como você está se sentindo esta manhã?

— Um pouco melhor. Sem remédios esta manhã, então já é alguma coisa.

Ele me faz sentar em uma mesa de exame e caminha atrás de mim para verificar o inchaço na parte de trás da minha cabeça. Deitar no chão duro não era o meu favorito, mas felizmente Brendon veio e me verificou ontem à noite e pegou um travesseiro para mim.

Eu assobio e me afasto dele quando ele atinge um ponto dolorido.

— Me desculpe por isso. Ainda muito sensível, então? Eu aceno com a cabeça para sua pergunta. — O inchaço está diminuindo, mas vamos ficar de olho nisso. — Ele dá um tapinha no meu ombro. — Ok, vamos fazer alguns exercícios fáceis.

Passamos para a parte de fisioterapia da sala e começamos com alguns elásticos.

Preston chega e se junta a nós no meio do treino.

— Sr. Carmichael, como você está se sentindo? Ouvi dizer que você não estava bem esta manhã. — Dr. Butler pergunta a ele.

— Dolorido, mas vou ficar bem. — Ele está rígido e se move como se estivesse com dor ou tentando evitar a dor. Não é normal para ele, só espero que ninguém mais perceba e pergunte a ele sobre isso. Eu me distraio observando-o e acabo me agarrando com uma das bandas.

— Albrooke, você está bem?

O médico se aproxima para me examinar, observando o vergão que agora tenho na coxa. Preston levanta uma sobrancelha para mim, então lambe o lábio inferior quando puxo meu short para olhar o vergão vermelho.

— Estou bem. — Eu ruborizo, mas continuo com meu treino.

Eu sigo os passos que ele quer que eu faça e fico muito mais cansado depois do que eu esperava. Estou acostumado a malhar todos os dias, menos aos domingos, e a treinar duas vezes por dia durante a semana, exceto em dias de jogo, durante a temporada. Esses movimentos leves e fáceis não devem me cansar.

Mesmo exausto, tomo banho, me troco e pego minhas coisas para as aulas quando voltamos para o dormitório.

Balançando minha mochila sobre meu ombro, Preston sai do banheiro e cruza os braços sobre o peito, parando no meu caminho.

— Onde você pensa que está indo?

— Para o balé. — Eu fico inexpressivo. — Onde diabos parece que estou indo?

Eu tento passar por ele, mas ele não me deixa.

— Precisa descansar.

— Você é quem fala!

Ele inclina a cabeça para mim.

— Não sou eu que estou com uma concussão. Eu vou viver. Estou acostumado com isso.

O músculo em sua bochecha salta quando ele aperta sua mandíbula.

— E a que você está acostumado?

Seu rosto endurece, endireitando as costas, endireitando os ombros. Eu suspiro com a resposta.

— Certo. — Concordo com a cabeça e tento passar por ele novamente. — Preciso ir para a aula para não ficar para trás.

— Você está exausto, precisa descansar. Você realmente acha que vai se lembrar de alguma coisa que foi dita na aula hoje? — Preston exige.

Por que eu gosto quando ele fica alterado? Quando ele usa toda a sua altura e a largura do peito para tentar me intimidar? Ele absolutamente *pode* me foder. Inferno, eu estou atualmente exibindo hematomas dele que não aconteceram durante o sexo.

Esse pensamento faz meu pau engrossar em meu jeans. Caramba. Nenhum de nós está mentalmente estável o suficiente para sexo agora. Ele está

tentando se controlar, caindo atrás de suas paredes para se proteger, e tenho certeza de que ele vai me machucar novamente se me foder agora.

Não significa que eu não quero embora.

— Continue olhando para mim com olhos de “foda-me” e eu farei exatamente isso. Eu não estou acima de usar você para me fazer sentir melhor e desgastar você até que você não aguente.

Ele preenche meu espaço, o ar entre nós carregado de tensão sexual.

— Se eu tiver que descansar, você também terá. — Observo sua boca enquanto mordo meu lábio inferior.

— Pare. Olhar. Em. Eu. Curti. Isso. — Ele tritura. — Meu controle está uma merda agora.

— Deite-se comigo?

Ele pega minha mochila e a coloca no chão, em seguida, acena em direção a sua cama. Preston se deita de costas para a parede, então tiro meus sapatos e me deito de costas para ele. Além da noite passada, esta é a única maneira que dormimos. Ele me envolve, enterra o rosto no meu cabelo ou no meu pescoço e me puxa contra ele.

Minha bunda está contra seus quadris, seu pau se animando enquanto eu me ajusto para ficar confortável. Eu sei que não deveria, mas eu esfrego minha bunda contra ele de propósito, só para mexer com ele.

— Jeremy. — Meu nome é um aviso em seus lábios e isso me faz sorrir.

— Sim?

Ele agarra meu quadril, me segurando ainda.

— Pare com isso.

Eu rio, mas me acomodo contra ele e respiro profundamente. Ele relaxa, passando o braço pela minha cintura. Confortável e quente, rapidamente perco minha batalha contra o sono.

CAPÍTULO VINTE E OITO
JEREMY

TODOS OS DIAS RECUPERO UM POUCO MAIS de energia. Por dez dias não pude pisar no gelo, principalmente porque colocar o capacete me fazia estremecer, então sentei na arquibancada e fiz o dever de casa para recuperar os dias que perdi.

Finalmente estou autorizado a voltar ao gelo para exercícios, mas nenhum contato total ainda. Mais alguns dias e outra tomografia computadorizada antes de voltar a cem por cento. Amanhã é dia de jogo e espero jogar. Vamos ver o que os médicos dizem.

No vestiário após o treino, todo mundo está trocando de roupa e falando besteira.

— É Ação de Graças, onde vamos comer? — Brendon pergunta, esfregando a barriga.

Preston volta do banheiro trocado com suas roupas de ginástica na mão.

— Você tem merda de família hoje à noite? — Paul acena para Preston, que se enrijece com a pergunta. Não pensei em seu pai querendo vê-lo ou exigindo vê-lo no feriado.

— Não. — A palavra está cheia de malícia, mas Paulo a ignora.

— Você deveria sair conosco então. Provavelmente vamos acabar indo a uma lanchonete ou pedindo pizza.

Quando Preston abre a boca para falar merda sobre pizza, Paul levanta as mãos. — Eu sei, eu sei. Pizza é o pior, mas a maioria das pizzarias pode fazer

saladas para que você possa comer sua salada triste do Dia de Ação de Graças enquanto o resto de nós é gordo e feliz com pão e queijo derretido.

Eu rio da troca e Preston se volta contra mim.

— Vou voltar para o quarto, — ele resmunga enquanto passa por mim.

Paul balança a cabeça em desaprovação e eu me levanto para seguir Preston. Ele está vindo de um jeito ou de outro porque tenho uma surpresa para ele. Quero dizer, não é realmente minha surpresa, mas sei que está acontecendo, então... estou levando o crédito.

Correndo para alcançá-lo, alcanço o pulso de Preston para puxá-lo para uma parada. Ele gira para mim, me empurrando contra a parede, mas segurando a parte de trás da minha cabeça em sua mão para que o hematoma cicatrizado não atinja o concreto.

— Agora estamos conversando. — Eu balanço minhas sobrancelhas para ele, olhando para sua boca.

— Eu não vou. Não pergunte.

Olho para o corredor para ter certeza de que não temos público e sorrio para ele.

— Você vem conosco. Você quer saber por quê? — Ele levanta uma sobrancelha para mim. — Porque se você não fizer isso, Brendon vai flertar comigo, sentar ao meu lado na mesa, talvez colocar a mão na minha perna ou nas costas da minha cadeira.

A cada palavra, sua postura fica cada vez mais tensa, até que ele parece prestes a explodir. Sua mão desliza da parte de trás da minha cabeça para a minha garganta e ele me empurra para frente, rosnando entre os dentes quando ele fala.

— Se ele olhar para você por mais de três segundos, vou quebrar a porra do nariz dele.

— Como você vai saber se você não está lá?

Estou irritando-o de propósito? Sim. Estou arriscando lesões corporais ao fazê-lo? Sim. Eu me arrependo? Nem uma porra de chance. Eu amo esse traço possessivo que ele fica quando se trata de mim.

Desta vez, *ele* olha para o corredor, dá um passo para trás para pegar minha mão e me puxa até encontrar o armário do zelador. Preston me empurra para dentro e fecha a porta atrás dele.

Ele me empurra contra as prateleiras, mais uma vez envolvendo a mão em volta da minha garganta.

— Você não vai a lugar nenhum até que seu estômago esteja cheio do meu sêmen. De joelhos.

Com meus olhos fixos nos dele, desabotoei sua calça e enfiei a mão em sua cueca para tirar seu pênis. Está quase no mastro completo, então dou a ele algumas braçadas rítmicas e apertadas. Usando seu pau como alça, eu o faço recuar um passo para que eu possa me agachar e chupá-lo em minha boca.

Seus dedos agarram as prateleiras até os nós dos dedos ficarem brancos. Eu uso minha mão e boca em conjunto, minha mão girando a cada golpe enquanto minha boca o suga e balança nele. Ele bate no fundo da minha garganta e eu engasgo, minha garganta se contraindo ao redor dele, fazendo-o gemer.

— Porra. — Ele geme quando chupo suas bolas em minha boca, puxando-o com golpes lentos e fortes. — Eu vou gozar, porra.

O orgulho enche minha cabeça com a rapidez com que consegui levá-lo a esse limite. Envolvendo meus lábios em torno dele novamente, eu o chupo

com força, girando minha língua em torno de sua cabeça, em seguida, levando-o o mais fundo que posso novamente. Mais e mais até que ele está empurrando seus quadris em mim, grunhindo e gemendo. Seu pau lateja na minha língua, as primeiras gotas salgadas de pré-sêmen me dão água na boca, então o sêmen inunda minha boca. Eu engulo uma e outra vez até que eu não esteja mais me afogando em esperma.

Chupo sua cabeça mais uma vez para ter certeza de que peguei tudo e ele sibila, se afastando. Inclinando-me para frente, eu beijo a ponta de seu pênis com meus olhos fixos nos dele, então me levanto com um sorriso no rosto.

Preston agarra minha nuca e me beija, provando-se em meus lábios, em minha língua. Ele me possui com este beijo. Sua língua duela com a minha, bocas colidindo com força contundente. Antes que eu esteja pronta para isso, ele me solta e dá um passo para trás, enfiando o pau de volta nas calças e arrumando as roupas.

— Como vou jantar agora? — Eu levanto uma sobrancelha para ele.

— Menos espaço para pizza e menos calorias —, ele responde e abre a porta. Paul e Brendon estão parados ali com sorrisos comedores de merda em seus rostos. *Oh, foda-me.*

— Precisa limpar uma bagunça? — Brendon pergunta a Preston.

— Foda-se, Oiler. Encontre o seu próprio armário.

O sorriso de Brendon se transforma em um sorriso satisfeito.

— Quem disse que nunca transei naquele armário?

Juro por Deus, se ele insinuar que transamos lá dentro, vou bater na cabeça dos dois.

— Nós não fodemos lá. Pare com isso.

Eu empurro Preston para fora do caminho para que eu possa deixar o espaço que cheira a cera de chão, bolos de mictório e Pinho Sol.

Preston caminha atrás de mim para que ele possa assistir para ter certeza de que Brendon não flerta comigo ou me toca. Deus proíba meu melhor amigo de me tocar.

Quando saímos do rinque, está tentando nevar. Minúsculos flocos estão caindo do céu, mas derretendo no segundo em que tocam em qualquer coisa. Apesar de estar frio pra caralho lá fora, saímos do campus para ir a uma lanchonete com uma placa que diz que está servindo o jantar de Ação de Graças. Caminhando para dentro, o calor do lugar é um tapa na cara depois do frio cortante que deixou nossa pele vermelha.

O interior se parece com todos os restaurantes da América. Cabines ao longo das janelas, um bar no corredor onde você pode ver os cozinheiros do outro lado da parede através da bilheteria. Cheira a comida frita e café e parece caseiro. O quadro branco ao lado da caixa registradora diz "Promoções" em letras grandes e sinuosas e uma descrição do que vem na refeição do dia do peru. Peru assado, recheio, purê de batata e molho, molho de cranberry e pãozinho.

— Só quatro de vocês? — Uma mulher de meia-idade com cabelos castanhos grisalhos e uniforme de garçonete nos pergunta enquanto esperamos.

Examino as mesas procurando minha surpresa, mas não vejo quem estou procurando. Os nervos vibram no meu estômago, mas não tenho certeza se é pelo que está prestes a acontecer ou como Preston vai reagir a isso.

Eu levanto minha mão para trás para dizer cinco e ela acena para mim, em seguida, olha para a fileira de cabines antes de apontar.

— Estande de canto lá embaixo, estarei aí!

Nós fazemos nosso caminho pelo corredor, tirando nossas jaquetas para colocá-las no assento no meio e deslizar para dentro. Estou em uma ponta com Preston ao meu lado, então Paul, então Brendon na outra ponta.

— Estou pegando o especial, e vocês? — Eu olho ao redor da mesa. Preston faz uma cara de nojo e balança a cabeça.

— Isso é carregado em carboidratos, você estará gordo e lento amanhã.

— Todo mundo está comendo assim esta noite, o que significa que todos estaremos lentos amanhã. Essa é a melhor parte. — Brendon zomba. — Relaxe, cara. Viva um pouco.

— Estarei jogando em ótimas condições.

Suspiro e reviro os olhos, optando por ignorar a pregação de Preston sobre comida.

Debaixo da mesa, meu joelho está quicando. Estou animado com a surpresa dele, mas quero acabar logo com essa parte. Ele vai ficar chateado e ir embora? Ele vai lutar comigo ou me deixar de fora?

A garçonete chega à mesa com cardápios e copos de água gelada.

— Aqui está, voltarei em alguns minutos para anotar seu pedido. Quer beber mais alguma coisa? — Ela olha para nós com expectativa.

Como já estou incomodando Preston com minhas escolhas alimentares, decido ficar com a água. Surpreendentemente, o mesmo acontece com todos os outros.

A campainha da porta da frente toca e eu fico tenso, querendo me virar e olhar, mas não querendo que Preston perceba que estou esperando por alguém. Paul e Brendon olham, erguem as sobrancelhas e acenam levemente para mim.

Ela está aqui. Lily está aqui. O que estou prestes a fazer?

Meu peito parece ter um peso sobre ele, me esmagando no encosto do banco. Preston vai me odiar? E se ele não vir a irmã a menos que seja por uma razão muito boa? Ele vai culpar ela por estar aqui em mim?

Ela me mandou uma mensagem *ontem* no Facebook dizendo que ela estava voando e queria surpreender Preston. Acabei de ajudá-la a arrumar um quarto de hotel, pois sei que ele não vai querer que ela testemunhe seus pesadelos. Porra. O que eu fiz?

— Desculpe-me um segundo. — Minha voz soa estranha para meus próprios ouvidos, mas espero que Preston esteja muito ocupado olhando para Brendon para notar. Quando me levanto e me viro, a garota em questão me vê e um sorriso de mil watts ilumina seu rosto. Ela acena muito rapidamente e se apressa.

Eu sorrio, mas é tenso e inseguro.

A pequena garota pula, excitação irradiando de seu corpo curto. Seu cabelo é preto como o de Preston, mas encaracolado e seus olhos são mais claros, não tão assombrados ou fechados. Ela emite felicidade e inocência e todas as coisas boas. Eu gostaria de poder reprimir sua energia para compartilhar com Preston. Suas feições são mais suaves, mais redondas, talvez. Definitivamente mais feminino do que sua mandíbula afiada e maçãs do rosto salientes. Aposto que ela é uma boa mistura de seus pais.

Ela passa por mim e se senta na cabine ao lado de Preston. Imediatamente, sua cabeça balança em direção a ela. Choque, então confusão desliza sobre seu rosto antes que aquela máscara fria caia no lugar e ele está olhando ao redor como se esperasse que o bicho-papão saltasse e o pegasse.

— Lillian, o que você está fazendo aqui? Papai está com você?

Suas palavras não contêm calor ou emoção ao ver sua irmã. Ele também não é frio ou ofensivo, mas definitivamente está em guarda.

Ele está procurando por seu pai? Ele está preocupado que seu pai machuque Lily?

Ela inclina a cabeça e olha para ele.

— Não te vejo há meses e essa é a saudação que recebo?

Paul e Brendon estão tentando não sorrir enquanto essa garota de um metro e meio nada castiga seu 1,90, pé no saco, irmão.

Preston se sacode e respira fundo.

— Sinto muito, olá, Lily. Estou feliz em vê-la. Você me pegou de surpresa.

Um sorriso levanta seus lábios rosados e cobertos de gloss novamente e ela se estende para um abraço. Preston está rígido enquanto envolve seu braço em volta dela. Eu me aproximo da cabine e meu movimento chama sua atenção. Por apenas um momento, há uma tempestade em seus olhos. Não sei se ele está com raiva ou o quê, mas algo definitivamente não está certo.

Paul e Brendon correm para abrir espaço para eu me sentar, já que agora estou de pé desajeitadamente ao lado da cabine. Começo a sentar no assento de vinil rachado quando Preston faz um barulho e eu congelo, lançando meu olhar para ele. Ele está olhando para mim, sem piscar, a boca em uma linha fina.

— Uh, posso entrar? — Eu aceno para o centro da cabine e dou um passo para trás para dar espaço para os caras saírem.

Eles riem enquanto deslizam para fora do caminho e eu me sento ao lado de Preston. Sua mão encontra minha perna e ele aperta a parte interna da minha coxa. Meu pau não se importa com a atenção, mas este não é o lugar para isso.

Saltar madeira neste restaurante não está na minha lista de coisas para fazer hoje.

Lily começa a contar uma história sobre seus amigos que mal consigo acompanhar. Preston parece conhecer todos os jogadores e parece entender o que está acontecendo.

— Então, menina bonita, quantos anos você tem? — Brendon pergunta a Lily e eu engasgo com a água.

O olhar de Preston se volta para Brendon, que já está em sua lista de merda. — Jovem o suficiente para eu ir para a cadeia por assassinar você.

Lily revira os olhos e acena com a mão como se ele estivesse exagerando.

— Tenho dezessete anos, estou no último ano este ano.

Preston pega seu telefone e envia algumas mensagens de texto, em seguida, coloca-o de volta no bolso.

— Papai sabe que você está aqui? — ele pergunta enquanto a garçonete nos traz comida. Todos receberam o especial, exceto Preston, que está comendo frango grelhado e legumes cozidos no vapor.

Eu sei que Preston tem sérios problemas com o pai, o cara não está bem da cabeça, mas com o que Preston está preocupado? Que ele terá que ver seu pai ou que seu pai vai machucar Lily?

Ela dá de ombros.

— Eu não contei a ele, mas não sei se mais alguém contou.

— Seu motorista não o fez e onde está seu guarda? — ele exige.

— Ele está no carro no estacionamento. Já que estou com você, ele estava bem em ficar parado.

— Espere, você tem um guarda-costas? — Paul interrompe.

— Sim, — Preston e Lily dizem ao mesmo tempo, sem interromper a conversa.

— Onde você está ficando?

— Suítes Embassy. — Ela aponta para mim e meus olhos se arregalam. — Jeremy recomendou.

Oh foda.

— Ah, ele fez? — Seu tom diz que ele não está feliz comigo. — Que gentil da parte dele.

Brendon ri.

— Você pode dormir em nosso quarto novamente esta noite.

Preston levanta uma sobrancelha para ele.

— Só se você quiser que seu quarto cheire a peixe podre.

— Ei, — Paul diz com a boca cheia de purê de batatas. — Esse é o meu quarto também, idiota!

— E incendiado.

Lily revira os olhos e balança a cabeça.

— Jesus, Preston, relaxe.

A mão de Preston flexiona na minha coxa e o garfo que eu tenho a meio caminho da minha boca congela. Ele vai me matar.

— Você esqueceu como comer lá, J Bear? — Brendon sorri para mim.

— J Bear? — Preston rosna.

Brendon está fodendo com Preston de propósito. É divertido e não. Sorte minha.

— Sabe, eu o conheço há muito mais tempo do que você. Temos *todos os* tipos de história.

Lily agora está olhando entre Brendon, Preston e eu. Excelente.

— Ah, puxa. — Ela se recosta na cadeira e bebe sua água. — Vocês costumavam ficar juntos?

— No normal, Pedacinho. — Ele envia a ela um sorriso de derreter a calcinha e Preston rosna, batendo o garfo na mesa e sacudindo os pratos.

— Não olhe para ela assim.

Paul se inclina em minha direção, parecendo querer me dizer algo, então imito o movimento.

— Não se atreva, porra. — As palavras de Preston são silenciosas, mas mortais. Ele está sendo levado ao seu limite e vai explodir. Sento-me no meu lugar e continuo comendo meu jantar. Eu provavelmente deveria estar incomodado com Preston mandando em mim, mas acho isso mais divertido do que qualquer outra coisa.

E sexy pra caralho.

Eu faço isso na metade do prato antes de colocar o garfo e o guardanapo na mesa.

— Você está se sentindo bem? — Paul me pergunta, olhando meu prato com restos de comida.

— Sim, eu comi antes de chegarmos aqui. — Eu esfrego meu estômago e coloco meu braço na parte de trás do assento atrás de Preston, que bufa.

— Oh, então é Preston quem grita? Bom saber. — Paul se recosta e se inclina um pouco mais perto de Brendon.

— Eu disse a você que Jay não geme assim.— Brendon bate no braço de Paul com as costas da mão.

O rosto de Lily se contrai como se ela cheirasse algo ruim.

— Oh, eca. Obrigado por isso.

— Eu juro foda, vou garantir que sua próxima refeição venha através de um maldito canudo. — Preston se encaixa e Brendon ri.

— Tudo bem, tudo bem. Acalme-se, homem das cavernas.

Eu puxo meu telefone do bolso para verificar a hora.

— Devemos todos voltar para os dormitórios, temos um jogo amanhã.

— Lily, você tem um ingresso? — Preston se volta para sua irmã.

— Sim, eu tenho um ingresso. — Ela sorri para o irmão mais velho, obviamente orgulhosa dele. — Estou animada para ver você jogar pessoalmente de novo!

Ele está preocupado com a presença do pai no jogo, se eu tivesse que adivinhar. Ele vem a todos os jogos em casa ou apenas aos aleatórios?

Sua mão flexiona na minha perna novamente e eu deslizo minha mão em cima da dele.

Lily agarra o braço de Preston e aperta com um grande sorriso no rosto.

— Estou tão animada por estar aqui!

— Quanto tempo você está aqui? Teremos tempo para mostrar a você Denver? — Brendon se inclina na mesa mais perto dela.

— Eu desejo. Eu volto no domingo de manhã. — Ela finge fazer beicinho para ele.

— Bom. Mais do que isso e eu teria que encontrar uma hora e um lugar para enterrar seu corpo. — Preston nos enxota da cabine e enfia a mão no bolso de trás. — Vamos sair daqui.

Pegamos nossas jaquetas e saímos da cabine. Preston exige pagar pelo jantar e a maioria de nós somos estudantes universitários falidos, então não discutimos. Enquanto ele está de costas, Lily está colocando seu número nos

telefones de Brendon e Paul. Nada de bom vai sair disso, mas estou me fazendo de bobo e não vou dizer nada sobre isso.

CAPÍTULO VINTE E NOVE
JEREMY

UMA GRITO ME ACORDA. Está escuro em nosso quarto e os dedos em meu braço estão cravando com tanta força que eu assobio. Meus braços estão cobertos de hematomas nos dedos pelos pesadelos que acordam Preston todas as malditas noites.

— Preston, — minha voz é grave com o sono, mas às vezes eu tenho sorte e é o suficiente para acalmá-lo. Esta noite não é uma noite de sorte. — Preston, acorde.

Rolando em direção a ele, parte meu coração ver lágrimas em seu rosto, seus olhos fechados e sua boca aberta em um grito silencioso desta vez.

Eu alcanço seu braço para esfregar sua pele, mas ele balança para mim, me socando no peito.

Não é um golpe particularmente forte, mas me surpreende. Ele tem esses pesadelos todas as noites, mas nunca me atacou antes.

— Ei, Preston. — Eu chamo seu nome calmamente. — Acorde, querido.

Estendo a mão para ele novamente, desta vez para segurar sua bochecha, mas ele se afasta e empurra minha mão, me dando um tapa. Jesus. Este é um ruim.

Sua mão serpenteia e agarra meu braço, apertando-o como se estivesse tentando estourá-lo. Isso dói pra caralho e eu cansei de brincar.

Puxando sua mão de cima de mim, eu rapidamente envolvo meus braços em torno dele, puxando seu rosto para o meu pescoço enquanto ele luta comigo, gritando e chorando.

— Preston, você está bem.

Eu tenho que segurá-lo o mais forte possível sem machucá-lo. Suas mãos batem em mim, empurrando e empurrando para fugir, mas eu não solto. Apenas segure-o e fale com ele.

— Acorde, Preston. Você está bem.

Eu envolvo uma perna sobre seu quadril e o rolo para ficar em cima dele, com medo de que ele se machuque.

Eu pressiono beijos em sua testa, cabelo, têmpora, qualquer parte dele que eu possa alcançar.

Finalmente, ele engasga acordado, seus movimentos congelam e eu relaxo.

— Ei. — Estou ofegante quando me afasto o suficiente para olhar para ele. — Você está bem.

Seus olhos examinam a sala, evitando-me enquanto ele consegue controlar sua respiração. Ele passa a mão pelo cabelo agora suado.

Eu me mexo para sair de cima dele, mas ele agarra minha coxa para me manter parado.

— Eu...— ele começa, mas se interrompe, obviamente não se sentindo confortável com o que precisa dizer.

— O que você precisa?

Sento-me em seus quadris e sinto seu pau duro sob minha bunda. *Oh.*

Eu balanço de volta para ele e ele aperta sua mandíbula.

— Você precisa foder? — Eu esfrego minha bunda sobre ele novamente. — Não precisa perguntar, estou sempre pra baixo.

Seus olhos finalmente encontram os meus, o aço duro de seu pau me deixando saber que estou em um passeio que definitivamente sentirei mais tarde.

Arrastando meus dentes sobre meu lábio inferior, eu aceno para ele.

Ele me empurra para longe dele e eu caio no chão com um baque alto. Eu não tenho tempo para pensar sobre isso antes de Preston estar em mim, virando-me de bruços e rasgando minhas roupas.

Ele monta em minhas coxas, empurrando minhas calças e cueca para baixo, e bate na minha bunda com força suficiente para arder.

Um gemido escapa de mim quando o medo vibra em meu estômago, minha pele formigando quando a ponta de seu pau enfia entre minhas bochechas. Deslizando minhas mãos para cima, não encontro nada para me segurar enquanto me preparo para a dor.

Não fique tenso. Não fique tenso. Não fique tenso.

Já faz um tempo desde que ele me fodeu. Ele não é pequeno, e nem tem lubrificante. Isto vai doer.

Por que essa ideia faz meu pau latejar?

Minha camisa está rasgada nas costas, o ar frio na sala deixando arrepios na minha pele. Preston se inclina, morde com força minhas costas e ombros, raspa as unhas no meu corpo e empurra contra minhas nádegas.

— Diga-me que você me odeia —, ele rosna em meu ouvido.

Eu não poderia ter ouvido direito. O que?

Desconforto toma conta de mim, cortando a necessidade de foder.

— O que? — Eu viro minha cabeça para olhar para ele, mas ele se inclina contra meu ombro para me manter olhando para frente.

— Diz. Diga que você me odeia, — ele morde as palavras novamente, tremendo contra mim enquanto ele bate na minha bunda novamente.

— Eu te odeio. — As palavras são estranhas na minha língua. Eu não o odeio. Não mais.

Preston espalha minhas bochechas e cospe contra meu buraco. Seu pênis empurra contra mim e eu forço meu corpo a relaxar.

— Diga isso de novo. — Ele empurra para frente, apenas fazendo parte do caminho antes que a dor ardente seja demais e eu o apertei. Ele se afasta, cospe no meu buraco novamente e enfia.

— Oh foda —, eu gemo em uma mistura de dor e prazer e meu pau está duro como pedra, preso entre o meu corpo e o tapete.

Preston se inclina para frente, enfiando a mão sob meu peito e até minha garganta.

— Diga. Isso. De novo, — ele ferve, estabelecendo um ritmo forte e profundo.

— Eu te odeio —, eu engasgo com o aperto que ele tem na minha garganta. Suas estocadas doem, mas isso não parece dissuadir meu pau. Arqueando meus quadris o máximo que posso, o ângulo muda e ele está arrastando minha próstata.

— Lubrificante, por favor, — eu choramingo.

— Cale a boca, — ele rosna, soltando minha garganta e enfiando os dedos em minha boca. Eu chupo seus dedos do meio como se minha vida dependesse disso.

Ele morde o músculo que corre ao longo do topo do meu ombro e geme.

— Te odeio.

Sua mão livre segura meu quadril enquanto um arrepio o percorre alguns segundos antes de o calor inundar minha bunda. Seu esperma torna o deslizar de seu pau muito mais fácil, muito mais quente. Adoro ser usado por ele, reivindicado, possuído.

Preston descansa a testa entre meus ombros, respirando com dificuldade e tremendo.

Estou ofegante e dolorido para gozar, com medo de queimar meu pau.

Lentamente, ele se afasta e fica de joelhos, ainda montado em mim.

— Rolar.

CAPÍTULO TRINTA
PRESTON

JEREMY ESTÁ NU AGORA, estendido no chão debaixo de mim, o pau duro e vazando contra seu estômago, seu buraco molhado e desleixado. Eu quero transar com ele de novo.

Eu me acomodo entre suas coxas e mordo meu caminho até seu peito. A necessidade de marcar cada centímetro de sua pele é avassaladora. Eu chupo chupões em sua pele, deixo marcas de mordidas e hematomas de meus dedos por todo seu corpo. Todo mundo vai vê-los no vestiário, mas eu não me importo. Eu quero que eles façam. Eu preciso que eles saibam que ele foi levado. Controlado.

— Preston, — ele rosna quando eu evito seu pau.

— Cale-se. — Eu belisco um de seus mamilos, duro, em uma mão e chupo suavemente o outro. Ele arqueia contra mim, seu pau vazando latejando contra o meu estômago. Eu quero ser capaz de sentir sua pele contra a minha, mas não estou pronta para isso. Ele tem dúvidas sobre o que viu, sei que tem, mas não sei quando estarei pronto para contar a ele quais são.

Quando libero seu mamilo abusado, ele geme para mim, seus quadris se movendo inquieto. Arrastando apenas as pontas dos meus dedos por seu corpo, mais uma vez ignoro seu pênis, seguro suas bolas e dou-lhes um aperto suave, em seguida, deslizo dois dedos em seu buraco liso.

Ele geme, rolando os quadris e tentando montar meus dedos. Sentando-me sobre minhas pernas, envolvo minha mão em torno de seu pau, puxo a pele para trás de sua cabeça e o acaricio enquanto o dedilho.

— Você é desleixado pra caralho, — eu rosno, observando meus dedos desaparecerem dentro dele apenas para escorregar cobertos pelo meu esperma.

Meu pau está fazendo um grande esforço para ficar duro novamente. Não vai demorar muito até que eu esteja pronto para ir novamente. Obrigado foda por recuperações rápidas.

A pele de Jeremy esquenta com um rubor, seus músculos se contraem quando ele se aproxima do limite, mas não o deixo cruzar a linha. Não, ele vai gozar com meu pau enterrado fundo em sua bunda. Ele vai me apertar, me montar, enquanto ele perde o controle.

Eu desejo isso.

Quando libero seu pau e puxo meus dedos de seu corpo, ele quase soluça.

— Que porra é essa? — ele choraminga, desesperado para gozar.

Eu preciso senti-lo.

Alinhando-me contra seu buraco, eu empurro para dentro em um impulso, meus quadris descansando contra sua bunda. Ele agarra seu cabelo e puxa enquanto suas costas arqueiam para fora do tapete.

— Merda!

Seu corpo me suga, ávido, quente e úmido.

Rapidamente, estou perdido nele. Cercado e consumido por este homem e o que ele me dá.

Jeremy envolve a mão em torno de seu pau, empurrando-se em golpes rápidos enquanto eu o fodo. Sua bunda aperta em torno de mim em um espasmo rítmico quando o sêmen irrompe dele, espirrando em seu estômago e peito.

Apoiando a mão em seu peito, pego sua mão livre e a enfio sob minha camisa. Meus olhos se fecham com o toque de sua palma contra o meu estômago, lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto eu corro para ele sem piedade. Nada importa além disso, seu toque na minha pele. Seu corpo em volta do meu. O prazer e a paz que só ele me traz. Meu peito aperta com as emoções que ameaçam me sufocar. Não sei o que fazer com eles ou como lidar com isso. Estou impressionado com eles e ele. Minha âncora na tempestade de merda que é minha vida.

Jeremy envolve suas pernas em volta de mim para me manter profundamente.

— Use-me —, ele sussurra. — Eu entendi você. Pegue o que você precisa.

Eu quebro, meus braços não me segurando mais, soluços destroem meu corpo quando eu bato nele, prendendo sua mão entre nós. Meu rosto está enterrado em seu pescoço e ele me segura contra ele com um braço em volta dos meus ombros.

— Eu tenho você —, diz ele uma e outra vez.

Leva um tempo para eu me recompor e me acalmar novamente. Não mais duros e não mais interessados em sexo, nos limpamos e voltamos para a cama. Estou emocionalmente cru e não sei como lidar com isso.

Deito-me com as costas contra a parede e, quando Jeremy se deita na minha frente, de costas para mim, puxo seu braço até que ele role para ficar de frente para mim. Eu preciso dele em volta de mim esta noite. Para ser realizado.

— Sinto muito —, murmuro em seu peito nu.

— Não há nada para se desculpar. — Ele passa as mãos pelo meu cabelo, sua coxa jogada sobre meu quadril e a minha entre suas pernas.

Sugo uma respiração instável e fecho os olhos.

— Meu pai me corta e costura de volta.

As mãos de Jeremy param de se mexer.

— O que?

— Cada cicatriz no meu torso é dele corrigindo meu comportamento. — Lá. eu disse. Meu segredo vergonhoso. Eu sou tão fodido que estou coberto de cicatrizes porque não aprendo. Parte de mim sabe que é errado, sabe *que ele está* errado, mas o garotinho que só queria deixar o pai orgulhoso se apega a essa verdade.

— Quantos anos você tinha quando começou? — Suas mãos correm pelo meu cabelo novamente. — Como ele está mantendo seus testes de drogas limpos? Como você está funcionando tão bem com analgésicos?

— Eu era uma criança, tipo, dez anos de idade? Não sei. Foi na época em que minha mãe foi morta. — Eu esfrego meu rosto contra seu peito. — Eu não tomo remédios para dor. Fico totalmente sóbrio quando isso acontece.

— O treinador sabe sobre isso?

Meu peito aperta com a pergunta. Ele não entende? Ninguém se importa. Ninguém além dele.

— Você é o único que sabe. — Minhas palavras são silenciosas, mas ele as ouve. Ele não diz nada por um tempo, apenas me deixa segurá-lo e desenhar formas em suas costas com meu dedo enquanto navego pelas águas turbulentas em minha cabeça.

— É sobre isso que são seus pesadelos?

— As vezes. — Eu pressiono minha bochecha contra ele. — Eu costumava lutar com ele, me esconder para que ele me perseguisse. Mas aprendi que é mais fácil deixar acontecer. Os sonhos às vezes estou sendo perseguido por

ele, às vezes é entrar para encontrar minha mãe morta ou encontrar minha irmã morta nas mãos dele.

— Jesus. Você encontrou sua mãe?

— Não, eu voltei da escola para o legista estacionado na minha garagem. Eu tinha dez anos quando ela foi morta e devo ter ouvido os policiais ou meu pai falando sobre isso, porque tenho essa imagem mental que não tenho outra maneira de ter.

Ficamos quietos novamente enquanto ele processa minha vida. A merda que eu mantive escondida de todos. Eu nunca falei sobre nada disso antes.

— Não é sua culpa. — Jeremy segura meu rosto e o puxa para trás para me olhar nos olhos. — Nada do que aconteceu com você é sua culpa.

Lágrimas brotam em meus olhos com a seriedade em sua expressão. Não há como discutir com ele, ele já se decidiu sobre isso.

— Se eu fosse melhor, ele não teria que me corrigir o tempo todo.

Fúria transforma seu belo rosto em linhas duras.

— Isso é treta. Você não fez nada para merecer nada disso. Isso não é normal. As punições normais são pegar o celular, não poder sair com os amigos. Seu pai é um monstro e merece morrer na prisão.

Eu não tenho uma resposta para ele. Quero discutir, mas não quero que ele fique com raiva de mim, não agora. Amanhã ficarei feliz em lutar com ele, mas esta noite estou muito exposto. Muito cru.

Jeremy abaixa sua boca na minha, dando um beijo suave antes de se recostar no travesseiro. Não há mais conversa, apenas respiração. Eventualmente, adormecemos, desaparecendo no escuro.

Na manhã seguinte, somos acordados com uma batida na porta.

— Albrooke! Carmichael! Levante-se! — Paul está gritando através da porta, batendo na madeira. Jeremy geme e rola para fora da cama, esfregando os olhos com sono e cambaleando até a porta. Não é até que ele abre a porta e fica em silêncio que percebo que Jeremy está sem camisa.

Merda.

Não fui fácil com ele ontem à noite.

Abrindo meus olhos, eu arrasto meu olhar por suas costas e me encolho. Se a frente dele se parece com as costas, fica muito claro o que ele estava fazendo ontem à noite.

— Não é à toa que você perdeu o café da manhã, — Paul comenta, tentando esconder seu sorriso.

Eu me endireito na cama.

— Perdeu o café da manhã? Que horas são? — Eu exijo.

— Sim, é hora do almoço, cara.

— Porra! — Saio da cama e vasculho minha cômoda em busca de roupas. Eu tenho que tomar café da manhã e almoçar antes do jogo. Eu *tenho* que fazer ou fode tudo e eu vou jogar como merda.

Normalmente já estou acordado há horas, tomei café da manhã, tomei banho, certifiquei-me de que meu terno foi passado e tudo o que preciso está guardado na minha bolsa de ginástica.

Hoje é um show de merda e mal abri os olhos.

Eu preciso da minha maldita rotina! Porra!

— O treinador assistente Scott está procurando por você, — Paul diz a Jeremy.

— Ah Merda! — Ele corre para se vestir e depois sai correndo pela porta. Pego meu telefone, vejo cerca de doze mensagens perdidas e ligações de Lily e

procuro restaurantes perto de mim. Alguém ainda deve estar servindo o café da manhã. Talvez se eu comer metade do café da manhã e metade do almoço eu fique bem?

Encontro uma lanchonete na rua e faço um pedido online que posso entregar enquanto tomo um banho rápido. Quando verifico a hora, não tenho tempo de passar a camisa. Porra!

Tomo banho o mais rápido que posso, não faço a barba porque não tenho tempo e visto meu terno. Minha porra de camisa está amassada e irrita cada um dos meus malditos nervos.

O entregador aparece enquanto estou abotoando minha camisa cinza. Abrindo a porta, jogo algum dinheiro para ele e aceno com a cabeça, fechando a porta na cara dele. Eu provavelmente deveria sentir muito por isso, mas não tenho espaço cerebral para isso.

Abrindo meu pedido, não há garfo ou colher. Como diabos eu devo comer isso sem utensílios?

Foda-se hoje. Terminei. Eu não posso jogar assim!

Nós vamos perder e vai ser minha maldita culpa. Novamente.

Eu me forço a parar, fecho os olhos e respiro fundo.

OK. Eu posso fazer isso.

Eu cavo minha comida com as mãos, queimando meus dedos no processo. Não importa. Depois de comer, ficarei melhor. Eu ficarei bem. O dia estará mais no caminho certo.

Enquanto enfio um pedaço de frango bem quente na boca, Jeremy irrompe no quarto, arrancando as roupas.

— Terno? — Ele olha em volta quando não vê o cabide em sua cama. Eu normalmente defini isso para ele, mas na minha pressa para me recompor, não tive chance.

— Armário, — eu administro com a boca cheia de comida.

Ele não hesita, apenas o agarra e começa a puxá-lo.

Coloco a comida na mesa e calço os sapatos. Jeremy está vestindo a dele também, sua camisa ainda desabotoada, e pega um pedaço de frango do meu recipiente, piscando para mim quando Paul e Brendon aparecem em nossa porta e olham entre nós dois.

Eu levanto meu lábio e rosno para eles, mas eles apenas sorriem de volta para mim.

— O que diabos há de errado com vocês dois hoje?

Eu falo para Brendon com um rosnado.

— Eu dormi demais, não comi na hora certa e minha camisa não foi passada. Nós vamos perder hoje!

— Foda-se isso. Junte sua merda! Precisamos vencer hoje e amanhã ou estamos fodidos! — ele diz para mim em termos inequívocos, apontando diretamente para mim.

Descemos para o rinque, Jeremy terminando seus botões no elevador.

— Albrooke! — O treinador chama assim que entramos no vestiário. — Você está liberado para jogar hoje!

O punho de Jeremy bombeia o ar.

— Foda-se, sim!

Paul e Brendon dão tapinhas nas costas dele, com os outros caras torcendo enquanto todos vestem suas roupas de ginástica.

CAPÍTULO TRINTA E UM

JEREMY

ESSES CARAS ESTÃO FODENDO COM A gente. No primeiro período, eles atacaram Preston, provocando-o nos pênaltis, enquanto os árbitros não faziam nada. Ele foi checado, ele foi fisgado, ele foi checado quando não tinha a porra do disco. E isso está afetando-o. Ele está pronto para estalar.

Ele sai do gelo para uma mudança de linha e eu continuo, passando por ele no banco.

— Deixa pra lá, cara. — Eu digo a ele enquanto passo. Estamos no segundo período e parece que o outro time mudou de tática e agora está atrás de mim.

Sou derrubado, jogado entre dois jogadores, bloqueado sem motivo e empurrado para a beira enquanto não tenho o disco.

Paul e Brendon estão passando o disco de um lado para o outro lindamente, descendo pelo gelo. Eu finalmente consigo escapar dos homens D e voar pelo gelo, procurando por uma abertura. O disco é passado para mim e eu dou a tacada. O disco mal passa pelo goleiro e a lâmpada acende! Porra sim!

Estamos comemorando, com os caras me dando tapinhas nas costas enquanto vamos para o banco para uma mudança de linha novamente. De algum lugar atrás de nós, alguém arremessa um taco de hóquei e acerta Paul e eu nas costas. Só assim, o caos se instala. Nosso time está pulando o muro que separa o banco do gelo, inundando o gelo de jogadores. O time contra o qual estamos jogando também pula no gelo. Os jogadores estão por toda parte, luvas e capacetes voam, as pessoas gritam, a multidão grita.

Por mais que eu queira entrar na briga, não quero. Se eu tiver outro ferimento na cabeça, vou ficar chateado. Em vez disso, procuro a camisa número vinte e dois.

Preston está atacando um cara, mas eles ainda estão de luvas, graças a Deus.

Os árbitros estão apitando, os treinadores estão gritando para os jogadores voltarem para o banco.

Preston agarra a camisa do outro jogador e o gira até que ele perca o equilíbrio. Isso está piorando rápido e não quero que ele seja expulso de outro jogo.

— Preston! — O nome dele saiu da minha boca, ele vai ignorar. Eu pulo na confusão de corpos para chegar até ele. — Deixe-o ir!

Há uma pausa nas pessoas ao seu redor e eu bato nele, meu peso corporal forçando-o para longe do outro jogador. Tiro minhas luvas e agarro a gola da camisa de Preston para que ele fique cara a cara comigo.

— Ei, ei, ei. — Eu digo baixinho, tentando acalmar sua resposta de luta e diminuir sua frequência cardíaca. — Estou bem. Você tem que relaxar, cara. Eles vão desqualificá-lo.

— Todo mundo fora da porra do gelo! — O treinador grita.

— Vamos, temos que ir.

— Aquele filho da puta jogou um pedaço de pau! Isso é besteira e todo mundo sabe disso! — ele ruge de volta, com o rosto vermelho em manchas. — Esses filhos da puta vão aprender como jogar a porra do jogo ou lidar comigo!

— Você não pode fazer merda no vestiário. Você tem que se controlar. Vai levar mais do que um bastão nas costas para me tirar daqui.

Os árbitros aparecem e tiram todo mundo do gelo, um dos treinadores assistentes está conversando com Preston ao lado, provavelmente dizendo a ele a mesma coisa que eu disse.

Eu balanço minha cabeça e me preparo para o próximo confronto.

— Seu namorado não está aqui para protegê-lo agora. — O desdém no rosto do meu oponente é tudo que eu preciso saber. *Eles fizeram isso de propósito para atraí-lo e se livrar dele.* Eles acham que meu time não pode ficar sozinho sem ele. Que vamos desmoronar sem ele.

O disco cai e eu jogo para Brendon, empurrando meu ombro no peito desse cara enquanto eu faço.

Pelo resto do jogo, tenho jogadores atrás de mim, me jogando no tabuleiro sempre que podem, me fazendo tropeçar e me provocando sem piedade. Mas eu ignoro tudo isso, eles acham que podem me quebrar, mas estão errados.

No final do segundo tempo, vamos para o vestiário com o placar de dois a um e nós na liderança. É uma liderança árdua que exige todas as nossas forças para mantê-la. Eles deram mais chutes a gol do que consigo me lembrar, mas até agora nosso goleiro está firme.

— Albrooke! — O treinador grita. — Aqueles garotos estão realmente de pau duro por você. Alguma ideia do porquê? — Todo mundo se vira para olhar para mim.

— Eu tenho algumas ideias, treinador. — O suor escorre pelas minhas costas e pelo meu rosto. Pego uma toalha e pego as gotas antes que queimem meus olhos.

— Sim? E o que é isso?

— Eu acho que eles estão tentando chegar a Carmichael, para ser sincero. Ele reage fortemente quando sou atacado, então eles estão fodendo com ele. Se eles conseguirem desqualificá-lo, eles acham que vamos desmoronar.

O treinador acena com a cabeça.

— Ele tem um pouco de temperamento.

Os caras riem do óbvio eufemismo. Eu olho para o homem em questão, mas seu rosto não revela nada.

Lidamos com qualquer problema de equipamento que tenhamos, tomamos um gole de água, mijamos se necessário e voltamos para o gelo.

Estou no banco esperando minha vez, sentada ao lado de Paul.

— Tenho que admitir, é bom vê-lo indo atrás de alguém que não sou eu.

Ele aponta para Preston com um sorriso.

Eu rio e balanço minha cabeça para ele.

— Não sei, parece que nunca tive esse problema com ele.

— Eu vi você depois de uma noite de... *extracurriculares,* então acho que você está pior do que todo mundo.

Meu rosto fica quente, mas dou de ombros como se não estivesse envergonhado e assisto ao jogo. Ele bate o ombro contra o meu e se vira para falar com Brendon do outro lado.

Eu luto para tirar meus olhos de Preston. Sua presença no gelo é imponente. Eu jogo melhor sabendo que ele está lá para me apoiar? Não sei. Pode ser.

Passamos o resto do jogo sem mais brigas, mantendo nossa vantagem de dois para um. De volta ao vestiário, Preston veste seu terno e aparece ao lado do meu cubículo.

— Você pode procurar minha irmã? Não sei se meu pai está aqui e não quero que ele a veja.

Sua voz é calma e tensa. Seu corpo está tenso enquanto ele pede ajuda quando é a última coisa que ele quer fazer.

— Sim, claro. — Eu puxo minha camisa, abotoando os botões brancos enquanto Preston olha para os meus dedos. — Onde você quer se encontrar? Devemos mudar isso. Eu aponto para nossas roupas.

— Eu não sei, escolha um restaurante ou algo assim? Ela provavelmente está com fome. — Ele balança a cabeça e enfia as mãos nos bolsos.

— Você acha que ela prefere ir a algum restaurante do que voltar para os dormitórios e apenas sair com você?

Preston entra no meu espaço, abaixa a boca no meu ouvido, seu hálito quente fazendo cócegas na minha pele.

— Acho que ela não quer testemunhar o que vou fazer com você quando voltarmos para o dormitório.

Meu pau está duro e dolorido dentro dessa porra de calça.

— Você é um idiota. — Eu sussurro de volta para ele enquanto ele se afasta de mim e termina de se vestir.

Que porra foi essa? Vou ter que esperar a porra da noite toda para descobrir o que ele planejou?

Um plano começa a se formar na minha cabeça enquanto calço os sapatos. Eu abaixo minha cabeça para esconder o sorriso se curvando em meu rosto.

O olhar de Preston é quase um toque físico antes de ele sair, provavelmente encontrando algum caminho para escapar daqui para que seu pai não o veja.

Inclinando-me para Paul e Brendon, abaixo minha voz para que todos não me ouçam.

— Ei, eu vou pegar Lily, então vou para os dormitórios para me trocar. Vocês sabem de uma casa com piscina ou qualquer coisa que possamos levá-la?

Paulo acena com a cabeça.

— Sim, há um lugar no centro. Arranhar.

— Legal, vocês querem vir conosco ou nos encontrar lá? Eu sei que você normalmente vai tomar cerveja com o time, mas esta é uma grande oportunidade para você foder com Preston. E para eu mexer com ele também.

Ambos sorriem e acenam em uníssono.

— Absolutamente.

Nós batemos os nós dos dedos e eu saio do vestiário para encontrar a garota em questão. Puxando meu telefone, mando uma mensagem para ela.

Jeremy: Onde você está?

Lily: Ainda estou na arquibancada, achei que seria mais fácil não me perder no meio da multidão.

Eu coordeno onde encontrá-la e a encontro em um corredor agora quase deserto com alguns caras ao seu redor. Ela parece bem, mas quando seus olhos encontram os meus, há alívio em seu rosto.

— Ei! Saia daqui. — Eu empurro um cara que está muito perto dela. — A menos que você queira que Carmichael reorganize seu rosto, é melhor você se foder.

Ele tem o bom senso de empalidecer e depois vai embora. Alguns outros encolhem os ombros e vão embora.

— Jesus, os animais selvagens. — Eu balanço minha cabeça para eles. — Você está bem?

Ela sorri para mim, obviamente tentando não cair na gargalhada.

— O que?

— Usando Preston como uma ameaça. Isso é ótimo. — Ela me acompanha quando saímos do rinque. — Você foi todo o irmão mais velho lá atrás, você tem uma irmã mais nova ou algo assim?

Sorrio para ela e balanço a cabeça.

— Não. Minha irmã é dois anos mais velha, mas se meteu em muitos problemas ao crescer, dos quais tive que tirá-la. Eu tenho irmãos gêmeos mais novos, mas eles jogam futebol e cuidam de suas próprias merdas.

Evitamos a frente do estádio e atravessamos o campus. Não tenho certeza se o pai deles ainda está por perto ou se ele veio, mas não vou arriscar. Se ele vir Lily, Preston vai me matar sem pensar duas vezes.

— Vocês estão perto? — ela pergunta.

Uma pontada de saudade atinge meu peito e eu esfrego meu esterno. Eu sinto falta deles. Esta é a primeira vez que fico longe de casa por um longo período de tempo. Tive sorte e quando estava no time de juniores, joguei na minha cidade natal.

— Tipo de. É difícil estar tão longe e o hóquei me mantém muito ocupado, então, com a diferença de fuso horário, é difícil manter contato regularmente. Eu dou de ombros e meu telefone toca no meu bolso. A foto de Stacy e Ella está na minha tela quando a pego.

— Falando no diabo. Desculpe. — Atendo a ligação e sorrio quando o rosto adorável de Ella preenche a tela. Ela começa a balbuciar imediatamente. — Ei, menina, o que você está fazendo?

Ella está me contando uma história muito intensa que eu, claro, não acompanho porque é tudo sem sentido, mas mesmo assim presto bastante atenção, dando as respostas corretas a qualquer pausa em seus ruídos.

Stacy ri ao fundo e fala sobre a filha.

— Estávamos assistindo ao jogo e ela me trouxe meu telefone e começou a bater nele com a mão. Ela ficou chateada quando eu disse que ainda não podíamos ligar para você.

— Você quer que eu vá salvá-la de sua mãe malvada, não é?

Lily ri, cobrindo a boca com a mão para manter o som, mas é alto o suficiente para Stacy ouvir.

— Quem está com você? Isso soou como uma garota.

Ela levanta uma sobrancelha para mim.

— É a irmã de Preston, Lily. — Viro a câmera para que Stacy possa ver nós dois. Lily acena e sorri para minha irmã.

— Lily, esta é minha irritante irmã Stacy e sua adorável filha, Ella, que é o melhor bebê de todos.

Stacy revira os olhos e Lily ri.

— Qualquer que seja. Eu sou seu irmão favorito.

— Isso não quer dizer muito. É como dizer que você é meu fungo de pé favorito.

— Bruto. — Ela toma um gole de uma caneca. — Você está voltando para casa no Natal, certo? Mamãe está enlouquecendo tentando se preparar para você voltar para casa.

Ah Merda. Eu não tinha pensado no Natal. Devo convidar Preston? Seu pai vai insistir em passar tempo com a família? Preston conseguirá dormir se eu não estiver aqui?

— Uh, talvez. Eu retornarei a você.

Stacy levanta uma sobrancelha para mim.

— Mamãe vai matar todos nós se você não fizer isso.

Estamos nos dormitórios e Preston está parado no saguão com os braços cruzados, vestindo jeans rich boy e uma camiseta. Como ele consegue parecer rico de jeans e camiseta? É muito estranho.

— Ei Stace, eu tenho que ir. Dê um grande abraço em Ella por mim e bata na cabeça dos meninos por mim.

— Ugg! Ugg!

A voz de Ella vem ao fundo e dói meu coração ouvi-la pedindo abraços quando não posso dar um.

— Eu te amo, Ella bug.

— Amo você. — Um nó se forma em minha garganta com a voz dela e a ligação é encerrada. Enfio o telefone de volta no bolso e forço as emoções para trás.

Preston sai furioso das portas dos dormitórios em nossa direção.

— Por que diabos você demorou tanto?

— Relaxe, pegamos o caminho mais longo para evitar as multidões.

Preston segura a porta aberta e entramos. — O que achamos de uma casa com piscina? Podemos comer comida de merda, a favorita de Preston.

Eu me inclino para o espaço de Lily um pouco como se estivesse contando a ela um segredo. — E relaxar.

Lily se anima.

— Isso parece divertido!

Os lábios de Preston pressionam em uma linha fina e ele olha para mim com um *você vai pagar por essa,* expressão que faz meu pau estremecer.

— Legal, vou me trocar.

Preston olha para mim, sua expressão ilegível. Ele não tem ideia do que está por vir. Eu pisco para ele enquanto entro no elevador e ele olha para mim, o que me faz rir.

Uma vez que estou em nosso quarto, tiro minhas roupas, procuro um jeans e um moletom, então encontro o frasco de lubrificante e um plug anal que escondi na minha gaveta de meias.

Eu rapidamente coloco minhas roupas, mas não fecho minhas calças e corro para o banheiro com o brinquedo e o lubrificante. Apoiando-me na pia, largo minha cueca boxer e lubrifico o brinquedo.

Eu pressiono a ponta contra o meu buraco e seguro um gemido enquanto o trabalho para dentro. Meu pau está duro e exigindo atenção, mas não me toco, ainda não. Leva um minuto para eu trabalhar o brinquedo todo e puxar minhas calças de volta. Minha bunda apertada em torno do plugue de silicone vai fazer uma noite muito longa. Vejo meu reflexo no espelho, surpreso com o rubor rosa em minhas bochechas.

Merda.

Jogo um pouco de água fria no rosto e desço as escadas. Quando saio do elevador, o maxilar de Preston está cerrado enquanto ele olha para Paul e Brendon com um olhar que promete dor. Faz meu pau doer de novo.

— Você demorou bastante. O que você estava fazendo? Se masturbando? Brendon pergunta. A cabeça de Preston balança em minha direção e Lily e eu coramos.

— Cale a boca, eu tive que mudar. — Eu empurro Brendon e Paul esconde seu sorriso atrás de sua mão. Ele definitivamente acha que eu estava me masturbando.

— Estamos saindo —, anuncia Preston, agarrando o braço de sua irmã e puxando-a para fora do prédio. Brendon, Paul e eu seguimos atrás deles e esperamos no meio-fio enquanto um Uber estaciona. A janela do passageiro da frente abre e um homem se inclina sobre o assento.

— Um de vocês é Preston?

Preston acena com a cabeça e abre uma porta dos fundos. O SUV prateado tem assentos na terceira fila, mas nós quatro não somos pequenos, então não sei como vamos nos encaixar. Ele abaixa os assentos do meio e ajuda Lily a entrar, subindo atrás dela e puxando o assento para cima.

Seus joelhos estão basicamente nas axilas e sua cabeça está inclinada para o lado porque o teto é muito baixo para ele sentar direito.

— Parece confortável, seu ogro, — Brendon diz enquanto eu subo e afivelo o cinto de segurança nos assentos do meio. A pressão no plug quase me faz gemer. Brendon desliza ao meu lado, me dando um olhar estranho, e Paul senta no banco da frente. Brendon deixa cair o braço ao longo da parte de trás do assento, como sempre faz no carro, em seguida, sorri quando Preston rosna, mas não se move.

Seguimos no carro, indo em direção ao centro da cidade no trânsito da noite de sexta-feira. A conversa flui pelo carro sobre o jogo, com Lily tão envolvida quanto nós.

Os dedos brincam com as pontas do meu cabelo ao longo da minha nuca enquanto conversamos. Isso causa arrepios nas minhas costas e minha bunda aperta em torno do plugue, o que me faz abafar um gemido. Eu deslizo minhas mãos pelas minhas pernas, puxando meu jeans um pouco para fazer algo com minhas mãos.

Os dedos no meu cabelo desaparecem e Brendon grita, arqueando-se sobre o assento em um ângulo estranho. Girando para ver o que está acontecendo, Preston tem os dedos de Brendon dobrados para trás, forçando seu braço em um ângulo não natural.

— Toque-o novamente e eu vou quebrar seu cotovelo, — Preston rosna no rosto de Brendon, mandíbula apertada.

— Tudo bem, tudo bem! Jesus Cristo! — Brendon grita.

Eu passo a mão na parte de trás da minha cabeça, confuso com o que começou isso.

— Espere, era você? — Eu pergunto a Brendon. — Seriamente?

Eu me viro para frente e ignoro Brendon.

Paul suspira com um aceno de cabeça.

— Eu disse para você deixá-lo sozinho.

Lily bufa e as conversas terminam até chegarmos à casa da piscina. O carro para e Brendon abre a porta e sai. Começo a deslizar pelo assento, mas Preston me agarra pelo pescoço e me puxa de volta sobre o assento, forçando meu corpo a se arquear e bate sua boca na minha. Minhas mãos encontram seus braços, segurando enquanto meu pau pula de semi para duro pra caralho contra o tecido implacável do meu jeans.

Enquanto Preston devasta minha boca, meus quadris balançam, fazendo o plug se mover. Eu gemo em seu beijo e ele enfia a mão livre dentro da gola do meu moletom para arranhar meu peito.

Estou tão perto do limite que estou vazando pré-sêmen. Jesus, porra, Cristo. Eu vou gozar na minha maldita calça jeans sem ninguém tocar no meu pau.

— Ei! Nada de sexo no carro! — O grito de raiva do motorista me afasta de Preston. Ele rosna para o homem furioso no banco da frente.

Eu me apresso para sair do carro, o pau ainda duro e agora com o rosto quente. Brendon e Paul estão rindo histericamente de nós na calçada.

— Foda-se. Por que sou seu amigo de novo? — Resmungo quando Preston e Lily saem do carro.

— Eu nunca mais quero ver meu irmão tentar comer outro humano novamente, — diz Lily com um olhar de desgosto em seu rosto.

— Vamos, Short Stack, vamos encontrar uma mesa, — Paul oferece a ela o cotovelo e ela engancha o braço nele. Preston rosna e caminha em direção a eles, mas eu paro na frente dele, impedindo-o de seguir.

— Que porra você está fazendo? — ele murmura em meu ouvido, seu peito contra minhas costas.

— Estou usando um plug. — O corpo de Preston congela, seu pau contraindo contra a minha bunda. Eu esfrego minha bunda contra ele uma vez e alcanço a porta, sorrindo para o olhar predatório em seus olhos cinza escuro refletidos no vidro.

Entrando na casa da piscina, sou atingido pelo som de bolas de bilhar batendo juntas, música dos alto-falantes e conversas ao redor da sala. Como é sexta-feira à noite, há muita gente aqui, então provavelmente teremos que esperar um pouco para conseguir uma mesa.

Paul acena com a mão no ar para chamar minha atenção e eu sigo naquela direção, surpreso quando alguém engancha no meu cinto. Antes que eu possa me virar para ver quem é, a voz de Preston enche meu ouvido.

— Banheiro, agora.

Eu estremeço e vou para a parte de trás, dizendo a Paul que estarei de volta ao passar por ele e Brendon. O banheiro é sujo e velho, com cabines verdes de um lado e uma parede de mictórios do outro. Há alguns caras mijando, mas as

baias estão abertas, então entro em uma delas e fecho a porta. Antecipação faz minhas mãos tremerem enquanto espero. Meu pau lateja na minha calça jeans, ansioso por qualquer tipo de atenção. Eu esfrego a palma da minha mão no cume e mordo meu lábio para segurar um gemido.

Alguns minutos depois, Preston diz meu nome e eu abro a cabine. Caminhando em minha direção, ele entra e tranca a porta, tenso com a frustração sexual.

— Mostre-me. — Sua voz está cheia de excitação e demanda.

Virando-me para o banheiro, abro a calça, baixo a cueca até as coxas e me inclino, apoiando as mãos na velha parede de azulejos. Meu pau grosso está em atenção, pingando pré-sêmen no meu eixo.

Preston coloca a mão nas minhas costas para me manter parado e empurra contra o plugue, forçando um gemido da minha garganta.

— Você está tão desesperado para ser usado de novo?

— Sim —, eu assobio quando ele puxa o plugue. Minha bunda aperta quando sai, de repente vazia e doendo para ser preenchido novamente.

O zíper de Preston faz barulho no espaço silencioso do banheiro e, por mais que eu queira sentir seu corpo nu contra o meu, não o alcanço. Ele coloca seu pau quente contra a dobra da minha bunda e enfia as mãos sob meu moletom. As palmas de Preston se espalham pelo meu corpo, procurando por ferimentos. Meu corpo está machucado, haverá algumas contusões feias e músculos doloridos pela manhã, mas isso é hóquei. Ele também não é exatamente gentil durante o sexo.

Ele encontra um ponto particularmente sensível em minhas costelas e eu assobio, afastando-me de seus dedos.

— Vai ser uma beleza pela manhã, — eu digo instintivamente, tentando minimizar o quanto dói.

Preston não diz nada, apenas agarra meus quadris e empurra contra minha bunda.

Ele mal está segurando o controle. A vida está girando para longe dele, deixando-o com nada além de mim para mantê-lo com os pés no chão. Ele está com medo, frustrado, com raiva e meu corpo leva a força disso.

Eu desejo isso agora.

Ele me arruinou para qualquer outra pessoa. Se ele se afastar de mim, não sei como vou sobreviver.

Toques suaves e beijos doces são um conceito estranho para mim agora. Eu não saberia como reagir a eles e não os quero. Eu o quero em seu jeito possessivo, duro e exigente.

A cabeça rombuda do pênis de Preston empurra contra meu buraco e eu mordo meu lábio para não gemer quando ele empurra. Minhas pernas estão presas por minhas calças, mantendo-me exatamente onde ele me quer sem uma maldita coisa que eu possa fazer sobre isso. Não que eu fosse. Eu amo como ele controla meu corpo, me deixa apenas sentir o que ele quer que eu sinta e deixar de lado todo o resto.

Eu amo isto. Essa parte dele que só eu entendo. Eu quero odiá-lo por me fazer desejar isso, porque nada mais é tão bom quanto isso. Tão bom quanto ele. E estou com medo de que ele se canse de mim e me deixe uma casca quebrada de ser humano.

Ele bate em mim, não se segurando ou pegando leve comigo. Ele precisa de uma saída tanto quanto eu.

Preston puxa meu moletom para me forçar a ficar de pé. Arqueando minhas costas, eu alcanço ele, precisando da âncora. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça e mantenho sua boca na minha pele enquanto ele crava seus dentes em minha carne para deixar novas marcas, sua boca sugando forte o suficiente para deixar chupões escuros, e suas unhas arranham meu peito para se misturar com as marcas. ele já salpicou meu corpo com.

Seus quadris cobertos por jeans batem contra minha bunda nua até que eu tenha certeza de que haverá uma queimadura de fricção.

Eu alcanço meu pau, puxando e apertando até que minhas bolas fiquem tensas e meus joelhos dobrem. Preston estende a mão na frente do meu pau, mas não entendo por quê.

— O que você está fazendo?

— Goze na minha mão, me dê.

Oh foda.

Eu trabalho meu pau mais rápido, acariciando e me empurrando enquanto Preston perde o controle na minha bunda. Minha cabeça cai para trás em seu ombro enquanto fios de esperma disparam de mim para sua palma à espera. A mão livre de Preston bate na minha boca enquanto eu gemo alto e longo na sala de eco, esquecendo onde estamos por um segundo enquanto meu orgasmo causa um curto-circuito no meu cérebro.

A mão cheia de esperma de Preston logo substitui a outra, forçando meu próprio esperma em minha boca. O gosto amargo e salgado me pega desprevenido quando desce pela minha garganta.

Preston geme em meu pescoço enquanto enche minha bunda com a dele.

Meu pau gasto tenta se animar, mas não consegue quando ele cai contra mim e libera minha boca.

Preston descansa sua testa contra meu ombro e calça, tremendo de vez em quando com o poder de seu orgasmo.

— Isso foi fodidamente quente. — Ele geme, levantando a mão que ainda está coberta com meu sêmen para a boca.

Meu rosto fica vermelho enquanto ele me observa vê-lo lamber meu esperma de sua pele enquanto seu pau ainda está enterrado na minha bunda.

Quando ele suga o resto do meu orgasmo de seus dedos, ele dá um passo para trás e desliza para fora de mim.

— Curve-se novamente. — Ele coloca a mão nas minhas costas.

Eu inclino minhas mãos na parede e o sinto empurrar o plugue de volta para dentro de mim. Eu choramingo com a plenitude disso e como é quente pra caralho que ele está me forçando a manter seu esperma dentro de mim.

— Você está tentando me matar? — Ele dá um tapinha na minha bunda e eu me levanto, puxando minhas roupas de volta e ajustando-as.

— Porque eu faria isso? Então quem eu atormentaria? — Preston agarra meu rosto e me puxa para um beijo rápido e quente enquanto ainda tem o meu gosto, então dá um passo para trás. — Vamos limpar você.

Saímos da cabine e fico feliz que não haja ninguém parado ali. Eu meio que esperava que Brendon estivesse lá, sorrindo para mim. Desgraçado. Tenho certeza de que ele faz isso apenas para foder com Preston.

Pego uma toalha de papel para molhá-la e enxugo meu rosto, mas Preston dá um tapa na minha mão e faz isso sozinho. Isso é novo e não posso dizer que odeio isso.

— Eu posso fazer isso. — Eu digo a ele, apontando para a toalha de papel.

— Estou ciente.

Fico parado enquanto ele limpa cuidadosamente qualquer sinal de esperma do meu rosto, enxágua a toalha e pega um pouco de sabonete. Ele lava meu rosto completamente e depois o seca antes de lavar as mãos.

Não sei dizer o que ele quer, se quer espaço ou me puxar para mais perto. Ou ele está tentando descobrir o que eu preciso?

— Você está bem? — Eu finalmente quebro o silêncio e pergunto.

Essa maldita máscara desliza de volta no lugar e ele acena com a cabeça.

— Sim, você está bem?

Concordo com a cabeça e voltamos para o barulhento salão de bilhar onde Paul, Brendon e Lily encontraram uma mesa.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS
PRESTON

EU DEVERIA ESTAR PASSANDO UM tempo com Lily. Eu deveria estar prestando atenção nela antes que ela voe de volta para Nova York amanhã.

Mas não consigo tirar os olhos de Jeremy.

Observando a maneira como ele se move, a maneira cuidadosa como se senta quando não está atirando. Somos nós contra Paul e Brendon, com Lily às vezes tentando por um de nós, já que ela realmente não queria jogar.

Alerta de spoiler: Sou péssimo e esses idiotas estão gostando.

Jeremy pega seu taco de sinuca e se inclina na minha frente, balançando a bunda um pouco enquanto se prepara. Meus olhos estão grudados nele, nos músculos perfeitamente redondos, imaginando como seu buraco desleixado e entupido parece agora.

Eu respiro fundo e seguro enquanto ele dá sua tacada. O bastardo olha por cima do ombro para mim, em seguida, acerta a bola branca, mandando-a para o outro lado da mesa para acertar a bola laranja sólida e não conseguiu acertar a caçapa do canto.

Ele se levanta e resmunga, uma carranca em seu rosto enquanto ele fica ao meu lado contra a parede com uma mão no taco e agarrando seu Dr. Pepper com a outra.

— Eu pensei que você disse que era bom nisso? — Eu olho para ele presunçosamente.

— Oh, desculpe, quantas bolas você afundou? — Ele ergue as sobrancelhas o suficiente para que o cabelo as esconda. — Isso mesmo, zero.

— Bilhar não é realmente a minha praia. — Eu dou de ombros como se não fosse grande coisa, mas está me incomodando que eu seja tão ruim nisso. Não faço coisas nas quais não sou bom, especialmente na frente das pessoas. Nunca houve um momento em que aprendi a lidar com falhas como essa, não posso simplesmente ignorar.

Jeremy sorri para mim, balançando a cabeça e toma outro gole de refrigerante. Eu me viro para minha irmã, que está assistindo Paul nos demolir.

— Ei, você tem um ingresso para o jogo de amanhã?

Ela se vira para mim com um grande sorriso no rosto.

— Sim, tenho um assento no lado oposto do rinque amanhã.

— E você não falou com nosso pai, certo? Ele não sabe que você está aqui? Eu a observo de perto, procurando qualquer indicação de que ela está mentindo para mim quando ela me responde.

— Não. Eu realmente não quero vê-lo de qualquer maneira, — ela encolhe os ombros, separando um guardanapo. — Ele nunca se importou com o que eu estava fazendo de qualquer maneira.

Eu odeio que ela esteja chateada com a ausência dele em sua vida. Ele não é um bom homem.

— Pode não parecer, mas provavelmente é o melhor. Você não precisa dele. Eu digo enquanto Jeremy desliza sua mão na minha e me dá um aperto encorajador. — Ele não é um bom homem, Lil.

Ela olha para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— O que você não está me dizendo?

O barulho ao nosso redor desaparece no fundo, deixando-me com uma pressão no peito da qual não sei como me livrar. Toda a atenção dela está em

mim e é demais. Não quero que ela saiba com o que lidei, mas também não quero mentir para ela. Ela merece saber a verdade.

Abro e fecho a boca, sem saber o que dizer.

— Todos os irmãos se protegem, isso vem com o território. — Jeremy se intromete, me dando uma saída à qual me agarro com todas as minhas forças.

— Tive o cuidado de garantir que sua atenção estivesse focada em mim para que ele a deixasse em paz.

Não pretendo dizer as palavras e assim que elas saem da minha boca, gostaria de poder retirá-las, mas não posso. Eles não são mais meus.

— Por quê? — Seus olhos encontram os meus na penumbra do salão de bilhar. — Do que você está me protegendo?

Os dedos de Jeremy entrelaçam-se entre os meus, permitindo-me usá-lo como quiser.

Seu telefone vibra em seu bolso, me dando a distração que eu desejo desesperadamente. Este não é o momento nem o lugar para esta conversa.

Jeremy sorri para quem está na tela e aceita a videochamada com um sorriso largo e feliz. Eu não recebo esse sorriso dele.

Isso é um sorriso para amigos e seus pais, sua filhinha. Ele não é fácil de lidar e relaxado comigo.

Você não o merece.

Você vai arruinar a vida dele.

Você não é digno de um homem como Jeremy Albrooke.

Um caroço doloroso e cheio de emoção se forma em minha garganta e tenho que engolir duas vezes para soltá-lo.

Jeremy se afasta para atender sua ligação, Paul e Brendon se aglomeram ao redor dele e dizem oi para quem quer que seja.

— Ei! Sra. A! Tem como enviar pelo correio aquela salada de taco que você faz? É uma bomba! — Brendon sorri para a tela do telefone.

— Posso te mandar a receita, mas sei que você não vai usar. Você está vindo para casa para o Natal? Vou fazer para vocês, rapazes.

Sua voz contém uma pontada de curiosidade.

Jeremy olha por cima do telefone para mim, erguendo o queixo para mim como se quisesse que eu fosse até lá, mas não faço parte desse grupo. Ele é amigo deles e obviamente os conhece há muito tempo. Eu não me encaixo.

— Acho que ele quer que você conheça a mãe dele, — Lily sussurra, inclinando-se para mim.

Eu balanço minha cabeça e me inclino contra a parede, observando-os falar com a família de Jeremy. Pela primeira vez, gostaria de ter amigos assim. Pessoas que me conheciam e eram mais como uma família do que qualquer outra coisa. Pessoas com quem cresci, morei perto, iam a festas de aniversário e dormiam na festa do pijama. Essa vida não é para mim.

Eu sou um solitário e tudo bem.

Você não foi feito para ser amado.

— Jeremy, comprei sua passagem de avião hoje, vou enviar a confirmação por e-mail. — O sorriso fácil em seu rosto fica tenso, seus olhos disparam para os meus.

Meu coração para.

Passagem de avião?

Ele está saindo? Quando? Por quanto tempo?

Nossa rotina noturna passa pela minha cabeça. Como vou dormir sem ele? Não posso voltar a dormir sozinho. Não posso. Eu preciso dele.

Porra.

Eu tento não deixar meu rosto mostrar como estou em pânico por dentro, mas ele pode me ler como a porra de um livro. A única pessoa que estou enganando sou eu mesmo e eu sei disso.

É por isso que não crio apegos com as pessoas. Não posso confiar em ninguém além de mim.

Ele merece passar tempo com seus pais, sua filha e seus irmãos.

Uma boa dose de culpa aumenta o pânico que estou tentando não demonstrar. Eu sou um idiota egoísta. Ele merece um tempo com sua filha. Ela precisa dele mais do que eu.

Afastando-me da mesa de bilhar, dirijo-me ao caixa para pedir algo para comer. Não há nada aqui que eu queira, mas isso me dará algo para fazer. Tenho certeza de que alguém vai comer batatas fritas. A gordura da fritadeira só vai entupir as artérias, mas vou fazer mesmo assim.

— Ei! Você é Preston Carmichael?

Uma voz chama de uma mesa de sinuca pela qual estou passando. Eu paro e me viro na direção da voz, com cuidado para disfarçar meu rosto, um leve sorriso para não parecer agressivo a menos que precise. Algumas pessoas me conhecem por causa do meu pai, mas normalmente os homens me conhecem porque acompanham o hóquei.

Um grupo de caras está olhando para mim da mesa de bilhar.

— Sim, esse sou eu. — Eu levanto a mão em saudação, esperando que seja tudo o que eles querem.

— Cara! — Um cara grita, jogando as mãos para o alto e correndo em minha direção. Desconforto aperta meus ombros e aperta meu estômago.

Eu não estou sozinho. Os caras não vão me fazer lidar com uma situação sozinho.

— Oi, — eu estendo minha mão para apertar sua mão, mas ele estende a mão para um abraço. Eu imediatamente dou um passo para trás e olho ao redor da sala. As pessoas estão começando a nos observar. Eu não quero a atenção.

Da minha posição, posso olhar para ver Jeremy, mas estou tentando não fazer isso. Eu posso lidar com isso sozinho, mesmo que eu não queira. Há muitas pessoas atrás de mim, muitas incógnitas.

— Desculpe, eu não gosto de abraçar, — eu afirmo com naturalidade, oferecendo minha mão mais uma vez. — Estou feliz em apertar sua mão.

— Tudo bem, tanto faz —, diz o estranho antes de se virar para seu grupo de amigos. — Eu disse a você que aquele cara era estranho pra caralho.

Pelo canto do olho, posso ver Jeremy enfiando o telefone no bolso e vindo em minha direção. Alívio e ansiedade giram dentro de mim. Não quero lidar com isso, mas não quero que ele se machuque porque também não consigo lidar com minhas merdas.

Fora do gelo, você não coloca as mãos em ninguém.

A voz furiosa do meu pai ecoa na minha cabeça. Isso foi cortado em mim em mais de uma ocasião depois de brigar na escola. Esse filho da puta, Trent, gostava de me provocar, e depois de um tempo eu batia em cima dele. Eu quebrei seu nariz uma vez, desloquei seu ombro outra vez. Toda vez que eu perdia o controle, meu pai corrigia meu comportamento.

Mesmo que esse idiota coloque as mãos em mim, não posso retaliar. Estou maior, mais forte e mais bem treinado. É uma luta injusta.

— Ei, como está indo? Você é fã de Darby Ram?

A voz amigável e o grande sorriso de Jeremy aparecem ao meu lado, movendo-se para ficar na minha frente para desviar a atenção de mim.

— Sim cara, nós estávamos no jogo hoje à noite! — O homem está mais uma vez animado enquanto conversa com Jeremy.

Eu sou fodidamente inútil. Por que estou aqui?

— Oiler e Johnson também estão aqui, quer tirar uma foto com a gente? Jeremy oferece ao cara, que torce.

Um dos caras com quem ele está pega um telefone e Jeremy acena para os caras. Eles se aproximam, sorrindo e conversando sobre hóquei com o cara enquanto eu fico atrás deles. Quando eles se posicionam para uma foto, fico atrás de Jeremy e Paul, me forço a sorrir e me ofereço para apertar a mão do cara mais uma vez. Desta vez, ele aceita a oferta e voltamos para a mesa onde Lily está esperando.

— Isso acontece muito? — ela me pergunta.

— Na verdade não, — eu dou de ombros e pego o refrigerante de Jeremy, apesar de não querer, eu preciso fazer algo com minhas mãos. Tomo um gole da bebida açucarada e me encolho. Jesus, como alguém bebe isso?

A risada de Lily me pega de surpresa. Quando eu olho para ela, ela está quase dobrada, rindo tanto. Coloco o copo de volta na mesa e tento não corar.

— Não foi tão engraçado.

Ela está enxugando as lágrimas dos olhos, ainda cacarejando e quase não consegue recuperar o fôlego.

— Você-você olhou para ele...— Ela para de rir novamente. — Como se isso tivesse te insultado pessoalmente.

— Que bom que você me acha tão divertido. — Eu fico inexpressivo.

Jeremy pega o copo e bebe o resto do refrigerante enquanto eu assisto com nojo. Ele se aproxima de mim, mas não perto o suficiente para chamar a atenção.

— Não se preocupe, você pode provar na minha língua mais tarde. — Ele pisca e se inclina sobre a mesa novamente para tirar uma foto. O bastardo está brincando comigo.

Verificando a hora no meu telefone, vejo que tenho várias mensagens de texto do meu pai e uma chamada perdida. Excelente.

Não vou abrir nada até depois do jogo de amanhã. Eu não preciso dele na minha cabeça.

— Está ficando tarde, devemos voltar —, diz Brendon enquanto Jeremy acerta a bola oito preta.

— Vou chamar o Uber, — digo a eles, informando que temos duas paradas e selecionando um SUV que diz que pode acomodar sete pessoas. Veremos quantos jogadores de hóquei podemos enfiar nele.

Viramos a mesa para o próximo grupo esperando para jogar e saímos quando meu aplicativo me alerta que o motorista está se aproximando.

Está muito frio aqui fora e Jeremy se oferece para embrulhar Lily em sua jaqueta para mantê-la aquecida, o que eu aprecio. Se Brendon ou Paul a tocarem, quebrarei o nariz de alguém.

Ela sorri e envolve os braços em volta da cintura dele quando ele abre a jaqueta, envolvendo minha irmãzinha em seu calor.

Quando o carro chega, Jeremy e eu conseguimos nos espremer na fila de trás, Paul e Lily no centro, com Brendon na frente. Já que Lily está sendo deixada em seu hotel primeiro, esta foi a maneira mais fácil de se sentar.

No momento em que chegamos aos dormitórios, entramos em nosso quarto e nos trocamos para dormir, estou pronta para dormir, mas meu cérebro não para.

Deitei na minha cama, esperando enquanto Jeremy lida com o plugue e se troca. Mais cedo, eu esperava desejá-lo novamente antes de desmaiarmos, mas agora não tenho certeza se conseguiria fazê-lo.

A porta do banheiro se abre e a luz se apaga. Rolando de lado com as costas contra a parede, Jeremy sobe, de frente para mim.

— Sabe, se fôssemos espertos, juntaríamos as malditas camas para podermos dormir em uma cama king-size, — ele resmunga enquanto eu enterro meu rosto em seu pescoço e inalo, relaxando pela primeira vez esta noite.

— Você vai para casa no Natal? — Eu murmuro contra sua pele. Jeremy envolve seus braços em volta dos meus ombros, me segurando contra ele.

— Sim, estou saindo depois do nosso último jogo de dezembro e ficarei por duas semanas. — Ele beija minha testa, seus dedos traçando desenhos preguiçosos em meu ombro.

Duas semanas.

Duas semanas?

Que porra eu vou fazer por tanto tempo? Não consigo dormir sem ele. Ele me mantém com os pés no chão. Esse cara é a luz no meu mundo escuro e fodido. Até que ponto nas sombras serei empurrado quando ele se for?

— Você deveria vir comigo.

— Não, você precisa de tempo com sua família. Eu vou ficar bem.

Eu inalo seu aroma picante e terroso e fecho meus olhos.

Ficamos assim por um tempo, mas Jeremy não está relaxando nem pegando no sono. Acho que ele está realmente ficando mais tenso.

— O que você pensa sobre?

Ele fica quieto por um minuto, seu peito apertando sob mim, então rapidamente deixa escapar as palavras como se estivesse com medo de dizê-las.

— Estamos juntos?

Levo um minuto para traduzir isso e entender.

— Juntos? — Eu me afasto o suficiente para ver seu rosto. — Você é meu e eu não compartilho.

Ele sorri como se eu tivesse dito a coisa certa e o deixado feliz.

— Eu não me importo como você chama ou rotula. Você é meu. Só meu.

O rosto brilhante de Jeremy se levanta, pressionando seus lábios contra os meus. Esse beijo é diferente dos outros que compartilhamos, mais lento, mais profundo, significa alguma coisa. Este beijo é uma promessa, um símbolo. Não é para ser apressado ou excitado ou com raiva, mas explorado, experimentado, apreciado.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
JEREMY

EU ENFIO O RESTO das minhas coisas na minha mochila e fecho o zíper. Preston está deitado em sua cama, fingindo ignorar o fato de que estou saindo por duas semanas. Ele está fazendo um trabalho de merda.

Honestamente, estou com medo de deixá-lo. Ele ainda acorda com pesadelos, mas eles estão ficando menos intensos desde que comecei a dormir com ele a noite toda. O que ele vai fazer enquanto eu estiver fora? Será que ele vai dormir? Ou trabalhar até a exaustão para não sonhar? Nenhuma dessas opções é boa.

Meu telefone toca com uma notificação, me dizendo que é hora de ir para o aeroporto.

— Tudo bem, estou saindo. — Eu me viro e o encontro parado bem atrás de mim. Ele desliza as mãos sob minha camisa para pressionar os dedos na minha pele. — Você poderia vir comigo.

— Não estou arruinando o tempo da sua família com você. — Ele rosna, batendo seus lábios nos meus para parar a mesma discussão que tivemos todos os dias desde o Dia de Ação de Graças. A língua de Preston empurra em minha boca enquanto ele puxa meus quadris contra ele. Eu sou propriedade desse cara.

Eu amo-o.

O pensamento deveria me chocar, mas não. É verdade, porra. Não sei quando mudou de *eu poderia te amar* para *eu te amo,* mas não posso discutir comigo mesmo.

Preston geme em minha boca quando pego sua cabeça e o seguro contra mim. Meu pau endurece, encaixando-se contra o dele, e eu rolo meus quadris. Eu não tenho tempo para fazer nada agora e ele já fodeu meus miolos esta manhã, mas isso não significa que meu corpo não está disposto.

Meu telefone toca novamente, desta vez me dizendo que meu Uber está aqui. Relutantemente, puxo meus lábios dos dele e ele persegue minha boca, não pronto para terminar o contato.

— Eu tenho que ir —, eu digo contra seus lábios. Dando-lhe beijos rápidos.

— Eu sei. — Ele suspira e dá um passo para trás, puxando os dedos de dentro da minha camisa e ajustando-se em seu jeans.

Ele pega minha bolsa e vai até a porta.

— Eu posso carregar isso sozinho. — Eu ando atrás dele uma vez que tenho certeza de que minha ereção está semi-oculta.

— Eu sei.

Preston para no quarto de Paul e Brendon, sabendo que vou querer me despedir deles.

A porta se abre e Paul está apenas com uma calça de moletom.

— Ei, cara, você está indo embora? — Ele olha para Preston segurando minha bolsa, mas se aproxima para me dar um abraço nas costas. Preston rosna com o contato e Paul ri.

— Cuide dele para mim, certo? — Eu digo baixinho antes de recuar.

Paul acena para mim enquanto Brendon se aproxima, ele em uma camiseta e cueca boxer.

Brendon estende a mão para um abraço também, mas Preston o impede com a mão no peito.

— Vista a porra da calça.

Brendon olha para Preston como se ele fosse um idiota.

— Eu não vou transar com ele aqui mesmo no corredor, relaxe.

Ele se inclina para a mão de Preston até que Preston se mova, resmungando sobre um chute no traseiro mais tarde. Eu abraço meu melhor amigo com um sorriso.

— Não o coloque contra a parede enquanto eu estiver fora, ok? Eu amo...

Eu me interrompi no meio da frase com as palavras. Merda. Eu não quis dizer isso em voz alta. Ele me ouviu?

Brendon se afasta de mim com um sorriso de merda no rosto. Eu dou a ele um olhar de *não se atreva* e ele volta para a sala rindo como um lunático. Porra.

Paul levanta uma sobrancelha para mim, mas eu afasto e sigo atrás de Preston enquanto ele se dirige para os elevadores.

Ele aperta o botão de chamada e ficamos quase ombro a ombro, minha bolsa entre nós. Ele ouviu o que eu disse? Não, certo? Ele diria algo se o fizesse. Certo?

Não demora muito para que as portas se abram e entremos. Quando as portas se fecham, Preston larga minha bolsa e me empurra contra a parede, prendendo minhas mãos acima da cabeça e chupando meu pescoço.

Eu me esfrego contra ele com um gemido enquanto ele me machuca, me marca para todo mundo ver. Meu torso já está coberto de arranhões e marcas de mordidas. Terei que ter cuidado com minha família para não ter que responder a nenhuma pergunta embaraçosa, mas esta não posso esconder.

Quando o elevador para e apita, Preston me solta, seus lábios fazendo um *estalo* quando a sucção é interrompida. Ele pega minha bolsa e sai do elevador

enquanto tento respirar normalmente de novo e limpar a névoa de luxúria do meu cérebro.

Com uma bufada de frustração sexual, sigo atrás dele até o carro parado no meio-fio. Preston abriu a porta para mim com minha bolsa já dentro.

— Faça uma boa viagem, — ele sussurra enquanto eu deslizo para dentro. — Me mande uma mensagem quando você pousar.

Eu pisco para ele quando ele fecha a porta, enfia as mãos no bolso da frente do moletom e dá um passo para trás do meio-fio. Eu mantenho meus olhos nele enquanto o motorista se afasta, odiando perder a conexão que tenho com ele.

A culpa me consome com cada centímetro de espaço que é colocado entre nós. Eu não quero deixá-lo.

Entramos na rodovia e meu telefone toca com uma mensagem. Confuso com Preston já me enviando uma mensagem, eu abro para encontrar uma foto de sua mão enrolada em seu pau com uma gota de pré-sêmen escorrendo por sua cabeça.

Porra. Eu.

Eu quase gemo alto. Quase.

Carmichael: Já sentimos sua falta.

Albrooke: Você é um idiota. Eu quase gemi em voz alta!

Ele responde com um monte de emojis chorando e rindo. O burro.

Albrooke: É melhor ter cuidado ou vou definir isso como plano de fundo do meu telefone.

Carmichael: Espero que sua mãe não veja.

Albrooke: Ela sabe que sou gay.

Carmichael: Não significa que ela quer ver o pau que você está fodendo.

Eu solto uma risada. Ele não está errado, mas não estou dizendo isso a ele.

Albrooke: Tire uma selfie para mim.

Carmichael: Por quê? Precisa de uma foto para se masturbar no banheiro do avião?

Albrooke: HA! Como desejar. Apenas faça.

Demora alguns minutos, mas uma foto de Preston parecendo entediado aparece e isso me faz rir. Que pau.

Outra foto aparece, desta vez com o nariz franzido e a língua de fora. Esse é o único.

Eu salvo a foto e a defino como plano de fundo do meu telefone, em seguida, envio a ele uma captura de tela.

Carmichael: Você está tentando ser meu namorado ou algo assim? Você está se tornando um clinger[11] estágio cinco.

Albrooke: Você é meu namorado. Você não pode me deixar porque eu te encontraria.

A cena de *Wedding Crashers passa* na minha cabeça e eu rio.

Recebo uma mensagem de Paul e a abro.

Johnson: VOCÊ DISSE A PALAVRA A!!!

Eu gemo e deixo cair minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça. Maldito Brendon.

Albrooke: Eu vou chutar Brendon bem na bunda quando eu voltar. Ele tem uma boca grande pra caralho.

Johnson: Por que você não me contou? Eu sou o confiável deste grupo.

[11] Alguém que se tornará excessivamente apegado muito rápido.

Albrooke: Eu odeio vocês dois. Estou tentando fazer sexo com meu namorado.

Johnson: Eu espero que não! Ele está conosco!

Uma foto vem de Paul de Preston olhando para Brendon, que está inalando uma casquinha de sorvete.

Eu viro para o meu tópico de mensagens com Preston.

Albrooke: Já me superou, hein?

Carmichael: Eles apareceram no meio de uma masturbação e não quiseram sair. Se Brendon não parar de engolir esse sorvete, vou nocauteá-lo.

Eu rio da imagem mental. Brendon está cem por cento fazendo isso de propósito para irritar Preston. É a maneira dele de mostrar que se importa. Se Preston estiver irritado com ele, Preston não terá tempo de sentir minha falta. Brendon é estranho, mas ele é um cara legal e eu amo que ele está fazendo o seu melhor para ajudar Preston simplesmente porque eu pedi.

Albrooke: Cuidado, ele pode gostar disso.

Carmichael: Se isso fosse verdade, você ainda estaria transando com ele.

Ok, ele me pegou lá.

Chego no aeroporto e pego minha mala. Parado na calçada do lado de fora das portas de embarque, respiro fundo antes de entrar para fazer o check-in. Essa é a pior parte da viagem. Assim que estiver no portão, ficarei bem, mas fazer o check-in e passar pela segurança é um ataque de ansiedade esperando para acontecer.

Demora uma hora e meia para passar pelo check-in e segurança, depois acabo pegando o bonde para outra parte do aeroporto para chegar no meu

portão e esperar lá o embarque. Como não sou um cara baixinho, minha mãe pulou para a classe executiva, então tenho um pouco mais de espaço para as pernas. É glorioso.

Nas próximas horas, assisto a filmes no meu telefone e mando mensagens para minha mãe, graças ao Wi-Fi a bordo.

Brendon e Paul estão mantendo Preston ocupado, o que o deixa relutantemente feliz. Isso o impede de ficar deprimido pelo dormitório ou malhar até desmaiar.

Quando finalmente pouso em Michigan e sigo para a esteira de bagagens, sorrio ao ver a grande placa de papelão que minha mãe está segurando.

— Bem-vindo a casa Hockey Star!

As pessoas estão paradas observando para ver quem é essa estrela do hóquei e ficam desapontadas quando não é alguém que elas conhecem.

Stacy solta Ella quando chego ao fundo da escada rolante e ela corre para mim com os braços para cima. Eu me abaixo para pegá-la e girá-la quando a pego.

— Ei, garotinha! — Ela envolve os braços em volta do meu pescoço, recusando-se a me soltar. Eu esfrego suas costas e dou-lhe um grande abraço. — Também senti sua falta, amor.

Mamãe corre em minha direção em seguida, envolvendo os braços em volta da minha cintura para me abraçar ao lado de Ella, que grita por ter que me dividir. Ela parece a mesma, embora eu ache que ela tem mais algumas rugas ao redor dos olhos. Com um metro e setenta e cinco, ela é alta para uma mulher, mas todos nós, meninos, somos mais altos do que ela. Seu cabelo castanho está solto nas costas e, embora ela nunca tenha sido pequena,

sempre conseguiu nos acompanhar. Ela é forte como um boi e provavelmente pode trabalhar mais do que o resto de nós.

Stacy ri e me dá um high five enquanto os meninos me dão socos. Papai envolve seus braços em volta de mim e Ella, me dando tapinhas nas costas enquanto Ella grita com ele, empurrando-o para se soltar. Papai ficou grisalho alguns anos atrás. Ele jura que é por causa dos gêmeos, e isso pode ser verdade, já que eles têm problemas para perseguir garotas com frequência.

— Tudo bem, querida, você está bem.

— Legal da sua parte roubar minha filha, — Stacy resmunga quando ela tenta pegar a garotinha que se recusa a me deixar ir.

— Eu disse que sou o favorito dela.

Mamãe se enfia debaixo do meu braço livre e passa o braço em volta das minhas costas.

— Estou tão feliz que você está aqui.

Enquanto esperamos minha mochila passar pela fila de retirada de bagagem, os meninos me falam sobre futebol, meninas e brigas com amigos. Não sinto falta do drama do ensino médio.

Eu aponto minha bolsa e meu pai a pega para mim. Nós vamos para o carro, parando para todos colocarem seus casacos já que está frio pra caralho lá fora. Há um bom pé de neve no chão, então a viagem de carro de quarenta minutos para casa em Muskegon provavelmente levará uma hora e meia, dependendo das estradas.

— Quanto tempo demorou para chegar aqui?

Pergunto a papai enquanto carrego Ella no Suburban.[12]

[12] Um carro.

— Não muito, mais ou menos uma hora. — Ele dá de ombros. Jordan e Keith se acomodam na fila de trás com minha bolsa, Stacy e eu ficamos no meio de cada lado de Ella e pegamos a estrada.

— Você gosta de Denver? — Mamãe se vira para mim.

— Não tenho saído muito, o hóquei e as aulas me mantêm ocupado. — Eu dou de ombros, puxando meu telefone do bolso e tirando uma selfie com meus irmãos e Ella.

Albrooke: Chegamos em Michigan, agora nós dirigimos.

Carmichael: Quanto tempo dura a viagem?

— Você não tem folga? — Stacy pergunta desta vez.

— Não durante a temporada. Você é louco?

Albrooke: Pode ser uma hora, pode ser quatro. Quem sabe. Depende das estradas e se o tempo mudar.

Carmichael: Como diabos você vive assim?

Albrooke: Estou acostumado. Eu nasci aqui.

A pergunta de Preston me faz sorrir. O senhor *tem que programar tudo ao minuto,* não poderia lidar com isso aqui.

— Quem está fazendo você sorrir assim? — Mamãe pergunta, com um sorriso conhecedor no rosto.

— Tem que ser o namorado, — Stacy me dedura enquanto eu não consigo escapar dos nossos pais.

— Você está morta para mim! — Eu viro um olhar para ela. — Agora estou definitivamente empurrando você escada abaixo.

— Namorado? Quando isto aconteceu? — Mamãe grita.

Eu afundo em meu assento, me preparando para o interrogatório.

— Ação de Graças —, eu suspiro.

— Isso foi *semanas* atrás! — ela grita e os meninos riem atrás de mim.

Ambos murmurando — otário —, baixinho.

— Quem é esse? Qual o nome dele? Como vocês se conheceram? — Mamãe rapidamente dispara perguntas para mim.

— É Preston Carmichael, ele está no time e é meu colega de quarto.

Mamãe levanta uma sobrancelha para mim, o que eu já esperava.

— E o que ele vai fazer no Natal?

— Ele ficou na escola com Brendon e Paul.

— Eu ia te perguntar sobre isso. Por que eles não voltaram para casa? — Ela redireciona a conversa, graças a Deus.

— A família de Brendon decidiu ir para o Havaí e ele não queria gastar dinheiro com passagem. O pai de Paul está em uma grande viagem de pesca no gelo, então ele não viu por que voltar. Eu dou de ombros.

— Os dois poderiam ter vindo aqui em casa, são sempre bem-vindos.

Ela insiste.

— Eles sabem, mãe.

Uma foto vem através do meu bate-papo com Paul.

Abrindo a mensagem, eu rio do olhar no rosto de Preston enquanto ele observa Brendon inalar o que parece ser um Twinkie frito.

Albrooke: Ele pode realmente morrer assistindo Brendon comer isso.

Johnson: Ele está determinado a embebedar seu filho. Vou mantê-lo atualizado. Mas até agora, ele está aguentando firme e não quer beber.

Albrooke: Ele é um peso leve, então tome cuidado e me envie vídeos.

— A família de Preston mora em Denver? — Mamãe começa a voltar.

— O pai dele se mudou para lá na mesma época que ele, mas a irmã dele está em Nova York para estudar.

Ela acena com a cabeça como se isso fosse o que ela esperava.

— Então ele está passando o feriado com o pai, ótimo.

Gelo dispara em minhas veias. Porra. Eu não tinha pensado nisso. Como pude ser tão estúpido? É por isso que ele não queria vir aqui comigo? Ele sabia que teria que ver o pai e não quis me contar porque eu já tinha passagem para voltar para casa?

Desta vez, eu não mando uma mensagem para ele, eu ligo para ele e espero que a recepção dure o tempo suficiente para eu falar com ele.

O telefone toca no meu ouvido algumas vezes antes da voz de Preston aparecer na linha.

— Jeremy, você está bem? — Sua preocupação faz um peso cair em meu estômago.

— Sim, eu estou bem. Você não queria vir aqui porque tem que ver seu pai e não queria que eu soubesse?

Estou plenamente ciente de que minha família está ouvindo minha conversa, mas tudo bem. Eu preciso ouvir a voz dele quando ele me responder. É muito fácil mentir sobre o texto.

— Espere —, eu o ouço pedir licença e sair de onde quer que ele esteja. — Baby —, sua voz é suave como um bom licor e tão atraente quando ele me chama assim. Esse termo carinhoso faz coisas dentro de mim que eu gostaria que não fizessem enquanto estou trancado no carro com minha família. Respiro fundo para liberar um pouco da tensão. — Eu não estou planejando vê-lo. Ele normalmente sai para o Natal, então acho que ele nem vai estar na cidade.

— Promessa? Se você está mentindo para mim, eu vou chutar o seu traseiro.

Ele ri.

— Você gostaria de poder.

— Há muito mais que eu poderia dizer se não estivesse trancado em um carro com toda a minha família, — resmungo.

— Sim? Como o quê? Você não vai me foder? Não vai chupar meu pau? Apesar da diversão em sua voz, suas palavras estão me excitando, o que é muito desconfortável dadas as minhas circunstâncias atuais.

— Sim, todos os itens acima. — Eu consigo sair com os dentes cerrados

— Você e eu sabemos que eu aceitaria e você gostaria. — O tom escuro de sua voz tem arrepios na minha pele.

— Te odeio.

Ele ri novamente e desta vez, é vilão.

— Você pode desejar que isso seja verdade, mas nós dois sabemos que não é.

Eu rosno para ele porque ele está certo. Mesmo quando eu queria odiá-lo, eu não odiava. Ella imita meu rosnado, fingindo ser um urso se eu tivesse que adivinhar, e eu sorrio para ela.

— Por que você sic seus amigos em mim? Você vai ter que compensar isso para mim.

É a minha vez de rir desta vez.

— Eu não esperava que eles te arrastassem para fora dos dormitórios hoje. Como eles conseguiram convencê-lo a sair?

— Eu estava batendo uma e eles invadiram, me disseram que se eu fosse com eles agora, eles pegariam leve comigo e me deixariam em paz depois. Eles mentiram.

Eu rio de novo.

— Então, o que você está dizendo é que você é um otário?

— Cale-se. Será um milagre se eu não acabar dando um soco na cara de Brendon antes do final do dia.

Keith e Jordan começam a brigar atrás de mim e não desistem, então digo adeus a Preston e me viro para meus irmãos.

— Que diabo é a o seu problema?

— Nada —, eles dizem em uníssono.

— Provavelmente brigando pela garota do outro lado da rua —, diz Stacy, sem tirar os olhos do telefone.

— Com licença?! — Mamãe grita do banco da frente, virando-se para olhar para os filhos mais novos.

— Ah, entendo como é. — Olho para minha irmã mais velha. — Você está contando a vida de todo mundo para que a mamãe não comece a te sacanear sobre o vizinho com quem você está dormindo de novo?

Stacy joga a cabeça para mim com olhos assassinos. Eu sorrio para ela, mamãe gritando — Stacy! — enquanto eu rio. Ella balbucia, apontando para os meninos que ela pode ver por trás do assento, como se ela também os estivesse denunciando. Papai suspira e balança a cabeça, sufocando o riso com o caos que se segue.

— Eles estão levando aquela garota para dentro de casa! Acho que estão fingindo ser a mesma pessoa para mexer com ela! — Stacy aponta para trás enquanto encara mamãe e fico boquiaberta em choque.

Ella ri e cobre a boca.

— O que?! — Mamãe grita de novo, girando em seu assento para gritar na parte de trás.

— Você é quem fala! — eles gritam com Stacy.

Keith aponta para ela, acusando: — Você está transando com metade dos caras da nossa rua!

Stacy suspira e eu rio, segurando meu estômago enquanto rio tanto que os músculos doem.

É bom estar em casa.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
PRESTON

DESLIGAR COM JEREMY É UMA DAS coisas mais difíceis que já fiz, emocionalmente. Estou fodidamente perdido sem ele. Ele é a luz no labirinto escuro da minha vida. Quero implorar a ele para não me deixar ir, para não desconectar a única linha de vida que tenho, mas não o faço. Eu não posso fazer isso com ele. Ele está com sua família e precisa de tempo para estar com eles, sua filha, seus irmãos, seus pais.

— Ah, não fique tão triste, P Dog, — Brendon bate seu ombro no meu e eu levanto um lábio para ele.

— Não *me* chame assim.

Paul sorri e balança a cabeça.

— É mais fácil simplesmente ignorar os apelidos. Se ele sabe que eles te incomodam, ele vai fazer mais isso.

Deixo escapar um suspiro exasperado e belisco a ponte do meu nariz.

— Vou voltar para os dormitórios.

— Já nos divertimos o suficiente por hoje, — Brendon concorda e puxa o Uber em seu telefone para chamar uma carona.

Diversão definitivamente não é como eu descreveria hoje, mas eu relutantemente aprecio o que eles estavam tentando fazer. Eu só quero voltar para o dormitório e ficar de mau humor. Eu não estou dizendo isso a eles.

A carona aparece rapidamente e eu sento na frente com o motorista para não ser forçado a falar com Brendon. Ele é um merdinha e sabe disso. Tenho certeza de que ele gosta de irritar as pessoas. Especificamente, eu.

De volta ao meu dormitório, respiro fundo e deixo meus ombros relaxarem pela primeira vez no que parecem dias. A última semana foi brutal com treinos, jogos e preparação mental para a partida de Jeremy. Tentei colocar espaço entre nós, ficar sozinho como sempre fiz desde os dez anos, mas não consegui. Cada vez que eu tentava, eu me apegava mais a ele. Foi irritante.

As aulas do semestre acabaram, então nem tenho dever de casa para me manter ocupada, não sou muito de assistir TV ou filmes, então o que diabos devo fazer nas próximas duas semanas?

Mando uma mensagem para Lily para saber o que ela está fazendo, mas ela saiu com as amigas e não quero incomodar Jeremy novamente.

Então eu ando pelo meu quarto que cheira a Jeremy. Cheira a conforto, segurança, lar. Como uma pessoa pode estar em casa?

Para frente e para trás, para frente e para trás. Como não fiz um buraco neste chão? A ansiedade que enrijece meu corpo também está revirando meu estômago. Eu esfrego meu peito, estalo meus dedos, mas não está ajudando. Porra. Preciso de algo para fazer.

Vestindo o equipamento de treino, desço as escadas do primeiro andar, para evitar Paul e Brendon, e vou para a academia. Como é domingo à noite, não há ninguém aqui.

Você é o único sem vida. Recompor-se. Paul e Brendon só estão saindo com você porque Jeremy pediu. Eles realmente não se importam com você. Quem iria?

Eu conecto meus fones de ouvido ao meu telefone e encontro minha playlist de corrida para começar a me alongar e me aquecer.

Uma vez que meus músculos estão aquecidos e soltos, eu aumento a velocidade na esteira até que eu não consiga pensar em nada além da minha

respiração. A dor na lateral acaba desaparecendo e a queimação nas pernas se torna uma constante, mas me concentro no ar que entra e sai dos meus pulmões.

Por volta da marca de seis quilômetros, meu telefone toca com uma chamada de vídeo de Jeremy. Merda. Ele vai ver através de mim e saber por que estou aqui.

Eu respondo?

Foda-se.

Aperto aceitar a ligação e diminuo a velocidade da esteira para uma caminhada para esfriar, suada e ofegante quando o rosto sorridente de Jeremy preenche minha tela.

— Tive a sensação de que você estaria na academia. — Sua voz enche meus ouvidos e eu dou a ele um sorriso cansado.

— Não sou difícil de entender. — Agarrando a toalha que joguei sobre a máquina, limpo meu rosto manchado. — O que você está fazendo?

— Todo mundo foi para a cama, então eu esperava ter um tempo a *sós* com você. — Ele me dá uma piscadela.

— Você só quer sair. — Balanço a cabeça em falsa decepção. — Me usar como meu corpo, que pena, Albrooke.

Deveria me preocupar com a facilidade com que aprendi a me esconder dele quando ele está olhando diretamente para mim. Eu sei que ele está me checando porque está preocupado. Ele quer sexo por telefone, ou como quer que seja chamado, por videochamada porque sabe que gozar vai me ajudar a dormir, mas não digo a ele que estou lutando sem ele. Não posso dizer a ele que tenho medo de dormir sem ele. Eu devo? Provavelmente. Mas como isso

vai ajudar? Tudo o que isso faz é se sentir um merda por estar com sua família, que é onde ele deveria estar.

— Você vai me levar no chuveiro com você?

Eu dou a ele um olhar *sem chance* e ele ri. Ele não me viu sem roupa. Quando fodemos, fico coberto. Às vezes eu deixo ele me tocar, mas ele só viu os danos ao meu corpo uma ou duas vezes. Mesmo isso torna difícil para mim respirar.

— Você sabe que não estou desanimado com as cicatrizes, certo? — Jeremy fica sério quando desligo a máquina e procuro um pano para limpá-la.

— Eu sou. — As duas palavras são curtas, mais duras do que pretendo que sejam, mas falar sobre elas me deixa nervoso.

— Namorado —, diz Jeremy, como se fosse o meu nome.

— Essa palavra é tão infantil. Indigno. — Eu faço uma careta para ele enquanto ele sorri para mim.

— Bem, cara parece estranho, cara parece um amigo, e você é mais do que meu amigo de foda, então lide com isso.

Eu suspiro pesadamente enquanto vou para o vestiário para pegar minha merda de banho.

— Oh, baby, me levando para o chuveiro. — Ele balança as sobrancelhas para mim e eu reviro os olhos. — Vamos, não me diga que você nunca pensou em me foder no chuveiro. Eu penso nisso o tempo todo.

Bem, isso tem a minha atenção. Imagens de Jeremy molhado e nu no chuveiro, gemendo meu nome definitivamente tem apelo.

— Eu não penso em ninguém no chuveiro. Odeio estar neles, mas odeio estar sujo, então tomo banho com as luzes apagadas.

Por que diabos você disse isso? Maneira de estragar o clima, seu idiota de merda.

Jeremy está quieto, não está mais sorrindo de felicidade, mas me dando um daqueles sorrisos tristes que você dá a alguém que está de luto. Porra.

— Tire esse maldito olhar do seu rosto agora, — eu retruco, apertando minha mandíbula enquanto respiro fundo. — Eu odeio isso. Não tenha pena de mim.

— Tenho permissão para ter empatia. Às vezes, a merda que você diz é realmente triste, cara, — ele retruca. — Eu me preocupo com você, então às vezes quando você diz coisas como tomar banho no escuro, isso também me machuca. Eu não quero que você viva assim.

— Você não decide como eu vivo. — Como diabos chegamos aqui? — A maneira como lidei tem funcionado há anos, estou bem. Eu não preciso da porra da sua empatia! — Eu não posso olhar para ele. Não consigo ver seu rosto marcado por frustração, raiva ou *empatia* agora.

— Já que isso não vai a lugar nenhum, falo com você amanhã. Espero que você consiga dormir. Ligue-me se precisar.

Sua voz é mais suave do que eu esperava. Ele está obviamente chateado comigo, mas tentando ser a pessoa maior.

— Eu amo...

— Não! — Lato a palavra para ele e ela ecoa no vestiário vazio, severa e cheia de medo. Não há como o que ele estava prestes a dizer ser verdade. Nenhum. Zero. Nem uma porra de chance. Posso sentir como meus olhos estão arregalados, a firmeza de meus lábios enquanto prendo a respiração e imploro para que ele não diga isso. O medo correndo em minhas veias como gelo com a ideia de ele dizer *essa* palavra é mais do que posso suportar.

Seu rosto cai e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Isso parte a porra do meu coração.

— Boa noite. — Seu murmúrio é tão cheio de emoção quanto as linhas de seu rosto. Ele não vai olhar para mim agora enquanto mastiga o interior do lábio.

— Jeremy...— Eu tento, mas minha voz falha.

Ele balança a cabeça e encerra a ligação. Agora é a minha vez de as lágrimas queimarem meus olhos e o fundo da minha garganta. Maldição! Eu estrago tudo!

Eu jogo meu telefone do outro lado da sala, onde ele bate em um armário com um rangido e eu grito até me curvar e não conseguir respirar.

Que porra você fez?

— Fooooooooda! — Agarrando minha bolsa, vou até meu telefone quebrado e o pego. Fico ainda mais furioso quando a tela está rachada e apenas algumas partes dela acendem.

Ele nunca mais vai falar com você. Ele odeia você. Ele nunca vai te amar. Sempre. Você destruiu a única coisa boa em sua vida e vai ter que assistir enquanto ele junta os cacos de sua vida e segue em frente sem você.

Com o peito apertado e o peso das minhas merdas nos ombros, volto para os dormitórios. Eu preciso sair da minha cabeça. Eu não posso mais viver em minha mente.

Eu jogo minhas coisas no meu quarto e vou até o quarto de Paul e Brendon, batendo na porta com as mãos trêmulas.

O sorriso de Paul desaparece quando ele vê as emoções em meu rosto.

— Cara, o que há de errado?

— Eu preciso sair da minha cabeça. Como faço para parar? — Minha voz falha novamente, uma lágrima escapando do meu olho que eu com raiva enxugo.

— Uh, sim, entre. — Ele se afasta da porta para me deixar passar. Brendon está deitado em sua cama com grandes fones de ouvido. Ele os tira e se senta quando me vê.

— Hey P Daddy... — Ele para abruptamente quando Paul faz um movimento de cortar a garganta ao meu lado. — O que está acontecendo?

Paul desenterra algumas garrafas debaixo de sua cama.

— Estamos embebedando Carmichael.

— Tudo bem! — Brendon dá um soco no ar e corre para a beirada da cama, pegando uma garrafa com um líquido marrom. — Rum é meu veneno preferido.

— Temos rum, vodca e uísque. — Paul levanta as garrafas em suas mãos.

— Eu não sei e não me importo. Apenas me foda. Não quero mais pensar. Paul olha para mim como se estivesse tentando me ler, tentando descobrir o que me levou até aqui. Provavelmente pensando que precisa ligar para Jeremy.

Pego a garrafa com um líquido transparente, desaperto a tampa e tomo um gole. A queimação na minha garganta me faz tossir.

— Jesus —, murmura Paul. — Você já bebeu antes? Você comeu recentemente?

Eu me forço a tomar outro grande gole da merda desagradável, tossindo novamente com a queimadura. É como beber álcool isopropílico. É horrível, mas o calor está se espalhando do meu estômago para o resto do meu corpo.

Você é tão fraco.

— Quanto tempo até que funcione? — Pergunto a Brendon, que está me observando de boca aberta.

É por isso que o pai corta você.

Você é inútil.

Outro gole e meus ombros relaxam.

Mais dois e meu cérebro fica confuso. Eu tropeço contra a cômoda e me inclino pesadamente sobre ela. Finalmente capaz de respirar, fecho os olhos.

— Você está bem, cara? — Brendon toca meu ombro e eu me afasto dele.

— Não toque. — Dou outro golpe na garrafa e jogo minha bunda no chão. Toque significa dor. Estou cansado da dor.

— Ei cara. Temos uma situação aqui e estou preocupado.

A voz de Paul soa distante. Ele saiu da sala ou estou perdendo a capacidade de ouvir? O álcool faz isso?

Eu odeio isso.

Eu só quero que Jeremy me aconchegue, cheire seu sabonete e desodorante, sinta seu batimento cardíaco contra mim. Não quero mais ficar sozinho.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO
PRESTON

JÁ SE PASSARAM TRÊS DIAS desde que Jeremy foi para casa visitar sua família. Acho que não dormi mais do que três horas. Mesmo com a bebedeira que tenho feito, acordo suando e tremendo por causa dos pesadelos.

Estou sóbrio o suficiente para correr esta manhã, mas me sinto uma merda. Paul e Brendon não me deixavam ir à academia enquanto eu bebia, o que provavelmente era o melhor, mas eu odeio perder os treinos. Isso me estressa.

As sombras estão se movendo e estou exausto pra caralho, mas estou correndo.

Não sei por quanto tempo corro ou para onde fui. Esta cidade ainda é nova para mim e em pouco tempo, eu me virei e me perdi.

O ar está entrando e saindo de meus pulmões quando permito que meu corpo pare de se mover. O suor escorre pelo meu rosto, fazendo minhas roupas grudarem em mim. Meu cabelo cai no meu rosto enquanto olho em volta, tentando ter algum senso de direção.

Prédios altos por toda parte, muitos deles feitos de tijolos e vidro cor de areia, e árvores plantadas que definitivamente não cresciam ali naturalmente, e gramados bem cuidados.

Porra.

Eu não tenho meu telefone, então não posso obter instruções de volta e minhas pernas doem agora que parei de me mover. As ruas estão lotadas de pessoas, carros na estrada e uma tempestade está chegando. Está frio pra caralho, minha respiração é uma nuvem ao meu redor.

Entrando em uma pequena padaria, o tilintar de um sino na porta alerta alguém nos fundos de que estou aqui.

— Só um segundo! — uma voz feminina chama de trás. Um nó se aperta em minha garganta quando o calor do pequeno espaço atinge minha pele fria e úmida. O cheiro reconfortante de pão de fermento faz cócegas em alguma memória há muito esquecida de minha mãe na cozinha.

— Oi, como posso ajudar...— a mulher de meia-idade com um crachá que diz Debbi para no meio da frase com as mãos congelando no avental. Ela faz uma varredura rápida do meu corpo antes de me conduzir para trás.

— Vamos, por aqui. — Ela assume o controle da situação com uma energia calma e maternal que meu corpo obedece. Nos fundos há um pequeno escritório com uma mesa e cadeiras que já viram dias melhores, um computador que provavelmente é mais velho do que eu e pilhas de papéis. O zumbido de um ventilador de computador fornece um ruído branco constante.

— Vou pegar um pouco de água e uma toalha. — Ela sorri para mim com empatia e isso dói. Jeremy me olha assim às vezes. Eu sinto falta dele. Quão patético eu sou por não conseguir sobreviver duas semanas sem ele? Já se passaram três malditos dias e estou uma bagunça. Ele provavelmente me odeia.

Meu corpo inteiro dói, a força drenando dos meus músculos, deixando-me fraco. Como diabos vou voltar para os dormitórios? Meu carro está no estacionamento da escola, provavelmente não posso andar por mais quilômetros que leve para voltar e não sei onde diabos estou. Não sei o número de ninguém, então não posso nem ligar pedindo carona, não que eu tenha alguém para quem ligar.

Jeremy vai acabar com isso. Quanto mais você adiar a conversa com ele, mais tempo levará para ele te deixar.

Meus olhos se fecham e eu coloco minha cabeça em minhas mãos.

Eu não posso perdê-lo.

— Aqui estamos. — A mulher baixinha de cabelo grisalho volta e me entrega a garrafa de água. Abro a tampa e bebo a água, com mais sede do que esperava.

— Obrigado —, eu digo enquanto coloco a garrafa vazia e a tampa na lata de lixo ao lado de sua mesa.

— De nada. — Ela coloca as mãos nos quadris e me olha. — Posso ligar para alguém para você?

— *Eu estava correndo. — Não me diga, seu idiota.*

Esfrego a mão no rosto, afastando o cabelo dos olhos, e respiro o mais fundo que meu corpo exausto consegue.

— Você sabe como chegar à Universidade de Darby daqui?

Surpresa levanta as sobrancelhas.

— Isso é como cinco milhas daqui.

Achei que tinha ido mais longe do que isso. Oito quilômetros é normal, já que correr é minha fuga quando as vozes na minha cabeça são muito altas, mas estou exausta. Não há nenhuma maneira que eu serei capaz de correr de volta.

— Posso usar seu telefone? Eu não tenho o meu comigo.

A vergonha de não estar preparado esquenta meu rosto. Se meu pai soubesse o quanto eu tenho fodido ultimamente, eu usaria essas cicatrizes por anos.

Você terá sorte de andar amanhã. Continue sendo um fodido e você nunca vai conseguir sair vivo do pai. Ele o crucificará antes de permitir que você seja uma vergonha.

Eu só sei dois números de cor. Celular do Dr. Andrew Carmichael e minha irmãzinha.

Debbi me entrega um telefone sem fio cinza de algum lugar atrás da mesa. Trepidação faz minhas mãos tremerem quando eu o alcanço. A água no meu estômago ameaça fazer outra aparição enquanto eu disco o número do meu pai. Não posso deixar Lily saber que estou desmoronando.

— Aqui. — Ela me entrega um cartão de visita. — O endereço está no verso.

Ela sai da sala, provavelmente para me dar um pouco de privacidade para fazer a ligação.

Sugando uma respiração profunda, eu me fortaleço e disco o número.

Ele toca algumas vezes em meu ouvido até que a voz pública e educada de meu pai responde.

— Olá?

— Eu...— as palavras ficam presas na minha garganta. Pedir ajuda a ele é fisicamente doloroso e só pode me levar a mais dor. — Eu preciso de ajuda.

— Charles. — Há um suspiro de decepção. — O que você fez agora?

— Fui correr e dei a volta por cima. Não estou com meu telefone, então não consigo encontrar o caminho de volta. Eu fecho meus olhos. — Disseram-me que estou a cerca de oito quilômetros da escola.

— Então peça instruções a alguém e volte correndo.

Lágrimas se acumulam em meus olhos, então eu as fecho, recusando-me a deixá-las cair. Meu corpo não aguenta correr de volta. Correr no concreto é

mais difícil para o corpo do que na esteira, sem falar que não é plano. Deus, estou exausta.

— Não posso. — As palavras são patéticas.

— Charles Preston Carmichael, — ele diz meu nome e eu estremeço. —Você se meteu nessa confusão, vai arcar com as consequências. Corra de volta.

— Sim, pai. — As palavras saem de meus lábios, calmas e resignadas.

O telefone vibra no meu ouvido quando ele desliga. Minha mão segurando o telefone cai no meu colo e eu fico olhando para ela. Eu o odeio.

A porta se abre novamente, Debbi entra com outra garrafa de água e uma banana.

— Tudo certo? — Ela os entrega para mim. — Você precisa de uma carona? A loja fecha em dez minutos de qualquer maneira. Não vou demorar muito para limpar tudo.

Tenho que engolir o nó na garganta, endireitar os ombros e colocar o rosto que mostro ao público.

— Isso é gentil da sua parte, mas eu vou ficar bem, obrigado.

Eu me levanto, levando a garrafa de água e a banana comigo. Minhas pernas e pés gritam em protesto após o intervalo, mas eu cerro os dentes e avanço. Chego à entrada da loja sem tropeçar e encontro alguns caras com moletons da Darby U. O que está ao meu lado está com um boné virado para trás e vira a cabeça.

Eu congelo quando meus olhos encontram os olhos verdes da porra do Paul Johnson. Ele se vira para mim, arrastando seu olhar pelo meu corpo. Porra. Eu não queria que ele me visse assim. Ele vai contar a Jeremy.

A pontada de decepção em mim dói mais do que meu corpo agora.

— O que está acontecendo, Carmichael? — Ele cruza os braços sobre o peito. Os outros caras com ele se viraram com sua voz, o cabelo ruivo de Brendon refletindo a luz, e outro cara que eu vi nos dormitórios, mas não com o time.

— Nós estivemos procurando por você —, diz Brendon severamente.

Minha mandíbula dói de tanto apertar os dentes. Preciso de cada grama de autocontrole que me resta para não explodir com eles, mas preciso da ajuda deles.

Paul olha para a garrafa de água e a banana em minhas mãos e depois para a mulher que ainda está parada atrás de mim.

— Você a conhece ou algo assim?

— Não, ela é apenas uma mulher que foi legal comigo. Você está voltando para o campus?

— Sim, apenas pegando alguns rolos de canela. Os de Debbi são os melhores. — O cara que eu não conheço fala. Paul e Brendon estão me observando como se não tivessem certeza do que fazer comigo. O que, eu acho, é justo. Eu sou um idiota com eles na maior parte do tempo e tenho sido um show de merda ultimamente. Eles estão cuidando de mim e eu os abandonei de propósito.

Eu quero dizer a eles que rolos de canela são a última coisa que eles precisam, mas eu não. Estou muito cansado para me importar, e quem sou eu para julgar depois de passar os últimos dias em uma garrafa?

Eles pegam a comida e nós vamos para os carros azuis do Corolla Paul. Embora eu seja mais alto do que todos aqui, subo na parte de trás.

— Eu sou Nick. — O garoto do dormitório oferece sua mão. Eu pego e dou um sorriso de boca fechada.

— Preston.

Ele ri.

— Ah, eu sei quem você é.

Paul e Brendon conversam apenas com olhares no banco da frente, mas não tenho energia para me importar. Eu inclino minha cabeça para trás contra o encosto de cabeça e olho pela janela, esperando que ninguém fale comigo.

Nick fala, mas não parece precisar de nenhum incentivo meu para continuar, então eu o bloqueio. Brendon e Paul continuam olhando para mim, mas não sei o que eles estão procurando. Não importa. Agora eles sabem que sou falso e um show de merda. Um desapontamento. Não é à toa que meu pai abusa de mim.

Quando chegamos aos dormitórios, Nick sai, acenando para os rapazes, e entra. Estendo a mão para a porta, mas as fechaduras fecham e eles se viram para olhar para mim.

— Isso tem que parar. Vá para Michigan ou se recomponha —, Paul me diz com aquele jeito de amor duro. — Jeremy está muito preocupado com você. Então, fale com ele ou tire-o de sua miséria. Ele está tentando encontrar uma maneira de dizer à mãe que está saindo mais cedo ou vai acabar com uma úlcera por causa do estresse.

A culpa tem lágrimas enchendo meus olhos. Ele merece muito mais do que eu.

— Ele te ama, cara. Ele nos disse isso e está realmente preocupado com você, — acrescenta Brendon. — Por que você está evitando ele?

— Eu quebrei meu telefone.

Minha voz falha enquanto as lágrimas enchem meus olhos. Estou tão fodidamente cansado.

— Você está brincando comigo? Você poderia ter usado um dos nossos! Você tem um computador, mande um maldito e-mail para ele se precisar!

Paul está quase gritando. Eu mereço. Estou fodendo. — Além disso, você não é como um bilionário? Vá comprar uma porra de uma nova!

— Não, vá para Michigan. Confie em mim, ele quer ver você e os Albrookes são incríveis. Eles ficarão felizes em ter você. Você pode levar essa merda para o banco, — Brendon me diz.

Eu aceno solenemente e alcanço a maçaneta novamente. Paul destranca as portas e todos nós subimos juntos para o nosso andar.

— Chega de decolar sem deixar um de nós saber. Tenho certeza que Jeremy quase veio pelo telefone para nos estrangular, — diz Brendon antes de fechar a porta atrás deles.

Estou exausto pra caralho, mas pego uma mochila e enfio algumas roupas nela. Preciso vê-lo e implorar que me perdoe, pessoalmente. Abrindo meu computador, eu puxo uma companhia aérea e compro uma passagem para Grand Rapids, Michigan no próximo voo disponível, então desmaio com meus braços em volta do meu laptop, meu último pensamento sendo *eu te amo.*

CAPÍTULO TRINTA E SEIS
JEREMY

ESTOU FICANDO LOUCO PRA CARALHO. Eu não falo com Preston há dias, os caras me dizem que ele está bebendo como um maldito peixe e Brendon até o encontrou fumando um cigarro uma vez. Que porra está acontecendo? Ele não responde minhas mensagens ou ligações. Não consigo dormir, não consigo comer, definitivamente não estou fazendo os exercícios que deveria fazer para o hóquei.

Quando eu estava conversando com Brendon em um ponto, ele quase chorou porque mamãe fez sua salada de taco e eu não estava comendo. Eu *sempre* como.

Eu tenho que voltar.

Eu tenho que.

Estou colocando as roupas de volta na minha mochila quando meu telefone toca. Lutando para encontrá-lo, esperando que seja Preston, vejo que é Paul.

— Ele está bem?

Paul esfrega a mão no rosto.

— Cara é foda. Ele saiu para correr e não nos contou. Por pura sorte, o encontramos em uma padaria. Ele quase se matou. Mas conseguimos algumas respostas dele. Ele quebrou o telefone, eu acho, então é por isso que ele não atendeu você. Nós dissemos a ele que ele precisa ir ver você.

Brendon aparece na tela.

— Acabei de checá-lo e ele está desmaiado, abraçando seu laptop. Ele nem tirou os sapatos, apenas deitou.

Jesus. Ele está girando forte. Isso é exatamente o que eu esperava que não acontecesse. Pelo menos seu pai não está lá para pegá-lo. Não consigo imaginar como seria.

Meu coração dói por ele. Ele deve pensar que estou chateado, mas não estou. Ok, estou bravo por ele estar me evitando, mas eu o amo. Eu quero saber se ele está bem.

— Você acha que ele virá? — Tenho medo de ter esperança.

— Não sei. O cara é teimoso pra caralho —, diz Paul.

Deixei escapar um suspiro.

— Você não está errado. — Eu corro minhas mãos pelo meu cabelo e puxo as pontas. — Tudo bem, me mantenha atualizado. Vou falar com minha mãe sobre trocar minha passagem e voltar mais cedo. Não posso ficar aqui se ele já está fora de controle depois de três dias.

— Vai fazer.

A porta do meu quarto se abre e Stacy entra com Ella no colo.

— Ei. — Eu caio na minha cama, pesada com indecisão e derrota.

— Como está o namorado? Você o encontrou? — Ela se senta ao meu lado e Ella sobe no meu colo.

Eu a abraço no meu peito e esfrego suas costas enquanto ela chupa o dedo. — Sim, eles o encontraram. Ele saiu para correr e se perdeu, eu acho. Não sei. — Um caroço se forma na minha garganta. — Eu preciso voltar. Ele não está bem.

— Ele está bem para esta noite?

— Brendon diz que finalmente está dormindo, mas não sei quanto tempo isso vai durar, ele tem pesadelos muito ruins.

Eu dou de ombros, não querendo entrar nos detalhes de sua vida com ela.

— Nós vamos para a casa da vovó e do vovô para assar amanhã. Acho que os meninos, papai e vovô vão pescar no gelo. Você provavelmente deve se juntar a eles.

Concordo com a cabeça e percebo que Ella adormeceu. Eu sorrio para a garotinha inocente em meus braços. Ela é um bebê tão doce.

— Vou levá-la —, diz Stacy, estendendo a mão para sua filha.

— Posso segurá-la um pouco? — O nó na garganta dói de falar mas sinto falta da pressão de alguém no meu peito. O calor de outra pessoa contra mim.

Ela olha para mim por um segundo e acena com a cabeça.

— É claro. — Ela se levanta e bagunça meu cabelo, beija minha cabeça, depois apaga a luz ao sair, mas deixa a porta entreaberta. Ajeito-me na cama até me apoiar nos travesseiros contra a cabeceira e nos cubro com um cobertor.

Abrindo a câmera do meu telefone, eu tiro uma foto de seu rosto doce na sala mal iluminada, em seguida, me torturo abrindo minha conversa com Preston do aeroporto para folhear suas fotos.

O que aconteceu? Ele parecia bem quando saí, um pouco pegajoso, mas isso era esperado. Ele estava fingindo estar bem?

Ella se mexe no meu peito, esfregando o rosto na minha camisa. O cheiro de lavanda de seu xampu faz cócegas em meu nariz. Odeio sentir tanta falta do crescimento dela. Ela muda tão rápido hoje em dia. Tenho medo que ela me esqueça e Jordan se torne seu tio favorito, afinal.

Não demorou muito para eu adormecer, quentinho e confortado pela minha sobrinha no meu peito.

***

O dia é uma correria louca tentando deixar mamãe, Stacy e Ella prontas para assar, Jordan, Keith e papai prontos para pescar, e para eu decidir o que diabos estou fazendo.

— Vou com a mamãe passar um tempo com a Ella, — digo ao papai enquanto ele carrega os meninos para ir buscar o vovô. Eu pareço a porra de um disco quebrado. Estou chateado comigo mesmo.

— Tudo bem, cara. Bem, vejo você mais tarde. — Papai me dá um abraço e vai embora.

Estou colocando Ella em suas botas de neve quando meu telefone toca.

Oiler: Pequeno problema

O pavor me preenche. Não aguento mais malditos problemas!

Albrooke: E agora?

Oiler: Ele se foi e não temos ideia de onde ele foi.

Albrooke: De novo!?!

Esfrego a mão no rosto e rosno de irritação. Olhando para o tempo, tento fazer as contas para descobrir a diferença de tempo. Se ele fosse treinar às quatro horas, já teria terminado, mas se ele fez uma corrida forte ontem à noite e desmaiou, provavelmente não acordou na hora, então talvez ele esteja na academia?

Albrooke: A academia?

Oiler: Você realmente acha que eu não teria checado lá primeiro?

Seu pai voltou e o pegou? Ele não estaria em posição de lutar contra ele. Se Preston estivesse em uma espiral tão ruim quanto eu penso, ele teria concordado com o que seu pai quisesse porque achava que merecia. Porra.

Albrooke: Não aguento mais essa merda! Estou dizendo a mamãe hoje que estou voando de volta.

Oiler: Pode não ser um plano ruim. Isso é loucura.

Pegamos o que temos que levar conosco e subimos no carro. Sento-me ao lado de Ella na parte de trás e mesmo sabendo que ele não vai atender, ligo para Preston de qualquer maneira. Eu tenho que saber que eu tentei.

Meu joelho está quicando durante todo o caminho e meu estômago está em nós. Não sei como vou conseguir sentir o cheiro de doces assados o dia todo, mas é melhor do que sentar em uma cabana no gelo sem recepção.

A viagem é rápida o suficiente, sem muita conversa, já que mamãe ainda está irritada com Stacy guardando segredos para os gêmeos, mas não me importo com o silêncio. Isso significa que não preciso me forçar a prestar atenção.

Ella balbucia ao meu lado e me entrega o livro que ela tem, *Good Night Moon*

— Você quer que eu leia? — Eu pergunto a ela. Ela balbucia alegremente e eu abro o livro. — Na grande sala verde, — eu começo a ler, mas ela pega o livro e o tira de mim. Eu sorrio para ela enquanto me distraio, consumido pela preocupação com o homem que amo. Será que ele vai aceitar que eu o amo?

Paramos na casa em que minha mãe foi criada e sorrio com as memórias de infância deste lugar. A metade inferior da casa é de tijolos com revestimento de madeira verde e grandes janelas na metade superior. A grande árvore no jardim da frente tem um velho balanço de pneu em que costumávamos brincar no verão.

Vovó abre a porta da frente e eu desabotoei Ella para carregá-la até a varanda.

— Jeremy! — Vovó sorri e envolve seus braços em volta de mim em um abraço que eu não sabia que precisava. Eu quero tanto desabar em minha preocupação, deixá-la arcar com alguns dos meus problemas como ela fez

enquanto eu crescia, mas não o faço. Eu mantenho tudo sob controle porque devo ser um adulto e lidar com meus próprios problemas.

— Estou tão feliz em ver você. — Ela beija minha bochecha. — Vamos, Ella, vamos entrar na casa onde está quente. — Ella corre para a porta e a empurra para entrar na casa.

Volto para o carro e ajudo mamãe e Stacy a trazer os suprimentos.

— Eu sabia que havia uma razão para tê-lo trazido, — Stacy diz, me dando um tapinha nas costas.

— Sim, sim, cale a boca. — Coloco a caixa no balcão da cozinha e saio para sair do caminho, chutando meus sapatos na porta a caminho do sofá.

Não demorou muito para nós meninos aprendermos a ficar fora da cozinha quando as mulheres estão cozinhando, principalmente nas férias. É por isso que todos nós vamos pescar no gelo durante a preparação. No Natal, veremos futebol ou filmes natalinos, dependendo de quem está controlando a TV. Alguns anos atrás, compramos para a vovó uma pequena TV de tela plana para pendurar na parede para que ela pudesse assistir o que quisesse enquanto cozinhava. Esperançosamente, ela assistirá seus filmes de Natal lá e deixará a sala livre para jogar futebol.

Stacy coloca Ella em sua cadeira alta na cozinha com alguns ingredientes para brincar ou comer, e eu me sento no sofá de camurça marrom na sala de estar, olhando para o meu telefone. Eu quero que a maldita coisa toque e fico chateado quando isso não acontece.

— Por que você está tão deprimido? — Vovó entra, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Só preocupado com meu namorado. — Eu dou de ombros, mais uma vez protegendo sua privacidade e tentando evitar o que realmente está me incomodando.

— Namorado? — Seu rosto se ilumina quando ela se senta ao meu lado no sofá. — Me fale sobre ele.

Eu sorrio para mim mesmo quando a tela do meu telefone acende, mostrando-me sua selfie pateta.

— Ele é um jogador de hóquei, meu colega de quarto, e uma dor enorme na minha...— Eu me interrompo quando ela me dá *o olhar,* — bunda.

Ela ri e me bate com a toalha.

— Parece amor para mim.

Eu quero tanto que isso seja verdade que dói, mas eu dou de ombros e mastigo o interior do meu lábio.

— Se for pra ser, vai dar certo. — Ela dá um tapinha na minha perna e se levanta para voltar para a cozinha. Por que os adultos são sempre tão rápidos em contar besteiras inúteis? Isso não é útil ou reconfortante.

Estou virando meu telefone em minhas mãos, olhando para o nada quando ele toca. Minha frequência cardíaca dispara quando eu viro e fico confuso quando um número desconhecido de Muskegon está ligando.

— Olá?

Uma respiração trêmula cruza a linha antes de:

— Por favor, venha me buscar.

Preston. Oh, meu deus, é Preston. Ele soa como se estivesse quase chorando.

— Onde você está? — Estou de pé e correndo para calçar os sapatos.

— Trinity Health Arena. — Alguém diz isso atrás dele e ele repete. Com quem diabos ele está?

— Estou a caminho, estarei aí em uns trinta minutos. Não se mexa.

Corro para a cozinha, afastando o telefone da minha boca. — Mamãe! Eu preciso de suas chaves!

— O que? O que há de errado? Aconteceu alguma coisa no lago?

Ela está limpando a farinha das mãos no avental, o pânico estampado nos olhos. Todas as três mulheres olham para mim enquanto esperam por uma resposta.

— Não, Preston está na arena, vou buscá-lo.

— Eu vou dirigir! Você está um desastre. Stacy pega as chaves que mamãe tirou da bolsa e calça os sapatos. — Mãe, você pode cuidar de El ou quer que eu a leve comigo?

— Uh, leve-a com você para que possamos continuar com esses biscoitos de Papai Noel. — Ela ajuda Stacy a preparar Ella enquanto eu passo impaciente pela porta da frente.

— Vamos! Vamos lá! — Eu vou vibrar na porra da minha pele se ela não se apressar!

— Tudo bem! Estou indo, segure seus malditos cavalos.

Stacy carrega Ella para o carro. Pego a sacola de fraldas e sigo atrás dela.

— Tome cuidado! Dirija devagar! — Mamãe grita da varanda enquanto entramos no carro e saímos da garagem.

Meu joelho está quicando a um milhão de quilômetros por hora enquanto tento me preparar para o que estou prestes a encontrar. Ele parecia áspero ao telefone. Ele vai desmoronar ali mesmo quando me vir ou será fechado e sem emoção? Como diabos ele chegou à arena? Eu me apoio na porta, olhando pela janela, perdida em minha cabeça.

— Você o ama, não é? — Stacy pergunta, olhando para o meu joelho saltitante.

Aquele maldito caroço está de volta na minha garganta, ameaçando me sufocar. Uma lágrima cai do meu olho e eu a enxugo.

— Sim. — Dói dizer as palavras em voz alta quando ele não as aceita. Por que diabos ele está aqui?

— Você contou a ele? — ela pergunta, sendo intrometida.

— Eu tentei, mas ele não estava pronto para ouvir.

A unidade é mais lenta do que eu gostaria que fosse, mas nós a tornamos uma peça.

— Onde ele está? — Stacy pergunta enquanto entramos na arena. Merda. Não perguntei onde ele estava.

— Não sei. Eu esqueci de perguntar! — Eu corro meus dedos pelo meu cabelo e puxo as mechas, frustrado comigo mesmo.

— Basta chegar perto e vamos dar uma volta para ver se conseguimos ver alguma coisa.

Demoramos alguns minutos, mas alguém de jeans e camiseta de manga comprida sai pela porta, curvado contra o vento.

— Pare! — Eu grito e abro minha porta antes que ela tenha a chance de parar completamente. Estou fora do carro e correndo para ele. Preston. Meu namorado. O homem que eu amo. Eu corro o mais rápido que posso em direção a ele, colidindo no meio da calçada e envolvendo meus braços em torno dele.

— Porra! — Ele enfia os braços sob minha jaqueta, pressionando seu peito solidamente contra o meu. Ele está tremendo, seu rosto pressionado em meu

pescoço, enquanto suas mãos deslizam sob minha camisa. Eles estão congelando pra caralho.

— Suas mãos estão frias pra caralho! Por que você não tem um casaco?

Eu assobio, mas não o solto, não posso. — Estou tão feliz que você está aqui. Você está bem? Por que você não fala comigo há dias? Eu tenho estado tão preocupado!

— Sinto muito —, diz ele contra a minha pele. — Por tudo. Por favor, não me deixe. Eu preciso de você.

Seu aperto em mim é dolorosamente forte, mas não me importo, preciso senti-lo tanto quanto ele precisa me sentir.

— Eu não vou a lugar nenhum, — eu digo enquanto puxo seu rosto para o meu, nossas testas descansando juntas.

Uma lágrima escorre por sua bochecha e eu a enxugo com o polegar.

— Eu te amo, — sua voz falha e o tremor aumenta. — Eu preciso de você. Por favor. — Seus olhos estão apertados juntos com tanta força.

— Eu também te amo. — Com minhas mãos segurando a parte de trás de sua cabeça, trago seu rosto para o meu para pressionar nossos lábios. Ele estremece ao toque enquanto suas mãos deslizam mais alto nas minhas costas. Porra, eu senti falta dele.

O beijo não é apressado ou acalorado. É suave, lento e significativo. Uma reconexão e compreensão. A ansiedade que está correndo pela minha corrente sanguínea por dias finalmente diminui e eu sou capaz de respirar fundo.

A porta de um carro se abre atrás de mim, um grito alto de Ella faz Preston quebrar o beijo e colocar algum espaço entre nós.

— Merda. Eu sinto muito. Sei que estou atrapalhando seu tempo com sua família. Eu sou um fodido egoísta.

Ele parece estar com dor física.

— Não, está bem. Acredite em mim, todos querem conhecê-lo e você provavelmente será o novo favorito.

Eu sorrio para ele, esperando que isso não o assuste muito.

Suas sobrancelhas se juntam em confusão.

— Não sou o favorito de ninguém.

— Isso é treta. Você é meu favorito.

— Idiota! Ele não tem a porra de uma jaqueta! Entre no carro! Stacy grita atrás de mim.

— Como você chegou aqui? Uber? — Eu pergunto a ele, pegando sua mão e puxando-o para o SUV.

— Não, aluguei um carro. — Ele tira as chaves do bolso e aponta para um pequeno SUV no estacionamento.

— Legal, eu dirijo. — Pego as chaves dele e volto para Stacy. — Te encontro em casa.

— Ok. Dê a ele uma maldita jaqueta!

Eu mostro para ela e corremos para o carro dele. Destranco-o antes de chegarmos a ele e deslizo nos assentos, imediatamente girando a chave para ligar o motor e aquecê-lo. Preston coloca as mãos em concha na frente da boca e sopra nelas.

— Aqui. — Eu tiro minha jaqueta e entrego a ele. Ele não discute, apenas geme quando veste o casaco já quente.

— Por que você veio aqui? Para a arena?

Eu pergunto, olhando para o prédio onde toquei durante anos.

— Eu não sabia onde você morava e, não sei, algo me disse para vir aqui.

Ele dá de ombros e olha para o prédio. — Um cara lá dentro me reconheceu e eu disse a ele que estava procurando por você, mas não conseguia lembrar seu número. Ele foi capaz de obtê-lo de alguma forma.

Pego sua mão e entrelaço meus dedos nos dele.

— Estou muito feliz que você veio.

Ele levanta um lado da boca em um pequeno sorriso, mas o deixa cair rapidamente.

— Me desculpe, eu sou uma bagunça do caralho.

Eu aperto sua mão.

— Eu não sinto. Eu te amo do jeito que você é.

CAPÍTULO TRINTA E SETE
PRESTON

MEU CORAÇÃO AINDA ESTÁ acelerado, me dizendo que estou em perigo e tenho que tomar cuidado, mas minha cabeça finalmente está QUIETA. Majoritariamente. Eu estraguei tudo tanto que não tenho certeza se posso realmente consertar. Ele vai confiar em mim depois disso? Eu não confio em mim.

Estou exausto. Fisicamente e mentalmente esgotado pelos últimos dias de vida sem ele. Isso é patético e egoísta, mas é a verdade. Eu me vi em um espelho no aeroporto e as olheiras sob meus olhos parecem que alguém me deu um soco no rosto. Mas estou quente de novo e a mão de Jeremy está na minha. Ele é meu.

No bolso da frente da minha mochila há uma pulseira de couro com tacos de hóquei em relevo. Eu vi enquanto esperava meu voo e tive que dar para Jeremy. Vamos estar juntos no Natal e não posso aparecer sem nada. Não tenho nada para os pais dele além de uma garrafa de vinho que já peguei na mesma lojinha onde comprei a pulseira.

Por que você está aqui?

Desperdiçando o tempo de todos, tirando o tempo limitado que ele tem com a família.

Egoísta.

Ingrato.

Sem utilidade.

A viagem até onde Jeremy está me levando não demora muito. Não é tempo suficiente para eu ficar só com ele, para colocar minha cabeça no lugar. Não estou pronta para entrar e ter que conversar, sorrir e ser agradável.

— Esta é a casa da minha avó, é dia de cozinhar para as mulheres da minha família, todos os rapazes estão no lago pescando, mas estão ocupados, então devem nos deixar em paz se subirmos.

Jeremy recosta-se no banco enquanto olha para a casa em frente à qual estacionamos.

A pressão no meu peito está aumentando. Minha respiração está muito rápida e minhas palmas estão suadas. Eu não posso fazer isso. Eu nem deveria estar aqui.

— Preston. — Jeremy puxa minha mão e me alcança com a outra mão. Eu estremeço quando ele toca minha bochecha e puxa meu rosto para ele. — Olhe para mim.

Não consigo manter meu foco em seu rosto, meu olhar oscila da esquerda para a direita e vice-versa.

— Por que não vou pegar as chaves da casa da minha mãe e podemos voltar para casa? Isso seria melhor?

Concordo com a cabeça, penso, mas não sei dizer. Não tenho mais controle sobre meu corpo ou minha mente. Tudo que eu preciso é dormir, mas não consigo quando ele não está comigo. Por que ele não consegue entender isso?

A vontade de chorar é mais forte do que deveria. Homens não choram. Eles são estoicos e calmos e absorvem tudo apenas com raiva para fazer a merda. Sugue-o e faça-o. Mas estou cansado. Eu quero ser fraco. Por que não posso ser fraco por apenas um minuto?

— Ei, já volto. Ok? — Seu rosto balança com as lágrimas tentando cair dos meus cílios. Ele beija minha testa e desce, correndo para casa.

Eu fecho meus olhos e respiro, correndo minhas mãos para cima e para baixo em minhas coxas.

Cara.

Deixe de ser um bebê.

Você é um homem adulto, não uma putinha.

Você é uma vergonha. Olhe para você, sentado no carro como uma garotinha assustada em vez de conhecer a mãe como um homem.

Ele tem vergonha de você.

A voz do meu pai está afiada na minha cabeça, brincando com as inseguranças que ele colocou lá para me manter abaixo dele.

A porta do carro se abre novamente, o rosto de Jeremy, vermelho de frio, se vira para mim enquanto ele liga o carro.

— Ok, aqui vamos nós.

— Espere! — Eu desafivelo meu cinto de segurança e alcanço a porta. — Tenho que me apresentar a sua mãe para não me envergonhar.

Estou na metade do caminho para fora da porta quando a mão de Jeremy pousa no meu braço e ele me puxa de volta para dentro.

— O que você está falando? Você está exausto e precisa descansar. Eu disse a eles que você ficou com os olhos vermelhos e ficou acordado a noite toda, e que os encontraria hoje à noite. Eles entendem, está tudo bem. — Ele me olha sério. — E você definitivamente não é uma vergonha. Eu nunca teria vergonha de dizer a ninguém que você é meu.

— É falta de educação não me apresentar. Eu tenho que conhecê-los.

Meu argumento é fraco, até para mim.

— Você vai encontrá-los, quando estiver descansado e em um espaço de cabeça melhor.

Ele aperta minha mão e eu afivelo meu cinto de segurança novamente.

— Tem certeza? Já lhe causei muitos problemas, não quero...

— Pare. — Jeremy aperta minha mão novamente. — Eles vão te amar, eu prometo.

Concordo com a cabeça e relaxo no assento, deixando minha cabeça cair no encosto enquanto Jeremy se afasta do meio-fio.

Alguns minutos de silêncio depois, estamos entrando na garagem de uma casa de estilo rancho de dois andares. É azul com detalhes em branco e teto de metal. Caseiro e acolhedor. É fácil imaginar as crianças brincando no jardim da frente, correndo pelos aspersores e montando uma barraca de limonada.

Jeremy sai do carro e eu o sigo até a porta. Paramos na entrada para tirar os sapatos e os casacos. As paredes são de cor creme com trilhos e molduras de madeira natural. As paredes são forradas com fotos emolduradas e decorações que eu esperaria encontrar em uma cabana, ursos e alces, xadrez de búfalo e pinheiros. É acolhedor e confortável, porém, o que é mais do que posso dizer sobre qualquer um dos lugares onde meu pai morou.

— Está com fome? — Jeremy me pergunta, desviando minha atenção das fotos dele e de seus irmãos na parede.

— Não. — Eu balanço minha cabeça. — Só cansado.

Ele pega minha mão e eu o deixo me puxar pela casa até uma escada. Subimos e mesmo com sua bunda sexy literalmente na minha cara, estou exausto demais para apreciá-lo adequadamente.

— Banho? — ele pergunta quando paramos no patamar no topo da escada. Há algumas portas aqui, provavelmente um banheiro e três quartos, se eu tivesse que adivinhar.

Eu balanço minha cabeça. Eu não sei como ainda estou de pé enquanto a exaustão está tomando conta.

— Vamos. — Ele ri quando eu balanço. Ele me leva a uma porta à direita da escada e a abre para mim. É definitivamente o quarto de Jeremy. Cheira a ele, as paredes são forradas com pôsteres de hóquei e brindes dos Lenhadores. Isso me faz sorrir, vendo essa parte dele.

— Onde está sua bolsa? Você está de pijama ou está dormindo de jeans? Jeremy envolve seus braços em volta da minha cintura, suas mãos pousando na parte inferior das minhas costas. Nossos abdomens são empurrados juntos e minhas mãos seguram sua cabeça, deixando minha testa cair na dele.

— Senti a sua falta. — Eu respiro as palavras no espaço entre nós.

Os braços de Jeremy apertam ao meu redor e ele levanta a boca para mim. Não hesito em pressionar a minha contra a dele em um beijo rápido. Estou muito cansado para fazer qualquer outra coisa.

— Você quer algo para se trocar? — Ele me pergunta enquanto dá um passo para trás e tira a calça jeans e a camiseta, jogando-os no pé da cama.

Balanço a cabeça e deixo cair minha calça jeans no chão, saindo dela e olhando para ele quando ele não se move para a cama. Ele está olhando para minhas pernas, para as cicatrizes que podem ser vistas sob minha cueca boxer. Eu não posso aumentar a energia necessária para ficar envergonhado. Estou prestes a desmaiar em pé.

— Jeremy —, murmuro, balançando em direção à cama.

— Merda, desculpe. — Ele puxa o cobertor e me deixa subir na cama primeiro para que eu possa ficar perto da parede. Ele desliza atrás de mim, deitando-se de costas para que eu possa desmoronar em seu peito. Eu coloco minha perna sobre uma das dele, enterro meu rosto em seu pescoço e envolvo meus braços em volta dele até que minhas mãos estejam sob suas costas. Meus olhos se fecham e as luzes se apagam.

A próxima vez que meus olhos se abrem, o sol está entrando pela janela e isso faz minha cabeça doer. *Onde está Jeremy?*

Sentando-me, olho ao redor da sala e não o vejo.

— Jeremy? — Minha voz está rouca de sono e de garganta seca. Estou com muita sede.

Não ouço nenhum movimento, então saio da cama e noto minha falta de calças. Porra. Meus ombros caem e eu esfrego a mão no rosto. Eu não queria que ele os visse. Agora não. Assim não.

— Jeremy? — Eu chamo de novo, procurando por minhas calças. Eu os encontro no final da cama com minha mochila. Eu coloquei alguma coisa lá?

Visto o jeans e abro a bolsa para procurar uma muda de roupa. O que encontro me faz congelar.

Cinco pares de meias, duas cuecas, uma camisa e um desodorante em bastão. Que porra é essa?

Eu limpo minhas axilas para não feder por enquanto, troco minha camisa e cueca, então desço as escadas. Sons de bacon escaldante e café sendo preparado vêm da cozinha com o zumbido baixo da conversa. Meu estômago resmunga com o cheiro de comida. *Quando foi a última vez que comi?*

Girando meus ombros e endireitando minha coluna, eu escondo meu rosto para neutro antes de entrar na cozinha. Uma mulher de cabelos castanhos

presos em um coque, vestindo um roupão azul, está parada perto do fogão. Ovos e bacon estão cozinhando, com uma pilha de panquecas em um prato ao lado dela e uma xícara de café na mão.

— Bom dia —, ela me envia um sorriso rápido. — Tem suco de laranja na geladeira, creme e leite também. O café está quase pronto e o café da manhã estará pronto em cerca de cinco minutos.

— Obrigado senhora.

Eu aceno para ela e olho ao redor da cozinha que está aberta para a sala de jantar e sala de estar. Meus olhos encontram os de Jeremy na sala e enfio as mãos nos bolsos, quando ele se levanta e vem em nossa direção. Eu odeio o quão estranho eu sou, o quão inseguro de tudo o que estou aqui. Não é como eu. Sou confiante em tudo que faço, mas aqui, estou tão fora do meu elemento que sinto que estou me afogando.

— Mãe —, diz Jeremy, envolvendo um braço em volta da minha cintura. — Este é meu namorado, Preston.

Ela abaixa a espátula e sorri para mim.

— É um prazer conhecê-lo, Preston. Estamos felizes em tê-lo conosco. Você pode me chamar de mãe ou Trish.

Ela chega para me dar um abraço, mas eu recuo, dando um passo para trás.

Engula isso e deixa a mulher te abraçar, seu imbecil.

Seu rosto cai e ela olha para Jeremy, que me puxa para o seu lado.

— Ele não é muito de abraçar, — Jeremy a informa enquanto eu brigo comigo mesmo. — Eu tenho privilégios de namorado, — ele diz com um sorriso.

Ela acena com a cabeça e me oferece a mão para apertar, que eu aceito com gratidão.

— Obrigado por me receber, especialmente no último minuto.

— Sabe, você é o primeiro cara que Jeremy trouxe para casa. Tenho certeza de que posso desenterrar algumas fotos de bebês.

Ela pisca para mim de forma conspiratória e eu sorrio para ela enquanto Jeremy geme. — Vão se sentar, rapazes. — A Sra. Albrooke nos enxota para fora da cozinha e eu, agradecidamente, pego a mesa para ir sentar na sala de estar. Jeremy me oferece o assento no final do sofá, em seguida, inclina-se contra mim uma vez que ele está acomodado. Dois meninos mais novos estão sentados em um sofá, com os rostos enterrados em seus telefones, e um homem mais velho está sentado à mesa lendo um jornal.

Eu me inclino para sussurrar para Jeremy.

— Eu não sabia que as pessoas ainda liam o jornal. — Ele ri e pega um copo de água e entrega para mim.

Grato por isso, eu engulo o copo e o coloco de volta na mesa.

— Papai lê todas as manhãs, como um relógio.

Concordo com a cabeça e passo um braço em volta do ombro de Jeremy, entrelaçando meus dedos com os dele. Os meninos olham para o movimento e me fixam com um olhar sério, boca aberta, olhos cravados em mim, punhos cerrados. É assustador.

Sem saber o que dizer, tento dar-lhes um sorriso, mas não consigo. Nunca estive em um relacionamento, nunca conheci a família de ninguém antes, nunca tive alguém importante para mim, então não sei como fazer isso. Minhas habilidades com pessoas são péssimas nos melhores dias.

Estou prestes a perguntar a Jeremy o que fazer quando ele olha.

— Parem com isso —, ele diz aos meninos.

Sorrisos surgem em seus rostos, transformando-se em risadas enquanto relaxam, desligando os telefones.

— Sou Keith, esse é Jordan —, diz o da direita.

Jeremy zomba e balança a cabeça.

— Mentiroso.

— Como você os distingue? — Eu pergunto a Jeremy.

— A atitude principalmente. Keith é o mais quieto dos dois, Jordan é o criador de problemas. Mas Jordan também tem uma pequena cicatriz na linha do cabelo que ajuda.

Aquele que os apresentou sorri ainda mais.

— Mas não se sinta mal se você os confundir, eles fazem isso de propósito para mexer com todo mundo. Stacy acerta na metade das vezes, mas quase sempre acerto.

— Café da manhã! — Sua mãe chama da mesa e os meninos correm, enchendo seus pratos até transbordar. Um pega suco de laranja enquanto o outro pega leite. Espero até que todos terminem de se servir antes de pegar um prato e pegar alguns ovos e bacon. Jeremy sorri, mas não diz nada.

Por melhor que essas panquecas cheirem, não consigo comê-las. Já fiz bastante estrago na minha dieta ultimamente.

Encho meu copo de água e me sento à mesa ao lado de Jeremy.

Há outro assento ao lado dele e uma cadeira alta entre ele e a Sra. Albrooke, mas não pergunto sobre isso. Estou curioso sobre a filha de Jeremy, já que ele disse que é gay, mas não é hora para isso.

— Conte-nos sobre você, Preston —, diz o pai de Jeremy, olhando para cima de seu prato.

O sangue escorre do meu rosto. O que diabos eu devo dizer sobre isso? Meu pai é cirurgião, gosta de me usar como cobaia. Eu jogo hóquei porque ele me manda, e para manter minha irmã segura.

— Hum, bem, senhor, — eu começo, engolindo em seco. — Não há muito o que contar. Minha vida gira em torno do hóquei.

Deus, eu poderia soar mais idiota?

A mão de Jeremy descansa na minha perna.

— O que ele realmente quer saber é se pode conversar sobre pesca, caça ou futebol com você. — Ele olha para o pai e responde por mim. — Não.

O Sr. Albrooke suspira e balança a cabeça.

— De onde você é, filho?

— Boston, principalmente, — eu respondo, esperando pelo comentário que sei que está por vir.

— Você não parece ser de Boston. — *E aí está.*

— Meus pais não são da região.

Passos soam no alto e uma voz feminina pode ser ouvida, embora eu não consiga entender as palavras.

— Ella acordou —, diz a Sra. Albrooke e Jeremy puxa a cadeira para mais perto dele, colocando comida nela e cortando-a, depois vai até a cozinha e pega um copo com canudinho e o enche de leite. Se ela está acordada, Jeremy não deveria pegá-la? Talvez ele tenha combinado com sua irmã para cuidar do bebê, apenas no caso de ela acordar no meio da noite para que ele não me acordasse?

Uma mulher não muito mais velha que eu e Jeremy carregando uma menininha loira no quadril entra na cozinha. O rosto de Jeremy se ilumina

quando a garotinha o alcança e ele a tira da mulher que presumo ser sua irmã, Stacy.

— Bom dia, menina. — Ele beija sua bochecha e lhe entrega o copo com canudinho. Eles se aproximam da mesa e ele a coloca no cadeirão para comer. Meu coração se aquece ao vê-lo com ela. Ele está tão feliz em vê-la, em estar com ela.

Você está arruinando o tempo dele com ela.

Jeremy se senta ao meu lado e coloca a mão de volta na minha perna, mas está fazendo caretas e conversando com a garotinha. Como isso vai funcionar se ficarmos juntos por muito tempo? Ele vai querer voltar aqui para ficar com o filho dele, ele é um bom pai pra caralho, obviamente, mas eu não sou bom pai. Nunca estive perto de crianças ou as desejei. Não tenho ideia do que quero fazer depois da faculdade. Zero. Todo o meu objetivo de vida é ficar longe do meu pai. Depois disso, não tenho nada.

Meu estômago aperta enquanto os e ses do futuro me bombardeiam. Acho que não podemos fazer isso.

Quando pego meu garfo para me forçar a comer, minha mão treme, fazendo o utensílio bater contra o prato de cerâmica branca.

A mulher se senta com uma xícara de café e finalmente me vê.

— Ah, o namorado acordou. — Ela sorri para mim.

— Não seja uma vadia, — Jeremy diz, sem desviar o olhar de Ella, que está amassando pedaços de panqueca com seu copo.

— Jeremy! Não chame sua irmã de nomes! — a mãe repreende, os meninos riem e continuam a enfiar uma quantidade absurda de panquecas na boca. Só de vê-los consumir tanto açúcar e carboidratos me dá dor de estômago.

Eu me forço a tomar meu café da manhã e observo a interação da família. Faz muito tempo desde que estive perto de uma família real e normal. Meus avós morreram em um acidente de barco na mesma época em que minha mãe foi assassinada e eu não tinha permissão para ter amigos, então não tenho mais nada em que me basear.

— A que horas vamos para a casa dos seus pais? — Sr. Albrooke pergunta a sua esposa.

— Mamãe disse uma hora.

Eu olho para Jeremy e ele encontra meu olhar.

— Passamos a véspera de Natal com os pais da minha mãe. Os pais do meu pai estão no norte de Michigan, então vamos lá no Dia de Ação de Graças. Amanhã seremos só nós aqui em casa.

Engulo em seco e aceno com a cabeça, forçando-me a dar-lhe um pequeno sorriso. A última coisa que quero fazer é ser inundado ainda mais em sua vida. Quando isso desmoronar, e vai acontecer porque somos muito diferentes, será mais difícil para mim desaparecer. Para desaparecer no fundo de seu mundo.

Ele me dá um olhar estranho e inclina um pouco a cabeça. Acho que não sou muito boa em esconder minhas expressões dele.

— Com licença. — Eu levanto meu prato e o levo para a cozinha, enxáguo e coloco na pia antes de subir. Estou no meio da escada quando passos soam atrás de mim e sei que é Jeremy. Não tenho nada para oferecer a ninguém aqui. Meu pai ficaria furioso se visse como estou despreparado agora. Eu não posso nem me vestir.

— Ei, — ele pega minha mão. — Você está bem?

— Não! Eu não estou,

Eu retruco, puxando minha mão da dele e caminhando para seu quarto. Não consigo olhar para ele e ver aquele olhar rejeitado que sei que acabei de colocar em seu rosto. É mais uma coisa que eu estraguei. É por isso que devo ficar sozinho.

A porta se fecha atrás de Jeremy e eu paro ao lado da cama com as mãos nos quadris. Estou furiosa comigo mesma por me deixar acreditar que poderia ser o suficiente para ele.

— Preston. — Eu estremeço com a linha dura em sua voz quando ele diz meu nome. — Eu não posso ajudar se você não fala comigo, porra.

Eu giro sobre ele para encontrá-lo de pé com os pés plantados e os braços cruzados sobre o peito.

— Você quer que eu fale com você? — Eu me aproximo dele, ficando em seu rosto, segurando seu cabelo em minha mão e forçando-o a olhar para mim.

— Você quer saber como eu não sou bom o suficiente para você? Como eu não tenho nada para te oferecer? Como você merece muito mais do que a minha bunda fodida? Alguém que você pode exibir e se orgulhar, alguém que você pode tocar? — Suas sobrancelhas se juntam, mas eu continuo. — Como não fui feito para crianças e natais com avós? Estou despreparado para tudo ao meu redor e não consigo lidar com isso. Eu me odeio, então como alguém pode querer estar perto de mim, muito menos me *amar?*

Quando abro a boca para vomitar mais palavras, Jeremy cobre minha boca com a mão.

— Cale-se. — Sua coluna se endireita e os ombros se endireitam como se estivesse pronto para uma luta, mas duvido que seja física. Não, ele vai me destruir com palavras e vai doer muito mais. — A única pessoa que pensa que você não é bom o suficiente para mim é você. Mereço tudo o que digo que

mereço e quero você. Isso faz você merecer, porque eu disse isso. Você tem alguma bagagem, eu vou te dar isso, mas não é uma inconveniência ou um fardo para mim.

Eu solto seu cabelo, meus braços caindo para ficar frouxamente ao meu lado, mas Jeremy desliza as mãos em volta da minha cabeça para me segurar contra ele.

— Você realmente acha que eu não vou te exibir? Vou mostrar-te a todos e danem-se as consequências. A única coisa que me segura é não saber como o time vai lidar com isso, porque eu sei que ninguém vai foder com você, eles têm medo de você, mas se mexerem comigo, você vai machucá-los. Não quero isso para você.

Ele puxa minha testa para descansar na dele, meu peito apertado com emoções que não quero expressar. Dói ser amado. Muito mais do que eu pensei ser possível.

— E eu toco em você sempre que eu quero. Eu sei onde está tudo bem e as limitações não me incomodam. Eu entendo porque eles existem. Dê-me um mapa melhor de onde está tudo bem e tocarei em cada centímetro que me for permitido. Nada disso o torna indigno de amor ou indigno. O que aconteceu com você não é sua culpa e se ou quando você decidir derrubar seu pai, estarei ao seu lado.

O aperto em torno de minhas costelas aumenta a cada palavra, tornando difícil respirar. Meu coração palpita em meu peito, deixando-me trêmulo e inseguro de onde pisar. Não sei o que fazer com essa aceitação, esse amor. É a coisa mais assustadora que já fiz. Levantando meus braços, eu os envolvo em torno dele para puxá-lo totalmente contra mim.

— Gosto que você precise de mim, lute comigo, foda-se completamente comigo. — Ele sorri na última parte e eu rio através do nó na minha garganta. — Porque eu consigo ver partes de você que ninguém mais vê. Você não é fácil e não sei como te dizer isso, mas gosto de um desafio. Portanto, leve um dia de cada vez comigo até que esteja pronto para planejar o futuro. Eu vou esperar por você.

Eu tomo seus lábios em um beijo aguado e cheio de lágrimas. Eu preciso dele, mas não sei *como* precisar dele. Minha garganta queima e minha alma grita para eu segurá-lo com as duas mãos enquanto minha cabeça me diz para correr para não doer mais depois.

Sua língua se confunde com a minha, tão investida neste momento quanto eu. Eu corro minhas mãos sob sua camiseta, precisando de sua pele. Cada centímetro do meu corpo anseia por estar contra o dele. Nem mesmo sexualmente, apenas juntos.

Soltando seus lábios, eu o olho nos olhos e pergunto algo que nunca considerei com outra pessoa.

— Toma banho comigo?

CAPÍTULO TRINTA E OITO
JEREMY

— TOMA BANHO COMIGO? — AS PALAVRAS DE PRESTON me sufocam. Ele nunca me deixou ver as cicatrizes na luz e apenas em pedaços, agora ele está se oferecendo para me mostrar tudo?

— Você não precisa provar nada para mim. — Eu aperto a parte de trás de seu pescoço em minhas mãos.

— Eu quero. — Ele pressiona um beijo em meus lábios rapidamente. — Eu preciso sentir você contra mim. — Preston me beija novamente, em seguida, pega minha mão, pega algumas roupas e me leva para o banheiro.

— Você quer me foder no quarto mais propenso a ecos da casa enquanto toda a minha família está lá embaixo? — Isso é corajoso, mesmo para ele.

Ele dá aquela risada sombria que deixa os pelos de todo o meu corpo em pé.

— Eu não vou te foder, Albrooke. — Ele abre a torneira e me encosta na parede. — Eu só quero tocar em você.

Meu pau se contrai e minha pele esquenta.

— Oh, não —, eu digo em uma indignação simulada. — Não é isso, o horror.

Ele sorri e morde o lábio, os olhos fixos na minha boca.

— OK tudo bem. Você não pode vir.

Preston pega minha camisa e eu levanto minhas mãos enquanto ele a puxa e a deixa cair no chão.

Pego sua camisa e ele fica tenso, mas não me impede.

— Eu posso? — Eu pergunto baixinho. Ele se vira e se afasta de mim, então eu o solto, tentando não levar para o lado pessoal. Ele dá alguns passos até a porta e apaga a luz, mergulhando o quarto em uma penumbra.

Preston dá um passo para trás na minha frente e levanta as mãos, os olhos cerrados. Com cuidado para não tocá-lo, levanto a camisa e a jogo no chão. Meus olhos estão fixos em seu rosto. Agora que posso ver a evidência de seu abuso, não quero. Eu estou assustado.

Leva um minuto para minha cabeça processar o que estou vendo, porque não consigo entender. Há tantas cicatrizes. Em toda parte. Linhas retas cortaram sua pele em vários estágios de cura, algumas finas e brancas, algumas grossas e vermelhas brilhantes, e tudo entre elas.

Preston abaixa as mãos para os lados, fechando os punhos e depois relaxando, repetidamente. Meu olhar segue o movimento e se arrasta sobre seu torso.

Dói meu coração ver a dor que ele viveu.

Seu corpo está tenso, provavelmente com medo da minha reação. Eu coloco minhas mãos em seus quadris e me inclino para beijar uma das cicatrizes vermelhas ainda brilhantes. Preston se encolhe ao meu toque e arfa quando meus lábios roçam sua pele.

Ele estremece, mas desta vez me deixa beijar uma cicatriz mais antiga. Apenas uma escova suave, apenas um toque. Assim que meus lábios deixaram sua pele, ele agarrou minha cabeça e me puxou para cima para bater sua boca sobre a minha e pressionar seu peito nu contra o meu. Ele engasga no beijo quando nossa pele se encontra, lágrimas escorrendo por suas bochechas para pingar em seu peito. A leve dispersão dos pelos do peito faz cócegas na minha

pele, o padrão de crescimento estranho por causa de todas as cicatrizes, mas isso não diminui o quão bonito ele é.

Lentamente, deslizo minhas mãos dentro de sua calça, segurando sua bunda nua em minhas mãos e massageando seus músculos. Eu gemo quando ele flexiona e empurra seu pau contra o meu.

O vapor está enchendo a pequena sala enquanto nos confortamos e confortamos uns aos outros com nossos corpos. Tiramos a última roupa, tocando e beijando até nossos lábios ficarem doloridos e inchados. Há mais cicatrizes nas pernas e nas costas, mas a maioria está no peito e no abdômen. Agora eu sei porque ele não troca de roupa no vestiário com todo mundo. Minha alma dói por ele.

Entramos no chuveiro, Preston se agachando para colocar a cabeça na água, e eu rio dele.

— O que?

— Você é um gigante. — Ele olha para mim, mas me puxa contra ele, estremecendo quando meu corpo encontra o dele.

— Vai demorar um pouco para se acostumar com isso, — ele murmura, mais para si mesmo do que para mim. Eu beijo sua garganta e seu pau se contrai contra minha coxa.

— Onde posso tocar em você? — Eu arrasto meus lábios ao longo de sua clavícula, lambendo a água em sua pele.

Sua respiração gagueja.

— Em toda parte.

Preston agarra meu bíceps, seus dedos cavando nos músculos dos meus braços enquanto eu exploro a extensão de suas costas, não ficando em nenhum lugar por muito tempo, mas apenas curtindo seu corpo.

— Ninguém me tocou desde que minha mãe morreu, a menos que fosse para infligir dor, — ele sussurra contra meus lábios. — Eu desejo isso, mas dói.

Minhas mãos imediatamente deixam sua pele, pairando sobre seu corpo. A ideia de causar-lhe mais dor parte meu coração. Eu não posso machucá-lo.

— Não, não. — Ele puxa minhas mãos de volta contra ele. — Eu preciso disso, por favor.

— Eu não quero te machucar. — Minha garganta está entupida de emoção, tornando difícil falar.

— Você não. Você faz isso melhor.

Suas palavras enchem de luz as rachaduras do meu coração, ele preenche os buracos que eu não sabia que tinha.

Ele me deixa lavá-lo e me distraio com seu pau grosso e duro por um minuto, acariciando-o até que ele esteja balançando em meu punho, mas ele me para, para retribuir o favor e me lavar antes que vá longe demais. Estamos ficando sem água quente, então nos enxaguamos rapidamente e saímos. Preston seca seu corpo enquanto eu assisto, encantado com a maneira como seus músculos flexionam e relaxam enquanto ele se move.

— Você tem a melhor bunda. — Agarro sua bunda quando ele se vira para colocar a cueca. Ele se encolhe, mas bufa.

— Você viu *sua* bunda?

Eu enrolo minha toalha em volta de mim e o vejo puxar as calças para cima. — Você já chegou ao fundo?

Preston pega meus olhos no espelho e levanta uma sobrancelha.

— Não.

Pés sobem as escadas e atravessam o corredor, os gêmeos devem estar se vestindo para ir.

— É melhor nos apressarmos. — Eu suspiro. — Meus irmãos vão entrar aqui a qualquer minuto.

Preston puxa a camisa sobre a cabeça e eu abro a porta para me vestir no quarto.

— Obrigado por usar toda a água quente, idiota! — um dos meninos grita de seu quarto.

— De nada! — Eu grito de volta sem perder o ritmo.

— Desculpe! — Preston diz ao mesmo tempo.

Eu sorrio e balanço a cabeça.

— Você obviamente não morava com seu irmão. Não lamentamos por merda nenhuma.

— Espere —, os dois meninos dizem em uníssono.

A cabeça de Keith aparece na esquina da porta de seu quarto.

— Vocês *dois estavam* no chuveiro?

Eu sorrio e balanço minhas sobrancelhas para ele.

— Ser adulto tem vantagens, garoto.

— É melhor não ter porra sobrando lá —, Jordan grita do quarto deles.

— O dobro do normal! — Eu grito de volta e fecho a porta do meu quarto.

— Que porra há de errado com você? Você acabou de dizer a eles que fodemos no chuveiro!

Não tenho certeza se ele está chocado ou indignado. Ambos são igualmente divertidos.

Eu rio e vasculho minha cômoda em busca de algumas roupas.

— Sim.

Ele olha para mim como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Por que você diria isso a eles? — A exasperação é pesada em seu tom.

— Agora, quando eles chegarem a uma porta fechada, eles vão bater na porta.

Ele ri e o sorriso verdadeiro faz meu coração disparar. Eu coloquei isso lá. Eu.

Eu ando até ele, descanso minha cabeça em seu peito e envolvo meus braços em torno dele. Ele me segura, me deixa apenas aproveitar o momento. Acho que ele também precisa disso, honestamente. Toques suaves, qualquer coisa que não seja sexualmente carregada, não são normais para ele. Eu cresci com pais e avós que abraçavam, irmãos que se amontoavam no sofá para assistir TV, então estou apenas morrendo de fome na escola. Mas Preston viveu uma vida sem contato humano.

Não é muito depois do nosso banho que carregamos os veículos e vamos para os meus avós. Eu ajudo Stacy colocando Ella em seu carro, em seguida, entro no carro alugado com Preston, que está vestindo uma das minhas jaquetas. É pelo menos um centímetro mais curto nos braços, mas é melhor do que nada.

— Você é muito bom com ela, — ele diz quando eu deslizo e coloco o cinto.

Eu não posso deixar de sorrir. — Eu amo aquele garoto, — eu suspiro. — Eu só queria não estar perdendo tanto da vida dela agora. Não quero que ela me esqueça.

— Ela não consegue te esquecer, você está muito envolvido na vida dela.

Ele é inflexível, segurando minha mão em seu colo. — Você é um ótimo pai.

Uh. O que? Meu cérebro para enquanto tento entender o que ele acabou de dizer.

— Ela é. Eu sou. Espere. — Balanço a cabeça e começo de novo. — Eu sou o tio dela.

Eu paro em um sinal de parada e me viro para olhar para ele. Ele está confuso agora também. Excelente.

— Por que você pensou que ela era minha?

— Eu não sei —, ele encolhe os ombros. — Você a chama de filhinha, faz videochamadas com ela o tempo todo e está cuidando dela desde que cheguei aqui.

— Ela é filha de Stacy, mas seu pai não está por perto. Ele fugiu logo depois que ela descobriu que estava grávida, então todos nós ajudamos. Faz meses que não apareço e sinto falta dela.

— Oh. — O pescoço de Preston fica rosa e sobe pelo rosto. É fodidamente adorável.

— Você sabe que eu sou gay, certo? Eu só estive com homens, — eu digo e ele brinca com meus dedos.

— Eu também. Garotas nunca me interessaram, — Preston dá de ombros.

Enquanto dirijo, levanto a mão dele e beijo as costas dela quando algo que ele disse antes faz sentido.

— É por isso que você disse que não foi feito para bebês? Porque você pensou que eu tinha um?

— Sim. Sou impaciente, egoísta, não gosto de ser tocado, temperamental e não reconfortante. — Ele está começando a espiral novamente, mas ele está errado. Tudo isso está errado.

— Preston, cale a boca. Eu digo isso tão bem quanto posso. — Isso é tudo besteira.

— Não, não é... — Ele começa a argumentar enquanto eu paro na frente da casa dos meus avós e desligo o carro.

— Pare. — Eu me viro para olhar para ele. — Como você é com adultos não é o mesmo que você seria com crianças. Os caras no gelo com você são atletas adultos *movidos* a testosterona. Às vezes, eles precisam levar uma surra. As crianças são diferentes.

Quando ele não diz nada, apenas parece derrotado, eu continuo.

— E, eu estaria lá com você. Para ajudá-lo a descobrir tudo. Tenho muita experiência com diferentes faixas etárias por causa do treinamento, meus irmãos e agora minha sobrinha. Eu também cresci em um bairro com crianças em todas as casas de várias idades. — Puxo sua mão para o meu colo. — Eu não deixaria você fracassar.

Meus irmãos correm para o carro e batem nas janelas como dois idiotas.

Ele se encolhe e se vira para encará-los. Eles saem correndo rindo e a vovó está acenando para nós entrarmos em casa.

— Vamos. — Eu me inclino sobre o console central e dou um beijo rápido nele. — Eu já disse a todos que você não gosta de abraçar, então eles vão te dar apertos de mão calorosos.

— Obrigado —, ele murmura, um pouco da tensão deixando seus ombros.

— Eu entendi você.

Entramos com a mão dele na minha. Vovó envolve seus braços em volta de mim em um abraço, mas eu não solto Preston.

— Vamos conversar mais tarde —, ela sussurra em meu ouvido antes de dar um tapinha nas minhas costas e me deixar ir. Ela sorri para mim e dá um tapinha na minha bochecha enquanto Preston se posiciona atrás de mim, me usando como escudo humano.

— Vovó, este é meu namorado, Preston. — Sorrio para ele por cima do ombro.

Ele oferece a mão para ela e ela graciosamente a aceita, apertando sua mão.

— Prazer em conhecê-lo, Preston. — Ela lhe dá um sorriso reconfortante. — Vamos entrar, vamos.

Ela entra e eu murmuro por cima do ombro para Preston:

— Este será um dia de muito carboidrato. Vamos treinar amanhã.

Ele geme, mas não diz nada. Nós vamos para a sala onde todos estão sentados nos sofás. Só resta um lugar, no meio entre Stacy e minha mãe. Eu ofereço a Preston, embora eu tenha certeza que ele não quer. Ele balança a cabeça para que eu me sente e ele se senta na minha frente, puxando minhas pernas sobre seus ombros e envolvendo-as com os braços como se estivesse mais uma vez me usando como escudo ou âncora.

Ele inclina a cabeça para trás no assento, encontrando meus olhos, e eu pisco para ele, passando a mão por seu cabelo. O pobre rapaz está no limite, mas se esforçando tanto. Ele tem medo de me envergonhar.

Mamãe se inclina para falar com ele e ele se encolhe quando ela chega perto demais. Ela congela e lança seu olhar para mim por um segundo antes de se voltar para ele.

— Você está se sentindo bem?

— Sim, senhora. Obrigado. — Ele balança a cabeça e dá a ela um sorriso forçado e hesitante. Mamãe estende a mão para dar um tapinha em seu braço, mas se detém. Ela é uma mãe sensível, então não oferecer conforto físico a alguém em perigo é difícil para ela. Com ela tudo se resolve com um abraço e uma tigela de macarrão com queijo.

Mamãe se recosta, com as mãos cruzadas no colo. Eu inclino minha cabeça em seu ombro e ela beija meu cabelo.

— Preston, você tem irmãos? — Stacy pergunta, empurrando um de nossos tradicionais biscoitos de açúcar em forma de Papai Noel em sua boca.

— Elegante —, eu digo a ela. Ela me dá um sorriso cheio de biscoito. Ella anda de um lado para o outro, brincando com os brinquedos que a vovó preparou para mantê-la ocupada.

— Sim, uma irmã mais nova. — Preston responde, sentando-se reto.

— Onde ela está? — Stacy molha outro biscoito no leite e quebra um pedacinho para Ella, que percebeu que tem comida.

— Ela está na escola em Nova York. — Preston observa Ella como se tivesse medo dela. Ella olha para Preston e, quando Stacy dá a ela um pedacinho de biscoito, ela oferece a ele. Ele parece muito apavorado para se mover. Quando ele não reconhece a oferta de Ella, ela enfia em sua boca e eu bufo. Ele pula, jogando a cabeça para trás com o movimento inesperado.

Stacy acena com a cabeça enquanto mastiga.

— Ela está na faculdade, então?

— Não, ensino médio. Ela está na Calomy Academy em White Plains.

Os meninos levantam a cabeça de seus telefones, agora interessados na conversa.

— Ensino médio? — Eles perguntam em uníssono. Eu olho para os dois.

Ella se vira e se senta no colo de Preston, abrindo caminho entre minhas panturrilhas e deita a cabeça contra o peito dele. Ele fica tenso, completamente fora de si, mas não a afasta. Ela começa a balbuciar e levanta a mãozinha para Stacy para pegar outro pedaço de biscoito. Preston, sem saber

o que fazer com as mãos, paira sobre Ella, coloca-as nas pernas e depois no chão.

Mamãe estende a mão para Ella, provavelmente para tirá-la de cima de Preston, mas coloco a mão em seu braço e balanço a cabeça. Ele precisa disso. Ela me dá um olhar de *certeza* e eu aceno.

— Nem pense nisso, — Preston diz aos meus irmãos daquele jeito sem sentido dele. Ella se vira para eles e balbucia em um tom semelhante e eu rio. Ela encontrou um novo amor e eu não poderia estar mais feliz.

— O que diabos você vai fazer de qualquer maneira? Ela está em Nova York, — digo, balançando a cabeça para eles. — E ela te mastigava e te cuspia. Ela não vai lidar com sua porcaria.

— Você a conheceu? — Stacy se intromete, sorrindo para a filha quando ela olha para Preston e toca sua bochecha para que ele olhe para ela.

— Sim, ela veio para o Dia de Ação de Graças e foi aos jogos naquele fim de semana. Eu a ajudei a surpreender Preston.

Eu corro meus dedos por seu cabelo preto macio novamente. Ver Ella aceitá-lo aquece meu coração. As crianças são tão bons juízes de caráter.

— Ela vai passar o Natal com seus pais? — Mamãe pergunta e Preston fica tenso.

— Não Senhora. Minha mãe morreu há muito tempo e meu pai vai para algum lugar tropical todos os anos. Ela está na escola.

O músculo em sua bochecha está saltando. Flexionando minhas panturrilhas, eu o puxo de volta para o sofá, pressionando seu peito. É o mais próximo de um abraço que posso chegar agora sem que todos fiquem estranhos.

Preston suga uma respiração profunda e solta.

— Minha família não é próxima —, diz ele e estou orgulhoso dele por isso. Os olhos se movem ao redor da sala, Stacy olhando para papai, os meninos olhando para mim, depois para mamãe, depois para Stacy. A vovó olha para o papai e depois para a mamãe.

— Bem, — vovó fala. — Estamos felizes em ter você conosco.

Vovô vem pelo corredor com o jornal dobrado debaixo do braço e os óculos de leitura na ponta do nariz.

— Quem já está aqui? — ele pergunta. Preston empurra minhas pernas para fora de seus ombros, pula do chão, colocando Ella de pé e puxando suas roupas para liberar quaisquer rugas. Eu me levanto atrás dele para fazer a apresentação, mas ele dá um passo à frente com a mão estendida.

— Olá, senhor, sou Preston —, diz ele. Vovô o olha por um segundo, percebendo como ele é alto, a expressão séria de seu rosto.

Ele aperta a mão de Preston.

— Prazer em conhecê-lo, filho.

Meu avô parece um camponês rude com alguns dedos faltando, algumas cicatrizes nodosas e algumas histórias de caça assustadoras, mas ele é um bom homem. Ele não se importa com quanto dinheiro você tem ou onde você foi para a escola, ele assistiria a um jogo do Bears com qualquer um, adoraria ouvir sobre aquele peixe grande que você pescou, ou quão grande foi o dinheiro que você pegou no ano passado. Eu amo-o. Todos nós fazemos.

— Você já está com Jeremy?

Ele aponta para mim e eu posso ver as rodas girando na cabeça de Preston.

— Sim, vovô. Preston está comigo. — Eu coloco minha mão em seu quadril e sussurro para Preston. — Ele diz *ainda* no final da maioria das frases.

— Bom, bom. Vamos comer ainda.

Os gêmeos pulam e correm para a sala de jantar como se não comessem há semanas. Ella corre para Preston e pega sua mão. Ele tem que se agachar para segurá-lo, mas ele o faz e ela o leva até a sala de jantar.

Stacy fica de pé e assiste comigo, o grande e mau jogador de hóquei permitindo que essa garotinha o conduza pela casa. É a coisa mais doce que já vi. Stacy sorri para a cena também.

Vovó envolve um braço em volta de mim.

— Posso ver o quanto ele significa para você.

— Ele é definitivamente importante, — eu concordo, descansando minha cabeça no topo dela.

— Ele parece um bom garoto, meio quieto e meio intenso, mas está claro que ele passou por algo. — Ela gentilmente toca minha bochecha. — Estou feliz que ele tenha você, querido.

Ela dá um tapinha na minha barriga e segue todos até a sala de jantar.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE
PRESTON

DEPOIS DO ALMOÇO, ASSISTIMOS alguns filmes de Natal: *Miracle on 34 th Street, National Lampoon's Christmas Vacation* e *A Charlie Brown Christmas* enquanto todos mastigavam lanches. Eu como vegetais cortados enquanto Jeremy sorri para mim, enfiando mais pipoca com cobertura de chocolate em sua boca.

— Quando você for lento e desajeitado amanhã, você só pode culpar a si mesmo.

Balanço a cabeça para ele e coloco um tomate cereja na boca. É estranho estar aqui, perto de uma família que se ama, mas estou começando a relaxar. É difícil embora. Continuo esperando o outro sapato cair e todos começarem a brigar.

— Vai valer a pena. — Ele dá de ombros.

Eu me inclino perto de seu ouvido e sussurro:

— Se você não conseguir acompanhar, não vou chupar você depois.

A mão de Jeremy para a meio caminho de sua boca, em seguida, cai de volta para sua tigela. Com um bufo e um olhar de soslaio, ele pega meu prato e pega uma cenoura.

— Bom menino.

— Eu te odeio —, ele murmura em torno da cenoura, e eu sorrio.

— Não se esqueça de beber água. — Eu entrego a ele uma garrafa de água e ele a pega de mim, abrindo a tampa e bebendo metade dela.

A cada poucos minutos, olho para a pilha de presentes sob a árvore. Na pressa de sair hoje de manhã, deixei a pulseira em casa. Eu serei o único sentado aqui, aparecendo como um polegar machucado, sem nada para contribuir.

Os créditos rolam para *A Charlie Brown Christmas* e Jordan se volta para sua avó.

— Podemos abrir os presentes agora? — ele implora, as mãos juntas como se estivesse rezando. Keith se junta e ambos dizem: — Por favor?

— Tudo bem, comece a distribuí-los —, diz a vovó e os meninos avançam, pegando os presentes embrulhados em cores.

Jeremy se vira para mim com culpa em seus olhos.

— Eu não tenho nada para você, sinto muito. Eu vou compensar você.

Eu balanço minha cabeça.

— Eu realmente não tenho nada para você também.

Eu dou de ombros timidamente. Ele me dá um beijo rápido e se volta para sua família.

Ella sobe no meu colo mais uma vez e Jeremy coloca a mão na minha perna. Ella olha para a mão dele, suas sobrancelhas se juntam e ela empurra a mão dele de cima de mim. Jeremy olha para ela com falsa determinação. Há algo sobre sua aceitação de mim que aquece meu peito. Todo mundo olha para mim, para a expressão foda-se, e me dá um grande nascimento, mas não essa garotinha.

— Ei, ele é *meu* namorado. — Ele se inclina em direção a ela, apontando para o peito.

Ela aponta para si mesma, balbuciando em tom sério.

— Oh, eu vejo como você está, — ele diz a ela, agarrando-a do meu colo e fazendo cócegas até que ela esteja gritando. — Eu sou o favorito, mocinha. Eu. Ela se mexe e se contorce para se libertar, apenas para subir de volta no meu colo.

Jeremy suspira e pisca para mim antes de olhar para ela novamente.

— Você tem sorte de ser fofa, garota.

— Ok, Ella —, diz Stacy. — Abra um presente!

Jeremy entrega a ela e eu a ajudo a segurá-la. Ela se esforça para começar, então rasgo um pedaço para mostrar a ela como fazer e acabo puxando a maior parte do papel para ela. Ela o levanta e grita alguma coisa, então me entrega para abrir. Parece um controle de Xbox infantil com um rosto e botões de cores diferentes. Provavelmente faz muito barulho.

Eu recebo uma tesoura e abro para ela enquanto Jordan e Keith abrem as coisas a seguir, novos jogos, então Jeremy ganha um novo moletom com o logotipo dos Lumberjacks nele. Ele ri e puxa. Eles giram e giram, eu ajudo Ella a abrir todas as suas coisas e mostro como funcionam. Estou grato pela tarefa, honestamente. No final de tudo, há uma grande confusão de papéis de embrulho e embalagens. Os meninos mais novos vão pegar sacos de lixo e todos começam a limpar.

Ella me mostra uma caixa que ela decidiu ser a melhor coisa do mundo, coloca-a no chão e rasteja para dentro para se sentar.

— Opa, espere, tem outro. — A mãe de Jeremy puxa algo do outro lado da árvore. — Preston. — Ela lê o crachá e me entrega.

Que diabos?

Eu olho para Jeremy, mas ele está olhando para sua avó. Minhas palmas estão suadas de repente, então eu as limpo nas calças antes de pegar a caixa embrulhada em papel listrado de vermelho e branco.

A etiqueta diz *Para: Preston, De: Vovó e Vovô Brown.* Agora estou nervoso. Que diabos é isso? Só cheguei ontem, saíram e compraram alguma coisa para mim? Eu não trouxe nada para eles. A culpa me consome enquanto olho para o pacote.

— Abra. — Jeremy bate no meu ombro com o dele.

Olhando ao redor, vejo que todos estão me observando. Meu rosto cora com a atenção.

Com cuidado, abro o papel de embrulho e encontro uma caixa marrom. Jeremy me dá uma tesoura para cortar a fita e, com os dedos trêmulos, levanto as abas e o papel de seda. Sento-me em silêncio atordoado, olhando para o que deve ser uma colcha.

Tecidos inspirados em azul, floco de neve e hóquei dispostos em forma de estrela. Minha garganta queima enquanto eu olho para ela, minha cabeça girando muito rápido para me concentrar em qualquer pensamento.

Jeremy pigarreia.

— A vovó faz colchas nas horas vagas.

Meus olhos, vidrados de lágrimas, encontram os de sua avó.

— Você. — Eu engulo o caroço que ameaça me sufocar. — Você fez isso?

Ela sorri para mim e acena com a cabeça.

— Todo mundo na família tem um.

As implicações disso me atingiram bem no peito. Eu não sei como processar isso. Por que ela me daria isso? Ela mal me conheceu. Não tenho palavras para o que está passando pela minha cabeça.

Entregando a caixa para Jeremy, eu me levanto e caminho até ela, envolvendo meus braços em torno dela em um abraço.

— Oh, — ela grita surpresa antes de me abraçar de volta.

— Eu... Uh, eu sou...— Eu fungo as lágrimas de volta, mas não sei o que dizer.

Ela esfrega minhas costas, me apertando com força.

— De nada.

— Obrigado —, eu consigo dizer, enxugando as lágrimas do meu rosto por cima do ombro.

Eu me ajoelho para não ser uma torre sobre ela e apenas deixo que ela me abrace. Não me lembro do último abraço que recebi da minha avó ou da minha mãe, mas sei que já se passaram pelo menos onze anos. Não me lembro como qualquer um deles parecia ou cheirava, como era a risada deles e nunca tive permissão para chorar por eles.

Vagamente, percebo que as pessoas saem da sala e sou grato por isso. Essa mulher que não me conhece e não tem porque ser legal comigo, apenas me abraça, me dando esse momento.

— Preston, — Jeremy diz atrás de mim. Sua mão se espalha nas minhas costas e, por alguns minutos, apenas sentamos aqui.

Enxugando meus olhos novamente, eu me endireito, minha cabeça cai em direção ao chão.

— Eu não conheço sua história, Preston, — sua avó diz, colocando a mão no meu ombro. — Mas posso dizer que meu neto te ama profundamente e você retribui esse amor. Isso é tudo que eu preciso saber para recebê-lo nesta família. Você sempre será bem-vindo aqui. Todo feriado, aniversário, fim de semana aleatório e reunião de família.

Concordo com a cabeça, mas não olho para ela. Ela beija o topo da minha cabeça e nos deixa a sós. Eu odeio ser tão confuso. Quem diabos chora sobre um cobertor? Maldição.

Fraco.

Embaraço.

Sem utilidade.

Jeremy se encosta nas minhas costas.

— Você é um idiota, — resmungo para ele, fazendo-o rir.

— O que eu fiz?

— Você sabia que estava chegando. — Olho para ele por cima do ombro, então me viro e o puxo contra mim. Puxo suas pernas sobre as minhas e o coloco entre minhas coxas para enterrar meu rosto em seu pescoço.

— Eu não sabia ao certo, mas tive um pressentimento.

Eu mordo seu pescoço e ele sibila um gemido.

— Esta noite, sua bunda é minha, — rosno contra sua pele e ele estremece quando deslizo minha mão sob sua camisa e arrasto minhas unhas contra sua pele.

— Sim, marque-me.

Meu pau endurece com seu gemido carente.

— Alguma chance de conseguirmos alguns minutos em um quarto trancado?

Eu deslizo minha mão em seu cabelo e o agarro com força. Sei que não preciso explicar que preciso controlá-lo agora.

— Foda-se—, ele geme novamente enquanto eu mordo sua mandíbula desalinhada. Ele não se barbeia desde que saiu do Colorado e tenho que admitir que adoro isso.

— Você deveria ficar com isso. — Eu acaricio o pelo macio em sua bochecha e arrasto minha língua contra ele, o formigamento dos pelos curtos fazendo cócegas na ponta da minha língua.

— Se você não parar, todo mundo vai ver meu pau duro, — Jeremy reclama.

— Onde é o banheiro? — Eu exijo, precisando dele fraco e necessitado sob mim. O controle que ele me dá acalma as bordas irregulares da minha alma. Eu preciso que ele precise de mim.

Ele se levanta e eu rapidamente o sigo escada acima, ambos tomando cuidado para não fazer muito barulho. No topo da escada, logo à frente, fica o banheiro. Corremos em direção a ela e tranco a porta atrás de mim. O quarto é pequeno mas não preciso de muito espaço para o que tenho em mente. Jeremy agarra meu rosto e fode minha boca com a língua. Minhas mãos caem em suas calças, desabotoando e abrindo o zíper para que eu possa puxá-lo para fora. Seu pau salta livre e eu envolvo minha mão em torno dele, empurrando-o rapidamente.

Seu gemido se torna um gemido quando mordo seu lábio com força.

Afastando-me de sua boca, eu caio de joelhos e o chupo em minha boca. A cabeça de Jeremy cai para trás e ele morde a mão para ficar quieto.

— Tem alguma coisa aqui que eu possa usar como lubrificante?

Jeremy procura desajeitadamente a porta de um armário, então abro e encontro uma garrafa de óleo de bebê. Não vou perguntar por que isso está lá ou como ele sabia que estaria.

— Espalhe-os. — Eu bato em sua perna e coloco meus dedos no óleo. Vou prepará-lo enquanto o chupo, mato dois coelhos com uma cajadada só.

Ele embaralha as pernas tão afastadas quanto as roupas permitem e eu deslizo meus dedos lisos contra seu buraco enquanto eu balanço em seu pau.

Jeremy está encostado no balcão do banheiro, uma mão na boca e a outra no meu cabelo, com meus dedos entrando e saindo de seu buraco guloso, o rosto vermelho de excitação. É a coisa mais sexy que eu já vi.

Eu amo o jeito que ele gosta de sexo. Nenhuma vergonha no que ele gosta.

Seu pau lateja na minha língua e ele engasga enquanto goza na minha garganta enquanto sua bunda aperta meus dedos. O gosto amargo de sua liberação enchendo minha boca é delicioso pra caralho. Eu o chupo até secar, lambendo meus lábios para ter certeza de obter cada gota antes de me levantar e abrir minhas calças com uma mão.

— Vire-se, — eu exijo, e ele não hesita em se mover. — Mãos no balcão, observe o quanto você ama ser fodido.

Eu cubro meu pau com mais óleo e deslizo entre suas bochechas para encontrar seu buraco enrugado. Empurrando para frente, eu afundo sem resistência. Ele geme e seus olhos reviram em sua cabeça.

Agarrando seu quadril com uma mão, cubro sua boca com a outra para mantê-lo quieto e foder com ele. Eu uso seu pescoço para me amordaçar, mordendo e chupando sua pele e não dando a mínima para que todos lá embaixo vejam.

Ele está bêbado e solto em meu aperto, meu jeito favorito de estar, seus joelhos e cotovelos não querendo segurá-lo, mas não estou dando a ele uma escolha. Eu fodo com ele duro, exigente, áspero. Eu preciso disso.

Jeremy geme em minha mão, me olhando no espelho. Já, seu pau está ficando duro de novo, mas eu ignoro.

Meu orgasmo bate em mim como um trem, quase me derrubando. Eu gemo alto e longo, o som abafado em seu pescoço com meus dentes enterrados em

sua pele. Ele choraminga e aperta em torno de mim enquanto eu me esvazio nele, fazendo seu buraco desleixado com esperma.

Eu libero sua boca, minha mão caindo no balcão e minha testa cai em seu ombro enquanto ofego por um minuto.

— Merda, eu precisava disso —, ele murmura, bêbado como um filho da puta.

Eu rio e me afasto dele. Caindo em um agachamento, afasto suas bochechas e vejo meu esperma vazando de seu buraco usado.

Porra, isso é quente.

Eu beijo uma bochecha e me levanto, puxando minhas roupas para cima e ajeitando-as. Seu pescoço está fodido. Não há como esconder isso. Marcas vermelhas já estão ficando roxas, marcas de dentes estão cravadas em sua pele. Excelente. Feliz Natal, eu acho.

— Desça as escadas enquanto eu limpo, espero poder entrar e colocar meu capuz sobre o pescoço ou algo assim.— Ele dá de ombros.

Eu o viro e o beijo suavemente.

— Sinto muito, eu deveria ter sido mais cuidadoso.

Ele zomba. — Se você fosse cuidadoso, eu não iria gostar tanto. Não tenho vergonha de sexo.

Eu sorrio para ele e o beijo novamente.

— Ok, eu estou indo.

Eu saio do banheiro e desço as escadas para encontrar Stacy sorrindo para mim do patamar inferior. Eu congelo no meio do caminho e a observo me observando. O sorriso que estava em meu rosto cai quanto mais ela segura meu olhar e agora não sei o que fazer ou dizer.

— O que? — Eu finalmente pergunto. Não quero ser rude, mas ela está no meu caminho e atrapalhando minha fuga.

— *Nada* —, ela diz *daquele* jeito que todo mundo sabe que é besteira.

— Stacy Marie! Deixe seu irmão em paz! — sua mãe grita de algum outro lugar da casa.

— Não estou incomodando ninguém! — ela grita de volta, mas não se afasta de mim.

Decidindo testar meu lugar na família, eu grito de volta: — Sim, ela está!

— Juro por Deus, Stacy! Deixe esse menino em paz!

Stacy revira os olhos, mas se afasta e sorri para mim quando passo por ela, resmungando baixinho enquanto ando.

— Linguarudo.

— Você começou, — murmuro de volta e encontro os lugares vazios na mesa que foram deixados para mim e Jeremy. Puxando uma cadeira, sento-me e olho ao redor da mesa. Rosbife, batata gratinada, pãezinhos, macarrão com queijo, salada Watergate, feijão verde com bacon, recheio e batata doce. É sobrecarga de carboidratos e não faço ideia do que vou comer.

Parece que meu jantar é rosbife com toda a gordura cortada e feijão verde. Talvez um rolo. Jesus. Como alguém é produtivo depois de uma refeição como esta?

— Saia de cima de mim, Stacy! — Jeremy grita do corredor e eu me viro para assistir quando ela gargalha. — Que diabos está errado com você?

Ela não responde, apenas continua a rir. Um Jeremy irritado entra pela porta com um círculo preto em seu pescoço envolvendo o que parece suspeitosamente com meus dentes. Meus olhos se arregalam e a cor desaparece do meu rosto.

Porra. Eu.

Ele se aproxima e se senta na cadeira ao meu lado, todos na mesa olhando para nós dois, enquanto Stacy continua a gargalhar como um maldito vilão malvado.

— Juro que vocês, crianças, são a razão de eu ter cabelos grisalhos —, diz a mãe, esfregando a testa.

Eu deixo cair meu rosto em direção ao meu colo e espero que o chão se abra e me engula inteiro. Meu rosto está quente de vergonha com as marcas óbvias no pescoço de Jeremy. Todos nesta mesa, exceto Ella, sabem o que estávamos fazendo, ou pelo menos pensam que sabem, e embora tenhamos 21 anos, esta é a família dele.

Tenha um pouco de tato!

Você o envergonhou na frente de toda a família. Bom andamento. Ele não vai deixar você tocá-lo nunca mais.

— Sinto muito —, murmuro para que só ele possa me ouvir.

— Eu não —, diz ele no volume máximo.

— Vocês trocaram presentes, em particular, isso é adorável, — diz Stacy, tentando não rir. — Todos nós podemos ver o que ele deu a você, mas o que você deu a ele? — Eu olho para ela e quase rio de como ela está tentando manter uma cara séria e falhando. — Você deveria tatuar isso no pescoço.

— Você literalmente leva seu troféu de foda para onde quer que vá —, diz um dos gêmeos, defendendo Jeremy, embora eu não saiba dizer qual era.

— Jordan Michael! — sua mãe desdenha, seu pai lhe dá um tapa na parte de trás da cabeça.

O outro gêmeo bufa e cobre a boca enquanto todo o seu corpo vibra de tanto rir.

—Sua família é sempre assim? — sussurro para Jeremy, que também está tentando conter o riso.

— Sim.

— Juro! Não podemos ter uma boa família reunida sem que vocês quatro se ataquem e digam coisas inapropriadas!

A Sra. Albrooke despreza seus filhos e todos parecem devidamente castigados. É a coisa mais estranha. Se eu tivesse dito algo assim sobre minha irmã na frente de meu pai, sairia com novas cicatrizes, mas nenhum deles parece fisicamente com medo de seus pais.

A avó de Jeremy suspira e começa a colocar comida no prato. Todos seguem o exemplo.

Os pratos são passados para que todos possam colocar o que querem em seus pratos. Não quero ser grosseiro e não comer, mas também não quero desperdiçar comida, então coloco um pouco de tudo no meu prato e torço pelo melhor. Meu estômago já está descontente com essas circunstâncias.

— Não tenho vergonha de você ou do nosso relacionamento —, diz Jeremy, inclinando-se para mim quando me entrega uma tigela de pãezinhos. — Eu não me importo que todo mundo saiba que eu faço sexo com você.

— Eu ainda sinto muito que você pareça a prostituta da família agora.

Ele bufa e beija minha bochecha.

— Estou muito feliz por você estar aqui.

Nossos olhares se encontram e eu sorrio suavemente para ele, dando-lhe uma piscadela.

— Eu também.

Depois do jantar, todas as crianças voltam para a sala de estar para entrar em coma alimentar e Stacy coloca Ella para tirar uma soneca. De alguma

forma, mesmo depois de toda aquela comida, Keith e Jordan estão comendo biscoitos. Acho que estou olhando porque Jordan me oferece um.

— Eles são uma das tradições de nossa família. Todos os anos decoramos esses mesmos biscoitos —, conta. Eu tiro isso dele, já que não quero ser rude, mas me sinto confusa. Parece ser o Papai Noel em um coração de cabeça para baixo, então as protuberâncias redondas são sua barba e a ponta é seu chapéu, mas é um pouco inclinado. Um ponto branco e uma faixa vermelha seguida por uma faixa branca compõem o chapéu, um círculo branco com um círculo preto forma os olhos e a barba parece ser glacê branco, mas porque saiu de um tubo ou cano saco, parece pubes brancos.

Eu o viro e olho de um ângulo diferente, mas não importa o que eu faça, parece um saco de bolas com o rosto do Papai Noel. Eles não podem estar falando sério. Ninguém nunca notou isso antes?

— O que? — Jeremy me pergunta enquanto continuo a inspecionar o biscoito. Seriamente?

Eu olho para seus irmãos e todos eles estão olhando para mim com a mesma confusão.

— Uh, nada. — Entrego o biscoito para Jeremy e me levanto. — Preciso de urinar.

Descendo o corredor, encontro o banheiro e quase fecho a porta quando alguém põe a mão na porta para pará-la. Olhando pela fresta, posso ver que é Jeremy.

— Sério, o que havia de errado com o biscoito? — ele pergunta.

— Esses são biscoitos de saco de bola do Papai Noel, — eu sussurro para que ninguém me ouça.

Seus olhos se arregalam e um enorme sorriso toma conta de seu rosto.

— Minha avó faz esses biscoitos, com o mesmo cortador de biscoitos, há quarenta anos!

— Você está tentando me dizer que eles não se parecem com sacos de bola? Eu exijo.

Ele começa a rir, dobrando-se.

— Jeremy! — Eu sussurro para ele. Juro que vou morrer de vergonha se a doce avó dele souber disso. Ela é uma santa de mulher e já estou horrorizado que ela saiba que comi o neto dela lá em cima.

— Nunca pensei nisso, mas é tudo o que vou ver de agora em diante. — Ele está rindo tanto que está chorando. — Saco de bola Papai Noel!

Outra voz cacareja no corredor e eu sei que um ou ambos os gêmeos ouviram. Jesus, porra, Cristo.

— Oh meu Deus! — Stacy grita. — Eles *parecem* sacos de bola!

Os gêmeos e Stacy estão morrendo de rir na sala da família, o que chama a atenção das senhoras da cozinha. Jeremy cambaleia até a sala, ainda segurando a barriga e rindo, enquanto eu o sigo com o rosto em chamas.

Me mate agora.

— Pare de dizer saco de bola! É Natal! — A Sra. Albrooke repreende seus filhos, o que só os faz rir ainda mais.

— O que diabos está acontecendo aqui? — A avó de Jeremy está de pé com as mãos nos quadris.

— O -o...— Jeremy começa, mas está rindo muito para conseguir pronunciar as palavras. Ele enxuga as lágrimas do rosto e suga uma respiração profunda. — Os biscoitos do Papai Noel parecem sacos de bolas.

— Com licença? — Vovó se move para ficar atrás de um dos gêmeos e olha para os biscoitos em seu prato por um minuto, então cobre a boca com a mão. — Oh não. Eles *parecem* sacos de bola!

— Posso dizer com certeza absoluta —, anuncia Jeremy, e todos se voltam para ele. — Eles não têm *gosto* de sacos de bola.

Os meninos caem na gargalhada enquanto meus olhos saltam das órbitas e eu gostaria que o chão se abrisse e me engolisse inteiro. Eu não posso acreditar que isso está acontecendo. Por que eu simplesmente não mantive minha boca fechada?

Dou um passo à frente, horrorizada por sua família agora me odiar e eu serei para sempre conhecido como o idiota que arruinou o Natal.

— Eu sinto muitíssimo! São biscoitos realmente deliciosos!

O pai de Jeremy está enxugando as lágrimas dos olhos, curvado e segurando-se com as mãos nos joelhos. Seu avô está sentado em uma cadeira e tremendo de tanto rir.

— Espero que saiba, agora você faz parte da história desta família. — A Sra. Albrooke olha para mim, mas não parece zangada. — Acho que vamos comprar um novo cortador de biscoitos.

— Senhor, — vovó diz e vem para ficar ao meu lado. — Obrigado, este é um dos Natais mais memoráveis que já tivemos.

Ela desaparece de volta para a cozinha com a Sra. Albrooke, deixando-me sozinho com esse grupo de hienas risonhas.

As mulheres empacotam as sobras e nós nos amontoamos nos carros, a maioria dos pratos voltando para casa conosco.

Todos desaparecem em seus quartos, deixando tudo, exceto a comida na sala, para ser tratado amanhã. Jeremy tira a cueca boxer e senta na beira da

cama enquanto eu tiro meu jeans e procuro minha mochila. Procurando no bolso principal, encontro a algema de couro marrom e caminho até ele, sentando-me ao lado dele na cama.

— Comprei isso para você quando tive certeza de que você me odiava e ia terminar comigo.

Eu abro minha mão para mostrar a ele o que eu tenho. É um simples pedaço de couro, com cerca de meia polegada de largura, com um fecho de pressão e tacos de hóquei cruzados em relevo na parte superior.

— Eu vi na loja de presentes e tive que comprar. — Eu dou de ombros, inquieto. Por que é tão difícil expressar meus sentimentos quando não estou tendo um colapso?

Jeremy estica o pulso e olha para mim.

— Você pode colocar em mim?

Eu olho para o rosto dele por um segundo e vejo um sorriso íntimo em seus lábios e expectativa em seus olhos. Abro o fecho, enrolo em seu pulso e fecho com cuidado. Ele puxa o braço para trás e o inspeciona com o sorriso ainda no rosto.

— Como se parece? — Ele estende o pulso para mim novamente e eu seguro seu braço na minha mão, passando o polegar sobre o desenho.

— Isso parece bom.

— Eu também acho. — Ele concorda com a cabeça. — Obrigado, eu amo isso.

Um pouco da tensão desaparece dos meus ombros quando ele me beija. Jeremy me empurra de volta para a cama e nos ajustamos até estarmos deitados nos travesseiros e os cobertores puxados para cima. Desta vez,

Jeremy deita a cabeça no meu peito, nossas pernas entrelaçadas e nossos corações batendo juntos.

— Terminar nunca foi meu plano —, diz ele no quarto escuro e silencioso. — Eu estava preocupado, realmente preocupado pra caralho, com você, mas você é meu e, não importa o que aconteça, isso não vai mudar.

Mais rápido do que nunca, adormeço sabendo que estou seguro e amado.

CAPÍTULO QUARENTA
JEREMY

UMA SEMANA DEPOIS, AS vans param em frente ao hotel em Providence, Rhode Island, deixando-nos no aeroporto para nossos primeiros jogos do ano novo.

O treinador faz o check-in e distribui as designações de quarto, Preston está com outro jogador de defesa e não parece feliz com isso, enquanto estou com Paul.

Pegamos as chaves do quarto e seguimos para os elevadores. Preston está usando a colcha que minha avó deu a ele, toda dobrada em volta do pescoço e se recusando a responder às perguntas de Brendon sobre isso. Ele perguntou umas dez vezes desde que saímos de Denver.

A colcha vive em sua cama, mantendo-nos aquecidos à noite e trazendo a ele uma sensação de paz que nunca vi nele antes. Costumo voltar depois das aulas para vê-lo sentado em sua cama com ela enrolada nos ombros como uma capa. Também tenho certeza de que o ouvi falando com minha avó ao telefone algumas vezes. Espero que seja verdade. Ele precisa de pessoas que se importem com ele.

Eu tiro uma foto dele com ele sobre os ombros e mando para mamãe.

Jeremy: Mostre isso para a vovó para mim.

Mãe: Awww ele é tão doce!

Eu bufo com a resposta dela. Preston é um monte de coisas, mas a maioria das pessoas não o associaria com doçura.

Deixamos nossas coisas nos quartos do hotel e mando uma mensagem para Preston.

Albrooke: Jantar?

Carmichael: Não seja idiota.

Eu bufo com a resposta dele. Paul levanta uma sobrancelha para mim, mas não diz nada.

Albrooke: Você é tão legal comigo, posso ver o quanto você me ama.

Carmichael: Eu vou te mostrar o quanto eu amo sua bunda na primeira chance que eu tiver.

Albrooke: Claro, claro. Apenas me use para o meu corpo.

Carmichael: Abra a porra da porta.

Há uma batida forte em nosso quarto de hotel. Com um sorriso no rosto, saio da cama e me movo para abri-la.

Paul reclama de sua cama:

— Vocês são nojentos juntos.

Preston agarra minha nuca para me beijar, não se afastando até que eu esteja duro e sem fôlego.

— Sério, arranje um quarto, — Brendon zomba enquanto passa por nós para se deitar na cama de Paul e coloca a cabeça na coxa de Paul como um travesseiro.

— Saia e vamos ter um —, Preston responde sem qualquer calor. É assim que ele é. Meu homem rabugento.

— Estou fodidamente faminto. Alimente-me.

Paul passa a mão pelo cabelo de Brendon e olha para nós sem graça.

— Eu acho que há um bar na rua que serve comida decente—, comenta Brendon, percorrendo seu telefone. — Parece que um bando de caras está indo para lá.

— Comida decente em um bar? Eu duvido. — Preston cruza os braços e balança a cabeça para Brendon. — Garanto que tudo é frito.

— E um touro mecânico! Porra, sim! — Brendon pula da cama e Paul segue como um cachorrinho perdido. O pobre rapaz tem uma queda por Brendon, mas acho que Brendon nem percebe isso.

Preston suspira e nós os seguimos para fora da sala. No corredor, temos o cuidado de manter alguma distância entre nós, a equipa não sabe que estamos juntos e não temos pressa em sair. Eu não acho que seria uma grande surpresa se eles descobrissem que qualquer um de nós é gay, mas não precisamos de drama agora.

No elevador, Carpenter e Willis se juntam a nós e todos nós descemos para o saguão. Mais caras da equipe estão parados quando as portas do elevador se abrem e, como um grupo, caminhamos um quarteirão até o bar, congelando nossas bundas. O bar foi projetado para parecer um bar rural de cidade pequena com paredes de madeira crua, apetrechos de rodeio e George Strait tocando na jukebox. Um lado da barra é uma área isolada com um touro mecânico cercado por esteiras. Todas as mesas têm altura de bar com bancos ao redor.

A equipe ocupa facilmente um quarto das mesas. Preston, Paul, Brendon e eu nos espremememos em torno de uma mesa. As malditas coisas são minúsculas e todos nós parecemos ridículos amontoados em torno delas.

Uma garçonete com um rabo de cavalo alto e loiro e seios grandes distribui os cardápios e anota nossos pedidos de bebida. Todos nós sabemos que temos

um máximo de uma bebida porque temos um jogo amanhã. Todos na minha mesa pedem uma cerveja, menos Preston, que pede a de sempre: água.

Ele encontra todos os nossos olhos, por sua vez, descontente por ter sido cobiçado.

— A cerveja deixa você gordo e lento —, todos dizemos em uníssono.

— É verdade, — ele resmunga enquanto levanta o menu e levanta um lábio para as opções limitadas.

Pego o meu e o leio também. Se eu comer um hambúrguer de frango, Preston vai reclamar menos, mas cheeseburgers com bacon são deliciosos…

Com um bufo, ele coloca a folha de plástico laminado na mesa com mais força do que o necessário e eu bufo para ele.

— Então, deixe-me adivinhar —, eu digo sem olhar para ele. — Hambúrguer de Frango Grelhado Sem Pão eeeeeeee...— Realmente não há outra opção que ele coma. — Dois hambúrgueres de frango sem pão.

Ele me olha de soslaio e sei que acertei. Marque um para Jeremy.

A mulher volta para anotar nossos pedidos e Preston pede seus tristes peitos de frango. O resto de nós pede cheeseburgers com bacon.

Quando ela se afasta, nos viramos para olhá-lo, esperando seu discurso sobre nutrição.

— Não, não estou dizendo nada. Todos vocês sabiam o que eu ia dizer e mesmo assim fizeram escolhas erradas. Gordo e lento é.

Rimos e começamos a falar sobre o jogo de amanhã, discutindo quem é quem no time que estamos jogando, o que precisamos observar e quem são os elos fracos.

— Tudo bem, pessoal! Quem vai ser o primeiro a montar no meu touro?

Um DJ fala pelo sistema de alto-falantes. Meu olhar corta as luzes nebulosas do bar para travar em Preston do outro lado da mesa. Ele está com o copo quase nos lábios, então congela, a sobrancelha levantada, o calor em seu olhar quase o suficiente para me deixar em combustão. Eu me levanto do meu banco, levantando minha mão no ar.

— Sim, bem aqui. — Eu chamo o DJ. Preston me encara, um olhar que diz claramente que *não.*

— Nossa próxima vítima! — ele aplaude e a sala fica barulhenta de empolgação.

— Você é um idiota, — Preston diz alto o suficiente para as mesas ao nosso redor ouvirem. — Se você se machucar, o treinador vai te matar.

Movendo-me em direção a Preston, eu me inclino sobre seu ombro para que meus lábios fiquem próximos a sua orelha. Ele mal se encolhe por eu invadir seu espaço, mas não se afasta. *Progresso.*

— Você vai se juntar a mim? — Meu tom é sensual enquanto minha respiração faz cócegas em sua pele.

— Por que eu faria isso?

— *Hmm, por que é divertido? — Não morda o lóbulo da orelha dele. Não morda o lóbulo da orelha dele. Não morda o lóbulo da orelha dele.*

Os caras da mesa ao lado estão nos observando, então me afasto um pouco.

— Ter meu pau enfiado na sua bunda é divertido? — ele diz alto o suficiente para eles ouvirem.

Eu sorrio.

— Eu tenho uma bunda bonita. — Eu bato na minha própria bunda.

— Você e eu, vaqueiro! — Brendon se levanta, sorrindo para Preston, sabendo exatamente como apertar os botões do meu homem. O corpo de

Preston fica tenso quando Brendon caminha atrás de mim e me dá um tapinha na bunda.

— Tonto!

Se olhar pudesse matar, Brendon estaria no chão sangrando, mas ele balança a cabeça. Brendon e eu vamos até o touro mecânico e eu levanto primeiro. Eu subo no pino e balanço minha perna, em seguida, envolvo minha mão em torno da alça no topo. Brendon usa meu ombro e o pino para içar-se e balançar a perna.

— Você se lembra de como fazer isso? — Eu pergunto por cima do meu ombro. Brendon e eu costumávamos ir a um clube para menores de 21 anos em Muskegon e montar o touro mecânico lá. Foi muito divertido e ficamos muito bons nisso.

— Como andar de bicicleta. — Seus quadris estão pressionados contra a minha bunda e sua mão está ao lado da minha na maçaneta.

— Tudo bem, vocês estão prontos? — O DJ pergunta e nós acenamos com a cabeça. — Oh, espere, temos outro piloto?

Nós nos viramos e vemos que Preston escalou as cordas e está vindo em nossa direção. Eu escondo meu sorriso olhando para longe, mas Brendon obviamente sente a necessidade de foder com ele.

— Ei, garotão, você vai montar na minha bunda aqui?

— Saia. Agora, — ele exige. Brendon bufa uma risada e desliza para o lado oposto de onde Preston está.

Preston coloca a mão na minha coxa, usando-me para se levantar e subir no touro, caindo atrás de mim.

— Você já montou antes? — Pergunto-lhe.

— Não, mas sou um atleta treinado, não deve ser tão difícil.

Um sorriso conhecedor levanta meus lábios. Isso vai ser divertido.

— Está tudo nas coxas. — Agarro os músculos fortes que envolvem os meus. — Siga o ritmo, não lute contra ele.

Eu sinalizo para o DJ e o touro começa a se mover, primeiro devagar, depois ganhando um pouco de velocidade. Preston está rígido como uma tábua atrás de mim, lutando contra o movimento do touro em vez de usá-lo. Meu corpo rola automaticamente, seguindo o ritmo e aproveitando o passeio, mas mesmo com ele quase colado a mim, ele não está se movendo.

Alcançando a corda pendurada acima de nós, eu uso os apoios para os pés, para levantar e torcer meu corpo até que eu esteja de frente para ele, minhas pernas caindo em cima dele.

— Que porra você está fazendo? — ele resmunga.

— Relaxar. Mova-se com o touro.

Eu agarro o cós de sua calça jeans e o puxo contra mim. Meu corpo rola sensualmente contra ele e ele geme, agarrando meus quadris com força contundente. Ele está começando a se mover, mas não é o suficiente, então eu seguro um de seus pulsos e coloco seu braço em volta dos meus ombros. Seus dedos cavam em meu pescoço, sua testa quase pressionada contra a minha, nossa respiração se misturando entre nós. Meu coração bate forte em meus ouvidos enquanto meu mundo dá um zoom neste momento. Eu quero beijá-lo. Desesperadamente. Para senti-lo se mover contra mim, debaixo de mim. Meus olhos caem para sua boca e eu arrasto meus dentes sobre meu lábio inferior. Ele está respirando com dificuldade, olhando para mim com a luxúria mais agressiva e cheia de ódio que eu já vi. *Deus, mal posso esperar para que ele me foda de ódio mais tarde.*

Meu corpo se move com o touro. Já fiz isso muitas vezes, a memória muscular assume. Estou no espaço dele, ele me segue até o meu, repetidamente, suspenso neste momento em que nada existe além de nós. Não há membros da equipe, nenhum bar, nenhuma multidão.

Colocando minha palma em seu peito. Eu o empurro para trás até que ele esteja totalmente inclinado para trás, suas mãos subindo para agarrar a ponta do touro em busca de algo para se segurar. Seus olhos não deixam os meus enquanto eu me levanto e me movo contra ele ao ritmo da besta falsa abaixo de nós.

Ele é duro.

Preston está duro, em público, para mim.

Eu não consigo parar de esfregar minha bunda sobre a saliência em seu jeans, apenas uma vez. Mais para me torturar do que para ele. Ele geme, mas não consigo ouvir, não por causa do meu pulso e do ruído branco zumbindo na minha cabeça.

Eu também estou duro. Dolorosamente duro pra caralho. Eu quero gozar mais do que quero minha próxima respiração, mas não posso. Enquanto a luxúria está clara no rosto de Preston, há algo mais lá também. Medo, talvez? Do que ele tem medo? Eu?

Eu largo minha bunda de volta para a máquina e agarro sua camisa, puxando-o contra mim novamente.

— Eu te odeio —, ele força enquanto seus dedos machucam meus quadris mais uma vez.

O touro para, o mundo ao nosso redor começa a voltar ao lugar e ele me empurra com força. Eu caio do touro, caindo de costas nos tatames enquanto ele desce e desaparece na multidão.

O que diabos acabou de acontecer?

Estou piscando para o teto quando ele me atinge.

Acabei de deixar bem óbvio para metade da nossa equipe que Preston não é hétero.

Porra.

A sala está silenciosa quando eu me levanto e me limpo, o rosto vermelho de culpa e vergonha. Eu sou um idiota do caralho. Examinando a sala, não vejo Preston.

Porra. Eu.

Saio correndo do bar e espero alcançá-lo para que possamos conversar em particular, mas as ruas estão cheias de gente e não peguei minha jaqueta na saída. Ele fez?

Corro para o hotel e mal vejo seu rosto através das portas do elevador que se fecham. Caramba! Se alguém gravou e postou, estará em todos os blogs de hóquei pela manhã. Esta é a última coisa de que precisamos agora.

Apertando o botão de chamada do elevador cerca de vinte vezes, as portas finalmente se abrem. Eu bato no meu número do andar e balanço para frente e para trás na ponta dos pés enquanto o número sobe. Após a viagem de elevador mais longa da minha vida, ele se abre no meu andar para um Preston irritado parado no corredor.

— Eu sinto muito! — Estendo a mão para ele, mas ele me afasta. Ok, ele está chateado e não está pronto para o conforto. Entendi.

— Você tem alguma ideia do que acabou de arriscar? — Sua mandíbula está tensa, mas a raiva está se transformando em outra coisa. Temer.

Ele tem medo que seu pai descubra e o faça voltar para ser corrigido. Deve ser isso. Seu lábio treme quando um tipo diferente de tensão toma conta de seu corpo.

Não estamos tendo essa conversa no maldito corredor. Agarrando sua mão, eu o puxo para o meu quarto, tiro minha chave do bolso de trás e abro a porta.

Assim que entramos, eu me viro contra ele e o empurro contra a porta, ocupando seu espaço.

— Sinto muito, fui pego no momento e não pensei.

— Se meu pai descobrir sobre essa exibição pública, vou aprender uma lição.

Sua voz está cheia de angústia e dor. O terror cortante em seu rosto parte meu coração.

— Não posso deixar que ele te leve de novo.

Seus olhos cinzas escuros e tempestuosos endurecem quando encontram os meus.

— Você não pode detê-lo. Eu aguento, Lily não.

Eu inclino minha testa contra a dele, apesar de querer me enfurecer. Não é justo. Como vou assistir o homem que amo caminhar em direção ao perigo e não fazer nada para detê-lo?

— Ele não pode continuar fazendo isso, — eu finalmente consigo.

— Ele pode até Lily completar dezoito anos.

Preston está resignado com seu destino. Ele não luta contra isso, apenas aceita e segue em frente. Qual é o sentido de travar uma batalha que você sabe que vai perder?

Há um barulho no corredor alguns segundos antes do bipe da fechadura da porta soar. Preston e eu nos afastamos o suficiente para que Paul possa entrar sem nos atingir. Ele e Brendon param na porta quando nos veem.

— Desculpe, imaginei que você estaria na outra sala. — Paul levanta nossas jaquetas que eu tinha esquecido, sem perceber que Preston também estava com a porra de uma camiseta.

— Obrigado —, murmuro para ele, pegando meu casaco. Preston pega o dele e o dobra sobre o braço.

— Devemos ir para a cama, — Preston diz a nós três.

Brendon segura uma sacola para viagem.

— Trouxemos o jantar de volta.

Todos nós entramos na sala e Brendon vasculha a sacola, distribuindo caixas de isopor.

— Obrigado. — Preston abre sua caixa. Seu frango grelhado parece deprimente e solitário.

— Sério, apenas pegue algumas batatas fritas ou algo assim.— Abro minha comida e ofereço a ele um pouco. — Tire esses pobres peitos de galinha de sua miséria.

Seu lábio se curva em desgosto e balança a cabeça.

— Eu comi carboidratos suficientes no Natal para durar uma vida inteira.

O resto de nós ri e eu enfio uma batata frita na boca.

Surpreendendo a todos nós, Preston pega um peito de frango e o morde.

— Uau, lá. Relaxe e encontre um garfo como um humano civilizado —, Paul o critica e Preston o rejeita.

— Alguém da equipe disse alguma coisa? — ele pergunta depois de alguns minutos comendo em silêncio.

— Na verdade não, — Brendon dá de ombros. — Alguns caras ficaram confusos porque você é um idiota no gelo. — Ele olha incisivamente para Preston e eu bufo. — Alguns caras pensaram que era uma piada. — Brendon dá de ombros novamente. — A maioria não parecia ter uma reação.

— Viu alguém gravando? — Eu pergunto com a boca cheia da delícia de cheeseburguer com bacon.

— Não, mas também não estava procurando. — Brendon sorri para mim. — Eu estava assistindo ao show erótico.

Preston bate na nuca de Brendon e eu rio. Ele sabia que estava chegando e se preparou para isso.

— Idiota —, Paul murmura baixinho.

Terminamos de comer, com Paul batendo no rosto de Brendon com uma batata frita, então Brendon joga uma batata frita em Paul.

— Crianças. Parem com isso, — Preston rosna e coloca um braço em volta dos meus ombros, me puxando contra seu lado. — Precisamos ir dormir de qualquer maneira, sem ficar acordado até tarde. — Ele alfineta a mim e a Paul com um olhar sério e eu rio.

— Estou cansado, de qualquer maneira. Apresse-se e saia para que eu possa ir para a cama.

Eu o cutuco nas costelas e ele rosna para mim, pressionando um beijo rápido em meus lábios antes de pegar o lixo e jogá-lo na lata.

— Oiler, fora. — Preston abre a porta e espera por Brendon, que faz uma saudação a mim e a Paul antes de ambos saírem.

Paul e eu nos preparamos para dormir e nos deitamos. Ele liga a TV em alguma besteira chata para adormecer, mas eu luto.

Eu continuo jogando e virando, rolando e bufando.

— Juro por Deus, vou arriscar ser assassinado por Preston e abraçar sua bunda só para fazer você parar, — Paul estala, sentando-se e olhando para mim com exasperação.

Eu o viro e rolo novamente.

— É uma da manhã. Eu vou te matar.

Sentando-me, estou prestes a responder a ele quando há uma batida na nossa porta. Nós dois nos viramos para olhar para ele, então pulamos e corremos, abrindo-o.

Um dos nossos caras da defesa, Mathews, está parado no corredor, pálido, apenas de cueca boxer.

— Não consigo fazê-lo parar —, ele me diz, e isso é tudo de que preciso.

— Vamos, — eu o empurro de volta pelo corredor e posso ouvir Preston gritando. Meu sangue gela com o gemido cheio de dor, fazendo-me mover mais rápido. Mathews abre a porta e eu corro para frente, deslizando para a cama com Preston e puxando-o contra mim. Pelo ângulo em que está deitado, deve ter encostado as costas na cabeceira da cama para dormir.

Ele luta comigo durante o sono, empurrando e batendo em mim enquanto um soluço escapa dele, lágrimas manchando seu travesseiro e escorrendo em seu cabelo curto.

— Preston, — eu consigo envolver minhas pernas ao redor dele e nos rolar para que eu fique em cima dele com meu peito pressionado contra o dele.

— Acorde, vamos.

Eu beijo seu rosto, esfregando o cabelo macio do meu rosto contra sua pele, e empurro suas mãos para trás quando ele tenta me afastar. Seu corpo balança contra o meu, curvando-se sob mim, mas eu seguro firme. Esses malditos pesadelos vão ser a morte dele. Eles são exaustivos e traumatizantes. Mathews

nunca vai esquecer isso, e tudo que posso esperar é que ele não diga merda para ninguém amanhã.

A camisa de Preston sobe durante sua luta com os demônios que o prendem em sua cabeça. Meu corpo se esfrega contra ele, pele contra pele, e a luta finalmente termina. Nós dois estamos ofegantes quando seus olhos se abrem, confusos por eu estar em cima dele.

Seu corpo está fraco pelo esforço, deitado no colchão enquanto ele se reorienta,

— Aí está você. — Eu beijo seu pescoço novamente, sua testa, sua bochecha. Relaxando em cima dele e permitindo que ele aceitasse o peso do meu corpo contra ele. Depois desses episódios, ele gosta da pressão do meu corpo empurrando-o para a cama. Ele me diz que isso ajuda a aterrá-lo.

— Acabou? — Mathews pergunta atrás de mim.

O corpo de Preston fica tenso, suas mãos vêm para minha cintura e seus olhos se abrem.

— Sim, você pode voltar a dormir agora ou dormir no meu quarto. Garanto que Paul não vai se importar.

Eu digo a ele, não levantando minha cabeça do ombro do meu namorado.

— Ele está bem?

— Estou bem. — A voz de Preston ressoa contra o meu peito. Mathews solta um suspiro de alívio.

— Eu vou dormir no seu quarto, — ele murmura, pegando algo e abrindo a porta. — Ah, oi, Johnson.

— Tudo bem, Paul. Mathews vai dormir com você esta noite.

Eu digo a ele sem olhar. Paul sabe que Preston tem pesadelos e talvez tenha ouvido alguns dos ruins, mas nunca pergunta sobre eles. Assim como eu, ele apenas garante que todos estejam bem e deixa isso em paz.

— Entendi, — meu amigo diz e fecha a porta.

Preston relaxa novamente, suas mãos deslizando pelo meu corpo até meus quadris e esfregando contra mim.

— Eu preciso de você —, ele ofega, mordendo o lóbulo da minha orelha. Meu pau endurece com a luxúria em sua voz, seu pau já latejando e esfregando contra mim.

— Lubrificante? — Sento-me e esfrego minha bunda em seu pau, querendo senti-lo me alongando, me usando.

— Na minha bolsa. — Ele apalpa meu pau através da calça do meu pijama, forçando um gemido da minha garganta. — Vá buscá-lo para que você possa me montar.

Eu balanço minha perna e encontro sua bolsa no final da cama. Não demorou muito para eu encontrar a pequena garrafa que ele guarda em suas coisas de viagem e tirar minhas roupas. Ele me observa, tirando a própria calça e levantando a camisa para mostrar parte do abdômen.

É sexy pra caralho saber que sou a única que consegue vê-lo assim. Mesmo com as cicatrizes que cobrem seu corpo à mostra, seu pau está cheio e seus olhos estão cheios de luxúria, ele não se intimida por estar nu na minha frente.

Meu pau pula quando ele se acaricia enquanto morde o lábio inferior.

— Venha aqui, bebê. — Sua voz é sexo puro.

Subindo sobre ele novamente, o cabelo em suas coxas faz cócegas na minha bunda. Eu rolo meus quadris e ele pega nossos dois paus em sua mão, a pele extra de nós dois sem cortes nos dando bastante espaço para empurrar juntos.

Preston se senta, pegando o lubrificante, e passa os dedos nele antes de deslizar os dedos entre minhas bochechas para pressionar contra meu buraco. Eu agarro sua cabeça para devastar sua boca enquanto seus dedos empurram dentro de mim.

Eu choramingo em seu beijo, precisando de muito mais do que dedos. Empurrando-o de volta na cama, pingo lubrificante em seu pênis e levanto para me alinhar sobre ele.

— Pegue, todo o caminho para baixo. — Ele observa seu pau desaparecer dentro da minha bunda enquanto eu me afundo sobre ele. Eu jogo minha cabeça para trás com um gemido quando minha bunda se senta contra ele, totalmente sentada em seu pau. Arde um pouco com o alongamento, mas eu adoro. — Foda-me. — Preston envolve a mão em volta do meu pau e eu giro meus quadris em um círculo, sentindo-o em todos os lugares.

Eu arqueio minhas costas e esfrego seu pau profundamente na minha bunda, meus olhos se fechando. Eu amo as rajadas elétricas atrás das minhas pálpebras. Meu corpo está cheio e ávido por ele.

Preston passa a mão pelo meu corpo e encontra meu mamilo, beliscando-o com força suficiente para forçar um suspiro de mim. Meu pau lateja de dor, mas meus quadris se movem. Inclinando-me para frente, eu me apoio em seu peito e me levanto para bater de volta nele. Ele geme desta vez e o som me estimula. Mais e mais eu o tomo em movimentos duros, profundos e punitivos até que ele não aguente mais e ele nos rola. Preston assume o controle, abrindo minhas coxas e segurando-as contra o colchão para que ele possa bater em mim impiedosamente. Meu corpo sendo aberto e exposto a ele é aterrorizante da melhor maneira. Eu sei que ele não vai me deixar ir ou me machucar mais do que eu quero. É libertador.

Estou gemendo como uma prostituta, com as costas arqueadas e querendo gozar com a mão em volta do meu pau.

— Eu te amo, — eu resmungo, desejando as palavras dele quando ele está assim. Ferindo e buscando conforto em mim.

Preston solta minhas pernas, uma mão segurando minha garganta enquanto ele se inclina para colocar seu rosto no meu.

— Eu te amo pra caralho, — ele rosna, batendo na minha bochecha com a outra mão. O tapa é uma picada quente no meu rosto e faz meu pau vazar.

Porra.

— Venha para mim —, ele exige. — Mostre-me o quanto você ama ser fodido.

Formigamento disparam pela minha espinha e em minhas bolas. Eu ofego enquanto o prazer alucinante revira meus olhos para a parte de trás da minha cabeça e o esperma jorra no meu peito enquanto o amor da minha vida usa meu buraco.

A respiração de Preston sopra sobre minha pele quente e pegajosa. Ele joga a língua para fora para lamber o sêmen no meu peito e rosna enquanto seu ritmo canivete, enchendo minha bunda com sua semente, em seguida, desmorona em cima de mim.

CAPÍTULO QUARENTA E UM
PRESTON

O SUOR ESCORRE PELAS MINHAS costas sob o meu equipamento. Estou totalmente focado no jogo e arrasando aqui. No gelo, nada importa além do jogo. Sou capaz de me perder na memória muscular e na adrenalina de tudo isso, o mundo real ficando em segundo plano por uma hora.

Jeremy, Oiler e Johnson estão se unindo, lendo o próximo movimento um do outro e não ficando frustrados quando nosso oponente recupera o disco.

Oiler rouba o disco e voa pelo gelo em uma fuga, arremessando o disco para Jeremy, que chuta a gol e a lâmpada acende. A equipe está de pé, gritando e gritando. Eles saem do gelo com sorrisos em seus rostos, nossa primeira linha assumindo.

Eu deslizo até o final do banco para dar espaço para Jeremy descer e ele pega, pegando uma garrafa de água e esguichando um pouco de Gatorade em sua boca.

Ele levanta a mão coberta pela luva para mim e eu bato nele com o punho.

— Bom tiro. — Eu pisco para ele.

— Acho que aquele cheeseburger com batata frita não me deixou lento, hein? — Ele sorri para mim, com o rosto vermelho e suado.

— Eu não iria tão longe, — eu falo inexpressivo e ele ri, tomando outro gole do líquido adocicado.

— Acha que sua irmã viu minha fuga? — Oiler sorri para mim. *Por que diabos eu disse a eles que ela veio para o jogo com alguns de seus amigos?* Eu levanto um lábio para ele e ele ri, pegando o Gatorade de Jeremy.

— Mudança de linha! — O treinador grita e eu fico com Willis. Os outros caras saem do gelo e encontramos nossos lugares.

O disco cai e um grande filho da puta corre em direção à linha azul. Eu faço o meu melhor para bloqueá-lo sem interferir na visão do goleiro do disco. O jogador bate no meu peito e me derruba. Por instinto, estendo minha mão para me segurar, mas caio no skate de outro jogador, torcendo meu ombro. Imediatamente há um estalo e um latejar surdo e profundo.

O disco acaba do outro lado do gelo e Willis patina para me ajudar a levantar. Quando tento colocar o braço machucado junto ao corpo, uma dor lancinante atravessa os músculos e eu grito.

— Cara, tudo bem? — ele pergunta quando eu dou a ele minha mão boa e ele me puxa para cima.

— Não, não consigo mexer o braço. — Eu assobio com os dentes cerrados.

— Treinador! — Willis grita. — Carmichael está ferido!

Os árbitros apitam e o jogo é interrompido enquanto eu saio do gelo e o pessoal da ambulância vem em minha direção.

Ele fica do meu lado ruim para me proteger até que eu esteja no banco, caso alguém tente foder comigo.

— O que há de errado? — O treinador está olhando para mim com expectativa.

— Meu ombro estalou —, eu cerro. — Acho que está deslocado. — Jeremy se levanta, preocupação em seu rosto, e abre caminho em minha direção.

— Porra. Tudo bem, verifique isso.

Por um segundo, deixo o medo que sinto aparecer em meus olhos antes de desligá-lo. Esta não é a maior dor que já senti, mas também não são férias. Serei capaz de voltar esta noite? Amanhã? Eu quebrei alguma coisa? Rasgar

alguma coisa? Quanto tempo vou ficar fora? Isso vai acabar com minhas chances de ser convocado?

Eu quero isso?

Volto para os vestiários para ser examinada por um dos treinadores assistentes. Os paramédicos nos encontram e eu conto o que aconteceu. Eles me fazem perguntas normais como nome, data, quem é o presidente e o que aconteceu.

— Dor, em uma escala de um a dez, sendo dez a pior dor que você pode imaginar. — Uma linda mulher de cabelos pretos com grandes olhos castanhos pergunta.

— Eu não sei, tipo três ou quatro? É constante e não faz cócegas, mas eu já tive pior.

— Tudo bem, você pode mover seus dedos? — Eu tento mover meus dedos, mas eles mal se movem. A dor na articulação do ombro aumenta quando uso os músculos. — Isso piora a dor? — Concordo com a pergunta dela.

O suor escorre da minha testa por causa da adrenalina. Isso é uma merda. É quase como uma quebra de osso, aquela pulsação profunda que simplesmente não para. Não é afiado o suficiente para roubar seu fôlego, mas esgota sua energia porque não para.

Disseram-me para sentar na maca, então eu sento. Minha mão está pendurada na borda entre minhas pernas.

— Você sente que está sangrando? Você bateu a cabeça ou perdeu a consciência?

Eu balancei minha cabeça negativamente para suas perguntas.

— Eu preciso sentir em volta do ombro, ok? Se doer muito, me avise.

Ela me conta e eu me preparo para a dor e para o contato físico. Ela desliza a mão sob minha camisa e as ombreiras para sentir ao longo do meu ombro. Eu tento não me encolher com o toque. Ela está do lado de fora da minha camada de base, mas ainda faz minha pele arrepiar. Jeremy é o único que pode me tocar. Ela encontra um ponto sensível e eu recuo com um silvo.

— Deformidade no ombro, provavelmente deslocado. Vamos estabilizá-lo e carregá-lo.— Um dos tripulantes prepara uma bolsa de gelo. — Você está tomando algum medicamento, vitaminas ou suplementos? — ela pergunta.

— Não, — resmungo enquanto balanço minhas pernas sobre o colchão de plástico e estremeço quando meu braço é empurrado. Uma vez que estou acomodado, uma bolsa de gelo é colocada no meu ombro e a mulher está cortando as mangas da camisa e a camada de base para expor a dobra do meu cotovelo.

Eles medem uma frequência cardíaca rápida e ela inicia uma intravenosa no meu braço bom.

— Vamos dar a ele alguns analgésicos, — ela diz ao treinador assistente Scott e todos nós vamos para a ambulância. A mulher está falando em seu rádio em seu ombro, atualizando o hospital sobre minha condição, mas não estou prestando atenção porque o que ela me deu está fazendo minha cabeça rodar um pouco.

Entramos na ambulância e vamos para o hospital.

Ela está dizendo coisas como “Sem LOC, cinquenta microfones e BP”, o que não significa nada para mim.

Nunca me senti tão leve, como se estivesse flutuando por um minuto.

Não é de admirar que as pessoas fiquem viciadas nessas coisas. Parece que o tecido mais macio e macio está enrolado em meu cérebro. Meu ombro dói,

mas não me importo. Eu não me importo com nada além de voltar para o gelo. Eu não quero ir para o maldito hospital. Por que eles não podem simplesmente colocar o maldito ombro de volta? Meu pai vai ficar furioso com isso.

— Jesus, não demos tanto fentanil a ele —, diz alguém, e é estranho ter que me concentrar em virar a cabeça.

— Eu sou um cara sensível, — murmuro, estranhamente consciente do movimento dos meus lábios. Eu me sinto estranho, mas ainda sou coerente.

Alguém bufa e dá um tapinha no meu joelho, mas não sei quem foi. Não foi Jeremy, disso eu sei.

Jeremy. Ele vai ficar preocupado. Meu namorado. Eu amo-o. Ele vai ficar preocupado. Eu gostaria de ter meu telefone para poder enviar uma mensagem para ele depois do jogo. Duvido que estarei de volta antes do final do jogo.

A intravenosa em meu braço está empurrando um líquido frio em minhas veias. Não estou mais suando, graças à solução salina, mas agora estou ficando com frio.

Um arrepio tem arrepios subindo na minha pele.

— Você precisa de um cobertor? — O atendente atrás de mim pergunta.

Meus olhos estão fechados contra a luz brilhante do interior da plataforma, mas eu levanto minhas sobrancelhas e aceno. Um cobertor é colocado sobre mim e, durante o resto da viagem, o assistente técnico me dá o jogo por jogo. Jeremy está lutando, posso dizer como ele está jogando. Ele está preocupado comigo.

— Ei, você pode ligar para minha irmã? — Eu o interrompo.

— Claro, qual é o número?

Digo o número e ele coloca o telefone entre meu ombro bom e minha orelha. Ele toca algumas vezes antes que uma Lily suspeita, mas preocupada, atenda.

— Olá?

— Ei, sou eu. — Ela suspira. — Tenho certeza que desloquei meu ombro.

— Você está bem? Você vai para qual hospital? Encontro você lá.

— Não, não. Não venha para o hospital. Assista ao jogo e diga a Oiler e Johnson que eles não prestam.

Eu bufo para mim mesmo. Isso vai ensiná-los a flertar com minha irmã.

— Você é louco? Não fico sentado na arquibancada assistindo ao jogo enquanto você vai para o hospital. Já estamos indo para o carro.

Ela diz algo para alguém com quem está. — Que hospital, Preston?

Eu olho para Scott sentado ao meu lado.

— Que hospital?

O paramédico me responde: — Providence Memorial.

— Você entendeu? — Pergunto ao telefone enquanto chegamos ao hospital. — Não entre em um carro sem Anthony e Mark. — Seu motorista e guarda-costas são pagos por essa merda e se ela pegar um Uber, eu vou matá-la.

— Tony está bem aqui —, diz ela, exasperada. Eu posso praticamente vê-la revirando os olhos para mim. — Mark está pegando o carro.

— Ei, mande uma mensagem para Jeremy para mim. Eu não tenho meu telefone.

— Você entendeu, vejo você em alguns minutos. — A linha fica muda e eu aceno para Scott, — Obrigado.

— Sem problemas. — Ele volta a conferir os destaques do jogo.

No hospital, uma mulher alta com cabelos castanhos e grandes óculos pretos em formato de olho de gato se aproxima de mim e rapidamente se apresenta:

— Sou Jessica, serei sua enfermeira esta noite.

Ela me pergunta o que aconteceu, se estou tomando algum medicamento, altura e peso e por que estou ali. Toda a merda normal.

Eu aceno para ela. Sua confiança no comando me traz algum conforto. Eu me sinto segura com ela, como se meu pai aparecesse, ela não cederia à merda dele.

O pai não está aqui.

Enquanto ela está falando comigo, alguns outros membros da equipe de uniforme entram. Um homem baixo e magro coloca luvas e tem uma tesoura. Olhando para mim, ele diz:

— Preciso cortar isso.

Eu olho a tesoura, mas aceno, apertando minha mandíbula. O homem faz um trabalho rápido de cortar o centro e as mangas para baixo para retirá-lo, em seguida, puxa as tiras de velcro para tirar as ombreiras. Depois que as almofadas são removidas, ele veste a camisa da camada de base e a corta também. Não perco os olhares entre os funcionários quando eles veem as cicatrizes que marcam meu peito. Felizmente, minhas pernas e a maior parte do meu abdômen estão cobertas por mais almofadas, mas meu peito e braços estão totalmente à mostra.

— Olá. — um homem com um jaleco branco e jaleco entra. — Eu sou o Dr. Harris.

Ele aperta minha mão, faz uma pausa no meu peito, me pergunta por que estou aqui e o que aconteceu, então verifica se há problemas no pescoço, cabeça e costas.

Ele diz à enfermeira para pedir algum tipo de remédio para dor que eu não ouço porque estou muito ocupada observando todos ao meu redor. As pessoas estão me tocando e isso está fazendo minha pele arrepiar. O que quer que tenham me dado na ambulância está passando, o que está me deixando ainda mais nervosa.

Minha mão boa começa a bater na minha perna, precisando de algo para fazer com a energia. A dor no meu ombro é quase suficiente para chamar toda a minha atenção, mas eu tenho muita prática em empurrar a dor para baixo para me concentrar em outras coisas.

— Tudo bem, senhor Carmichael, — o médico diz para mim depois de empurrar meu ombro. — Vamos precisar fazer uma sedação moderada para que possamos colocar este braço. Teremos um fisioterapeuta para monitorar sua respiração enquanto o mantemos sob controle, dar-lhe um amnésico por precaução e colocar o braço de volta no lugar.

Isso tudo soa aterrorizante.

— Sim, com certeza, apenas conserte isso para que eu possa sair daqui. Meus olhos passam por todos na sala, não confiando em ninguém além da enfermeira Jessica. Por que ela é a exceção?

A enfermeira Jessica volta com alguns papéis para eu assinar e então injeta algo na minha linha intravenosa. É incrível a rapidez com que atinge meu sistema.

Meu corpo relaxa e eu caio de volta na cama, não dando a mínima para nada ao meu redor. O mundo gira, alguém está falando comigo, mas não faço mais ideia do que está acontecendo.

— Cara, eu queria que meu pai me desse remédios. Aposto que não teria pesadelos.

Estou falando? Não sei.

Meus dedos tateiam as cicatrizes em meu peito.

— Por que ele teve que me cortar? Eu era um bom garoto.

Círculos pegajosos estão presos em todo o meu peito e conectados a fios que levam a quaisquer máquinas que eles tenham ao meu redor por mais pessoas que não conheço. Quantas pessoas vão me tocar? Quantas pessoas vão ver as evidências da minha tortura? Do meu constrangimento?

— Ei, você é parente do Dr. Carmichael? O cirurgião plástico?

A moça bonita sentada ao meu lado pergunta.

— Dr. Andrew Carmichael é meu pai. — Eu digo em uma expiração. — Ele me odeia.

Fecho os olhos e espero que o médico volte com quaisquer outros medicamentos que ele disse que eu teria. Não sei quanto tempo espero, podem ter sido cinco minutos, podem ter sido uma hora. Não há noção de tempo quando há medicação para dor em seu sistema. O que eles me deram mesmo? Tenho certeza de que me contaram, mas não me lembro.

— Aqui vamos nós. — Um médico chega com uma seringa e a injeta na minha linha intravenosa. — Conte até dez.

— Dez, nove…

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
JEREMY

ESTE JOGO FOI UM DESASTRE. Eu tropecei em meus próprios patins, perdi passes e bati nas pranchas mais de uma vez. Mal conseguimos manter a liderança e definitivamente sou parte do problema.

Assim que o jogo acaba, nós nos arrastamos para o vestiário para tomar banho e nos vestir. Meu corpo está cheio de energia ansiosa, precisando de uma atualização sobre Preston mais do que eu preciso de ar. No vestiário, pego meu telefone e verifico as mensagens.

Lily: Preston está no Providence Memorial. Ombro deslocado.

Lily: Uh, você pode trazer uma camisa para ele? Ele está pirando porque não tem um para colocar.

Jeremy: Sim, estarei aí em uns 45 minutos.

Eu enfio meu telefone de volta no meu cubículo e tiro meu equipamento e camada de base antes de correr para os chuveiros. Eu preciso sair daqui.

— Albrooke, você está indo para o hospital? — Carpenter pergunta do outro lado dos chuveiros.

— Sim, — eu grito de volta, abrindo a água e entrando, sem me importar nem um pouco com a temperatura.

Ele está bem? Quanto tempo ele vai ficar fora? Quão ruim é a dor dele? O pai dele vai surtar?

Tomo o banho mais rápido da minha vida, esfrego agressivamente minha pele com uma toalha e visto meu terno emprestado. Honestamente, é mais meu neste ponto do que de Preston, mas semântica.

Caminhando até Paul e Brendon, paro para pegar um Uber no meu telefone e vejo que tenho dez minutos antes que eles cheguem aqui.

— Ei, algum de vocês tem uma camiseta extra ou algo que eu possa levar para Preston? Lily disse que cortaram as coisas dele.

Eu olho para seu cubículo e, embora ele esteja de camisa, não tenho certeza se é isso que ele quer que eu leve. Acho que uma camiseta seria melhor.

— Sim, eu tenho alguns brancos extras, espere. — Brendon vasculha suas coisas e puxa uma camiseta amassada de dentro dela. — Aqui.

— Obrigado—, eu pego e sua bolsa de terno apenas no caso, e saio para dizer ao treinador que estou saindo.

— Tudo bem, tenha cuidado e me avise se precisar de alguma coisa —, diz ele, batendo no meu ombro.

— Vou fazer, — eu digo a ele e caminho até a rua para encontrar meu Uber. Felizmente, não demoro muito para encontrar o carro ou fugir do trânsito do dia do jogo.

O hospital não fica muito longe e, quando chego ao pronto-socorro, vejo Lily e quem imagino serem alguns de seus amigos. Todos parecem ter a mesma idade e tudo neles grita dinheiro.

Lily corre até mim, me empurrando para fora, com o rosto pálido e em pânico.

— O que? — Eu exijo. — Lily o que aconteceu? O que há de errado? Preston está bem?

Ela não fala até que estejamos longe das portas e de lado sozinhos.

— Temos um problema e preciso que você me responda honestamente.

Meu estômago cai para os meus pés. O que ela acha que sabe? Não posso mentir para ela, mas também não vou contar todos os segredos de Preston.

— Meu pai tem abusado de Preston? — Ela cruza os braços sobre o peito e endireita os ombros.

Porra.

— Por que você pergunta? — Ela viu as cicatrizes? Ele disse alguma coisa enquanto estava dopado com analgésicos? Quem mais juntou as peças?

— Minhas amigas Callie e Sara ouviram dois médicos conversando sobre meu pai e Preston no corredor. Algo sobre denunciar meu pai ao conselho de ética ou fazer uma denúncia aos serviços de proteção a adultos? Eu nem sabia que isso era uma coisa. Um deles disse que foi forçado a sair de Boston por causa de queixas de assédio sexual.

Com cada palavra que vem dela, o pavor se instala cada vez mais pesado no meu estômago. O sangue escorre do meu rosto para os meus pés, como se ela tivesse cortado meu coração. Isso irá destruí-lo.

Lily não percebe ou não se importa porque ela continua.

— Eles disseram que ele estava falando sobre nosso pai *cortá*-lo e como ele gostaria de receber analgésicos. — Ela olha para mim, raiva colorindo suas bochechas. — Não minta para mim, Jeremy. Que porra está acontecendo?

Seus braços estão em volta de si mesma, mas não sei se é em defesa ou porque ela está se controlando.

— Primeiro, eles não podem contar a ninguém o que ouviram. Ninguém. Em segundo lugar, não tenho muitos detalhes. — Eu digo. Lily baixa o olhar, olhando para o concreto sob nossos sapatos, obviamente desconfortável. — O que?

Ela não está olhando para mim.

— Eles estavam fazendo uma live no Facebook e está lá.

— O que?! — Girando e correndo para a entrada do pronto-socorro mais uma vez com Lily em meus calcanhares, encontro as garotas e caminho até elas. Fúria, frustração e medo lutando comigo. Eu tenho que proteger Preston.

— Ei, apague esse vídeo. Agora mesmo. Tire isso das redes sociais. — Eu exijo, uma garota com cabelo ruivo encaracolado olha para mim com os olhos arregalados e pega o telefone. — Você não pode falar sobre isso com ninguém, entendeu?

Ela olha para o telefone, acessa sua conta do Facebook e encontra o vídeo.

— Excluído. Foi-se. — Ela olha para mim. — Eu sinto muito.

Eu esfrego a mão no meu rosto enquanto o futuro desconhecido e todos os possíveis e ses me bombardeiam. Devo dizer a ele agora ou esperar e ver se algo sai disso? Minhas mãos estão tremendo e meu estômago está torcido em nós, dói para respirar. Porra. Não posso protegê-lo se isso vazar. O que o pai dele fará?

— Você não o marcou nele, certo?

Ela balança a cabeça rapidamente. Isso é algo pelo menos. Eu corro meus dedos pelo meu cabelo ainda molhado e puxo as pontas.

— Vou ver se posso voltar e vê-lo, — digo a Lily e vou para o check-in. Uma mulher de uniforme olha para mim com um sorriso.

— Como posso ajudá-lo? — ela pergunta.

— Posso voltar e verificar meu amigo? Preston Carmichael é o nome dele. Ele foi trazido de ambulância.

Ela ri,

— Você é Jeremy?

— Sim senhora, eu sou.

Por que ela sabe meu nome?

— Volte. — Ela aponta para a porta à esquerda. — Através daquela porta, no posto de enfermagem, ele estará bem ao seu lado.

O alívio quase faz meus joelhos cederem enquanto me dirijo para a porta. O corredor se abre para uma sala com um posto de enfermagem no meio e um monte de espaços com cortinas ao redor da sala. Eu me viro para a primeira cama à minha direita e me aproximo da cortina.

— Enquanto você estava sedado, você disse algumas coisas que são preocupantes. — Uma voz feminina vem de trás da cortina.

— O que foi que eu disse? — Essa é a voz de Preston e ele não parece feliz.

— Você disse que seu pai cortou você.

Meu coração afunda com sua resposta. — É isso que todas essas cicatrizes são?

Sua voz está cheia de preocupação e compaixão, mas garanto que ele ouve pena. Não sei como ajudá-lo e essa sensação de impotência me deixa nervoso.

Eu quase posso imaginar a expressão vazia em seu rosto. Ele está desligando e eu não preciso vê-lo para saber disso. Talvez estar com ele ajude?

— Preston? — Meu tom é hesitante, caso eu não esteja no lugar certo.

— Só um segundo, — a voz feminina me chama.

— Jeremy? — A voz de Preston é um soco no estômago. Ele não está fechado e com frio agora, mas assustado e carente.

Estendo a mão para a cortina, mas uma mulher de cabelos castanhos de uniforme e grandes óculos pretos a puxa um pouco para trás.

— Você é Jeremy? — ela me pergunta, observando o terno que estou usando e a bolsa de roupas pendurada no meu braço.

— Sim, senhora.

— Entre. — Ela segura a cortina aberta para mim. — Ele está perguntando por você.

Preston está sentado em uma cama vestindo uma bata de hospital e calças de hóquei com seus patins ainda. Seu braço esquerdo está em uma tipoia sobre o peito e há uma intravenosa em seu outro braço, mas ele parece bem. Ele está acordado.

— Ei. — Seu sorriso é tenso, forçado. Como se ele pensasse que eu esperava que ele sorrisse, mas ele não estava sentindo nada.

— Ei, como você está se sentindo? — Eu fico sem jeito ao lado da cama enquanto a enfermeira sai.

Preston dá um tapinha na cama do lado direito e eu coloco a sacola de roupas no chão, em seguida, sento, aliviada por ele me querer por perto. Sua mão boa alcança minha camisa e me puxa para ele, pressionando seus lábios contra os meus.

— Eu quero sair daqui —, diz ele contra a minha boca.

— Quanto tempo mais você tem para ficar aqui? — Espero que ele não consiga ver que estou escondendo merda dele. Ele não precisa se preocupar com o que pode estar acontecendo nas redes sociais agora, mas a culpa está me consumindo por não ter contado a ele antes. — Você deveria dizer a ela.

Seus olhos se fixam nos meus e seus ombros imediatamente ficam tensos. — O que? Por quê?

— Porque o que ele está fazendo não está certo e ela pode te ajudar.

Que parte disso ele não entende?

— Lily faz dezoito anos em alguns meses. Nada vai acontecer com ela antes disso. E mesmo que sejam feitas acusações contra ele, não tenho provas. Quem

pode dizer que não fiz isso sozinho para incriminá-lo? Sem mencionar que isso deixa Lily vulnerável a ele.

A cortina é puxada para trás e nós dois olhamos para ver o treinador assistente Scott olhando entre nós. A mão de Preston deixa cair minha camisa e eu recuo um pouco para colocar algum espaço entre nós.

Scott fecha a cortina novamente e se vira para nós.

— Olha, pessoal, não me importo se vocês são mais do que companheiros de equipe, desde que isso não os afete negativamente no gelo. Entenderão?

Uma respiração que eu não sabia que estava segurando sai com pressa. Preston não diz nada, suas paredes estão de volta. Ele coloca a mão na cama, mas eu a alcanço e corro meu polegar sobre seu pulso, surpresa quando ele não se afasta de mim. O telefone de Scott toca e ele sai da área para atender, mais uma vez nos dando um momento de privacidade.

Meu telefone toca no meu bolso, então eu o pego, a ansiedade já aumentando com a possibilidade de alguém ter visto a porra do vídeo, mas eu sorrio para a foto da minha mãe. Atendo o telefone, viro meu corpo para colocar Preston no fundo.

— Ele vai viver, prometo!

— Oh! Graças a deus! O que aconteceu? Isso é uma tipoia?

Mamãe pergunta, com a vovó atrás dela.

— Ombro deslocado —, diz Preston. — Estarei de volta ao gelo em algumas semanas.

—Bom, bom. Só queríamos fazer o check-in. Me ligue quando chegar em casa.

— Vou fazer, obrigado mãe. — Eu sorrio para ela.

— Obrigado, Sra. Albrooke e vovó —, diz Preston atrás de mim, levantando a mão em um aceno antes de eu terminar a ligação.

Deslizando meu telefone de volta no bolso, observo meu dedo arrastar ao longo de seu pulso interno.

— Diz. — A voz de Preston me faz estremecer. Ele está esperando por más notícias e isso dói meu coração. — Seja o que for, desembuche.

— Lily sabe que seu pai está abusando de você.

O ar da sala foi sugado. A tensão no ar é tão espessa que posso senti-la me pressionando como um peso físico.

— Como? — A palavra é tão baixa que quase não a ouvi por causa da agitação do pronto-socorro.

Fechando os olhos, respiro fundo e solto o ar antes de encontrar seu olhar. — Os amigos com quem ela veio ouviram alguns médicos falando sobre você e ele. Eles estavam fazendo uma live no Facebook e gravaram em vídeo.

A respiração de Preston aumenta e o medo aumenta seus olhos, então eu me apresso com a próxima parte.

— Eu disse a eles para excluí-lo e não falar com mais ninguém sobre isso, mas Lily tem perguntas.

O olhar de garotinho perdido em seu rosto me quebra. Este momento ficará para sempre gravado em meu cérebro. Seu mundo cuidadosamente escondido está desmoronando e não há nada que eu possa fazer para impedir. Apenas sente-se e observe isso acontecer, depois junte os pedaços dele quando acabar.

A enfermeira volta com a papelada na mão, seguida pelo treinador Scott.

— Escute, esse ombro vai ficar instável por um tempo, até que os músculos ao redor dele se recuperem. Não use esse braço mais do que o absolutamente

necessário. — Ela dá a Preston um olhar aguçado. — Mantenha o braço contra o corpo enquanto toma banho, se veste e coloca a tipoia de volta. Não estou brincando, você pode deslocá-lo novamente com muita facilidade agora mesmo.

Preston acena para ela, levando suas instruções a sério. Ou pelo menos fingindo.

— Com licença, — ela diz para mim, então eu me levanto e me movo para ficar ao lado de Scott. Ela remove o IV do braço de Preston, envolve um pedaço de gaze com a porcaria de fita adesiva elástica e bronzeada e diz que ele pode se vestir. Preston não vacila quando ela o toca. Isso é interessante.

Ele olha para Scott, não querendo se expor ao homem, e eu limpo minha garganta.

— Vou ajudá-lo a se vestir e nos encontramos na sala de espera.

Felizmente, Scott pega a dica e vai se foder para dar a Preston um pouco de privacidade. Abrindo a sacola de roupas, puxo a camiseta e ajudo Preston a colocar seu braço bom e passar por ela, puxando o tecido para baixo sobre seu braço amarrado. Movendo-me para seus patins, eu os tiro, o ajudo a ficar de pé, e ele se inclina no meu ombro enquanto eu tiro seu equipamento e calças. Ele precisa disso tudo agora? Não, mas ele ficará mais confortável com roupas normais.

— Você confia nela —, eu digo enquanto puxo sua camada de base para baixo de suas pernas. — A enfermeira.

— Ela parece ser uma boa pessoa, não aceita merda de ninguém, direta.

Preston sai de todas as suas coisas e eu o visto novamente, puxando a cueca e as calças para cima. Ele enfia o pau do jeito que ele quer e levanta uma sobrancelha para mim quando eu sorrio para ele.

— Eu poderia ter feito isso por você. — Eu mordo meu lábio inferior.

A expressão sem graça que ele aponta para mim me faz rir.

Eu abotoo e fecho a calça de seu terno e ele se senta para que eu possa colocar suas meias e sapatos para que possamos sair daqui.

Na sala de espera, Lily está chateada, enquanto Scott está encostado na parede lendo a papelada de alta. Há um homem mais velho parado ao lado de Lily, conversando baixinho com ela e seus amigos.

Preston se aproxima para falar com Lily, então eu o sigo. A porta atrás de nós se abre e a enfermeira enfia a cabeça para fora. Ela acena para mim e acena para mim.

— Esqueci uma coisa no quarto, já volto —, digo a Preston e me dirijo.

— Siga-me, — ela diz e me leva para o que parece ser uma sala de exames com uma porta. — Sendo completamente honesto aqui, estou preocupado com ele. Qual é o problema com as cicatrizes? Eles não estão nos lugares normais onde encontramos cicatrizes de automutilação.

Meu peito aperta e travo uma guerra dentro de mim. Eu quero ajudá-lo, mas não é a porra da minha história.

— Ele mesmo não os fez. — Eu não posso encontrar seus olhos. Minha cabeça me diz para contar tudo a ela, mas meu instinto me diz que será pior se ela souber.

— Escute, posso dizer que ele não quer ajuda agora, mas se ele mudar de ideia, me ligue e eu o ajudarei. — Ela me entrega um cartão de visita branco com um número de telefone rabiscado de um lado, o outro lado é para a assistente social do hospital. — Eles ficarão felizes em ajudar também se ele decidir que quer. Também recomendo fortemente a terapia se o que ele passou for parecido com o que estou pensando.

Tudo o que posso fazer é acenar para ela, o nó na minha garganta grande demais para falar.

No momento em que voltamos para o hotel, Preston está agitado e pronto para começar a enlouquecer.

— Lily, você não vai a esse maldito jogo! — ele se encaixa em seu telefone. — Eu nem estou brincando, qual é a porra do ponto?

Eu posso ouvi-la gritar de volta para ele, mas não o que é dito. Embora eu saiba que é um assunto de família, ele não está fazendo nenhum favor a si mesmo. Ele está andando de um lado para o outro em nosso quarto de hotel, ficando cada vez mais tenso quando na verdade deveria estar descansando.

Eu não aguento mais. Levantando-me da cama, entro diretamente em seu caminho e não o deixo passar por mim.

Preston levanta o lábio para mim, seu olhar prometendo dor se eu não recuar. Felizmente para mim, não me sinto intimidado por ele.

— Deixe-me falar com ela. — Eu estendo minha mão para o telefone e ele olha para mim como se eu tivesse acabado de esbofeteá-lo. — Ela está cavando em seus calcanhares porque você está exigindo merda dela. Deixe-me falar com ela.

— Lillian, você não vai a esse maldito jogo. Você me entende? — ele late com os dentes cerrados.

Com um suspiro, pego o telefone dele e corro para o banheiro, trancando a porta atrás de mim.

— Boa noite, Lílian. — Eu digo alegremente enquanto Preston bate na porta.

— Juro por Deus, Jeremy. Não sei como você não o sufoca durante o sono! ela bufa em frustração.

Eu dou de ombros, embora ela não possa ver.

— Escute, eu sei que você e seus amigos vieram aqui para assistir aos jogos. Eu sei que Preston está secretamente muito feliz em vê-lo, embora provavelmente esteja profundamente enterrado neste momento. Eu me inclino contra a porta em uma tentativa de conter suas batidas para que a porta não quebre.

— Ele é um homem das cavernas! Só porque ele é meu irmão mais velho, isso não lhe dá o direito de me dizer o que fazer! — ela grita.

— Concordo. Ele não está lidando bem com isso. De forma alguma. — As batidas na porta param, o que me deixa nervosa. — Mas você pode me fazer um favor?

— O que? — Ela está desconfiada, pelo que não posso culpá-la.

— Você pode *não* ir ao jogo amanhã, por favor? — Assim que as palavras saem da minha boca, ela começa a discutir. — Eu sei eu sei. Você veio até aqui, eu entendo. *Mas* acho que Preston está preocupado com sua segurança. Se a pessoa errada viu o vídeo e espalhou a notícia, ele pode se tornar viral e você pode ser perseguido por repórteres. Pelo qual ele se sentirá responsável, especialmente porque não pode fazer nada para ajudá-lo.

Ela suspira, mas não está nem um pouco feliz com isso.

— Isso faz sentido, mas ele ainda é um idiota!

— Oh, cem por cento, — eu concordo e ela ri. — Mas ele é um idiota excessivamente protetor e está nervoso agora.

— Eca. Por que você tem que ser tão lógico? — Ela bufa. — Tudo bem, vamos voltar para a escola de manhã.

— Obrigado, eu realmente aprecio isso.

— Qualquer que seja. Aproveite sua noite com aquele idiota.

Ela desliga e eu me viro para a porta, olhando-a com cautela. O que vou encontrar do outro lado? Mesmo ferido, meu homem é assustadoramente forte.

Respirando fundo e esperando pelo melhor, abro a porta. Preston abre e agarra minha garganta, forçando-me contra a parede do outro lado do banheiro. Eu tropeço em meus pés, mas consigo me manter de pé por pura força de vontade. A última coisa que quero é cair e causar-lhe mais dor.

Minha cabeça bate na parede com um baque e eu olho para os olhos furiosos, quase negros do meu namorado.

— De nada. — Eu digo a ele calmamente, segurando seu telefone antes de enfiá-lo no bolso da calça. — Ela está indo para casa de manhã.

Seu aperto na minha garganta aumenta e ele usa cada centímetro de sua altura para tentar me intimidar. Tenho muito cuidado para manter minha expressão neutra.

— Você não tinha o direito de ficar entre mim e minha irmã. — Seu tom é frio e cheio de ameaça.

— Ela estava cavando em seus calcanhares e não iria ceder às suas exigências. Tudo o que fiz foi pedir com educação.

Um de seus olhos se contrai quando ele olha para mim. Ele quer me foder, posso ver isso claro como o dia em seu rosto e em sua linguagem corporal. A necessidade de dominar, reivindicar e causar destruição é forte. Mas ele não diz nada.

Depois de um minuto olhando para mim e respirando pesadamente, eu pego sua camisa e a puxo para cima, descobrindo seu braço ruim e tipoia, e a coloco sobre sua cabeça para pendurar no braço que ele está usando para me prender contra a parede. Confusão está enrugando suas sobrancelhas quando

elas se juntam quando eu abro sua calça e empurro suas roupas para baixo de suas pernas. Já que não posso ajudá-lo a tirar os sapatos ou as calças, começo a tirar meu próprio terno. Desabotoando a camisa e deixando-a cair no chão, meus sapatos, meias, calças e cueca seguem rapidamente, enquanto mantenho meu olhar fixo no dele.

Quando estou nua para ele e ele está quase nu, eu o puxo contra mim.

— Você deveria tomar banho —, eu digo da mesma forma calma. — Deixe-me ajudá-lo.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
PRESTON

MEU CELULAR ESTÁ VIBRANDO E ACENDENDO DESDE que acordei ontem de manhã. Tenho um número desconhecido de novos e-mails, mensagens de texto, mensagens diretas de mídia social e chamadas telefônicas perdidas. Meu correio de voz está cheio desde as seis da manhã. Eu tive que usar o celular de Jeremy para ligar para a escola de Lily para ter certeza de que ela estaria segura. Eles me informaram que nosso pai não terá permissão para entrar no campus e ela não sairá do campus até que as acusações contra nosso pai sejam esclarecidas ou ela se forme, o que acontecer primeiro. Ser um idiota rico às vezes tem suas vantagens.

O vídeo que a amiga de Lily, Callie, postou na sexta à noite foi aparentemente visto pela pessoa certa e agora está em todo lugar. Apesar de ter sido excluído, alguém conseguiu baixá-lo e recarregá-lo. Ele circula nos círculos médicos e de hóquei. É apenas uma questão de tempo até chegar aos principais meios de comunicação. Tive mais repórteres me ligando do que posso contar.

Estou tão impressionado com tudo isso, estou entorpecido. Jeremy está preocupado, posso ver em seu rosto, na maneira como me observa, mas não consigo confortá-lo. Eu mal posso viver em minha própria cabeça agora.

— Preston. — A voz de Jeremy me faz olhar para cima do telefone tocando na minha mão. — Desligue isso.

— Isso vai impedir a implosão da minha vida? — Eu odeio o tom da minha própria voz, mas não consigo parar. Não tenho controle sobre nada e estou caindo aos pedaços.

Há uma batida na porta do hotel e ele suspira enquanto vai verificar o olho mágico e o abre. O treinador avança com propósito.

— Carmichael, falei longamente com os administradores da escola esta manhã. Você não deve dizer nada publicamente, nenhuma mídia social, e-mails, nada. Se você decidir fazer uma declaração, a equipe jurídica negociará com um repórter para que você seja entrevistado ou eles o ajudarão a escrever algo para postar, se for esse o caminho que você deseja seguir. Ele me entrega um cartão de visita. — Este é o escritório jurídico que trabalha com a universidade. Eles foram informados sobre a situação.

— Obrigado, treinador. — Passo o cartão entre os dedos, concentrando-me na textura da cartolina cara e nas letras em relevo.

— A recepção diz que já há repórteres lá fora esperando por você, mas depois do circo da mídia que estava no jogo ontem à noite, não estou surpreso.

Concordo com a cabeça, aceitando o que ele está dizendo, mas não realmente absorvendo. Depois do primeiro período, os repórteres eram tão ruins que fui me sentar sozinho no vestiário para que eles limpassem alguns.

— Talvez eu não devesse ir aos jogos em casa esta semana. — Eu agito o cartão de visita. — Eu serei uma distração. O foco deve estar no jogo, não em mim.

O homem mais velho põe a mão no meu ombro.

— A equipe está atrás de você, então vamos continuar como de costume.

Ele aperta meu ombro bom enquanto um nó se forma em minha garganta. — Vista-se, vamos sair um pouco mais cedo para o aeroporto, caso os repórteres nos atrasem.

Jeremy se inclina contra a parede ao lado do banheiro com um pequeno sorriso nos lábios, a pulseira que ganhei de Natal em seu pulso. Eu amo aquele homem.

Ele já tomou banho e está meio vestido enquanto eu ainda estou na porra do pijama. Tomamos café da manhã aqui no quarto para não ter que lidar com as pessoas, mas realmente, eu mal peguei nele. Eu não estou com fome. Isso está preocupando Jeremy também.

O treinador sai e Jeremy se aproxima, sua camisa desabotoada se abrindo quando ele se move. Ele fica entre meus joelhos e segura meu rosto, inclinando-se para me beijar suavemente. Sua barba está ficando longa e eu gosto muito mais do que eu esperava. O cabelo é macio contra a palma da minha mão quando eu o beijo.

— Deixe-me ajudá-lo a se vestir, e se você for um bom menino sobre isso, vou chupar seu pau antes de sairmos.

Ele está tentando me distrair, mas nem estou interessado em um orgasmo. Não agora. Jeremy é um consertador, ficar sentado não é bom para ele. Ele precisa de uma tarefa, mas não posso dar-lhe uma. Mal consigo pensar por mim mesmo, muito menos por outra pessoa. Estou com raiva ou entorpecido, não há mais nada.

Eu inclino meu rosto contra a pele nua de seu abdômen e respiro. É uma fraqueza buscar conforto no outro, mas em algum momento dos últimos meses, aprendi a confiar em Jeremy. Pesadamente. Não aguento mais nada sem ele depois de uma década fazendo tudo sozinho.

Às vezes eu me enojo.

Ele vai se cansar da sua merda e te deixar.

Ninguém quer namorar alguém que não sabe cuidar de si mesmo. Quem é tão carente, inútil.

Suas mãos correm pelo meu cabelo e eu relaxo contra ele.

— Nós vamos ficar bem, — ele me diz com convicção. — Aconteça o que acontecer, vamos superar isso juntos.

Eu envolvo meu braço livre em torno de suas coxas e inclino mais meu peso contra ele.

— Eu te amo, — eu digo com meus lábios contra a carne entre seu umbigo e suas calças. Arrepios irrompem em sua pele e eu me permito senti-los com a língua.

Talvez eu devesse chupá-lo em vez disso. Se eu conseguir manter seu corpo satisfeito, é menos provável que ele se canse de mim e vá embora. Certo?

Jeremy levanta meu queixo até que eu esteja olhando para ele, lágrimas brotando em meus olhos e deixando-o embaçado. *Ele não pode me deixar. Meu mundo inteiro vai desmoronar.*

— Eu te amo, Preston. Eu tenho você. — Sua mão desliza em minha bochecha para colocar meu pescoço sob minha orelha e roça seu polegar ao longo do meu rosto. — Vamos vestir você.

Ele se dirige para a barra pendurada atrás da porta e pega minha bolsa de roupas, levando-a de volta para a cama e abrindo-a. Eu não passei nada disso. Espero que não esteja muito enrugado.

— Você quer tentar tomar um banho rápido ou está bem desde ontem à noite?

— Estou bem —, também passo desodorante logo antes de ir para a cama, então devo estar bem nesse aspecto também. Solto minha tipoia e Jeremy me ajuda a tirá-la sem mexer muito o braço. É preciso de nós dois, mas conseguimos tirar a camisa e vestir minha camisa.

— Sabe, a enfermeira, Jessica, mencionou que você poderia se beneficiar conversando com alguém, como um terapeuta. — Jeremy menciona enquanto me ajuda a vestir minha camisa.

— Eu mal falo com você sobre isso. Acha mesmo que vou falar com um completo estranho? Um que meu pai pode pagar?

Balanço a cabeça e fico grato quando Jeremy muda de assunto.

Tê-lo abotoando é mais sexy do que deveria ser. A camisa de botão é mais fácil neste momento, mas me sinto uma ferramenta vestindo-a para o aeroporto.

— Por que está tão quente para vestir você? Não deveria ser o contrário? Jeremy sorri para mim.

— Estou me sentindo muito mimado agora.

Eu me levanto e começo a empurrar minhas calças, mas perco o equilíbrio e tropeço na mesa de cabeceira.

— Jesus, deixe-me ajudá-lo.— Jeremy me prende com um olhar duro e eu o deixo tirar o resto das minhas roupas, então uso seu ombro para me firmar enquanto eu coloco a cueca boxer limpa e o jeans. Ele se levanta enquanto puxa tudo para cima, enfiando meu pau meio duro na minha calcinha enquanto morde o lábio inferior.

— Tem certeza de que não posso chupar você? — Ele enfia minha camisa dentro da calça e a abotoa, fazendo questão de passar a palma da mão pelo meu pau enquanto encontra o zíper.

— Um dia desses...— Eu paro, mas Jeremy não está preocupado.

— Oh sim? — Ele levanta uma sobrancelha e agarra minha jaqueta.

Eu balanço minha cabeça para ele.

— Você adora ser maltratado.

Ele ri enquanto levanta a jaqueta sobre meus ombros e encontra a tipoia para o meu braço.

— Eu realmente gosto.

Uma vez que meus sapatos estão calçados e Jeremy termina de se vestir, vamos para os elevadores, onde alguns dos caras estão esperando. Honestamente, para um bando de jogadores de hóquei brutais, parecemos notavelmente normais em jeans e moletons.

Já que minha camisa não está engomada com um novo trabalho de passar, não posso deixar de esfregar minha mão na frente e abotoar minha jaqueta para cobrir o máximo que posso. O treinador não disse que há repórteres lá fora? Por que não passei minha camisa? Agora vou ficar desgrenhado em qualquer foto que eles postarem.

Nós nos aglomeramos no elevador, todos querendo ir embora, os caras ainda conversando ao nosso redor. Eu endireito meus ombros e espero contra a parede do fundo.

— Ei, cara, como você está se sentindo? — Mathews me pergunta.

— Estou bem. — Sei que ele está tentando formar algum tipo de relacionamento, uma amizade, mas não tenho capacidade mental para isso. Ele está perguntando sobre meu ombro ou sobre os segredos de família que foram espalhados pela internet? Eu não sei, não importa, e eu não me importo. Tudo o que quero agora é segurar Jeremy contra mim, mas há câmeras aqui. Não sei se quem assiste a essas fitas sabe quem somos, mas minha cara está

sendo espalhada por toda a internet. A última coisa de que preciso é que minha sexualidade venha à tona publicamente e complique ainda mais as coisas.

As portas do elevador se abrem e todos ficam em silêncio e congelam. Merda. Isso é provavelmente minha culpa.

— Todos para fora, vamos. — O treinador acena para que saiamos do espaço apertado e entremos no saguão. — Vamos ter que abrir caminho no meio da multidão para chegar ao ônibus. A equipe do hotel concordou em nos ajudar a formar uma barreira para colocar todos no ônibus, mas temos que agir rápido. — Ele respira fundo. — Este não é um jogo de hóquei e essas pessoas não são atletas, use o mínimo de força física possível para mantê-los fora do caminho, mas não os machuque se puder ser evitado.

A culpa come no meu estômago.

— Coloque a mão no ombro da pessoa à sua frente para não se separarem. O treinador assistente Scott nos diz. Formamos uma espécie de fila e Jeremy está atrás de mim. Os caras olham em volta e sem ninguém dizer uma palavra, eles formam uma linha de cada lado de mim, criando uma parede. Brendon e Paul de um lado, Willis e Carpenter do outro e Mathews na minha frente.

O que eles estão fazendo?

Não entendo.

— Nós protegemos você, amigo. — Brendon pisca para mim.

A mão de Jeremy pousa no meu ombro bom e ele me dá um aperto. Por que eles estão me protegendo? Estou causando mais merda para eles lidarem. Eles podem se machucar aqui tentando chegar à porra do ônibus.

— Somos uma equipe —, diz Carpenter. — Ninguém fode com você além de nós.

Antes que eu possa responder, a comissão técnica, junto com alguns funcionários uniformizados do hotel, se move para as portas, a equipe seguindo. O treinador sai, diz que ninguém fará declarações, então as portas se abrem e nós corremos para a multidão.

Quase trinta grandes jogadores de hóquei movendo-se rapidamente e com determinação para qualquer coisa farão as pessoas se moverem. A maioria dos repórteres sai do caminho antes de ser pisoteado.

— Preston, seu pai abusou de você?

— Preston, você tem alguma prova dessas alegações de abuso?

— Por que você esperou tanto tempo para sair contra seu pai?

Perguntas são lançadas para mim a torto e a direito e é tão difícil ignorá-las. Eu quero rasgar esses idiotas que não têm ideia de como é minha vida, esmurrar seus rostos até que eles entendam como meu mundo funciona. Mas eu não. A multidão nos força para mais perto, meus companheiros de equipe pressionados contra mim, fazendo-me sentir claustrofóbico e com coceira.

Vá para o ônibus. Vá para o ônibus. Vá para o ônibus.

Deixei meus companheiros me levarem em segurança até o ônibus, empurrando as pessoas para fora do caminho. Nós obstruímos as portas, apenas um de nós pode passar por vez. As pessoas diretamente na minha frente correm para o ônibus e para os assentos para sair do caminho enquanto abrem espaço para eu entrar. Alguém grita — Foda-se! — e acho que era Paul, mas não paro para olhar.

Consigo ficar na fileira de trás, deixando Jeremy entrar primeiro, depois sento e olho para a frente.

Foco.

Não os deixe ver as rachaduras ou confusão. Eles vão explorar qualquer fraqueza.

Jeremy desliza a mão na minha coxa e eu ignoro. Eu não posso quebrar agora.

— Precisamos ser extremamente cuidadosos agora. — Digo a Jeremy sem olhar para ele. — Se souberem que estamos juntos, os repórteres vão perseguir você também.

— Você acha que eu me importo? — Eu posso sentir o calor de seu olhar no lado do meu rosto.

— Eu faço. — Eu digo, olhando incisivamente para Jeremy. Ele apenas aperta minha coxa, mas não responde.

Todos entram no ônibus, nossas malas são carregadas e o motorista se afasta do meio-fio, mesmo quando os repórteres tentam se agarrar ao veículo. Alguns até entram em carros e nos perseguem pela cidade até o aeroporto. Excelente.

Durante todo o caminho, olho para a frente, ignorando tudo ao meu redor. O ônibus distribui informações de voo e passagens, lembrando-nos sobre o que podemos e o que não podemos levar em nossa bagagem de mão. Jeremy tem uma mochila onde enfiou algumas das minhas coisas, mas não é problema meu. No aeroporto, os caras mais uma vez formam uma barricada ao meu redor para manter todos, exceto Jeremy, afastados.

É ao mesmo tempo humilhante e confuso. Eles não têm nenhuma boa razão para isso. Eu não fui nada além de um idiota para todos.

Não tem nada a ver com você, eles estão protegendo Jeremy.

Isso faz sentido para mim. Eu mesma não posso protegê-lo agora, então agradeço que eles se preocupem o suficiente com ele para fazer algo.

Pegamos nossas malas e, como uma unidade, entramos para fazer o check-in. As pessoas se viram e olham fixamente, apontando e sussurrando, algumas pegando seus telefones e nos gravando.

Eu nunca vou entender as pessoas. Estamos verificando nossos voos. O que há de tão excitante nisso que você sente a necessidade de gravá-lo?

Todos nós fazemos o check-in, entregamos nossas malas para as pessoas no balcão e seguimos para a segurança para esperar na fila.

Estamos quase nos detectores de metal quando uma onda de repórteres corre e me vê.

— Ah, qual é, — eu bufo, virando as costas para eles e os ignorando.

— Preston, você tem algo a dizer sobre as acusações de agressão sexual que foram feitas contra seu pai esta manhã por um ex-paciente dele?

Um homem grita do outro lado do espaço, certificando-se de que ecoa o suficiente para que todos no aeroporto ouçam.

Agressão sexual? Isso é novidade para mim, mas acho que não é tão surpreendente. Não tenho tempo para pensar em tudo isso, só quero voltar para a escola e me esconder no meu dormitório, sozinho com Jeremy, e relaxar.

Minhas sobrancelhas se juntam e eu olho para Jeremy, que está olhando para mim tão confuso quanto. De que porra esse cara está falando? Ele está me provocando para obter uma resposta?

— Próximo! — O agente de segurança grita e eu dou um passo à frente com minha passagem e carteira de motorista.

— Negócios ou prazer? — O tom entediado quase me faz sorrir.

— Indo para casa.

Ele olha para a identidade com uma luz negra e carimba a passagem antes de devolvê-la para mim.

— Tenha um bom dia, — ele olha para Jeremy que está atrás de mim. — Próximo!

Eu me movo para os detectores de metal, e como meu braço está em uma tipoia, eles me afastam e me examinam. Jeremy precisa me ajudar a tirar a jaqueta, o que é meio humilhante em público.

O agente acena a varinha sobre mim, frente e verso, esfrega um pouco de merda de papel nas minhas mãos e enfia em uma máquina. Jeremy termina e espera comigo, alguns dos caras foram para o portão agora que não há repórteres, pois não podem passar pela segurança sem uma multa.

Estou ansioso para chegar ao portão e ver quais novas acusações foram lançadas contra meu pai. O agente me libera e Jeremy, Brendon, Paul, Carpenter, Willis e Mathews caminham comigo até nosso portão na outra extremidade da instalação. Durante nossa caminhada, pego meu telefone e procuro o nome do meu pai no Google. Imediatamente, há artigo após artigo da história nos principais veículos.

Sou tão pega de surpresa que paro de andar no meio do caminho, Jeremy corre para mim e eu estendo a mão para ele, agarrando um punhado de sua camisa.

— O que há de errado? — Brendon pergunta, mas me viro para olhar para Jeremy, meu peito apertado.

— Eu... — Eu quero dizer a ele, mas não consigo pronunciar as palavras. Eu não era sua única vítima? Que porra? Ele tem machucado as pessoas por anos.

Uma mulher se apresentou dizendo que foi abusada sexualmente durante uma consulta, outra diz que foi forçada a fazer uma cirurgia que não queria.

Há um artigo dizendo que alguns de seus colegas de trabalho anteriores o denunciaram ao administrador do hospital, mas foi varrido para debaixo do tapete.

Lágrimas brotam em meus olhos quando uma percepção me atinge. Um dos hospitais anteriores poderia ter impedido isso, poderia ter me salvado, mas eles escolheram dinheiro em vez de pessoas.

— Ei. — Jeremy examina a sala ao nosso redor. — O que foi?

Tudo o que posso fazer é mostrar a ele meu telefone enquanto o mundo desmorona ao meu redor. Minha mão ainda está segurando sua camisa, como se ele fosse correr e eu não pudesse deixá-lo.

— Você está bem? — Paul pergunta, mas eu não respondo. Não posso. Como devo processar isso? Fiquei nas mãos do meu pai por causa do *dinheiro.*

— Jesus, porra, Cristo, — Jeremy xinga baixinho e coloca meu telefone no bolso. Ele olha em volta novamente antes de entrar no meu espaço pessoal. Seu peito bate no meu, mas ele não me alcança. — Eu sei que você está prestes a desmoronar, mas você tem que aguentar por mais algumas horas. O que você precisa neste minuto?

Eu envolvo meu braço em torno dele e coloco minha testa em seu ombro. Jeremy envolve seus braços em volta de mim, cuidando do meu ombro machucado. Os caras fecham o círculo ao nosso redor, colocando os braços nos ombros uns dos outros para tentar bloquear a visão de qualquer um de nós.

— Eu tenho você —, Jeremy sussurra contra o lado da minha cabeça, beijando meu cabelo.

Eu quero quebrar. Meus joelhos quase se dobram porque dinheiro, poder e mentiras eram mais importantes do que meu sofrimento. Do que o sofrimento de seres humanos inocentes. Engulo as lágrimas que ameaçam me dominar,

empurrando-as para trás da parede atrás da qual vivi por anos, forçando a máscara de volta em meu rosto que é mais difícil de fazer hoje do que ontem e na semana passada. Jeremy rachou minhas paredes e usou os buracos para escalá-las. Minha outrora fortaleza impenetrável é mantida unida por cola e palitos de picolé. Um bom golpe e ele vai desmoronar ao meu redor, deixando-me vulnerável.

A mão de Jeremy desliza sob a borda da minha camisa até que sua palma descansa no meu estômago. O contato me ancora no aqui e agora, fazendo minha mente esquecer o passado e os e ses. Eu fecho meus olhos e me concentro no calor de sua pele na minha, nossa respiração se misturando, e aquele inebriante aroma amadeirado, esfumaçado e picante que ele usa. Com apenas algumas tragadas dele, minha frequência cardíaca cai e o colapso emocional iminente recua, mesmo que apenas por algumas horas.

Os sons de sacolas de rodinhas, pessoas conversando e os anúncios no interfone tornam-se claros e consigo ficar de pé sozinho. Eu rapidamente encontro os olhos de Jeremy e aceno, virando-me de volta, e sem dizer uma palavra, os caras também. Examino os rostos e vejo mais dos meus companheiros de equipe do que quando parei. Por que eles estão aqui?

— Você está bem, cara? — um dos recém-chegados pergunta, levantando o queixo para mim.

Com confusão ainda clara em meu rosto, eu dou a ele um aceno de cabeça e continuamos para o nosso portão. Há uma multidão de pessoas assistindo e sussurrando, mas eu não presto atenção nelas.

O portão não fica muito longe e a equipe bloqueou algumas fileiras de assentos, então Jeremy e eu estamos cercados por eles. Eu aprecio isso mais do que posso dizer a eles, mesmo sabendo que não é para mim. Sou grato por

eles se importarem o suficiente com Jeremy para se esforçarem para ajudá-lo, caso algo aconteça com ele. Ele está sempre comigo, então se eu for encurralado ou atacado, Jeremy também estará no meio. Não posso protegê-lo agora. Eu não posso me proteger.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
PRESTON

JEREMY MANTEVE MEU TELEFONE durante o voo, mas ele compartilhou um fone de ouvido comigo para que pudéssemos assistir a alguns episódios de THE *Boys* que ele baixou em seu telefone. Eu deito minha cabeça em seu ombro e ele coloca a mão na parte interna da minha coxa.

— Essa serie é uma merda, — murmuro.

Ele ri e aperta minha perna.

Embora eu normalmente odeie ficar confinado, me pego relaxando no assento da janela com meus companheiros de equipe ao meu redor. Ninguém disse nada sobre Jeremy e eu estarmos juntos, não há dúvidas sobre meu pai ou sobre as acusações de abuso. Estão curiosos, têm de estar, mas ninguém me disse nada.

— Alguém lhe perguntou sobre meu pai?

— Não. — Não há hesitação em sua resposta.

— Alguém te deu merda por ser gay?

— Não. — Mais uma vez, sem hesitação. Talvez eu devesse deixar alguns desses caras entrarem e realmente tentar ser amigo deles. Eu nunca tive amigos. Isso é deprimente, mas é a verdade. Jeremy é a primeira pessoa em quem confio desde que minha mãe morreu.

Eu levanto minha cabeça e beijo sua bochecha, ele sorri e olha para mim antes de voltar para o show. Uma notificação aparece de Lily no telefone de Jeremy que ele se afasta. Acho que ele está conectado ao Wi-Fi a bordo. Eu a

tenho evitado desde minha briga com ela na sexta à noite. Só mais uma coisa em que estou falhando. Ele é uma pessoa melhor do que eu.

Eu ligo para ela quando voltarmos.

Com a cabeça no ombro de Jeremy, adormeço, finalmente me sentindo segura o suficiente do mundo exterior para relaxar.

O capitão falando pelo interfone e Jeremy esfregando minha coxa me acordam algumas horas depois.

Pego sua mão para pará-la enquanto meu pau se anima. Ser fotografado andando pelo aeroporto de pau duro não está na lista de coisas que quero fazer hoje. Aterrissamos e taxiamos por um tempo antes de chegar ao nosso portão e, como estamos no meio do avião, demora um pouco para sair da aeronave. Meu corpo se contrai quando saio para o corredor e sigo em direção ao prédio. Haverá repórteres esperando do lado de fora do aeroporto? No campus? Eles vão começar a assediar meus companheiros de equipe e esperar na pista de gelo? Fora das minhas aulas? Os dormitórios?

— Respire, — Jeremy diz atrás de mim, sua mão deslizando pelas costas da minha camisa por um minuto, enquanto apenas o time está ao nosso redor.

Eu forço meus ombros para baixo e respiro fundo enquanto saímos do avião e seguimos o resto dos passageiros para a esteira de bagagens. Algumas pessoas apontam, olham e sussurram, mas eu as ignoro, protegida por meus companheiros de equipe. É mais do que mereço deles, mas aceito porque preciso. E por mais que eu odeie, eu preciso deles.

Quando atravessamos o aeroporto para a retirada de bagagem, nosso equipamento de hóquei já está sendo empilhado e os caras estão pegando suas malas pessoais para adicionar à pilha. Jeremy pega os nossos dois, mais alguns caras pegam os deles, e nós vamos para o ônibus que está esperando

por nós. Os caras ajudam a carregar o equipamento enquanto me dizem para ir sentar no ônibus para que ninguém tenha ideias. Eu odeio ser impotente, mas eu faço o que o treinador me disse para fazer e logo estaremos a caminho dos dormitórios. Não é uma viagem longa, mas fico olhando atrás de nós para ver se estamos sendo seguidos. Nada até agora.

Quando chegamos à escola, há vans de notícias e a segurança isolou as áreas. Meu estômago cai. Que porra é essa? Esses malditos bastardos sugadores de alma vão ser a minha morte. Eu não posso aceitar isso.

Paul se vira para me encarar.

— Um passo na frente do outro, ignore tudo o que eles dizem.

Descemos do ônibus e a multidão enlouquece, todos gritando e gritando uns com os outros, então não consigo entender nada disso, o que está bom para mim. Eu faço o meu melhor para ignorá-los e pego minha bolsa de Jeremy para levar para dentro. A segurança do campus faz um bom trabalho em manter os idiotas afastados para nos permitir entrar no prédio sem muito aborrecimento. Assim que entramos, solto um suspiro e Brendon está segurando o elevador para nós.

— Isso é uma merda louca, cara. — Brendon comenta. — É assim que vai ser se você jogar na NHL? Acho que não conseguiria lidar com isso.

— Eu tenho lidado com esse tipo de merda toda a minha vida, você aprende a ignorar a maior parte.

Memórias de depois que minha mãe morreu piscam em minha mente. Meus avós eram famosos porque eram ricos, o que significava que minha mãe também era conhecida. Papai jogou direto, usando a atenção para impulsionar sua carreira e angariar a simpatia das massas. *Veja como é difícil ser pai*

solteiro de dois filhos enquanto lida com essa terrível tragédia. Ele é uma inspiração.

Mal sabiam eles que eu estava sendo abusado, atormentado por ele, e minha irmã foi mandada embora assim que ele pôde. Ela foi criada em internatos.

Saímos do elevador, Paul e Brendon destrancando a porta e entrando, dando um aceno de cabeça quando passamos para o nosso quarto. Jeremy abre nossa porta e mal entro quando meu corpo cede. Eu largo minha bolsa e tropeço na minha cama.

— Colcha —, eu digo em meu travesseiro. Jeremy ri, mas tira a colcha da minha bolsa e a joga em mim. Eu puxo a colcha sobre minha cabeça e chuto meus sapatos sem me mover. Jeremy ri e desliza para debaixo da colcha comigo.

— Você quer falar sobre o que está acontecendo na sua cabeça? — ele sussurra no escuro do nosso espaço.

— Não —, eu suspiro. Rasgar as feridas é uma droga e estou cansado demais para isso. Eu rolo de costas e Jeremy joga uma perna sobre a minha enquanto desliza a mão sob minha camisa para esfregar contra a pele logo acima da minha calça. Meu pau acorda desta vez e minha cabeça está feliz pela distração.

É estranho não poder usar uma mão, mas consigo segurar seu rosto e trazer seus lábios nos meus enquanto ele abre minha calça e enfia a mão dentro para me acariciar preguiçosamente.

Eu gemo em seu beijo, minha língua empurrando contra a dele no mesmo ritmo de sua mão no meu pau.

Ele cavalga minha coxa, seu próprio pau duro em seu jeans.

— Monte-me, — eu exijo contra seus lábios. Jeremy desliza sobre meus quadris, sua bunda se arrastando contra meu pau no ritmo mais delicioso. Eu coloco a mão sob sua camisa e cravo minhas unhas em sua pele, deixando raivosos arranhões vermelhos em seu peito. Ele geme e se inclina para me beijar, mas meu telefone toca e nós dois congelamos.

Eu instantaneamente reconheço o som irritante do toque como o toque do meu pai.

— Levante-se, baby, deixe-me responder isso. — Dou um tapinha em sua coxa e ele suspira, mas sai de cima de mim. Saindo da cama, encontro meu telefone na mesa de cabeceira e me preparo para lidar com meu pai.

Pela primeira vez em toda a minha vida, não tenho tanto medo dele. Lily está protegida e suas verdades horríveis estão sendo expostas ao mundo.

No segundo em que aperto o botão de aceitar na chamada, a voz do meu pai preenche a linha.

— Como você ousa! Você arruinou tudo. Sua mãe ficaria horrorizada com o que você fez! O puro ódio em sua voz me deixa triste por ele e isso deve ser o primeiro. — Pense em como isso vai afetar sua irmã!

— Minha irmã está protegida e ficará bem. Ela está furiosa com você e te odeia pelo que você fez.

Eu retruco. Levantando-me da cama, ando de um lado para o outro enquanto me preparo para uma raiva fervente. Pela primeira vez na minha vida, eu deixei ele fazer isso.

— Eu também te odeio. Espero que você morra sozinho e falido, seu nome manchado e sua licença médica tirada.

Meu corpo está vibrando com minha inocência perdida, fúria no hospital por deixá-lo continuar a abusar das pessoas e a injustiça de perder minha mãe

tão jovem. Ele roubou minha infância e a manchou com dor e crueldade, fazendo-a passar por uma tentativa de me tornar melhor.

— Você nunca mais verá nenhum de nós.

Jeremy vem por trás de mim e envolve seus braços em volta de mim, entrelaçando seus dedos com os meus e pressionando seu rosto nas minhas costas enquanto eu tremo.

— Você tentou me quebrar, me tornar dependente de você, mas você falhou.

— Encontrei um homem que me ama apesar das mentiras que você me fez acreditar e uma família que me aceita e não usa a dor e o medo para manter ninguém na linha. Você é tão inútil quanto seu próprio pai. A única diferença é que seu vício é o poder em vez do álcool.

A respiração irregular de meu pai preenche a linha.

— Como você pode? Você feriu pacientes inocentes. Quantas mulheres você agrediu?

Eu exijo. Uma porta se fecha ao fundo da chamada, pés batendo contra o concreto, depois o ranger das dobradiças.

— A única de quem me arrependo foi sua mãe. Eu nunca quis filhos e ela me deixou com dois. Eu nunca quis nenhum de vocês. Você tem sido uma desgraça total a sua vida inteira. Você nunca foi nada além de um fardo, precisando de orientação e correção constantes. Cada cicatriz que você ganhou é sua culpa. — Está ventando onde quer que ele esteja e é difícil ouvi-lo. — Você realmente não vale nada, Charles. Você sempre foi. Isso também é sua culpa.

Há um barulho, como se ele tivesse deixado cair o telefone, então um grito à distância antes de parar de repente. O que diabos acabou de acontecer?

— Olá? — Minha pele fica fria e meu peito aperta como se alguém estivesse sentado em minhas costelas. Tento desesperadamente ligar os pontos, descobrir o que está acontecendo, mas minha mente está em branco. Tudo o que posso fazer é ficar aqui e ouvir, para apurar meus ouvidos para qualquer pista sobre o que está acontecendo.

Ele fez.

Fez.

Ele acabou de pular do prédio?

— Preston? — Jeremy chama meu nome, mas estou lutando para ouvir o pouco que posso ouvir pelo telefone. Tudo o que posso ouvir é o vento. — Preston, respire.

Eu pisco, girando para olhar para ele, mal respirando. Suas sobrancelhas estão juntas sobre os olhos, preocupação escrita em todos os ângulos de seu rosto.

Finalmente, há uma sirene fraca ao fundo.

— E... — Eu engulo e tento novamente. — Acho que ele está morto.

O rosto de Jeremy empalidece enquanto continuo parado ali, segurando meu telefone no ouvido, o barulho das sirenes ficando mais alto em meu ouvido.

— O que eu faço? Não sei o que fazer.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
PRESTON

DEPOIS DE LIGAR PARA O 9-1-1 E PRESTAR depoimento à polícia, verificou-se que meu pai pulou do telhado de seu prédio e está morto. Eles encontraram seu telefone na borda acima de onde ele caiu.

Jeremy ficou grudado ao meu lado como cola enquanto eu ligava para o treinador, mandava uma mensagem de texto para o guarda-costas de Lily, ligava para a escola dela e agora estou olhando para o meu telefone sem querer ligar para minha irmã.

— Você quer que eu ligue para ela? — Jeremy oferece com a mão na minha perna.

Balanço a cabeça, olhando para as informações de contato dela no meu telefone.

— Não, eu deveria fazer isso.

O mais difícil é não saber sentir. Parte de mim está aliviado por ele ter ido embora. Ele não pode mais me tocar. Eu estou livre. Mas meu pai está morto. Minha irmã e eu agora somos órfãos. Somos nossa única família.

Respirando fundo, eu ligo e espero ela atender.

— Ei, o que há de errado? Por que está me ligando? — Ela está imediatamente no limite.

— Lily, você está no seu quarto? Tem alguém com você? Não a quero sozinha quando lhe contar.

— Você está me assustando, Preston. O que há de errado? — Seu tom sobe uma oitava.

— Papai está morto. — As palavras soam vazias na minha cabeça, embora eu já as tenha dito algumas vezes, elas não parecem reais. Parece um truque, como um jogo que ele está tentando jogar para me pegar fazendo algo errado para poder me punir. A cicatriz mais recente que ele me deu formiga, então eu a esfrego.

— Lily? Você ainda está aí? — Eu puxo o telefone do meu ouvido para ver se a chamada ainda está conectada.

— Hum. Sim. — Ela suga uma respiração. — Ainda estou aqui. — Ao expirar, sua respiração treme e eu odeio não poder estar com ela. Assim que ela se formar, vou movê-la para onde quer que eu esteja. Não aguento mais essa merda. Precisamos ficar juntos.

— Sabe o que aconteceu? — Sua voz é pequena, como uma criança, e dói no meu peito.

Minha garganta queima com lágrimas não derramadas que eu realmente não entendo. Não estou triste por ele estar morto, mas dói contar a ela.

— Ele, uh, pulou de seu prédio. — Ela vai ver a história no noticiário de qualquer maneira, não adianta mentir para ela. — Eu estava no telefone com ele quando ele pulou.

Ela engasga, prendendo a respiração por um minuto.

— O que? Por que ele faria isso?

Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto, mas não me preocupo em enxugá-las.

— Ele era um homem quebrado e no fim de sua corda. — Eu o empurrei sobre a borda. Essa é uma culpa que carregarei pelo resto da minha vida. — Não sei se você está acompanhando as notícias, mas muitas pessoas estão apresentando histórias sobre ele.

— Já vi alguns, mas não sei no que acreditar, sabe? Quanto vale a verdade e quanto a mídia está pegando uma história e girando, sabe? — Ela não quer acreditar que seu pai era uma pessoa má. Eu gostaria de poder protegê-la da verdade desta vez, mas não posso. — Você vai me dizer a verdade?

Eu fecho meus olhos e meu lábio treme. Meus ombros desabam e minha cabeça cai para a frente. O peso do que ela está me pedindo é maior do que eu esperava. Logicamente, sei que não devo ter vergonha, sou a vítima e não tenho culpa, mas as palavras que ele me fez acreditar me dizem o contrário. Se eu apenas tivesse escutado, me comportado, sido bom, ele não teria que me machucar.

— Ele me cortou, Lil. — Dói dizer as palavras em voz alta. — Eu tinha uns dez anos quando começou. Ele me drogou no começo, foi bem na hora que a mamãe morreu. A última foi antes do Dia de Ação de Graças.

Lily soluça, angustiante, soluços de partir a alma e não há nada que eu possa fazer. Mesmo se eu estivesse com ela, não saberia como confortá-la. Não consigo fazer isso há anos.

Jeremy chega atrás de mim e puxa a colcha sobre meus ombros como uma capa, certificando-se de que estou coberta com a prova física de que sua família se preocupa comigo.

— Por que você nunca me contou?

Esfrego a mão no rosto.

— O que eu deveria dizer? Eu deixei nosso pai me assustar para que ele te deixasse em paz? Que quando você ia para a escola todos os anos, eu ficava grato por não ter que me preocupar com você se machucar?

Ela chora ao telefone e é uma facada no meu coração.

— Tudo que eu sempre quis foi que você tivesse uma vida boa. — Minha voz falha e Jeremy desliza a mão sob minha camisa, sua bochecha contra minhas costas. Ele me cerca, me fundamenta, me traz paz.

— Eu quero estar perto de você. Você é meu irmão mais velho e tudo o que me resta.

Suas palavras são sufocadas, mas fortes.

— Você entendeu, uma vez que você se formar, nós vamos mudar você para cá. Talvez possamos conseguir um apartamento ou algo assim juntos.

O alívio é um cobertor quente em volta do meu coração, juntando alguns dos buracos da minha alma.

O telefone de Jeremy começa a tocar.

— Merda, desculpe —, ele murmura e desliza para fora da colcha e sai para o corredor.

A porta se fecha atrás dele, mas ainda posso senti-lo comigo. Pela primeira vez na vida, tenho esperança. Estou ansioso pelo futuro.

— Não quero mais jogar hóquei. — Eu deixo escapar, pegando-me de surpresa.

— O que? Por que não? — Eu oficialmente atrapalhei esta conversa, mas Lily está rolando com ela.

— Papai é quem me empurrou para jogar. Eu não gosto disso. Sou bom nisso, mas não quero jogar profissionalmente —. Eu balanço minha cabeça para limpá-la. — Não sei o que vou fazer. Jeremy quer treinar, então acho que vou segui-lo onde quer que ele vá. Eu dou de ombros.

— Bem, você é rico, então pode fazer o que quiser, idiota. — Lily zomba, mas ela está certa. Mamãe e seus pais nos deixaram uma tonelada de dinheiro.

Mesmo que nosso pai não nos deixasse nada, nunca teríamos que trabalhar e poderíamos viver mais do que confortavelmente com nossas heranças.

— Por que você não abre uma coisa de hóquei e contrata Jeremy para treinar?

— Não é uma má ideia…

Conversamos por mais alguns minutos antes de desligarmos. Haverá muita merda com a qual teremos que lidar nas próximas semanas, como a propriedade de nosso pai, mas isso não é para hoje. Coloco meu celular no carregador e vou até a porta.

— Não, você não está vindo aqui agora. — Jeremy está dizendo para quem está ao telefone. Provavelmente sua mãe. — Não há nada para você fazer agora. Não, você pode sair mais tarde se quiser, mas não agora.

Ele está andando pelo corredor e não me viu. Eu me inclino no batente da porta e o observo. Eu amo-o.

— Quero dizer, se a vovó quiser mandar uma colcha maior, não vou discutir. Preston é um porco cobertor. Eu bufo e ele balança a cabeça para encontrar meus olhos, um pequeno sorriso brincando em seus lábios.

Ele não está errado. Eu sou. Ele murmura *eu te amo e* depois volta para o telefonema. Eu volto para a pequena cama que compartilhamos e me deito com a colcha puxada sobre mim para esperar por ele. Talvez a vida nem sempre seja uma droga e eu não esteja destinado a ficar sozinho.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

DUAS SEMANAS DEPOIS

JEREMY

EU ACORDEI DEVAGAR, UM corpo quente e musculoso pressionado nas minhas costas e um pau duro esfregando na minha bunda. A bochecha espinhosa de Preston se arrasta contra a pele nua do meu ombro enquanto ele abre caminho na curva do meu pescoço para chupar e morder minha pele. Eu gemo, longo e alto, quando seus dentes afundam em minha carne, meu pau doendo por atenção.

Alcançando atrás de mim, eu pego um punhado de seu cabelo e o seguro contra mim.

— Porra. — Minha voz está rouca de sono.

— Esse é o plano —, diz Preston contra o meu pescoço. Ele nos rola até que meu estômago esteja plano na cama e ele puxa minha calça e cueca boxer para baixo, passando pela minha bunda. Seu pau quente desliza contra a minha fenda e eu arqueio o máximo que posso com ele sentado em minhas coxas.

Ele dá um tapa na nádega com um estalo forte.

— Fique quieto, porra.

Oh, ele acordou e escolheu a violência hoje.

Meu pau lateja com a perspectiva, uma gota de pré-sêmen derramando contra os lençóis.

Preston estende a mão para pegar o lubrificante da mesa de cabeceira e eu me estico na cama, alcançando a cabeceira. Eu sei que esta manhã não vai ficar

muito louco, já que ele ainda precisa ter cuidado com o ombro, mas ele está trabalhando com os treinadores e está fazendo um grande progresso.

Ele se move para baixo do meu corpo, mordendo a parte inferior das minhas costas e nádegas enquanto seu dedo escorregadio empurra dentro de mim. Amo quando ele deixa marcas no meu corpo. A prova física de sua reivindicação sobre mim é a coisa mais quente do caralho. Além disso, sempre que um ponto sensível é atingido, sou lembrado de como ele chegou lá.

Um dedo rapidamente se torna dois e ele está acariciando dentro de mim em um movimento de gozar até encontrar minha próstata, enviando faíscas de prazer para explodir atrás dos meus olhos.

— Oh, foda-se —, eu gemo na cama. — Eu vou vir. — Eu esfrego meu pau no colchão, desesperado pela fricção, mas Preston rosna com minha pele ainda em sua boca, então eu paro com um gemido.

— Por favor—, eu lamento. — Eu quero ir.

— Não. — Não há como discutir com esse tom. Aperto todos os músculos que posso para impedir minha liberação. — Bom menino.

Preston lambe meu saco e chupa a pele solta.

Meu gemido de frustração quando ele começa com a porra dos dedos novamente o faz rir. O bastardo realmente escolheu a violência hoje. Ele me dá mais alguns movimentos de seus dedos, em seguida, sai de mim e puxa minhas roupas o resto do caminho, tirando a dele também antes de subir de volta na cama.

— Bom. — Ele bate na minha bunda de novo, forte o suficiente para deixar a porra de uma marca de mão, minha pele esquentando.

Eu fico de joelhos, mantendo meu peito na cama, as pernas bem abertas.

Preston rosna, lambendo seu pau com lubrificante e arrastando a cabeça de seu pau sobre meu buraco para encontrar o ângulo certo. Ele inclina uma mão entre minhas omoplatas e afunda em mim em um impulso. Nós gememos em uníssono. É bom demais estar cheia dele quando meu corpo ainda está quente e relaxado do sono. Meu pau chora e eu estendo a mão para trás para me acariciar.

Ele estabelece um ritmo forte, rápido e profundo e eu já estou sensível por ter sido derrotada, mas eu desejo isso. Eu desejo tudo o que ele faz para mim. Ninguém jamais tocou meu corpo com tanta confiança e facilidade como ele. É inebriante.

Preston agarra meus quadris, puxando-me para obter um ângulo mais profundo e encaixando seu corpo contra o meu para fazer os sons mais vulgares.

— Por favor, — eu imploro, precisando gozar.

— Acima. — Ele dá um tapa na minha outra nádega e eu levanto em minhas mãos. Usando seu braço bom, Preston o envolve em volta do meu peito e me puxa para ajoelhar, minhas costas arqueando para mantê-lo dentro de mim, mas dando-lhe acesso fácil ao meu pescoço e ombros.

Ele morde e chupa chupões na minha pele, cravando as unhas em mim com força suficiente para deixar arranhões vermelhos no meu peito. Meu pau lateja e minha bunda aperta em torno dele. Ele geme, seus lábios ainda pressionados firmemente contra a minha pele, provocando arrepios e endurecendo meus mamilos.

Minha mão trabalha meu pau mais rápido, meu orgasmo crescendo rapidamente.

— Venha, me aperte. Me leve com você. — As palavras roucas de Preston em meu ouvido me levam ao limite e deixo meu orgasmo me ultrapassar, derramando esperma nos lençóis. Tudo ao meu redor desaparece quando estou perdido para ele.

Ele me morde novamente, afundando seus dentes em meu pescoço perto da minha orelha, rosnando enquanto ele se derrama profundamente dentro de mim. Ofegante e fraco, ele se inclina pesadamente contra mim e nós caímos na cama suados.

— Acho que você redefiniu meu cérebro de fábrica, — eu ofego, deixando cair um braço sobre meus olhos.

Ele ri.

— É uma boa maneira de começar o dia. — Ele me beija, chupando meu lábio inferior, depois rasteja sobre mim para se vestir.

— O que está na agenda hoje? — Sento-me, tocando as marcas de dentes na minha pele com as pontas dos dedos.

— Eu tenho que me encontrar com o advogado do meu pai para assinar algumas merdas e pegar Lily no aeroporto.

Ele veste uma camiseta limpa e procura um jeans. Uma vez que ele está vestido, ele encontra um dos meus moletons e o veste. É um pouco apertado nele, mas adoro vê-lo nas minhas roupas.

Ele dá um beijo rápido em meus lábios e pega suas coisas, então sai. Tem sido algumas semanas difíceis para ele e Lily, mas estou começando a ver felicidade nele. Seu pai não deixou nada para ele e sua irmã e, aparentemente, não pagou impostos, então ele deve uma tonelada de dinheiro ao IRS. A única coisa que ele podia levar da cobertura de seu pai eram álbuns de fotos. Felizmente, havia alguns em seu cofre, então ele tem algumas fotos de sua mãe

e avós. Sem mencionar os repórteres e merdas que ainda o seguem, estações de notícias querendo entrevistá-lo e tentando se manter em dia com as aulas e treinamentos.

A equipe tem sido incrível em ajudá-lo a entrar e sair do rinque e do nosso dormitório quando uma multidão se reúne, e a segurança do campus está cansada de lidar com isso, então eles estão abrindo processos de assédio contra as pessoas. Está finalmente começando a diminuir.

Encontro minha calcinha e a visto para ir ao banheiro. No espelho, paro para olhar as marcas mais recentes em meu corpo. O que está embaixo da minha orelha é bem intenso. É o lugar favorito dele para me morder. Eu faço uma limpeza rápida e corro para o quarto de Brendon e Paul.

Bato na porta, abro e entro, ainda de cueca porque foda-se. Brendon olha de seu computador para mim com uma sobrancelha levantada.

— Estamos tendo um dia sem calças? Porque eu estou a fim disso.

— Não, eu preciso que você rastreie esta marca de mordida. — Ele dá de ombros, sem fazer perguntas, e se levanta. Encontramos uma caneta esferográfica na mesa de Paul e Brendon move minha cabeça para obter um bom ângulo.

— Tipo, os dentes individuais ou o círculo que ele faz?

— Cada dente. — Estou sorrindo como um idiota, mas Brendon não percebe ou não se importa. A porta do banheiro se abre e Paul sai de cueca boxer.

— Agora me sinto estranho por ser o único com calças. — Brendon reclama da tampa da caneta na boca.

Paul parece confuso, o que é justo.

— Por que você não está de calça?

— Eu precisava de alguém para rastrear isso e não queria esperar muito tempo. — Porque isso é totalmente normal né?

— E por que Brendon está desenhando em seu pescoço? — Paul cruza os braços sobre o peito e inclina a cabeça.

— Vou tatuar. — Eu rio da expressão estupefata no rosto de Paul.

— Foda-se sim! — Brendon grita. — Isso soa como uma ideia terrível e estou cem por cento a bordo para isso. — Ele tampa a caneta e bate no meu ombro. — Mas você deveria colocar as calças.

— Espere. — Paul se aproxima de nós, erguendo as mãos. — Por que você vai tatuar o que quer que seja no seu pescoço?

— São os dentes de Preston. — Eu dou de ombros. — Para mostrar a ele que estou nesse relacionamento, o tempo todo.

— Vocês dois estão compartilhando um cérebro agora? — Paul olha entre mim e Brendon. — Você poderia apenas, eu não sei, dizer isso a ele?

Brendon e eu olhamos um para o outro e balançamos a cabeça.

— Nah, isso é melhor.

— Vocês são idiotas. — Paul bufa. — Você já tem um compromisso ou o quê?

— Não, achei que poderíamos encontrar um lugar e fazer isso. — Eu dou de ombros novamente. — Não deve demorar tanto. — Eu me movo para a porta. — Eu vou me vestir.

— Eu obviamente estou dirigindo. — Paul abre sua cômoda e começa a procurar roupas. — Quero deixar registrado que esta é uma ideia estúpida e não vou assumir nenhuma responsabilidade.

— Devidamente anotado e ignorado. — Brendon bate no ombro dele e eu saio para me vestir. Em questão de minutos, estamos entrando no carro de

Paul e pesquisando lojas de tatuagem no Google. Há um a apenas alguns quilômetros de University Neighborhood, onde ficam as faculdades em Denver, então vamos para lá.

— Eu quero uma tatuagem no pescoço —, diz Brendon do banco da frente. — Você vai me morder para que eu possa igualar Jeremy?

Ele olha para Paul, que está começando a corar. Ele está tão mal, mal posso esperar para ver como tudo se desenrola. Brendon está alheio.

— O que? Você quer que eu te morda?

Paul gagueja quando entramos no estacionamento.

— Bem, quero dizer, se Jeremy fizesse isso e Preston descobrisse, ele mataria nós dois. Então, se você fizer isso, estará salvando nossas vidas.

Eu bufo, mas sua lógica é sólida. Espere. Isso é assustador. Desde quando Brendon faz sentido?

— Ok, eu vou entrar, — eu anuncio e saio do carro. Paul e Brendon seguem, mas Brendon está implorando a Paul para mordê-lo e Paul está tentando se segurar forte. Ele vai desistir, porém, Paul quer tocar Brendon. Está claro como o dia.

O local tem piso de ladrilho xadrez preto e branco, paredes cinza claro com obras de arte por todo o ambiente e iluminação muito forte. Há uma mesa e cadeiras dispostas ao redor da sala e o que parece ser uma divisória vermelha na parte de trás, caso alguém precise de privacidade.

Uma mulher fortemente tatuada e cheia de piercings com longos cabelos verdes sorri para mim.

— Bom dia, o que o traz aqui?

— Ei, eu quero tatuar isso. — Eu viro minha cabeça e mostro a ela o contorno que Brendon desenhou.

Ela franze os lábios e levanta uma sobrancelha.

— Tudo bem, você está querendo pegar isso hoje?

— Sim, senhora.

Ela se vira para os livros de horários à sua frente e me diz para sentar, preencher alguns papéis e levará alguns minutos.

Brendon caminha até ela, tentando flertar com ela enquanto ela não está totalmente interessada, e Paul fica de mau humor. Eles vão ser uma bagunça de assistir e eu honestamente mal posso esperar por isso.

Um homem baixo e magro com longos cabelos castanhos puxados para trás em um rabo de cavalo e tatuagens de manga comprida me chama de volta e eu vou, ainda balançando a cabeça para Brendon e Paul.

— Ei, eu sou o Dan. — Ele aperta minha mão e diz para eu me sentar. Ele passa por cima de um banquinho e se senta, olhando para o meu pescoço com um sorriso malicioso. — Isso é uma marca de mordida?

— Sim, do meu namorado.

Ele concorda.

— Você tem alguma outra tinta? Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Este será o primeiro, talvez o único. — Eu dou de ombros timidamente. — E alguns meses.

Ele olha para mim, cético, como se esta fosse uma decisão terrível.

— Você sabe...

— Sei que parece loucura e provavelmente é uma péssima ideia, mas quero fazer mesmo assim.

— Tudo bem, cara. — Ele levanta as mãos em sinal de rendição e instala sua estação. Ele coloca as luvas, derrama a tinta, estala o elástico da pistola de tatuagem algumas vezes e limpa meu pescoço. — Esta pronto?

— Sim. — Eu me inclino contra o encosto da cadeira e ele começa, o arrasto da agulha queimando minha pele, mas a dor não é tão forte. Acho que não há muitos nervos ali, mas meus dentes vibram, o que parece extremamente estranho. Leva um total de cerca de dez minutos e ele está pronto. Limpando com algum tipo de produto de limpeza em uma toalha de papel.

Paul e Brendon aparecem quando estou terminando, Brendon parecendo triunfante enquanto Paul parece estar tentando esconder uma ereção. Tenho certeza que ele é.

Não consigo esconder meu sorriso ao olhar para eles.

— Eu a seguir! — Brendon cai na cadeira que acabei de deixar e Dan levanta uma sobrancelha para ele.

— Está bem então. — Ele higieniza tudo e se arruma de novo. — Não sei quem te mordeu, mas eles precisam fazer de novo, isso passou muito rápido. A menos que você queira que eu apenas improvise.

— Não! — Paul estala, em seguida, fica vermelho brilhante quando todos olhamos para ele.

Ando até o espelho para inspecionar a tinta na minha pele. Preston vai adorar isso ou me matar. Possivelmente ambos. O contorno fino da impressão de seus dentes na minha pele me traz uma estranha sensação de conforto. Eu adoro isso.

No espelho, observo Paul se inclinar sobre Brendon e morder seu pescoço. Brendon se mexe desconfortavelmente no assento, seu rosto ficando vermelho brilhante enquanto ele tenta cobrir uma óbvia ereção, e Dan, o tatuador, suspira. Eu só posso imaginar a merda estranha que ele vê aqui.

Paul dá um passo para trás e se acomoda discretamente, encostando-se na parede para assistir com os braços cruzados sobre o peito.

Eu pago a senhora na frente e quando ela termina de me contar sobre os cuidados posteriores, Brendon vem andando, parecendo presunçoso. Ele a paga e ela conta o mesmo discurso.

— Estou com fome, vamos almoçar.

Pego meu telefone e abro o fio de mensagem de Preston.

Albrooke: Eu tenho uma surpresa para você mais tarde.

Carmichael: Eu também

Albrooke: Ah é? Diga-me.

Carmichael: Se eu te disser, não é uma surpresa agora, é?

Albrooke: Estraga prazeres.

Nós três brincamos por um tempo, almoçamos e encontramos um fliperama para perder tempo antes de voltar para os dormitórios. Há alguns idiotas com câmeras parados, mas eles não nos incomodam quando entramos no prédio.

— Cara, estou pronto para uma soneca. — Brendon boceja e se espreguiça.

Paul murmura algo sobre ser fodido e eu rio. O elevador se abre em nosso andar e seguimos pelo corredor, Brendon e Paul me seguindo.

— Uh, o que você está fazendo? — Eu paro na minha porta e me viro para olhar para eles.

— Filmes e cochilos, — Brendon diz como se a resposta fosse óbvia.

— Eu não vou morrer hoje. — Paul se afasta com as mãos levantadas.

Abro a porta e paro no meio do caminho quando vejo minha mãe e minha avó sentadas na minha cama, o telefone da minha mãe levantado como se ela estivesse gravando.

— O que você está fazendo aqui?

— Sra. Albrooke!

Brendon grita atrás de mim, me empurrando para fora do caminho para abraçar minha mãe.

— Belos chupões! — Eu ouço minha irmã gritar, então ela deve estar no telefone. Excelente.

— Como você chegou aqui? — Pergunto a vovó quando estendo a mão para lhe dar um abraço.

— Oh meu Deus, o que tem no seu pescoço? — O grito de Stacy pelo telefone fez mamãe e vovó olharem para mim, puxando meu rosto para o lado para dar uma boa olhada no meu pescoço. Já se passaram algumas horas, então o filme plástico foi removido da nova tinta.

— Foda-se —, murmuro quando Stacy e meus irmãos começam a rir. Bom saber que eles também estão aqui para isso. Idiotas.

— Que diabos é isso, Jeremy?! — Mamãe exige.

— São os dentes de Preston, — Brendon diz a ela. — Olha, eu também tenho um! — Ele vira a cabeça para mostrar a ela e ela olha para ele.

— Por que Preston te mordeu? Oh não, vocês não estão fazendo orgias ou algo assim, estão?

O rosto da minha mãe cai como se ela estivesse com dor física.

Paul cai na gargalhada, Brendon começa a sorrir como um maluco, e eu juro que o sangue foi drenado do meu rosto.

— Orgias? Que porra mãe?

— Não xingue sua mãe —, papai diz pelo telefone.

— Por que você tatuaria isso na pele? — Mamãe fica horrorizada, mas Stacy, Jordan e Keith estão todos gritando para dar uma olhada melhor quando a porta se abre. Preston e Lily entram, o sorriso caindo de seu rosto com o caos.

— Você sabia que eles estavam vindo? — Eu exijo, olhando com os olhos arregalados para o meu namorado.

— Claro, fiz planos para que eles estivessem aqui para conhecer Lily. — Ele está confuso e eu estou perdendo o juízo.

Vovó se aproxima e lhe dá um abraço, seu sorriso suavizando quando ele olha para ela e cuidadosamente envolve seus braços em volta dela.

— Sra. Albrooke, você pode fazer salada de taco?

Brendon implora, mostrando o lábio inferior e tudo.

— Você está fazendo sexo com Preston também? — ela pergunta a Brendon, que empalidece quando olha para Preston.

— Absolutamente não! — Brendon quase grita.

— Que diabos de pergunta é essa? — Preston pergunta, claramente confuso.

— Ambos têm suas marcas de dentes tatuadas em seus pescoços! O que devemos pensar? — Mamãe quase grita, exausta.

— Com licença? — Preston agarra meu queixo e puxa meu rosto para um lado e depois para o outro. — Que diabo é isso? — ele exige.

— Eu fiz uma tatuagem com as marcas dos seus dentes. — Meu rosto está pegando fogo. — Olha, parecia muito mais romântico na minha cabeça e não envolvia minha mãe estar aqui quando você descobriu!

Ele pisca para mim e começa a rir.

— Você é Insano.

— Eu acho que você quis dizer, um idiota, — Paul entra na conversa.

— O que diabos está no pescoço de Brendon, então? — Preston aponta para meu amigo de rosto muito vermelho. — É melhor que não sejam meus ou os dentes de Jeremy.

Paul dá um passo na frente de Brendon.

— Eles são meus.

— Sim, ninguém tocou no seu filho da puta —, diz Brendon revirando os olhos.

— Como você o chamou? — Vovó pergunta.

— Oh, pelo amor de Cristo. — Esfrego os olhos e belisco a ponta do nariz.

— Olá, — Lily se aproxima e oferece a mão para mamãe. — Sou Lily, irmã de Preston.

— Prazer em conhecê-lo.— Mamãe a envolve em um abraço, então vovó também.

— Eu tenho uma colcha para você também. — Ela dá um tapinha na bochecha de Lily.

— Oh, isso é tão legal da sua parte, muito obrigada. — Ela dá outro abraço na vovó.

— Foda-se, — Preston murmura e pega minhas mãos nas dele, forçando-me a voltar para ele. — Jeremy, eu te amo mais do que jamais pensei ser possível. Minha vida não está completa sem você, *não* estou completo sem você. — Ele cai de joelhos e meus olhos saltam da minha maldita cabeça. — Você quer se casar comigo?

— Cara! — Brendon grita enquanto eu olho para o meu namorado, com os olhos arregalados e sem palavras. Ele está segurando uma faixa cinza que parece ser martelada, então não é perfeitamente lisa.

— Essas bandas não são perfeitas. Como nós, eles foram atingidos e amassados, mas as falhas no metal os tornam únicos e fortes.

Minha garganta se fecha de emoção e estou tão emocionado com a intensidade desse momento que não consigo falar. Tudo o que posso fazer é acenar com a cabeça e estender a mão para ele, envolvendo meus braços em

volta de seu pescoço e batendo seus lábios contra os meus enquanto caio de joelhos na frente dele.

— Isso é um sim? — Ele pergunta com seus lábios contra os meus enquanto um nó obstrui minha garganta, muito emocionado neste momento para fazer qualquer outra coisa. Eu o abraço e enterro meu rosto na curva de seu pescoço.

— Sim —, eu sou capaz de resmungar. — Eu te amo tanto pra caralho.

Os braços de Preston apertam ao meu redor, me segurando como eu fiz para ele tantas vezes.

— Quero abrir um acampamento de hóquei para crianças carentes—, diz Preston rapidamente. — Venha treinador para mim.

— Você pode parar de ser tão perfeito por cinco segundos? — Eu me afasto o suficiente para olhar para ele.

— Estou longe de ser perfeito. A vida comigo não será fácil, mas juro que vou te amar pelo resto da minha vida.

Há fungadas atrás de mim, mas não me viro para olhar, não importa tanto quanto este momento. Nada nunca vai importar tanto quanto este homem neste momento.

— É claro que vou me casar com você, brigar com você, amá-lo e construir uma vida com você. Você nunca vai se livrar de mim.

Todos atrás de mim aplaudem e nos cercam, envolvendo-nos em abraços e amor.

— Você faz parte da família Albrooke agora e nós nunca vamos deixar você ir, — mamãe diz, beijando sua bochecha.

— Vou usar o seu nome quando nos casarmos, — Preston diz com a maior seriedade, deslizando o anel no meu dedo. — Eu não quero mais ser um Carmichael. Faça de mim um Albrooke.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE
PRESTON

ESTOU SENTADO EM UMA SALA DE espera, esperando que um terapeuta, psicólogo ou conselheiro, seja lá o que for, me ligue de volta. Eu não quero estar aqui. Como deixei a avó de Jeremy me convencer disso?

Meu pé está saltando como um louco e não consigo parar.

Jeremy estende a mão e desliza sua mão na minha.

— Respire fundo.

Meu maxilar fica tenso enquanto olho para o balcão da recepção, sem realmente vê-lo.

— Eu não quero estar aqui, — eu forço meus dentes. — Eu mal consigo falar com você, você realmente acha que vou ter sucesso conversando com um estranho?

— Preston? — Uma mulher com cabelos cacheados ruivos brilhantes e um sorriso reconfortante faz contato visual comigo. Eu me levanto, engolindo em seco após o nó na garganta. A mão de Jeremy ainda está na minha quando dou um passo em direção a ela, mas paro quando encontro resistência. Minha cabeça vira para a direita, onde Jeremy ainda está sentado na cadeira.

— Vamos. — Eu puxo sua mão, sentindo-me começando a perder a calma com a simples ideia de ele não entrar naquele quarto comigo. — Eu não vou lá sem você.

O olhar de Jeremy se volta para a mulher esperando na porta e depois de volta para mim.

— Ok. — Ele se levanta e me segue enquanto eu o puxo atrás de mim com seu braço agora preso entre meu braço e meu corpo. Meus dedos giram o anel em seu dedo anelar esquerdo, a aliança me trazendo algum conforto. Ele não tirou o anel desde que eu dei a ele quatro dias atrás.

A mãe e a avó dele ainda estão aqui, ficando em uma casa alugada por um curto período perto do campus e passando a maior parte do tempo nos alimentando, junto com Paul e Brendon. Tenho que admitir, a salada de taco da Sra. Albrooke é muito boa. Brendon está certo.

— Bem-vindo —, diz a mulher. — Meu nome é Celeste Montgomery.

O escritório tem um sofá de veludo verde-escuro, uma poltrona azul-marinho em frente a ele, uma mesa de cerejeira em um canto e plantas. Muitas plantas. Pendurado no teto, pendurado nas paredes, em sua mesa, no parapeito da janela. É como uma selva aqui.

— Sente-se, respire fundo. Não temos que falar sobre nada pesado hoje.

Ela se senta na poltrona e Jeremy me cutuca para sentar no sofá. — Hoje é mais sobre nos conhecermos e ver se nos daremos bem.

— Prazer em conhecê-lo, Dr. Montgomery. — Jeremy sorri para a mulher enquanto passo a palma da mão sobre a coxa e aperto sua mão. — Eu sou Jeremy.

— Celeste está bem. — Ela sorri para o meu noivo porque ele é agradável e amigável enquanto eu sou um idiota.

Eu não quero fazer isso. Os médicos não são meus amigos. Eles não são meus salvadores. Os médicos não fizeram nada além de me causar dor por causa do dinheiro de uma forma ou de outra. Meu pai me cortou porque bater em mim colocava suas mãos em risco, as pessoas acima dele sabiam que ele estava abusando de pacientes e não fizeram nada para impedir, na verdade,

eles se esforçaram para enterrá-lo para que ele pudesse continuar sendo uma vaca leiteira para o hospital. Eu era dispensável. Uma vítima.

Sentando-me ereta, respiro fundo e fecho os olhos por um segundo.

— É um prazer conhecê-lo, Jeremy. — Sua voz agradável me faz abrir os olhos. — Está claro que vocês dois são muito próximos.

Eu digo, apertando sua mão.

— Não quero estar aqui, mas as poucas pessoas que tenho ao meu redor dizem que devo conversar com alguém. — As palavras saem da minha boca antes que meu cérebro tenha a chance de me dizer que não é uma boa ideia.

— Eu não vejo como contar a um estranho sobre como meu pai me cortou e depois me costurou de novo e de novo apenas para sua própria diversão vai consertar alguma coisa. Como isso vai trazer de volta minha mãe, que ele admitiu ter matado pouco antes de pular de um prédio enquanto falava comigo ao telefone? Não vai tirar as cicatrizes do meu corpo ou mudar nenhum dos fatos da minha vida, então qual é o sentido?

O ar é sugado da sala, mas ela mantém meu olhar. Seus olhos são de um verde brilhante e, por um momento, ela não respira. Apenas pisca e se ajusta em sua cadeira para sentar-se ereta.

Jeremy está tenso ao meu lado, provavelmente esperando para ver qual é a reação dela a mim. Já estou prestes a sair daqui, então ela tem que seguir uma linha muito cuidadosa.

Finalmente, ela pisca e suga uma respiração profunda.

— EU. Uau. Isso é.— Ela toma outra respiração profunda, em seguida, tenta novamente. — Você está certo, falar comigo, ou com qualquer outra pessoa, não vai mudar o que aconteceu com você. Não posso remover as cicatrizes físicas do seu corpo, mas posso ajudá-lo a curar as feridas que ninguém pode

ver. Aqueles que te prendem, aqueles que mantêm as pessoas à distância. Tenho certeza de que você tem sentimentos de culpa ou ansiedade, provavelmente os dois, o que é normal, e posso ajudá-lo a superá-los para que eles não o controlem. Muitas pessoas esquecem que nossos cérebros ficam tão traumatizados quanto nossa pele quando nos machucamos e, se essa ferida não for tratada adequadamente, pode infeccionar e piorar.

— Estou bem.

Ela franze os lábios enquanto me observa.

— Bem, vamos conversar um pouco e partir daí.

Não tenho uma resposta para isso, mas também não vejo como contar a ela sobre isso pode ajudar.

— Podemos pular para o seu trauma hoje ou podemos ir com calma, realmente depende de você. Há algo que você queira saber sobre mim? Você se sentiria mais à vontade para falar comigo se me conhecesse melhor?

Ela oferece com a elevação de um ombro.

— O que quer que você me diga, realmente não me diz nada. Mentiras são fáceis de passar por verdades.

Ela assente, pegando um bloco de papel que havia colocado ao lado da cadeira e escrevendo algo nele.

— Ser enganado com frequência, e por alguém que é bom nisso, torna difícil acreditar no que alguém diz a você. — Ela usa o verso da caneta para apontar para Jeremy. — E o Jeremy? Você acredita nele?

— Sim, ele não é médico. — Ela inclina a cabeça enquanto tenta conectar os pontos. — Você viu as notícias sobre o Dr. Andrew Carmichael?

Uma lâmpada praticamente acende acima de sua cabeça.

— Já vi alguns artigos, mas não sei muitos detalhes sobre o caso. Ele é seu parente?

— Meu pai, sim. — Eu não tive um pai. Os pais levam os filhos para comprar sorvete e pizza, jogar beisebol ou futebol americano, ensiná-lo a ser homem e cuidar daqueles que são importantes para você. Meu pai me ensinou a esconder minha dor e fingir ser perfeito ou haveria consequências.

— Ele é um...— Eu balancei minha cabeça e bufei. — Ele *era* cirurgião plástico e, desde os meus dez anos, ele me usou como cobaia. Testar novas técnicas de pontos se transformou em *correção* de comportamentos desfavoráveis.

Seus olhos se arregalam um pouco, mas fora isso, ela não diz nada.

A mão livre de Jeremy envolve meu bíceps e percebo que provavelmente o estou machucando com a força de meu aperto em seus dedos, então solto sua mão e esfrego minhas palmas nas minhas coxas. Eu me acomodo no sofá e me recosto contra o tecido tufado, pego a mão e beijo o anel em seu dedo com meus olhos nos dele. Ele me dá um sorriso suave e um aperto reconfortante no meu braço.

— Conte-me sobre Jeremy.

Celeste acena para ele enquanto mantém os olhos em mim.

— Então você pode foder com a única coisa boa na minha vida? Não. — Eu mordo sem pensar nisso. Eu odeio isso. Sinto como se estivesse rastejando para fora da minha pele, pronta para explodir e machucar alguém.

— Respirar. — Jeremy aperta a parte interna do meu braço com força suficiente para doer, mas isso me ajuda a me concentrar. — Ela não é médica. Eu me certifiquei.

— Isso faz alguma diferença? — ela pergunta, olhando entre nós dois. — Que eu não tenho um MD. Isso tornaria mais difícil falar comigo?

— Todo médico, incluindo meu próprio pai, foi uma merda, então sim, importa. Todos os médicos que já consultei foram pagos ou ameaçados para não relatar nada. Eu me forço a arrastar uma grande respiração. — Os médicos se preocupam apenas com suas licenças preciosas, tornando-as fáceis de manipular.

— Eu tenho uma licença, isso me torna fácil de manipular? — A pergunta é quase um desafio, mas sua expressão não muda. Ela é cuidadosamente neutra, algo com o qual estou muito familiarizado.

— Possivelmente. — Eu respondo honestamente.

— Eu definitivamente posso entender por que você se sente assim. O que seria necessário para você confiar em mim só um pouquinho?

Ela levanta uma sobrancelha para mim.

Jeremy sorri e tira a mão do meu braço. Minhas sobrancelhas se juntam quando me viro para olhar para ele. Ele levanta a camisa para mostrar a Celeste as marcas que deixei em seu corpo, e são muitas: arranhões, hematomas de meus dedos e dentes, chupões. Eu provavelmente deveria estar envergonhado, mas não estou. Eu amo minhas marcas em sua pele.

— Então, Preston e eu gostamos de sexo violento. Agora você conhece meus segredos. Ele dá de ombros e deixa cair a camisa. — Ou, pelo menos, um deles.

— Obrigado, Jeremy. — Ela volta seu olhar para mim. — Isso ajuda? Saber que ele confia em mim.

— Me faz pensar que ele é ingênuo, — eu digo e ele desliza sua mão de volta ao meu bíceps, beliscando a carne macia e de alguma forma encontrando o

mesmo ponto da última vez. Desta vez eu me encolho um pouco. Eu suspiro, mas respondo a sua pergunta anterior.

— Jeremy é meu noivo.

— Me fale sobre ele. — Ela faz uma anotação em seu papel.

Minha cabeça fica em branco como se eu nunca tivesse pensado em toda a minha vida. Contar a ela sobre ele? Que raio de pergunta é essa? Tipo, em que posição ele joga ou qual é seu ato sexual favorito? Eu não sei como responder a isso. Eu preciso de direção.

— Como o quê?

Jeremy tenta esconder uma bufada com uma tosse, mas eu ouço muito bem. Idiota.

— O que ele gosta de fazer? O que você ama nele? Ele brinca rápido em um momento sério ou é legal, calmo e controlado?

— Ele joga hóquei e come muita pizza, o que o torna lento no gelo. — Ele zomba, mas eu continuo. — Eu amo que ele sabe quando me chamar de merda e quando eu só preciso... abusar dele... um pouco. — Eu dou de ombros e ele bufa. Respiro fundo e fecho os olhos, imaginando-o na minha cabeça. — Ele me acalma, acalma as arestas que minha vida deixou em minha alma. — Minha voz está baixa agora. Não sei se ela pode me ouvir ou não, mas isso é problema dela. Quero olhar para ele, ver aqueles olhos castanho-azuis cheios de amor, mas essa pode ser uma das coisas mais difíceis que já disse em voz alta. — Ele me mostra que sou adorável, mesmo nos momentos sombrios em que tudo me diz o contrário.

Por que isso é tão difícil? Por que ser amado dói tanto? Aceitar isso como verdade abre as velhas cicatrizes que pensei ter curado. Isso me lembra minha mãe, meus avós e traz à tona memórias que eu havia esquecido.

— Parece que você encontrou um bom homem. — O comentário de Celeste rompe a espiral. — Você disse que seu pai matou sua mãe?

Concordo com a cabeça, entrelaçando meus dedos nos de Jeremy enquanto ele inclina a cabeça no meu ombro.

— Como era sua mãe?

Minhas sobrancelhas se juntam enquanto tento me lembrar de coisas específicas sobre ela. Foi há tanto tempo e tanta coisa aconteceu que bloqueei muito porque doía lembrar. Eu estava com dor suficiente.

— Ela era macia, dava os melhores abraços. — Eu tento trazer uma imagem clara dela em minha mente, mas é confusa. — Minha irmã se parece um pouco com ela, cabelo curto e cacheado, mais alegre do que zangada.

— Você está perto dela?

— Não até recentemente. — Concentro-me em girar o anel no dedo de Jeremy em vez de olhar para a mulher à nossa frente. — Eu a mantive à distância para mantê-la a salvo de nosso pai. Ela passou a maior parte de sua vida em internatos.

— O que fez você se esforçar para se aproximar dela?

— Jeremy. — Eu bufo e balanço a cabeça. — Ele é um merdinha intrometido e, como fala com os irmãos o tempo todo, começou a incomodar os meus.

Eu levanto uma sobrancelha e olho para Jeremy com o canto do meu olho para encontrá-lo sorrindo para mim.

— Agora os irmãos dele também estão me incomodando. Passei de falar com minha irmã esporadicamente, principalmente depois dos jogos, para agora ter duas irmãs e dois irmãos explodindo meu telefone várias vezes por semana, além de sua mãe e avó. — Eu suspiro. — É estranho ser aceito em

uma família que realmente se preocupa sem hesitação. Eu fiz parte do grupo um dia.

— Minha família te ama porque eu te amo —, diz Jeremy, apertando meu braço.

— Você me disse a ponta do iceberg. — Celeste sorri. — Mas eu definitivamente acho que posso ajudá-lo se você quiser. — Ela sorri enquanto olha entre mim e Jeremy. — Eu adoraria conversar com você mais profundamente e ajudá-lo a se curar. Não vou mentir para você e dizer que vai ser fácil, às vezes vai parecer que você está piorando, vai ser difícil e doer, mas há luz do outro lado. Isso eu posso prometer a você.

Eu quero fazer isso? Não. Mas eu não quero mais machucar, não quero dar ao meu pai o poder de continuar me causando mais dor mesmo depois de sua morte, mas acho que se eu me afastar agora, vou criar mais problemas para mim e comprometer meu relacionamento com Jeremy. Eu não posso perdê-lo.

O sofrimento com o qual sem dúvida vou lidar valerá a pena se me tornar um homem melhor para ele.

— Ok —, eu digo a ela, deixando a determinação encher meu peito. — Traga a dor.

Nosso horário termina poucos minutos depois, e Celeste aperta nossas mãos e me diz para marcar outro horário para a próxima semana. Quando saímos do escritório, estou exausta.

Na rua em frente ao prédio, Jeremy me puxa para uma parada e me gira para envolver seus braços em volta do meu pescoço. Meus braços o envolvem por instinto, minhas mãos espalhadas ao longo de suas costas.

— Estou tão orgulhoso de você, — Jeremy diz baixinho em meu ouvido.

— Farei o que for preciso para mantê-la comigo. — Eu enterro minha cabeça em seu pescoço, inalando seu perfume que me acalma.

— Eu não vou a lugar nenhum, eu te amo.

— Mesmo quando eu sou um idiota e te afasto? Quando procuro uma briga porque não sei pedir o que preciso? — Minha alma sangra enquanto espero pela resposta.

— Especialmente então. — Ele beija minha têmpora. — Você vem atrás de mim quando precisar e eu saberei o que está acontecendo. Posso ler em seu rosto, em sua linguagem corporal e, embora não saiba exatamente o que o desencadeou ou o que você precisa naquele exato momento, sei que você aceitará. Eu nunca estou disposto a dar o que você precisa.

A emoção obstrui minha garganta, ameaçando encher meus olhos de lágrimas que não quero deixar cair.

— Eu te amo —, eu forço em torno do nódulo doloroso. — Muito mais do que eu pensei que fosse capaz.

— Eu sabia que você era capaz. Havia algo em você desde o início que me chamou, que me disse que eu precisava de você tanto quanto você precisaria de mim. Isso é tão verdadeiro hoje quanto era naquela época. — Jeremy segura meu rosto e levanta até que nossos olhos se encontrem. — Você vale muito mais do que acredita e mal posso esperar para ver o que você realiza.

— Com você ao meu lado, certo? — Meu coração martela no meu peito. Eu não posso fazer nada disso sem ele. Eu não quero tentar.

— Sou como um polvo na cara, difícil de se livrar e realmente irritante.

Ele diz isso com uma cara séria e eu começo a rir. Eu não estava esperando isso.

— Você tem passado muito tempo com Brendon. — Eu pressiono meus lábios nos dele em um beijo rápido, então me aninho em seu pescoço onde está a tatuagem dos meus dentes e o beijo.

— Eu te amo, Preston —, diz ele com um sorriso. — E mesmo se nós terminarmos, tenho certeza que minha família me expulsaria e ficaria com você, então você ainda os teria.

— Ah! — Passo meu braço em volta de seus ombros e descemos a calçada até o carro. Eu realmente não gosto de dirigir por novas cidades, mas se vamos ficar aqui por um tempo, devo me acostumar. — A vovó com certeza. Provavelmente os gêmeos também, e definitivamente Ella.

— Foda-se! — Ele me empurra quando chegamos ao carro e eu aperto o botão para destrancar a porta.

Eu sorrio para ele e pego um punhado de sua camisa para puxá-lo de volta para mim.

— Só se você pedir com educação.

Jeremy zomba.

— Pedir gentilmente não me leva a nada.

Eu o coloco contra o carro e inclino meus quadris contra os dele, deixando cair minha cabeça até que nossos lábios quase se toquem, mas não desisto.

— Você é uma provocação. — Jeremy rosna, segurando minha nuca com a mão para abaixar meus lábios nos dele.

— Mas eu sou toda sua —, eu digo contra sua boca. — O futuro senhor Albrooke.

EPÍLOGO

CINCO ANOS DEPOIS

PRESTON

HOJE É O DIA. Albrooke Hockey Camp tem seu primeiro evento. Crianças de todo o meio-oeste estão aparecendo hoje para treinar.

Depois que nos formamos, Jeremy e eu começamos a construir este negócio, acampamentos e treinamento para jovens jogadores de hóquei. Estamos até planejando criar algumas equipes nos próximos anos. Paul e Brendon também estão trabalhando conosco como treinadores, Lily é nossa recepcionista, então ela é a primeira pessoa que alguém entra no prédio vê, e a família Albrooke também está ajudando. Embora nunca tenha planejado morar em Michigan, agora o chamo de lar.

Após a morte de meu pai, processei o hospital que jogou as queixas contra ele para debaixo do tapete e acabei acertando com um pagamento de cinquenta milhões de dólares. Com esse dinheiro, Jeremy e eu construímos este rinque e realizamos nossos sonhos. Podemos pagar por isso por alguns anos, incluindo salários, antes de precisarmos nos estressar demais em ganhar dinheiro suficiente para sermos autossuficientes.

Jeremy e eu estamos casados há quatro anos e temos o golden retriever mais burro do planeta, Zamboni, mas ele é fofo, então nós o amamos. Desde que Jeremy ensinou Ella a patinar, agora é uma luta para tirá-la do gelo. Ela está determinada a acompanhar os meninos desta família e será uma jogadora de hóquei incrível, provavelmente uma goleira.

Jordan e Keith estão jogando futebol em Seattle com os Huskies e esperam ser convocados este ano. Se eles forem para times diferentes, não tenho certeza de como eles vão lidar com isso, mas acho que é uma ponte que eles cruzarão quando chegarmos lá.

— Querido! — A voz de Jeremy me tira da cabeça. Eu puxo minha camisa e começo a abotoá-la. — Onde estão minhas calças?

Suspirar. Aquele cara perderia a cabeça se não estivesse preso.

— Aqui! — Eu grito de volta, enfiando minha camisa em minhas calças. Não vou pisar no gelo hoje e, como um dos rostos da empresa, tenho que me vestir bem. Além disso, meu marido adora minha aparência de terno.

— Maldito. — Jeremy para na porta do nosso quarto. De cueca boxer e polo, ele arrasta os olhos pelo meu corpo, a luxúria preenchendo seu olhar. — Tem certeza de que precisamos sair logo? — Ele se aproxima, envolve seus braços em volta de mim e agarra minha bunda.

— Foco. — Meu tom não permite discussão. Ele sabe que estou estressado hoje. Temos grandes nomes vindo nos ver, empresas locais e nacionais que podem nos patrocinar em um futuro próximo. Tem que correr bem.

— Respire fundo. Hoje vai ser incrível.

Ele sorri para mim e me dá um beijo rápido. Estou acordado há horas, já fiz minha corrida matinal, tomei café da manhã, tomei banho e passei nossas roupas para o dia. Alguns hábitos são difíceis de largar.

— Vista-se, — eu resmungo para ele, enfiando meu cinto nas presilhas. Ele sorri um sorriso comedor de merda para mim e encontra as calças que coloquei para ele na cama. Não tenho ideia de como ele sentiu falta deles. Provavelmente se distraiu com o cachorro.

Ele manteve a barba, que eu ainda amo, mas a mantém no lado mais curto para que fique bem arrumada. Honestamente, se não me enlouquecesse quando fica desgrenhado, duvido que ele fizesse alguma coisa com isso.

Há uma batida na porta da frente, então deixo Jeremy terminar de se arrumar e atendo.

— Bom dia! — Vovó sorri para mim, acariciando minha bochecha enquanto ela corre para a sala, o piso de madeira original rangendo enquanto ela atravessa o espaço para a cozinha.

— Bom dia. — Sorrio para ela e balanço a cabeça. Não preciso olhar, sei que ela trouxe rolinhos de canela do tamanho do meu rosto para Jeremy. Ele come como uma criança sem supervisão. Embora minhas restrições alimentares tenham diminuído desde que parei de jogar, ainda sou inteligente com o que coloco no meu corpo. Jeremy sobrevive com farinha branca, açúcar, manteiga e queijo. Ele até reclama quando eu digo para ele comer algo fresco como uma fruta ou legume.

Um gemido profundo soa na porta e eu me viro para ver meu marido salivando pelo doce açucarado.

— Você é um salva-vidas. — Ele coloca o braço em volta dos ombros da mulher e beija sua cabeça, estendendo a mão para o recipiente, mas ela dá um tapa em sua mão.

— Você vai sujar sua camisa se comer agora. Vá calçar seus sapatos, temos que ir! Ela bate palmas para ele como um sargento e ele resmunga, mas faz o que ele manda.

— Estou tentando vesti-lo há meia hora. Você é um milagreiro. — Dou-lhe um abraço também e vou calçar os sapatos.

— Bem, às vezes ele precisa de um bom tapa na bunda para colocar sua bunda em movimento. — Ela põe a mão no quadril e eu tento não sorrir. Tenho certeza de que ainda há uma marca de mão na bunda dele de ontem à noite...

— Ok, te vejo no rinque! — Ela beija minha bochecha e sai. Eu amo aquela mulher.

Zamboni, nosso cachorro idiota, tropeça atrás de Jeremy descendo as escadas e escorrega na madeira. Não posso deixar de suspirar quando Jeremy cai de joelhos para cuidar do cachorro.

— Você tem que ter cuidado, amigo. Você está bem? — O cachorro lambe o rosto e abana o rabo.

— Vamos, temos que ir, — eu me levanto e pego as chaves do nosso Audi Q7 que foi um presente de formatura quando saímos de Denver para Michigan. Nossos almoços e garrafas de água já estão embalados e colocados na mesa perto da porta, então eu os pego e me viro para olhar a casa que criamos.

Os sofás de couro estofados, estilo minimalista de decoração e um baú que esconde brinquedos para Ella completam nossa sala de estar. É madeira escura e tecidos leves e macios. Caseiro, confortável, acolhedor. Há amor e risos aqui. Acima do sofá está uma foto de família, os Albrookes, Browns e Lily. Não é a família em que nasci, mas a família que me escolheu. Serei eternamente grato a eles.

Jeremy suspira e dá um tapinha na cabeça de Zamboni.

— Seja um bom menino. — Ele dá ao cachorro um brinquedo para mastigar e nós saímos.

Ao longo das paredes e em uma estante que Jeremy discutiu comigo sobre conseguir porque

— Nenhum de nós lê, o que vamos colocar nela? — são mais fotos emolduradas e outras coisas que coletamos ao longo dos anos. Claro, há uma pilha de discos de hóquei que Jeremy tem de todos os times em que jogou.

— Por que você está sorrindo assim? — Jeremy caminha até mim com um sorriso no rosto também, me beijando levemente.

— Nossa vida.

O sorriso em seu rosto se alarga.

— Oh, meu Deus, você não está tentando me dizer que está grávido, certo? Ele engasga em falso horror.

Reviro os olhos e balanço a cabeça.

— Que maneira de arruinar o momento, idiota. — Suspiro e saio pela porta. — E se alguma de nós estivesse grávido, seria você.

Ele tranca a porta atrás de nós e corre para nos alcançar enquanto coloco nossas coisas no banco de trás.

— Oh sim. — Ele abre a porta e entra. — Espera, estou grávido?

— Você é um idiota.

Saio da garagem nos subúrbios de Grand Rapids e sigo para o nosso prédio. Nosso sonho. Pego sua mão e entrelaço nossos dedos. Jeremy levanta nossas mãos e beija as minhas costas.

— Você quer ter filhos? Ser pai? — ele pergunta, muito mais sério.

Suspiro e penso na pergunta dele, mas sei a resposta.

— Não. Eu gosto de ser o tio favorito. — Ele zomba de mim. — Stacy está para nascer em breve com gêmeos, então estamos prestes a ter bebês saindo de nossas orelhas.

— Ainda bem que você é bonito porque tenho quase certeza de que bebês não saem de orelhas.

Eu suspiro pesadamente.

— Você tem passado muito tempo com Brendon.

Sua risada enche nosso carro, me fazendo sorrir.

Quando chegamos ao rinque, um grande cartaz está pendurado no teto, dando as boas-vindas aos nossos atletas ao acampamento.

Borboletas se agitam no meu estômago quando eu vejo isso, excitação zumbindo ao longo da minha pele.

— Conseguimos —, diz Jeremy, olhando para a placa também.

— Nós fizemos. — Eu paro em nossa vaga de estacionamento e puxo seu rosto para o meu. — Vamos, treinador. Hora de fazer a diferença.

Jeremy vai para o vestiário para trocar de roupa enquanto eu vou para o meu escritório, verificando e-mails e certificando-me de que todos estão prontos para o check-in na frente. Lily e Stacy estão de um lado para fazer o check-in de todos, enquanto os pais de Jeremy estão distribuindo sacolas com brindes de nossos patrocinadores e uma pulseira colorida para que saibamos onde eles pertencem. Eu sou o próximo passo, direcionando as pessoas para os vestiários com base na cor da banda.

Brendon e Paul estão nos vestiários e vão ajudar no gelo junto com alguns outros treinadores assistentes contratados que Jeremy escolheu a dedo.

Antes que eu perceba, uma hora se passou e vovó bate no batente da minha porta, me puxando para longe do computador.

— Tenho algo para você —, ela me diz, segurando uma caixa embrulhada. Pela forma da caixa, devo presumir que é uma colcha nova, mas não sei por quê.

Quando eu olho para ela com confusão, ela sorri e entrega para mim. Rasgo o papel e puxo a tampa da caixa. A colcha interna é verde e branca para

combinar com nossas instalações, com quadrados temáticos de hóquei e golden retriever. É lindo e me aquece. Com lágrimas enchendo meus olhos, dou-lhe um abraço apertado.

— Obrigado. — Minha voz falha.

— Você precisava de uma colcha de escritório. Vai ficar frio aqui enquanto você estiver fazendo coisas muito importantes no computador. Ela segura minha bochecha com um sorriso. — Agora, vamos lá fora. As filas já estão loucas!

Dobro a colcha para caber nas costas da minha cadeira de escritório e jogo o lixo na lata de lixo antes de segui-la para fora. Meu escritório estar limpo e organizado é muito importante para mim.

— Todo mundo pronto? — Eu olho para todos e eles sorriem para mim com acenos de cabeça. — Quero dizer novamente o quanto agradecemos a todos vocês ajudando e nos apoiando.

— Pare de nos fazer chorar e abra as malditas portas! — Stacy enxuga os olhos enquanto me ataca.

— Sim, senhora. — Eu sorrio para ela e destranco as portas.

JEREMY

Quando as últimas crianças são apanhadas, estou exausto. Fazia meses que não ficava tanto no gelo, mas adorei cada segundo. Houve momentos frustrantes, alguns minutos incertos, e definitivamente aprendemos que parte do que havíamos estabelecido não iria funcionar, mas eu não trocaria nada disso.

No vestiário, estou trocando de roupa quando a porta se abre. Restam apenas algumas pessoas no prédio, então aposto que é Preston procurando por mim e talvez querendo batizar o vestiário.

— Ei, Jay! — A voz de Brendon ecoa pela sala.

— Sim?

Brendon e Paul aparecem enquanto eu coloco meu jeans.

— Jantar? Estou morrendo de fome. — Brendon esfrega a barriga como a criança crescida que é. Paul balança a cabeça e revira os olhos. Algumas coisas nunca mudam.

Paul tem uma caixa debaixo do braço e parece saber um segredo. Eu não confio nisso de jeito nenhum. Ambos estão com calças e camisetas porque eram elegantes e vestidos confortavelmente.

— Alimente-se, vou para casa desmaiar no meu sofá em frente à TV com meu cachorro.

Eu tiro minha camisa sobre minha cabeça e sento para colocar meus sapatos e meias.

Ele bufa e se vira para Paul com um olhar nada divertido em seu rosto.

— Quero dizer, se você for um bom menino, posso alimentá-lo com meu pau, — Paul oferece, o que Brendon está definitivamente considerando se o levantar de suas sobrancelhas e franzir seus lábios é algo a se fazer.

— Ok, mas você pode me alimentar com comida de verdade também? Brendon pergunta a Paul. — E cerveja?

— Você entendeu, — Paul concorda e Brendon dá um soco no ar.

— Isto é para você. — Paul me entrega a caixa com malícia em seus olhos. — E eu acho que Preston. — Ele dá de ombros e olha para Brendon com um sorriso. Brendon bufa.

Ok, agora eu realmente não confio no que quer que seja. Eu olho para a caixa em sua mão estendida com desconfiança.

— O que é isso? — Eu pergunto, sem tocar na caixa embrulhada.

— Abra hoje à noite —, diz Paul, colocando-o no banco ao lado de onde estou.

— Ou tipo, antes de fazer sexo da próxima vez, — acrescenta Brendon.

Os dois riem como se fosse a coisa mais engraçada que já ouviram.

— Vocês estão começando a me assustar. — Eu olho para frente e para trás entre eles.

— Tudo bem, estamos fora! — Brendon corre para a porta com Paul em seus calcanhares. Eu balanço minha cabeça para eles, em seguida, pego o resto das minhas coisas e esta caixa aterrorizante.

Encontro Preston em seu escritório, uma colcha nova que nunca vi antes enrolada em seus ombros. A imagem me faz sorrir. Ele é um idiota para a vovó.

— Você está pronto? — Eu me inclino contra o batente da porta e verifico se há mensagens no meu telefone. — Mamãe e papai deixaram Zam sair e o alimentaram.

— Agradeça a eles —, diz ele, ainda digitando em seu computador. — Tenho alguns e-mails para terminar, então podemos ir.

Porra, ele é sexy pra caralho sentado naquela mesa, cuidando dos negócios. Meu pau estremece e eu caminho até ele, puxando a cadeira de sua mesa e deixando cair a caixa no chão para lidar com isso mais tarde. Eles disseram antes de eu fazer sexo, não antes de chupar pau. Essa é uma distinção importante.

— Que diabos está fazendo? — Ele pula com o movimento inesperado, mas eu me jogo embaixo de sua mesa e o puxo para mim. Não sei quem ainda está aqui, mas por precaução, é melhor ficar escondido.

Estendo a mão para ele, puxando sua camisa de suas calças para pressionar beijos de boca aberta em seu estômago enquanto desabotoo o cinto e abro suas calças.

— Porra. — Ele passa as mãos pelo meu cabelo enquanto me observa, não mais focado no computador.

— Termine seus e-mails, — digo a ele, enfiando a mão dentro de sua cueca para puxar seu pênis para fora.

— O que? — Ele olha para mim como se eu fosse louco, mas eu rio.

— Termine seus e-mails enquanto eu chupo seu pau. — Eu o puxo para debaixo da mesa para que ele possa alcançar seu computador e ele desliza um pouco para baixo em sua cadeira para me dar um melhor acesso a ele.

Eu lambo sua cabeça e o ouço rosnar. Eu rio baixinho antes de chupá-lo profundamente em minha boca, ficando o mais perto possível de seu corpo nessa posição. Ele xinga, mas ouço o clique de seu teclado.

Eu brinco com ele, prolongando o prazer e não deixando ele gozar até que eu esteja pronto. Francamente, eu quero deixá-lo louco pra caralho. Empurre-o até que ele se encaixe.

Duvido que ele tenha suprimentos. Este não era o seu melhor plano, idiota.

Bem, merda. Isso pode ser um problema…

— Último, — ele geme quando eu o chupo no fundo da minha garganta e engulo em torno dele. — Eu vou te foder tão forte que você vai ver estrelas.

Sua ameaça envia um arrepio pela minha espinha e faz meu pau pular nas calças.

Eu balanço em seu pau algumas vezes antes de levá-lo fundo novamente. Seu pau lateja na minha língua e eu sei que ele está perto. Novamente. É a terceira vez esta noite que o levo ao limite.

Eu começo a puxar, mas sua mão serpenteia sob a mesa, agarra um punho cheio do meu cabelo e me empurra de volta para ele. Ele usa minha boca para se foder e goza apenas algumas bombas depois, com saliva escorrendo pelo meu queixo e seu pau. Sua mão se solta e eu me recosto, ofegante e enxugando o rosto.

Ele recua para me deixar sair com um olhar presunçoso em seu rosto, mas eu sei que ele não terminou comigo.

— Feito. Coloque sua bunda no carro, — ele ordena e eu deslizo para fora de sua mesa, entre suas pernas para me apoiar em suas coxas, e o beijo, seu pau gasto ainda entre nós.

Preston agarra minha garganta e me beija de volta, mais forte do que eu comecei. Sua língua exige entrada, seus dentes mordem e puxam meu lábio. Eu amo quando ele fica assim. Possessivo e dominador.

Seu pau se contrai e ele puxa para trás para enfiar-se de volta em suas calças. Pego a caixa que deixei cair no chão e me levanto. Preston olha o pacote e me dá uma sobrancelha questionadora.

— O que há com a caixa?

Eu olho para ele e suspiro, ignorando o quão duro meu pau está e o quanto eu quero que ele me toque.

— Não tenho ideia, Paul me deu e Brendon disse para abrir antes de fazermos sexo. — Preston parece tão confuso quanto eu.

— Isso pode significar literalmente qualquer coisa—, ele me diz, olhando para a caixa como se ela pudesse morder.

— Sim, poderia.

Pegamos nossas coisas e vamos para o carro. A caixa fica no meu colo para a viagem enquanto adivinhamos o que poderia estar nela.

— Correia atlética, — eu acho.

— Um fio dental de elefante, — Preston joga de volta e eu rio. A imagem mental é mais do que posso suportar.

— Uma coleira e uma trela? — Sacudo a caixa e ela chacoalha um pouco como se pudesse ter hardware. Pode ser?

Preston para e pensa sobre isso.

— Você gostaria disso, não é? — Eu pergunto a ele, meio surpreso, mas também não. Ele gosta de me controlar, me amarrar, me puxar pela gravata se por acaso eu estiver usando uma.

— Eu não odiaria isso. — Ele me olha de soslaio.

— Bastardo excêntrico.

— Ah! Como se você não amasse isso.

Ok, ele me pegou lá. Eu amo isso. Quando ele assume o poder, estou livre para deixar ir e apenas sentir. Não há pressão, apenas prazer.

Quando chegamos em casa, Zamboni late e pula, animado em nos ver depois de um longo dia. Brinco com ele por alguns minutos, amo-o e deixo-o sair de novo antes de desligarmos as luzes durante a noite.

Preston desapareceu no andar de cima com a caixa um minuto atrás, então eu vou atrás dele, antecipação pulsando em minhas veias. Ele está nu em nossa cama, se acariciando, a caixa ao lado dele.

— Dispa-se.

Eu não discuto, apenas rasgo minhas roupas e subo na cama, montando em suas coxas e esfregando nossos paus juntos.

— De costas, abra a caixa enquanto eu trabalho para abrir sua bunda. — Um arrepio percorre meu corpo quando faço o que me mandam e deito de costas com as pernas abertas para ele.

Estendo a mão para a caixa e rasgo o papel, em seguida, levanto a tampa. Eu não entendo o que estou olhando por um minuto. O que parecem ser tiras de couro preto e anéis de metal. O que é isto?

— Nós iremos? — Preston pergunta e eu o tiro da caixa.

— Eu não tenho certeza. — As tiras de couro estão todas conectadas a argolas de metal, tornando essa a coisa mais confusa que já vi. Que porra é essa?

— Ah, porra. — Preston congela. — Isso é um arnês.

Um arnês? Imagens de pornografia passam pela minha cabeça, mas não se parecem com isso. As que vi em vídeos são tiras grossas no peito e nas costas que envolvem onde o braço encontra o ombro. Isso não é isso.

— Sente-se, — Preston exige e pega a engenhoca de mim. Meu pau salta com o tom de sua voz. Eu amo essa merda mandona no quarto.

Eu faço o que ele diz e ele começa a desafivelar coisas que eu nem percebi, então balança em volta de mim. Uma alça longa repousa ao longo da minha coluna com duas mais curtas para passar ao redor da base do meu pescoço e outro conjunto para envolver minha cintura com outra alça longa para sentar ao longo do meu peito e conectar meu pescoço e cintura.

Não é restritivo, mas o couro fica nivelado ao longo da minha pele.

— Jesus, porra, Cristo, essa é a coisa mais quente que eu já vi. — Preston olha para mim, a luxúria primitiva tornando seus olhos cinzentos pretos. Ele desliza a mão sob a alça do peito e me puxa para ele com um sorriso sinistro. — Ah, sim, vou tirar muito proveito disso. — Meu pau está doendo entre nós, mas ele ainda não me tocou. Estou prestes a choramingar de necessidade se ele não fizer algo rápido.

— Eles disseram para agradecê-los mais tarde.

— Você pode estar usando isso sob a camisa em algum momento, então posso me torturar sabendo que está lá. — Preston corre o nariz ao longo do meu pescoço, logo acima do couro. — E um plug na sua bunda, então toda vez que você se move, você sente isso.

Ah, porra. Agora ele está tentando me matar.

— Apoie-se em suas mãos, — ele instrui, e eu me inclino para trás enquanto ele se ajusta para ficar ajoelhado entre minhas coxas. Ele pega o frasco de lubrificante e esfrega os dedos.

— Não apenas você. — Meu coração está disparado com antecipação, mas eu preciso dele. Quero que doa, só por um minuto, antes que seja bom e eu possa me perder nele.

Seus olhos encontram os meus, mas ele não pergunta. Depois de estarem juntos tanto tempo, ele acredita na minha palavra.

— Deite-se. — Ele pega um travesseiro e eu levanto meus quadris. Preston adiciona mais lubrificante à sua mão e se acaricia antes de alinhar a cabeça do pau contra o meu buraco. — Segure seus joelhos.

Eu puxo minhas pernas para trás e ele empurra para dentro de mim com um impulso lento e forte. Ele é muito grande para entrar assim sem preparação, mas a queima e o alongamento tornam o prazer melhor quando param. Tenho que me forçar a relaxar, a respirar. Ele me dá apenas alguns segundos antes de sair e ir de novo, mais rápido desta vez. Cada impulso é mais rápido, mas tão forte quanto o tempo anterior. Em apenas alguns minutos, ele está me fodendo profundamente, tirando seu prazer do meu corpo e se inclinando para mim. Seus quadris estalam contra a minha bunda com um tapa pele na pele vulgar.

Finalmente, ele me tira do meu sofrimento e envolve a mão em volta do meu pau. Eu choramingo com a pressão, no ritmo que combina com seus impulsos.

Estou perto, tão fodidamente perto já, mas ele me solta quando meu pau começa a latejar e dá um tapa na minha bochecha. Calor floresce no meu rosto e eu chupo meu lábio inferior para morder.

Preston cospe na mão e a envolve de volta em volta do meu pau.

— Venha para mim, mostre-me o quanto você gosta de ser usado. — O rosnado em sua voz é o que me leva ao limite, derramando esperma em meu

estômago e peito, meu corpo tendo espasmos ao redor dele e minhas costas arqueando para fora do colchão. Preston grunhe e enche minha bunda com esperma quente, pulsando dentro de mim antes de deixar cair a testa no meu ombro.

Ficamos deitados em nossa cama, ofegantes e exaustos por um minuto, até que células cerebrais suficientes fossem reiniciadas para podermos nos mover.

Preston se senta e olha para mim.

— Droga, eu amo essa coisa. — Ele toca o couro quente. — Tenho que limpá-lo embora.

Ele sai de dentro de mim com um silvo e vai para o banheiro. Ele se lava e volta com uma toalha quente e molhada e me limpa, tomando cuidado para não molhar demais o couro. Ele joga o pano na lavanderia e desafivela o arnês antes de irmos para a cama. Hoje à noite, ele dorme de frente para a porta comigo atrás dele.

— Eu te amo. — Preston levanta a mão que tenho em seu estômago e beija minha palma.

— Eu também te amo. — Eu beijo sua espinha e deitamos juntos com meu peito nu contra suas costas nuas.

— Nunca pensei que seria capaz de confiar em alguém, de ser feliz e satisfeito com a minha vida. — As palavras de Preston são silenciosas no escuro e fazem meu coração disparar.

— Quem diria que um espertinho com dor de cabeça seria tudo o que precisaria? — Eu sorrio contra suas costas.

Preston ri e eu posso sentir isso ressoar através dele.

— Obrigado por não desistir de mim. — Preston beija minha aliança de casamento.

— Não há nada para agradecer. — Eu beijo sua omoplata. — Não consigo imaginar passar a vida com mais ninguém. Você é tudo para mim. Você sempre foi isso para mim.